



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAGED  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

TIAGO BRUNO AREAL BARRA

O PAPEL FORMATIVO DO MOVIMENTO NACIONAL DOS MENINOS E MENINAS DE RUA (MNMMR) NA COMUNIDADE DO LAGAMAR ATRAVÉS DA PERSPECTIVA DOS PARTICIPANTES: UMA EXPERIÊNCIA DE CONSTRUÇÃO DA RESILIÊNCIA E DO EMPODERAMENTO.

FORTALEZA

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca de Ciências Humanas

---

B249p

Barra, Tiago Bruno Areal.

O papel formativo do Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua (MNMMR) na comunidade do Lagamar através da perspectiva dos participantes : uma experiência de construção da resiliência e do empoderamento / Tiago Bruno Areal Barra. – 2015.

226 f. : il. color., enc. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2015.

Área de Concentração: Educação.

Orientação: Profa. Dra. Ercília Maria Braga de Olinda.

1.Movimentos sociais – Lagamar(Fortaleza,CE). 2.Jovens pobres – Educação – Lagamar (Fortaleza,CE). 3.Jovens pobres – Lagamar(Fortaleza,CE) – Atitudes. 4.Periferias – Aspectos sociais – Lagamar(Fortaleza,CE). 5.Educação – Métodos biográficos. 6.Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua(Brasil). I. Título.

---

CDD 305.235086942098131

O PAPEL FORMATIVO DO MOVIMENTO NACIONAL DOS MENINOS E MENINAS DE RUA (MNMMR) NA COMUNIDADE DO LAGAMAR ATRAVÉS DA PERSPECTIVA DOS PARTICIPANTES: UMA EXPERIÊNCIA DE CONSTRUÇÃO DA RESILIÊNCIA E DO EMPODERAMENTO.

TIAGO BRUNO AREAL BARRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação.  
Área de Concentração: Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Ercília Maria Braga de Olinda

Aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Ercília Maria Braga de Olinda (orientadora)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dra. Celecina de Maria Veras Sales  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profa. Dra. Rosa Maria Barros Ribeiro  
Universidade Federal do Ceará (UECE)

À Deus,  
À minha família,  
Aos meus amigos,  
Ao futuro, que sempre pela fé, nos move.

## AGRADECIMENTOS

À Nossa Senhora de Fátima, por me ouvir todos os dias, no silêncio do quarto, quando as palavras parecem sair como um desabafo.

Aos meus familiares, que me apoiaram e fizeram desse percurso algo concreto, sempre me ajudando nos momentos de maiores dificuldades.

À minha mãe, por ser uma mulher tão forte, de luta, nunca descansando diante dos desafios, transformando adversidades em sorrisos.

À professora Ercília Maria Braga de Olinda, por me dar a oportunidade de realizar um sonho, sempre atenta aos meus dizeres e respeitando meus limites. Uma verdadeira orientadora no sentido mais completo da palavra.

Aos meus amigos do Centro Acadêmico Paulo Freire, por fazer crescer dentro de mim esse sentimento de luta pela verdadeira educação de qualidade.

Aos professores da Faculdade de Educação que em suas especificidades são fundamentais para a construção de um percurso dialógico tão rico.

À CAPES, por financiar esta pesquisa, tornando o percurso investigativo mais dinâmico.

Aos amigos, Del Lagamar, Narcélio, Antônio e Rozinaldo do Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua (MNMMR) do Ceará que confiaram a mim as suas narrativas de vida, momentos tão sublimes de uma trajetória de luta que nunca cessa.

Aos moradores da Comunidade do Lagamar, por deixar que fizesse o percurso pela rotina de suas vidas. Em becos e vielas, a vida nasce toda manhã, sob o olhar de esperança sempre visível no rosto de seus sujeitos.

Aos amigos da Central Única das Favelas (CUFA), por me fazer sentir sujeito dentro de um sistema social onde o sentimento de justiça se inicia à sombra da minha janela, no seio da favela.

À Kelly Maria, minha melhor amiga, a quem devo meu carinho e respeito, um desses encontros de almas que levamos para toda a vida.

À todos aqueles que acreditam na importância da educação social de rua como ferramenta importante de transformação crítica social.

## RESUMO

A sociedade tem passado por um conjunto de transformações em sua estrutura. Um dos aspectos mais interessantes dessa transformação é observar como a juventude passa por tais mudanças de maneira rápida, mas nem sempre guiada pelo aspecto qualitativo desse processo. A juventude, principalmente da periferia, está sendo vítima de uma ordem social que se estrutura na ótica da desumanização. Tendo como base essa premissa, a presente pesquisa tem como objetivo compreender o papel formativo do Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua (MNMMR) na Comunidade do Lagamar através da perspectiva dos participantes, observando esse processo dentro de uma experiência de construção da resiliência e do empoderamento. Para compreender esse processo formativo (MACEDO, 2010), utilizei da construção das histórias de vida (DELORY-MOMBERGER, 2008; FERRAROTTI, 1996; NÓVOA & FINGER, 2010; PINEAU, 2006, 2012), de acordo com os procedimentos da entrevista narrativa (JOVCHELOVITCH & BAUER, 2002) buscando compor traços identitários importantes do MNMMR do Ceará que acaba por completar 30 anos de história em 2015. A categoria da resiliência (ANTUNES, 2011; ASSIS, 2006; CYRULNIK, 2004, 2012; MELILLO & OJEDA, 2005; POLETTI, 2013; YUNES, 2003) e do empoderamento forjado no processo de lutas e conquistas sociais (FREIRE, 1983, 1986, 2006; LOBO, 2011; SAWAIA, 2008) ajudam a compreender esse processo de exclusão social e de tomada de consciência crítica frente às adversidades sociais. Nas histórias de vida, fica evidenciado a importância social do MNMMR, tornando-se um movimento social importante para a Comunidade do Lagamar por atuar com os sujeitos em situação de rua. A relevância mostra que as dimensões de resiliência e do empoderamento, podem servir de significados para a melhoria de uma formação humana propiciada pelo próprio MNMMR. O presente trabalho investigativo traz à tona um diálogo formativo, que contempla também um processo educativo, uma ação educativa construída no seio da rua, tendo como protagonista a juventude da periferia da cidade de Fortaleza.

Palavras-Chaves: Educação, História de Vida, Juventude, Lagamar, MNMMR.

## **ABSTRACT**

The company has undergone a number of changes in its structure. One of the most interesting aspects of this transformation is to observe how the youth goes through these changes quickly, but not always guided by the qualitative aspect of this process. The youth, especially the periphery, is the victim of a social order that is structured in the view of dehumanization. Based on this premise, the present research aims to understand the formative role of the National Movement of Street Boys and Girls (NMSC) in Lagamar Community through the perspective of the participants, observing this process within a building experience of resilience and empowerment. To understand this formation process (Macedo, 2010), I used the construction of life histories (DELORY-Momberger, 2008; Ferrarotti, 1996; NÓVOA & FINGER, 2010; Pineau, 2006, 2012), in accordance with the procedures of the narrative interview (Jovchelovitch & BAUER, 2002) seeking to build important identifying features of Ceará MNMMR which ultimately complete 30 years of history in 2015. The resilience of the category (Antunes, 2011; ASSISI, 2006; Cyrulnik, 2004, 2012; MELILLO & OJEDA, 2005; POLETTI, 2013; YUNES, 2003) and wrought empowerment in the process of social struggles and achievements (Freire, 1983, 1986, 2006; Wolf, 2011; Sawaia, 2008) help to understand this process of social exclusion and making critical consciousness in the face of social adversity. Their life history, evidenced the social importance of NMSC, becoming an important social movement for Community Lagamar for acting with the guys on the streets. The relevance shows that the dimensions of resilience and empowerment, can serve as meanings for the improvement of human training offered by MNMMR own. This research work brings up a formative dialogue, which also includes an educational process, an educational activity built within the street, with the protagonist's youth outskirts of the city of Fortaleza.

**Key Words:** Education, History of Life, Youth, Lagamar, MNMMR.

## LISTA DE FOTOS

Figura 1	Dados básicos sobre a SER I.....	12
Figura 2	Roubos (SER I).....	12
Figura 3	Homicídios (SER I).....	13
Figura 4	Mortes Violentas (SER I).....	13
Figura 5	Gráfico comparativo de mortes (SER I).....	14
Figura 6	Sede Física do CDDHL.....	17
Figura 7	Antônio, Del Lagamar e Amigos.....	111
Figura 8	Entrevista com os sujeitos do MNMMR.....	114
Figura 9	Eucarístia (Del Lagamar).....	117
Figura 10	Dimensão Geográfica.....	148
Figura 11	Rua Alagada.....	151
Figura 12	Pontes do canal do Lagamar.....	152
Figura 13	Poço público.....	152
Figura 14	Becos e vielas.....	155
Figura 15	Galos e galinhas em meio às vielas.....	156
Figura 16	Rua estreita.....	157
Figura 17	Paralelo entre prédio de classe média e o lado pobre do território.....	158
Figura 18	Espaços públicos sem saneamento básico.....	159
Figura 19	Trilho ou linha férrea.....	161
Figura 20	Trilho ou linha férrea.....	162
Figura 21	Crianças.....	164
Figura 22	Carrocinha de lixo puxada por crianças.....	166
Figura 23	Delegacia.....	175
Figura 24	Cartaz do 1º Encontro Nacional do MNMMR.....	219
Figura 25	Timbó, Narcélio e Del Lagamar.....	221

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	10
1.1	Na trajetória de vida de um jovem de periferia: a construção do objeto de estudo .....	10
1.2	Abordagem Metodológica e procedimentos de pesquisa.....	19
2	DIALOGANDO SOBRE AS ABORDAGENS METODOLÓGICAS .....	23
2.1	Pesquisa qualitativa como premissa inicial de abordagem.....	25
2.2	A pesquisa (auto)biográfica: a construção da figura pública de si.....	39
2.3	As narrativas e as ruas: buscando inspiração na entrevista narrativa.....	58
2.4	História oral e sua importância na tessitura dos fatos.....	68
2.5	A escuta sensível e o diário de itinerância.....	89
3	HISTÓRIAS DE VIDA TECIDAS NUMA RELAÇÃO DIALÓGICA.....	98
3.1	Tecendo relações de confiança para a construção das narrativas de vida.....	100
3.1.1	“Sou um filho da miséria, da pobreza, da injustiça, mas estudei, sou uma pessoa que deu certo na vida”.....	105
3.1.2	“Nossos meninos de rua estão vivos na nossa rua, nos nossos becos, lá dentro da favela”.....	116
3.1.3	“A gente sempre fez as coisas pelo amor de fazer, de ajudar”.....	129
3.1.4	“O que eu fiz de positivo no MNMMR foi resgatar jovens, principalmente do crime”.....	138
4	O BAIRRO DO LAGAMAR E O MNMMR: RECONSTRUÇÃO DE UMA HISTÓRIA FEITA DE SONHOS, MEDOS E OUSADIAS.....	144
4.1	Tempo de lutas, conquistas e recuos.....	145
5	RESILIÊNCIA E EMPODERAMENTO.....	179
5.1	Vidas em resiliência: “sorrisos enquanto queremos, sorrisos enquanto pudermos”.....	180
5.2	Dinâmica de empoderamento no MNMMR: coletividade forjada na luta.....	194
6	RUA SEM SAÍDA: O QUE A EXPERIÊNCIA DO MNMMR NOS ENSINA?.....	212
	REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA .....	222

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 Na trajetória de vida de um jovem da periferia: a construção do objeto de estudo

*O homem escreve no espaço a figura da sua vida.*

*(Christine Delory-Momberger)*

Resido numa área da periferia da grande Fortaleza, capital do Ceará, em um bairro que por dados oficiais nos últimos dez anos, possui os maiores índices de criminalidade contra a juventude. Este bairro é a Barra do Ceará um dos bairros mais antigos do estado do Ceará, considerado o marco zero da nossa propensão civilizatória.

Minha chegada ao bairro da Barra do Ceará deu-se no ano de 1994, mês da Copa do Mundo de Futebol, momento de festa no país, mas na sacada da minha janela aquele sentimento festivo parecia não se manifestar. As mortes de pessoas que não conhecia se refletiam nos olhares e nas vozes dos moradores da minha, aparente, pacata rua.

Ao sair na rua, as minhas amigas de infância e adolescência relatavam casos e mais casos de mortes referentes a essa juventude. “O fulano morreu”, “o cicrano foi assassinado”, eram episódios constantes que com o decorrer do tempo se naturalizaram de maneira vertiginosa. Parecia estranho falar de coisas positivas, pois as mesmas iam se contrapondo diante de aspectos tão absurdamente negativos ressaltados naquele espaço.

Não é incomum encontrar diversas outras histórias negativas em áreas de periferia. Parte da mídia que comanda determinados programas sensacionalistas policiais, esmiúça esse fato como abutres a espreita de restos de carnes, pedaços de vida jogados num asfalto qualquer. Faço a presente afirmação pelo fato de ter percorrido várias áreas da periferia de Fortaleza ao longo da minha vida, levado pelas mais diferentes situações possíveis.

O cheiro, o barulho, os sorrisos, o clima “familiar”, toda aquela mesma atmosfera vista da janela da minha casa podia ser vivenciada quase da mesma forma em diversos outros espaços da periferia. Entrar em um território, numa comunidade, numa favela completamente diferente da que habitava, era um retorno a um ambiente comum. A sensação era de abrir vários livros com capas diferentes que contavam exatamente a mesma história.

Não podia apenas “deflorar” o meu olhar diante das coisas. Fez-se necessário questionar-me sobre os fatos, as coisas, e principalmente, sobre as pessoas. As pessoas, apesar

das mazelas expostas, viviam imbuídas de um sorriso pronto para sair no mínimo traço de felicidade. Como podia haver felicidade em face de tamanha fatalidade? A resposta não é óbvia. Da mesma forma como não era óbvia a razão de tantos amigos de infância, colegas de brincadeiras de rua, sumirem como poeira num vendaval qualquer.

No meio social em que habito, especialmente as crianças e os adolescentes, estão expostos a diversas situações consideradas de “risco”, havendo sucessivas negações de direitos e de diversas formas de exploração, abuso e negligência. As violências vão desde a psicológica e a física, passando pelas violências simbólicas. A seguir, abro um parêntese para ilustrar com dados gráficos a dura realidade do bairro onde vivo.

A Barra do Ceará, um dos maiores territórios da Secretária Executiva Regional (SER) I, divisão regional feita no município de Fortaleza para integrar os bairros próximos e melhorar a atuação do poder público, dentro dessas novas macrorregiões integradas.

Segundo o Laboratório de Direitos Humanos, Cidadania e Ética (LABVIDA) e o Laboratório de Estudos da Conflitualidade (COVIO) da Universidade Estadual do Ceará (UECE) a área da SER I é uma das áreas agrupadas de maior densidade populacional da cidade de Fortaleza. Segundo o LABVIDA, a população registrada em 2011 chegava ao número de 397.882 (trezentos e noventa e sete mil, oitocentos e oitenta e oito habitantes).

**Foto 1:** Dados Básicos sobre a SER I (incluindo o bairro da Barra do Ceará)



<b>DADOS BÁSICOS</b>
População – 397.882 habitantes (IBGE, 2009/SEPLA)
População estimada em 2014 – 438.372 habitantes (IBGE, 2009/SEPLA)
Área – 2.538,20 ha
Praça, área verde, área livre e parque – 62,90 ha (2,48% do total da Regional)
Densidade demográfica – 156,7 hab/ha (2009)
Bairros – São 15 no total: Vila Velha, Jardim Guanabara, Jardim Iracema, Barra do Ceará, Floresta, Álvaro Weyne, Cristo Redentor, Ellery, São Gerardo, Monte Castelo, Carlito Pamplona, Pirambu, Farias Brito, Jacarecanga e Moura Brasil.

**Fonte:** MOURA (2011)

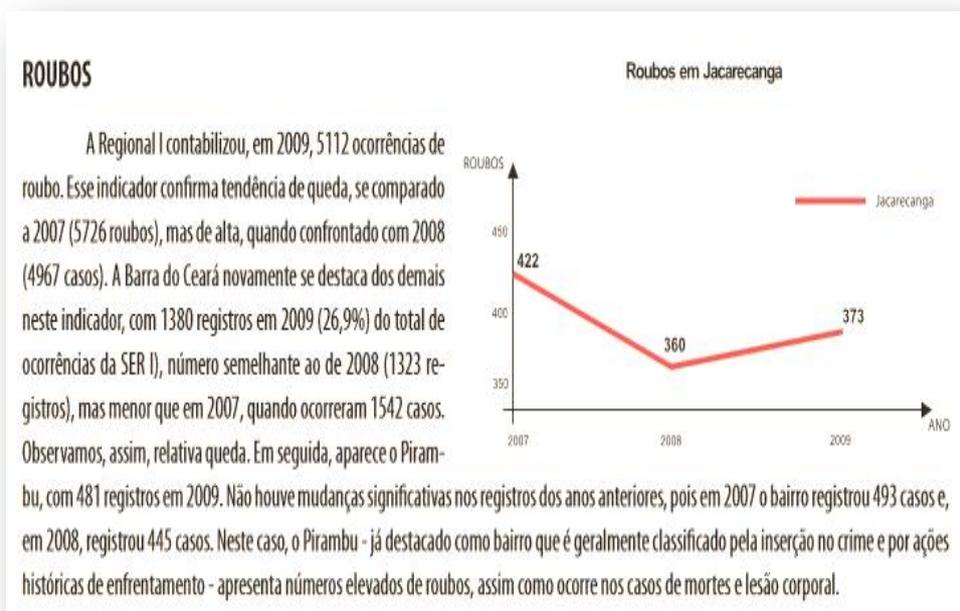
Durante o estudo do LABVIDA-UECE sobre o mapa da violência entre alguns bairros da cidade de Fortaleza, especificando os bairros que compreendem a Secretaria

Executiva Regional (SER) I, conforme dito anteriormente, em relação aos furtos, o estudo mostra que:

A Barra do Ceará também ocupou o primeiro lugar na Regional, com 603 ocorrências. Este número representa 17,3% do total de furtos cometidos na SER I (3.480 ocorrências, no total). Se comparado aos anos anteriores, houve um declínio: 2008 (684 registros) e 2007 (750 registros) (MOURA, 2011, p. 12).

Os furtos e “pequenos delitos” ocorrem muitas vezes à luz do dia. As práticas de assaltos afetam principalmente os moradores do próprio bairro, sendo realizado por infratores que residem no território no qual realizam seus furtos. Muitos jovens que são costumeiramente recrutados por gangues e facções para realizarem pequenos furtos, em sua grande maioria, estão na faixa etária de menores de dezoito anos de idade.

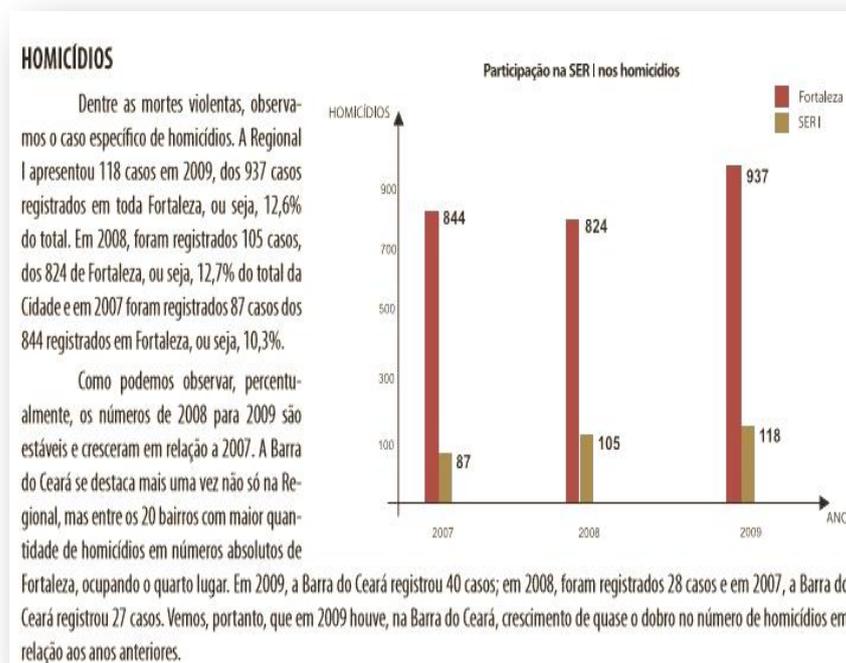
**Foto 2:** Roubos (SER I)



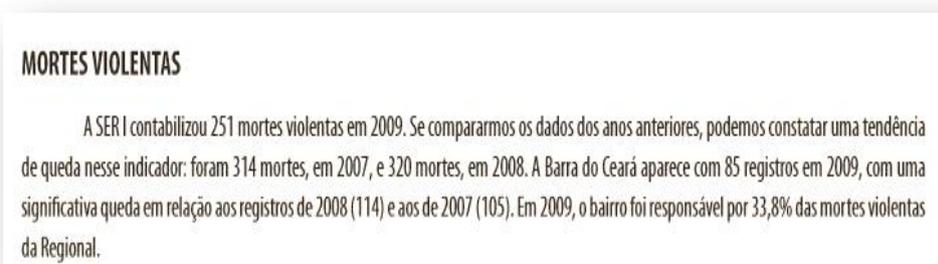
**Fonte:** MOURA (2011)

Além dos roubos, dos homicídios, todo o conjunto de mortes violentas, principalmente as que possuem o jovem como protagonista, beira à uma naturalidade entre os moradores da comunidade que convivem com esse fato há mais de duas décadas.

**Foto 3: Homicídios (SER I)**



**Foto 4: Mortes Violentas (SER I)**

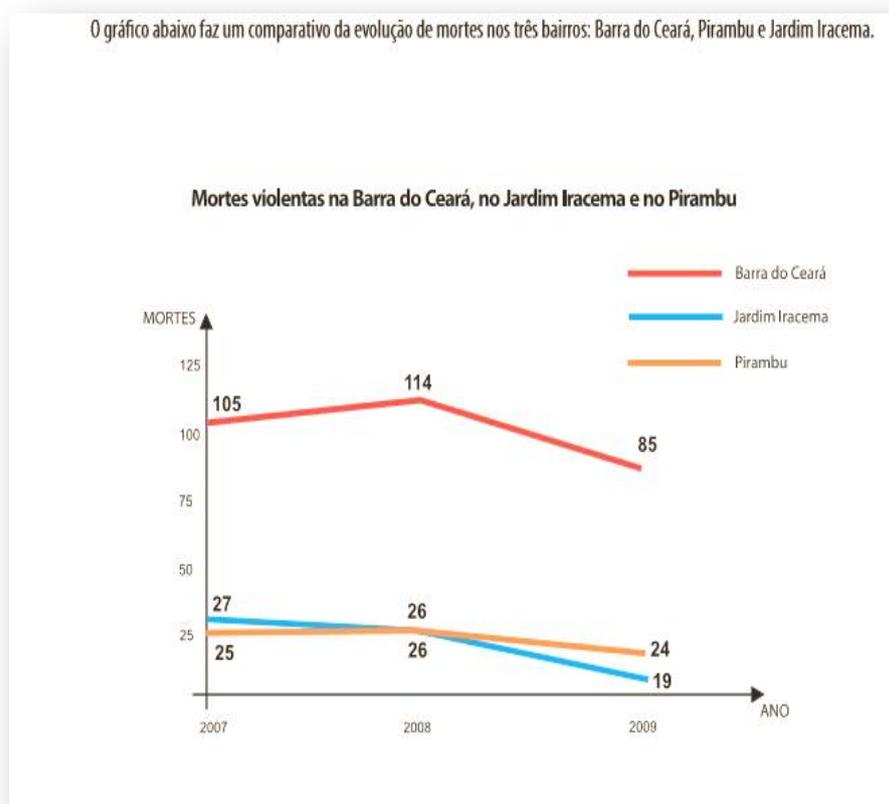


**Fonte: Fonte: MOURA (2011)**

Segundo Oliveira (2015), se concebe como morte violenta todo um conjunto de mortes com causa externa causante (homicídio, suicídio ou acidente). O homicídio, por sua vez, se configura como destruição voluntária ou involuntária da vida de um ser humano, dessa forma, se caracterizaria dentro do conceito de mortes violentas.

Segundo dados de Moura (2011, p. 14) sobre as mortes violentas, “a Barra do Ceará aparece com 85 registros em 2009, com uma significativa queda em relação aos registros de 2008 (114) e aos de 2007 (105). Em 2009, o bairro foi responsável por 33,8% das mortes violentas da Regional.”. Há uma discrepância em aspectos quantitativos entre a Barra do Ceará e os demais bairros que compõem a SER I de Fortaleza.

**Foto 5:** Gráfico comparativo de mortes (SER I)



**Fonte:** MOURA (2011)

Habitar uma comunidade de zona periférica me fez crescer com uma juventude que vê na sombra da sua janela o barulho dos tiros, os choros das mães, o avanço das drogas, o abandono do Estado, o suor da luta para estudar e trabalhar cotidianamente, os desejos de vida e de esperança de um futuro melhor. Todos esses elementos formam meus referenciais de juventude de toda uma vida.

O interesse em estudar a temática relativa à juventude nasceu da ânsia de dar “vez” e “voz” a todos os sujeitos que são tratados como “invisíveis” pela sociedade, perdidos entre

becos e vielas das favelas da periferia de Fortaleza, fazendo parte de grandes estatísticas que mascaram os rostos daqueles que sofrem as mazelas sociais, sendo cotidianamente, esquecidos pelos olhares dos cuidados sociais. Desde o ano 2000, milito na comunidade da Barra do Ceará com juventudes dentro da Comunidade Católica Nossa Senhora de Fátima, localizada no Conjunto Residencial Hermes Pereira, através do trabalho na catequese com jovens da própria comunidade e de bairros do seu entorno.

A militância surgiu na integração dos trabalhos sociais da comunidade, ao perceber o quanto o trabalho com a juventude local poderia mudar a mentalidade de outros jovens, já que parte de meus amigos haviam morrido por conflitos com as drogas e a criminalidade, que desde aquela época já era bastante incisiva em toda a juventude do local.

No grupo católico, atuei na coordenação de pequenos grupos de formação cristã, tendo a caminhada, propositado aspectos ligados à concepção de construção de uma liderança e o despertar para os sonhos. Para quem mora numa comunidade com alto índice de criminalidade, o relato não é apenas baseado em números, mas por notar o sumiço e depois a notícia da morte das pessoas, assim o sonho chega como importante válvula de escape sobre a mente dos jovens, alguém como eu, por exemplo.

Em meio a um universo simples, sonhar e almejar coisas grandes e honrosas foi o trampolim necessário para começar a traçar outros caminhos que fossem pelo viés além daquele que estava exposto. Na caminhada no grupo católico, percebi que todo o trabalho com os jovens podia ser resumido em uma palavra: educação. As atividades, além da leitura das liturgias, faziam com que os jovens participantes se questionassem sobre as problemáticas do bairro.

Um ponto positivo da construção das atividades para a juventude era como as mesmas eram construídas. Toda a construção das rotinas e atividades se dava na ótica da construção coletiva por parte dos jovens líderes, ou, jovens educadores. Os responsáveis pelos grupos de discussão construía sempre coletivamente a liturgia diária dialogando com uma problemática social mais latente no território. Por exemplo, quando uma criança sumiu na porta da escola e foi procurada por todo o bairro, dialogamos sobre a responsabilidade da escola em dar segurança e a responsabilidade de cada jovem sobre a sua própria segurança.

Mediante os diálogos em todos os grupos, anualmente, construiu-se uma campanha de educação ambiental que buscava arrecadar matérias recicláveis de todos os tipos para viabilizar a reforma da paróquia. A campanha envolvia não só os jovens, mas todas as

famílias e pequenos comerciantes que auxiliavam na aquisição dos materiais através de doações. Durante cerca de quatro meses, a campanha mobilizava o bairro e outras famílias que não possuíam conexão direta com a paróquia. Os jovens eram a figura central das ações. Todo o processo de construção e execução da campanha era mantido pelos jovens e sua culminância os beneficiava, já que todo o material comprado servia como suporte para melhorar as tarefas dentro dos grupos.

Como trabalhava com educação, respirava educação, amava compartilhar e saudar a todos com as ferramentas positivas da educação, não tive dúvidas sobre o que queria para o resto da minha vida: trabalhar com educação. Dessa forma, no ano de 2007 ingressei no curso de graduação em pedagogia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Após passar por experiências ricas dentro do processo formativo da academia, como egresso do mesmo curso, já no ano de 2010, passei a atuar como voluntário na Central Única das Favelas (CUFA)<sup>1</sup> do Ceará através da construção dos projetos sociais da instituição, procurando enriquecer a parte pedagógica dos mesmos.

A participação na CUFA evidenciou um momento de grande importância, pois me fez dialogar sobre algo que faz parte da minha vida: ser mais um sujeito engajado no campo da educação popular. Falar de favela é falar da minha infância, de amigos que já se foram, dos diálogos ricos que tive e da minha visão de mundo ampliada sobre as pequenices das coisas e das pessoas. Na CUFA não se fala apenas de favela, a CUFA é favela.

A CUFA é uma organização sólida, reconhecida nacionalmente pelas esferas sociais, esportivas, culturais e políticas. Através de uma linguagem própria, a CUFA amplia suas formas e possibilidades de expressão e alcance, difundindo para as camadas mais populares projetos de capacitação profissional, entre outras atividades, que elevam a sua autoestima da periferia quando levam conhecimento a ela, oferecendo-lhe novas oportunidades e perspectivas. Agindo como um polo de produção cultural desde o ano de 1999, através de parcerias, apoios e patrocínios, a CUFA forma e informa os cidadãos dos 27 estados brasileiros, além do Distrito Federal. Dentre as atividades desenvolvidas pela CUFA, há cursos e oficinas de *hip-hop*, escolinha de basquete de rua, *skate*, gastronomia, audiovisual e muitas outras. São diversas ações promovidas nos campos da educação, esporte, cultura e cidadania, com mão-de-obra própria.

---

<sup>1</sup> Mais informações sobre a CUFA do Ceará podem ser obtidas através do endereço eletrônico: <http://www.cufa.org.br/ceara/>

A CUFA Ceará existe desde 2005, agindo como polo de produção cultural cuja missão é formar e informar as pessoas na periferia, principalmente a juventude, oferecendo novas perspectivas de inclusão social por meio de atividades promovidas em educação, no esporte, na cultura, cidadania e meio ambiente, buscando contribuir para o seu desenvolvimento humano.

Dentro da CUFA, através do meu trabalho pedagógico, passei a dialogar diretamente com outros grupos sociais. Dentre esses vários grupos e olhares sobre as problemáticas das periferias, um grupo passou a ser mais frequente nos meus diálogos. Esse grupo foi o Centro de Defesa dos Direitos Humanos do Lagamar (CDDHL).

<sup>2</sup>**Foto 6:** Sede física do CDDHL



**Fonte:** Arquivo do CDDHL (2015)

O CDDHL é um movimento social formado pelos moradores da comunidade do Lagamar. O CDDHL não recebe diretamente auxílio de nenhuma esfera governamental, estabelecendo seus trabalhos através de parcerias pontuais e de pequenos projetos criados pelos gestores da própria instituição. Dentre esses gestores estão quatro pessoas que movem o

---

<sup>2</sup> Imagem da sede física do Centro de Defesa e Direitos Humanos do Lagamar (CDDHL), localizada na Travessa Social, nº 133, Bairro Lagamar, CEP: 60130-650, Fortaleza/Ceará.

CDDHL como parte estruturante de suas vidas, são eles: Herivelton Teixeira (conhecido como Del Lagamar), Narcélio Ferreira, Rozinaldo Gomes (Timbó) e Antônio Teixeira.

Além do CDDHL, os quatro sujeitos são responsáveis pela manutenção de outra instituição que me chamou a atenção pelos trabalhos desenvolvidos durante cerca de 30 anos, o Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua (MNMMR) do Ceará. Este movimento teve início no Ceará em 1985. O MNMMR se construiu através da mediação direta da Pastoral do Menor. A Pastoral do Menor é uma entidade oriunda dos trabalhos realizados pela Igreja Católica que presta atendimento para crianças e adolescentes nas áreas de saúde, educação, trabalho, terra e moradia, tendo o início de seus trabalhos realizados a partir do ano de 1987 no Brasil.

O MNMMR lida especialmente com crianças e jovens em situação de rua, sua ação se dá basicamente dentro do Bairro do Lagamar e adjacências. Ao conhecer a história através das conversas informais sobre o MNMMR com os quatro sujeitos, e percorrendo a realidade sempre difícil do bairro do Lagamar, principalmente no que diz respeito ao tratamento com crianças e jovens, me encantou o modo de vida dos sujeitos, assim como um pouco da história do MNMMR na própria comunidade e sua identidade ao longo dessas quase três décadas de existência.

O encanto despertou a minha curiosidade epistemológica e o desejo de conhecer mais sobre aquela experiência. Qual o seu papel formativo? Como seus fundadores interpretam essa experiência hoje? Como ele repercutiu na vida individual dos seus participantes e na coletividade?

A partir destes questionamentos, optei por trabalhar com as histórias de vida dos sujeitos participantes buscando identificar o significado das experiências vividas para a construção de comportamentos resilientes e de emponderamento, ou seja, quero identificar o potencial de resiliência no interior de um movimento social protagonizado por jovens.

## 1.2 Abordagem metodológica e procedimentos da pesquisa

A escolha dos sujeitos da pesquisa foi feita de maneira tão natural, assim como se deu a interação entre pesquisador e o MNMMR. De início, nos primeiros contatos com os sujeitos da pesquisa, líderes do MNMMR, não se tinha conhecimento prévio de como o MNMMR funcionava, nem mesmo quem eram o número total de participantes que o compunha. O MNMMR, na contemporaneidade, sempre foi real em suas ações que ainda não havia tido conhecimento sobre seu trabalho até então.

Como voluntário, atuando na CUFA, tive o primeiro contato com Del Lagamar. Del sempre se mostrou uma liderança nata na comunidade. Menciono isso, pois as ações feitas pela CUFA na área do Lagamar tinham sempre como premissa a liderança quase natural de Del. Quando se pensava em Lagamar, sempre vinha à mente a figura do Del, pois, tornou-se uma referência que a CUFA tinha com as comunidades, até chegar ao ponto de o Del, nas mesas de diálogos, ser tido como a identidade viva do Lagamar. Del montou uma base da CUFA no Lagamar à cerca de quatro anos, com o intuito de fortalecer o CDDHL. O CDDHL atuou como uma espécie de parceiro vital para a CUFA, pois com a liderança de Del, as ações sociais na comunidade sempre ganhavam um corpo físico maior, tendo em vista que a juventude local tem o Del como uma referência viva de ação social. Como educador, isso chamou a minha atenção.

Numa tarde qualquer, no ano de 2012, a CUFA foi até a comunidade do Lagamar para o encerramento de um projeto chamado “comunica favela”. O tal projeto tinha como intuito montar uma produtora cultural dentro da favela do Lagamar, dando capacitação profissional aos jovens da comunidade, trabalhando em três fontes específicas de formação que utilizavam aulas dentro de uma sala de informática localizada no CDDHL.

Quando chegamos no espaço, até então não havia ido até lá, deparei-me com um cenário animador. Um grupo imenso de jovens utilizando um espaço do dito “Projeto Semear”, onde a juventude frequentava no contraturno escolar com o intuito de receber uma formação que ia além do espaço formal de ensino. O Projeto Semear auxiliava em pequenas ações na comunidade, como iniciativas voltadas para a educação ambiental, por exemplo, sempre tendo como protagonistas a juventude.

Após esse momento do encerramento, curiosamente, o espaço do Projeto Semear foi fechado, deixando a juventude que usufruía das atividades do espaço sem novas

alternativas para fechar o tempo livre após as atividades escolares. Num diálogo qualquer, Del Lagamar, juntamente com Timbó e Rozinaldo, mencionavam que as ações deles na comunidade não podiam parar, sendo que tudo agora tinha que se voltar para o MNMMR. Na hora, perguntei do que se tratava e os três jovens me mostraram além do que o MNMMR se tratava, o papel de cada um dentro daquele contexto.

Naquele instante, eles me apresentaram um quarto jovem, o Antônio. Antônio é irmão de Del Lagamar, juntamente com os três líderes, conduziu o MNMMR durante todo esse percurso até os dias atuais. O aspecto mais importante, a princípio, foi o fato de mencionarem o MNMMR com tamanha paixão que saltava os olhos. Empolgava-me com as experiências contadas porque pela maneira que eles mencionavam me sentia vivendo cada momento. Cada segundo das experiências deles foi compartilhada com uma primazia de detalhes que fiquei pensando nisso por dias e mais dias.

Um dia, fui acompanhar a prática do MNMMR e, apesar de morar numa área de periferia me surpreendi, vendo o quanto precisava conhecer sobre outras realidades tão precárias quanto a minha. O MNMMR dialoga com os ditos “invisíveis sociais”, usuários de drogas, catadores de lixo, traficantes, todos os excluídos sociais fazem parte do leque de pessoas quem eles trabalham. Ninguém é rejeitado ou deixado pra trás. Aquilo me encantou de uma forma que mexeu comigo, como pesquisador e como pessoa. No fim de uma dessas andanças, Del me disse uma frase que me impulsionou: “tomara que isso tudo não caia no esquecimento, já fizemos muito”. Quando ouvi aquilo, percebi que podia de alguma forma ajudar, mostrar a importância do MNMMR com o olhar que estou habituado, a dimensão acadêmica.

Quando tomei consciência da importância dos sujeitos para a comunidade, tentei construir uma pesquisa que não apenas dimensionasse em números, mas que pudesse dar vez e voz de uma maneira significativa para tudo que acabara de ver e ouvir naqueles dias que seguiram. Desde essa tomada de consciência em relação às pessoas e ao ambiente que cercava o MNMMR, surgiu a presente pesquisa, tendo como base os quatro sujeitos mencionados anteriormente. Diante de tanta beleza, complexidade e riqueza simbólica, vi que o registro e análise daquela experiência exigia uma abordagem metodológica que desse centralidade às narrativas das experiências. Os princípios e procedimentos da pesquisa (auto)biográfica, mostraram-se adequados capazes de recriar um cenário vivo de importância social onde o MNMMR seria protagonista na figura de suas lideranças sociais. Assim a investigação

inseriu-se no universo qualitativo e combinou duas abordagens: a pesquisa (auto)biográfica e a história oral.

As histórias de vida foram construídas de acordo com a teorização de Delory-Momberger (2008); Nóvoa (2010); Olinda (2011), Pineau (2012) e Ferrarotti (1996). A história oral deu suporte para a reconstrução da história do Lagamar e do MNMMR com auxílio de Alberti (1989) e Eddgert & Fischer (1998). A perspectiva libertadora do pensamento político-pedagógico de Freire (1983, 1986 e 2006) foi importante para fortalecer o diálogo sobre emponderamento nas lutas sociais do MNMMR. Para dialogar sobre resiliência utilizei a psicologia positiva de Yunes (2003), além de autores centrais como: Cyrulnik (2004, 2012) e Assis (2006) foram fundamentais.

Diante dos relatos de vivências do MNMMR, ficou perceptível o conjunto de adversidades que os sujeitos passaram nesse percurso dentro de um grupo que prima pela educação popular de rua na ótica da juventude do local. Chamou-me atenção o fato que poderiam haver fatores importantes de resiliência e empoderamento que podiam fazer parte do processo formativo, mesmo que de maneira implícita nas ações do MNMMR. Para esse conjunto de fatos, cabia uma investigação coesa que pudesse trazer a tona tais dimensões, sendo revistas de uma maneira holística.

A relevância da presente pesquisa faz-se no sentido de trazer à tona as lutas do MNMMR ao longo desse período, dando a dimensão real que um grupo dos movimentos sociais trouxe não apenas para os seus integrantes, mas para toda uma comunidade que convive com esse movimento social há décadas.

A discussão da presente temática pode ser capaz de fortalecer o próprio MNMMR dentro da comunidade, elencando a importância das ações realizadas pelos seus diversos atores sociais, integrando a sua juventude e identificando o possível potencial formativo que o MNMMR exerce no presente contexto. O contato teórico com o tema, mas, sobretudo, minha vivência militante no MNMMR, mostrou-me uma gama de questões: qual o papel formativo do MNMMR na Comunidade do Lagamar? Como os sujeitos interpretam seus percursos de vida? Que fatores contribuíram com uma resposta resiliente diante das adversidades vivenciadas? Qual o referencial de empoderamento do movimento social estudado?

Diante das indagações, a presente pesquisa apresenta como **objetivo geral**, compreender o papel formativo do MNMMR na Comunidade do Lagamar, a partir das histórias de vida dos participantes, buscando identificar o potencial de resiliência e de

empoderamento propiciado por esta experiência. Para um alcance qualitativo do objetivo geral, os objetivos específicos elencam-se da seguinte forma:

- 1) Traçar os principais momentos do MNMMR no Lagamar, identificando as concepções orientadoras e os sujeitos mais significativos;
- 2) Identificar como os sujeitos interpretam seus percursos sociais através da construção das histórias de vida;
- 3) Mapear os referenciais de resiliência e de empoderamento existentes na trajetória de luta do MNMMR.
- 4) Reconstruir a história do Lagamar em seus traços mais gerais, identificando o cenário para o surgimento e desenvolvimento do MNMMR

Os sujeitos só autorizaram a construção de suas narrativas partindo do pressuposto de que seus nomes verdadeiros fossem evidenciados durante todo o processo investigativo.

Para melhor visualização do percurso da pesquisa, apresento a constituição dos capítulos seguintes: no próximo capítulo, **dialogando sobre as abordagens metodológicas da pesquisa**, foi construída uma discussão teórica sobre os elementos metodológicos da pesquisa. No terceiro capítulo, **histórias de vida tecidas numa relação dialógica**, apresento as histórias de vida e a construção da relação de confiança entre pesquisador e os sujeitos da pesquisa, assim como o seu conjunto de narrativas em sua íntegra. No quarto capítulo, **o bairro do Lagamar e o MNMMR: reconstrução de uma história feita de sonhos, medos e ousadias**, mostro o percurso de lutas para a formação da comunidade e do MNMMR com aspectos que demonstram a dimensão da esperança como aspecto positivo para a formação do movimento social. No quinto capítulo, **resiliência, empoderamento e esperança: processos forjados numa ação do MNMMR** há a construção dos principais aspectos que findam a noção dos dois conceitos sempre correlacionando com a história de vida dos líderes do MNMMR. Por último, no sexto capítulo que **conclui** a pesquisa, são feitas as reflexões finais a cerca da temática, trazendo de volta a dimensão da resiliência e do empoderamento, assim como percepções sobre a dimensão das histórias de vida, com narrativas dos sujeitos da pesquisa sobre o que pensam sobre o futuro do MNMMR na dimensão da esperança.

## 2 DIALOGANDO SOBRE AS ABORDAGENS METODOLÓGICAS DA PESQUISA

Neste capítulo dialogo com autores filiados ao movimento socioeducativo da historia de vida em formação que vem sendo desenvolvido e consolidado a mais de três décadas com fortes influências na pesquisa social e educacional no Brasil.

Procurei discutir sobre o potencial heurístico e formador das narrativas e sobre o processo de biografização gerador da história de vida. Pela singularidade de quatro vidas, busquei aprender a pluralidade do significado para toda uma coletividade do MNMMR NO Lagamar. A vida de um sujeito se posta como premissa do acesso científico dentro de um sistema social. É possível fazer a leitura de uma sociedade por meio de uma biografia de vida, desde que esse olhar seja contemplado pelas experiências das microrrelações sociais que explicitam a densidade das relações sociais construídas naquele microespaço de interação e poder:

Uma antropologia social que considera todo homem como a síntese individualizada e ativa de uma sociedade, elimina a distinção do geral e do particular num indivíduo. Se nós somos, se todo o indivíduo é a reapropriação singular do universo social e histórico que o rodeia, podemos conhecer o social a partir da especificidade irredutível de uma práxis individual (FERRAROTTI, 2010, p. 45)

Na segunda parte trago as premissas e as orientações metodológicas da história oral, orientadoras da aproximação e reconstrução histórica da história do Lagamar e do movimento como um todo. No terceiro mote discuto sobre a importância do desenvolvimento da escuta sensível para o pesquisador e sobre o uso do diário de itinerância como instrumento de registro e reflexões. O capítulo revela a tentativa de um diálogo teórico sobre as abordagens metodológicas da pesquisa, tecendo uma série de premissas que evidenciam a importância das abordagens na presente pesquisa. Toda esta incursão foi fundo mental para que me aproximasse do universo pesquisado e dos narradores de modo dialógico.

No trabalho de campo fui compreendendo vivencialmente a profundidade da elaboração freireana quando, em diálogo com Igor Shor, Freire (1986) diz que o diálogo é o fundamento da prática educativa e que não pode ser encarado como técnica. Esta premissa vale para a atividade de pesquisa e exige que adequemos todos os nossos sentidos, mas sobretudo que respeite e valorize o outro na sua singularidade. No diálogo citado, Freire (1986, p. 124), fazendo uma analogia com a sala de aula, em relação ao diálogo, afirma que

“o diálogo é a confirmação conjunta do professor e dos alunos no ato comum do conhecimento e reconhecer o objeto de estudo”. Essa premissa cabe também para a construção das histórias de vida na relação entre pesquisador e sujeito da pesquisa.

## 2.1 Pesquisa qualitativa como premissa inicial de abordagem

A pesquisa aqui proposta privilegia a perspectiva dos sujeitos que narram suas experiências, recuperando interpretativamente suas trajetórias. Por tratar de eventos e sentimentos que envolvem significações e crenças, acaba por exigir uma abordagem de cunho qualitativo. Observando o âmbito da insatisfação dentro dos fenômenos dos estudos humanos e sociais, se tornava perceptível que os métodos de pesquisa em pauta, no início da construção dos mecanismos rígidos para a pesquisa, não levavam em consideração os contextos sociais apresentados e acabavam por tornar irrelevante a experiência humana. Havia o resquício de uma lacuna na pesquisa que não era atingida, não se dava em sua completude. Gatti & André (2010, p. 29) explicitam essa nova dinâmica na pesquisa:

As questões postas pelos pesquisadores ao pensar em estudos dessa natureza diziam respeito a se é possível o conhecimento sobre o humano-social, o humano-educacional, sem um mergulho em interações situacionais nas quais os sentidos são produzidos e procurados, e os significados são construídos. Assume-se. Nesta perspectiva, que destes sentidos e significados é que alimenta e são elas que traduzem as mudanças dinâmicas no campo social.

Nesse novo olhar sobre a prática de pesquisa, atribuem-se novos sentidos e significados que podem ser viáveis para elucidar certos aspectos cotidianos, conduzindo para um aprimoramento nas relações dentro das perspectivas educacionais, sociais, levando como base aspectos humanos como o sentir, o pensar, o agir, dentre outros.

Constrói-se, de maneira coesa, uma hermenêutica que tem como base a explanação de diversos significados contidos num mesmo contexto. Assumindo tal viés, a pesquisa qualitativa rompe com o método positivista, não separando sujeito e objeto, valorizando a maneira do entendimento na dimensão do próprio sujeito. É um reencontrar em si, um olhar de dentro pra fora, dando importância às subjetividades.

A pesquisa qualitativa dá relevância particular ao estudo das relações sociais, no qual, as teorias são desenvolvidas a partir de métodos empíricos aliando o conhecimento e a prática no decorrer da pesquisa. Sobre este aspecto Diehl e Tatim (2004, p.48), defendem que:

Os estudos qualitativos podem descrever a complexidade de determinados problemas, além de permitir as interações de certas variáveis, compreendendo e classificando os diversos processos dinâmicos vividos pelos grupos, possibilitando,

em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos.

Ainda sobre a definição a cerca da investigação qualitativa, Bogdan & Biklen (1994, p. 16) mencionam que:

a expressão ‘investigação qualitativa’ não foi utilizada nas ciências sociais até o final dos anos sessenta [1960]. Utilizamos a expressão investigação qualitativa como um termo genérico que agrupa diversas estratégias de investigação que partilham determinadas características. Os dados recolhidos são designados por qualitativos, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico.

As abordagens qualitativas trazem maior dinamismo ao âmbito da pesquisa, auxiliando na compreensão mais aprofundada dos resultados, fazendo com que o pesquisador entre em contato maior com o universo do entrevistado, através da sua atuação ativa em campo. No caso da pesquisa social, a ótica da pesquisa qualitativa pretende “reconhecer os problemas e suas causas, como propor soluções ou estratégias de intervenção para resolvê-los” (GROULX, 2010, p.95). O benefício da pesquisa qualitativa na ótica da pesquisa social tornou possível devido às transformações sociais, econômicas, culturais, políticas e tecnológicas da modernidade.

A pesquisa qualitativa lutou por sua notoriedade científica com muito empenho de seus pesquisadores. A dita autoridade no campo científico emoldurou o cenário onde a pesquisa qualitativa acaba por se inserir. Estabeleceu-se um novo olhar, um paradigma novo diante das problematizações sociais e sobre os mecanismos que levaram a tal cenário. Houve quem quisesse inserir o burocratismo dos dados meramente quantitativos no âmago da pesquisa qualitativa, tornando pragmático e burocrático a busca pelos resultados da pesquisa. Groulx (2010, p. 97) sobre a compartimentação dos dados na pesquisa menciona que “a utilização das estatísticas na pesquisa social é, assim, considerada como equivalente a uma leitura burocrática e institucional, que só retém dos fenômenos aquilo que pode ser classificado”.

A noção burocrática dos dados sedimenta os resultados de uma forma que exclui os vários pontos de vista sobre o meio social, principalmente se o meio social corresponder a uma população de poder econômico mais pobre. As camadas sociais mais pobres eram imersas nesse processo, que na prática, acaba por excluir as trajetórias, experiências e

heterogeneidade das situações:

Por trás da unidade da categoria administrativa ou estatística das populações em dificuldade, a pesquisa qualitativa encontra a heterogeneidade das situações, a diversidade das trajetórias e das experiências, desvenda processos múltiplos de exclusão social e estratégias plurais de sobrevivência. (GROULX, 2010, p. 101)

Sem fugir das transformações dentro das camadas sociais mais pobres, a pesquisa qualitativa permite que esses atores sociais tenham voz sobre seus projetos, seus anseios. Dentro de uma prática que dá importância ao processo e não ao produto das situações, a ótica qualitativa foge de alguns rótulos sociais pragmáticos, dando vazão para que os detentores de tais rótulos possam dialogar sobre seu modo de vida, a pobreza pode, dessa maneira, ser redimensionada por aqueles que dela fazem parte:

Além de permitir uma descrição mais apurada e exaustiva da realidade social, a pesquisa qualitativa visa descobrir, por trás das categorias administrativas e estatísticas, atores, isto é, sujeitos detentores dos recursos, e capazes de iniciativas, projetos, estratégias. Esse novo olhar obriga a modificar o questionamento sobre a pobreza. A prioridade não mais consiste em determinar quem são os pobres e quais são os fatores da pobreza, mas sim, em se indagar sobre o modo pelo qual fica-se pobre, sobre os processos que evocam essa situação e sobre o papel dos mecanismos institucionais e profissionais na evolução desse fenômeno. (GROULX, 2010, p. 102)

A pesquisa qualitativa deu um novo olhar sobre a pesquisa quantitativa e seu pragmatismo burocrático de compartimentação dos dados de uma pesquisa. Na prática, a pesquisa quantitativa acaba, em sua maioria, por não levar em consideração as nuances existentes no meio social pesquisado:

A consideração, pela pesquisa qualitativa, da multiplicidade das perspectivas e dos agentes compondo cada uma das categorias, obriga a romper a unidade artificial da categorização estatística e a revelar uma diversidade de situações, uma pluralidade de atores que se adaptam de maneiras variadas a situações diferentes, 'mobilizando um repertório variado de recursos. (GROULX, 2010, p. 97)

Rompe-se com um círculo de proteção que existe entre pesquisador e sujeito da pesquisa, separação que se fundava na divisão do método e numa clara definição em torno do suposto objeto da pesquisa. Os sujeitos da pesquisa não se restringem tão somente a meros

dados, números inseridos numa tabela qualquer. Passa-se a se integrar e compreender os significados e significantes envolvidos nas extensas relações sociais formadas nos diversos contextos. “A pesquisa qualitativa introduz um novo sentido dos problemas; ela substitui a pesquisa dos fatores e determinantes pela compreensão dos significados” (GROULX, 2010, p. 98). Apesar da aproximação, sob a ótica da cientificidade, o pesquisador cumpre seu papel sem deixar de ser sujeito social, advogando as vicissitudes das relações humanas contidas na pesquisa social.

A pesquisa qualitativa traz um novo pensar sobre as nuances da vida cotidiana, da pessoa comum, não mais baseada em traços mensuráveis apenas de maneira quantificada, surge uma visão dimensionada pelos meios de vida das pessoas, o meio social comum ganha sua notoriedade e seus atores sociais são protagonistas de sua realidade intrínseca. Do ponto de vista empírico, os sujeitos sociais foram capazes de interpretar as suas próprias situações, tendo como base a difusão do olhar sobre o entorno social com certa racionalidade, sem deixar de abordar a dimensão do sentir que está diluída no modo de vida humano. O sentir e as populações sem grandes expressões representativas sociais foram redimensionadas nas pesquisas qualitativas:

De um ponto de vista qualitativo, os sujeitos sociais interpretam a sua situação, concebem estratégias e mobilizam recursos. Essas atividades implicam temporalidade da ação e dinâmica das situações. É por isso que os autores definem os conceitos “sensitivos”, que permitem descrever os processos em curso [...] Muitos clamam por uma pesquisa que tome o partido das populações ou clientelas excluídas dos debates (GROULX, 2010, p. 98-99)

A abordagem da investigação qualitativa não tem como objetivo central fazer testes com hipóteses pré-formuladas, Bogdan & Biklen (1994, p. 16) explicitam tal dimensão:

Ainda que os indivíduos que fazem investigação qualitativa possam vir a selecionar questões específicas à medida que recolhem os dados, a abordagem à investigação não é feita com o objetivo de responder a questões prévias ou de testar hipóteses. Privilegiam, essencialmente, a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação. As causas exteriores são consideradas de importância secundária. Recolhem normalmente os dados em função de um contato aprofundado com os indivíduos, nos seus contextos ecológicos naturais.

Há grande importância da pesquisa qualitativa na investigação humana, observando as peculiaridades dos grupos humanos e seu conjunto de crenças e valores

construídos ao longo da formação social. O aspecto mais significativo dentro da ótica da investigação qualitativa é observar “o caráter flexível deste tipo de abordagem, que permite aos sujeitos de acordo com a sua perspectiva pessoal, em vez de terem de se moldar a questões previamente elaboradas” (BOGDAN & BIKLEN, 1994, p. 17).

No contexto social brasileiro em efervescência pós-período ditatorial de 1980, as massificações de ideias e de ideais renderam a construção de grupos sociais, movimentos de pessoas e ideologias que se integraram em busca de melhorias sociais. Esse emaranhado de novas construções sociais não podia ser apenas aparamentado com um olhar científico composto por números quantitativos, havia de ter um mecanismo de pesquisa que compreendesse as premissas pessoais dos grupos, que dialogasse com os sujeitos e retirasse as suas peculiaridades comportamentais, seus gritos por mudanças precisavam ganhar um novo caráter.

A pesquisa qualitativa, na ótica educacional, compreende essa nova forma de pensar a sociedade, através da integração de aspectos científicos dentro de uma base científica coerente. Gatti & André (2010, p. 33) dialogam sobre a importância da investigação qualitativa envolta nesse contexto:

Deparamo-nos com movimentos sociais que começam a emergir, como num crescendo, criando espaços mais abertos para manifestações socioculturais e a crítica social, inaugurando-se um período de transição, de lutas sociais e políticas que constroem a lenta volta à democracia. A pesquisa educacional, em boa parte, esteve integrada a essa crítica social, associando a ela a crítica aos métodos clássicos de investigação em educação no Brasil.

Esse movimento em busca dos fenômenos microssociais, foi parâmetro singular para (re)construção de teorias e a aplicação em diferentes outros contextos além do contexto educacional. Precisamente na cidade de Chicago, território dos Estados Unidos da América (EUA), na década de 1960, em época cronológica anterior ao período brasileiro, Bogdan e Biklen (1994, p. 37), ressalta o desenvolvimento de estratégias centrais para a utilização de estratégias qualitativas dentro de um período temporal também delicado para os cidadãos norte-americanos:

Os anos sessenta foram igualmente época de tumulto e mudança social. A atenção dos educadores voltou-se para a experiência escolar de crianças pertencentes as minorias. Uma das razões para esse interesse era a política: enquanto se verificavam

tumultos nas cidades e as autoridades procuravam forma de evitar futuros protestos, associava-se o desempenho escolar deficiente com a afirmação de que os negros recebiam serviços inadequados. Os porta-vozes do movimento dos direitos civis insistiam que era necessário dar a palavra àqueles que eram discriminados.

A década de 1960 foi um período onde as minorias representativas, como os negros afro-americanos, sofriam discriminações e precisavam ter voz na luta por mudanças sociais pertinentes. Quebrou-se um paradigma interessante para a educação no contexto norte americano em 1960, pois a investigação qualitativa se estabeleceu também como paradigma legítimo de investigação, provocando entusiasmos entre os pesquisadores e todos aqueles que esperavam a eclosão de um método que atendesse as nuances do contexto social vigente:

Como parte integrante de um processo de investigação típico, os investigadores qualitativos que estudam a educação solicitavam a opinião daqueles que nunca eram valorizados ou representados. Os métodos de investigação qualitativa representavam o espírito democrático em ascensão na década de sessenta. O clima da época era propício ao renovar o interesse pelos métodos qualitativos, assim, surgiu a necessidade de professores experientes neste tipo de metodologia de investigação, abrindo-se caminho a inovações e desenvolvimentos metodológicos. (BOGDAN & BIKLEN, 1994, 38)

A educação foi um dos pilares onde a pesquisa qualitativa se desenvolveu. O cenário brasileiro seguiu quase que por igual essa mesma forma de pensar a pesquisa. “A introdução dos métodos qualitativos no Brasil teve muita influência dos estudos desenvolvidos na área de avaliação e de programas e currículos, assim como das novas perspectivas para investigação da escola e da sala de aula” (GATTI & ANDRÉ, 2010, p. 31). Houve engajamento forte dos pesquisadores dentro das realidades investigadas. Criou-se, nesse campo, um compromisso maior com as possibilidades que a pesquisa poderia trazer na questão de políticas educativas realmente pertinentes aos contextos onde deveriam ser aplicadas, como afirmam Gatti & André (2010, p. 34):

O uso dos métodos qualitativos trouxe grande e variada contribuição ao avanço do conhecimento em educação, permitindo compreensão dos processos escolares, de aprendizagem, de relações, dos processos institucionais e culturais, de socialização e sociabilidade, do cotidiano escolar em suas múltiplas implicações, das formas de mudança e resiliência nas ações educativas.

No campo da sociologia e da antropologia, a pesquisa qualitativa surgiu para

compreender o outro, sendo a compreensão desse outro, um emaranhado de forma integrada e complexa de conceitos e comprovações empíricas. Para se posicionar como tal, ouve uma ruptura em relação à perspectiva quantitativa, como esclarece Groulx (2010, p.97):

A consideração, pela pesquisa qualitativa, da multiplicidade das perspectivas e dos agentes compondo cada uma das categorias, obriga a romper a unidade artificial da categorização estatística e a revelar uma diversidade de situações, uma pluralidade de atores que se adaptam de maneiras variadas a situações diferentes, mobilizando um repertório variado de recursos.

Esse processo de ruptura entre a pesquisa qualitativa e quantitativa dialoga na mesma lógica que sofreu a sociedade entre o modernismo e o pós-modernismo. Na lógica social modernista as explicações para as crenças humanas eram oriundas de uma base de pensamento racionalista, uniforme, linear. A estrutura da construção da pesquisa qualitativa representa uma dupla essência de comprometimento científico para as pesquisas. O que se delineou foi a perspectiva de que não há acesso pleno à vida dos sujeitos de maneira simplória, qualquer observação sobre as relações sociais de outros sujeitos sempre será filtrada por aspectos inerentes à observação, como a linguagem.

É difícil estabelecer algo plenamente objetivo quando se trata dos percursos vivenciais dos sujeitos de uma pesquisa, de maneira clara, os percursos cotidianos serão expostos na forma de narrativas repletas de intencionalidade sobre o porquê as fizeram e em que espaço temporal se estabeleceu. Não há um método de pesquisa capaz de abranger todos os aspectos de uma pesquisa de maneira holística. Pensar em um único método capaz de absorver as peculiaridades de um ambiente social é reduzir ao máximo o olhar do pesquisador, reprimindo as possíveis descobertas que outros olhares podem proporcionar. A lógica da pesquisa interpretativa incide em aplicar mais de um método para absorver os vários sentidos que o ambiente da pesquisa pode proporcionar.

As diversas premissas epistemológicas, metodológicas, que dialogam entre si denominam-se paradigmas. Denzin & Lincoln (2006, p. 34) dialogam sobre um paradigma específico, o paradigma interpretativo:

Toda a pesquisa é interpretativa; é guiada por um conjunto de crenças e de sentimentos em relação ao mundo e ao modo como este deveria ser compreendido e estudado. Algumas crenças podem ser incontestadas, invisíveis, apenas supostas, ao passo que outras são extremamente problemáticas e controversas.

Na verdade, ocorreu um rompimento significativo com os métodos vigentes na época, sendo essa ruptura aos métodos pós-positivistas. Há um diálogo maior com a interpretação de maneira naturalista. A pesquisa qualitativa dialoga de maneira objetiva sobre a qualidade das coisas (fatos) e das pessoas:

A palavra qualitativa implica ênfase sobre as qualidades das entidades e sobre os processos e os significados que não são examinados ou medidos experimentalmente (se é que são medidos de alguma forma) em termos de quantidade, volume, intensidade ou frequência. Os pesquisadores qualitativos ressaltam a natureza socialmente construída da realidade, a íntima relação entre o pesquisado e o que é estudado, e as limitações situacionais que influenciam a investigação. (DENZIN & LINCOLN, 2006, p. 22).

O que mais estava em evidência, na perspectiva aqui criticada, era a noção positivista que se baseia na ótica do conhecimento científico como sendo a única forma de conhecimento dominante dentro da sociedade, a racionalização sobre as pessoas e as coisas seria, nessa forma de pensar, a forma mais adequada de conceituar algo. Bogdan & Biklen (1994, p. 45-46) explanam a lógica pós-modernista que se contrapunha ao modo modernista de pensar o mundo:

Os pós-modernistas defendem ser possível conhecer algo tendo como referência uma determinada perspectiva [...] Uma das principais influências do pós-modernismo nas metodologias qualitativas foi a modificação no entendimento da natureza da interpretação e no papel do investigador qualitativo como um intérprete. Ao invés de entenderem o material escrito (textos, manuscritos, artigos e livros) pelo seu valor facial, os investigadores qualitativos pós-modernos tomaram-no como objeto de estudo.

A forma como se interpretavam a pesquisa social com o olhar limitado apenas pela pesquisa quantitativa, tornava a interpretação dos dados um tanto quanto burocrática, fazendo com que os fenômenos fossem apenas compartimentados, classificados e organizados. A compartimentação dos elementos faz surgir aspectos relevantes que são menosprezados pelo pesquisador. As peculiaridades do cenário social são agrupadas de maneira rígida, o cenário social não é visto em sua completude de vivências e especificidades. A ruptura entre pesquisadores quantitativos e qualitativos foi necessária:

Os pesquisadores quantitativos desviam a sua atenção desse mundo e raras vezes estudam-no diariamente. Eles buscam uma ciência nomotética ou ética baseada em probabilidades resultantes do estudo de grandes números de casos selecionados aleatoriamente. Esses tipos de declarações encontram-se acima e fora das limitações da vida cotidiana. Os pesquisadores qualitativos, por outro lado, tem um compromisso com uma postura baseada em casos, idográfica, êmica, que direciona sua atenção para os aspectos específicos de determinados casos. (DENZIN & LINCOLN, 2006, p. 25)

Há uma preocupação sobre a descrição rica dos fatos postos, das nuances da vida cotidiana, da riqueza das palavras das pessoas comuns, não as ditas pessoas “relevantes sociais”. Tornam-se todos protagonistas de suas próprias vidas, de suas narrativas de vida. Esse tipo de detalhamento rompe com o processo de certas generalizações. Não há generalizações nas peculiaridades simplórias da vida social. Há riqueza e clareza nas simplicidades mundanas que não podem ser generalizadas numa escala matemática comum. Tudo é único! É vivo! A pesquisa qualitativa foge por completo dessa compartimentação de dados, da impessoalidade dos resultados descritos, acaba assumindo um olhar multiparadigmático:

A pesquisa qualitativa é um campo interdisciplinar, transdisciplinar e, às vezes, contradisciplinar, que atravessa as humanidades, as ciências sociais e as ciências físicas. A pesquisa qualitativa é muita coisa ao mesmo tempo. Tem um foco multiparadigmático [...] enquanto conjunto de práticas, envolve, dentro de sua própria multiplicidade de histórias disciplinares, tensões e contradições constantes em torno do objeto propriamente dito, inclusive seus métodos e as formas de suas descobertas. (DENZIN & LINCOLN, 2006, p. 21)

De certa forma, é preciso esclarecer a importância dos levantamentos sociais na educação para a construção científica da investigação qualitativa:

Os levantamentos sociais tem uma importância particular para a compreensão da história da investigação qualitativa em educação, dada a sua relação imediata com os problemas sociais e sua posição particular a meio caminho entre a narrativa e o estudo científico. (BOGDAN & BIKLEN, 1994, p. 23)

O levantamento social desencadeou a perspectiva de recolhimento de dados vivenciais com o objetivo de fortalecer mudanças sociais coerentes, de trazer informações vivenciais que representassem “micro atmosferas” dos cotidianos das pessoas ditas “comuns”:

O levantamento social encontrava-se a meio caminho entre os dois mundos: era conduzido com o objetivo de encorajar mudanças sociais, com base na investigação, e os seus métodos apresentavam os problemas em termos humanos. (BOGDAN & BIKLEN, 1994, p. 25)

A partir dessa visão reduzida do olhar limitado dos fenômenos que se tentava construir, se chegou à percepção de que era necessário criar novas categorias de percepção, definição e interpretação mais específicas para os problemas sociais, tendo em vista a complexidade dos mesmos de acordo com a evolução social avassaladora. Há uma preocupação interpretativa com a experiência humana, Denzin & Lincoln (2006, p. 21) explicitam esse aspecto:

Seus praticantes são suscetíveis ao valor da abordagem de múltiplos métodos, tendo um compromisso com a perspectiva naturalista e a compreensão interpretativa da experiência humana. Ao mesmo tempo, trata-se de um campo inerentemente político e influenciado por múltiplas posturas éticas e políticas.

A investigação qualitativa afirma seu caráter naturalista, tendo em vista que “o investigador frequenta os locais em que naturalmente se verificam os fenômenos nos quais está interessado, incidindo os dados recolhidos nos comportamentos naturais das pessoas: conversar, visitar, observar, comer, etc.” (BOGDAN & BIKLEN, 1994, p. 17). Os pesquisadores qualitativos possuem grande preocupação com os contextos sociais nos quais estão inseridos:

Os investigadores qualitativos frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto. Entendem que as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente de ocorrência. Os locais tem de ser entendidos no contexto da história das instituições a que pertencem. Quando os dados em causa são produzidos por sujeitos, como no caso dos registros oficiais, os investigadores querem saber como e em que circunstâncias é que eles foram elaborados. (BOGDAN & BIKLEN, 1994, p. 48)

Não apenas transitar pelos cenários sociais, o pesquisador qualitativo se introduz dentro dos mesmos, construindo uma postura com todo o cenário no qual está inserido. Sua inserção não é abrupta, muito menos passageira, deve ser repleta de significantes e significados que o auxiliarão na busca por respostas plausíveis ou não, a dualidade do achado quando se lida com cenários sociais complexos, como o espaço das ruas, por exemplo, deve ser levada em consideração.

A pesquisa qualitativa comportou esse novo cenário de busca de significados já que “introduz um novo sentido dos problemas; ela substitui a pesquisa dos fatores e determinantes pela compreensão dos significados” (GIROUX, 2010, p. 98).

Denzin e Lincoln (2006, p.17) definem a pesquisa qualitativa de maneira genérica, observando o campo histórico de evolução do conceito:

Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa para o mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles confiarem.

A pesquisa qualitativa entende que existe um compromisso no sentido de empregar mais de uma prática para se conseguir materiais empíricos, por isso faz uso do estudo de caso, experiência pessoal, história de vida, entrevista, textos e produções culturais, textos observacionais. Tem por intuito a descrição de momentos e faz com que os pesquisadores possam utilizar práticas interligadas com o objetivo de aumentar a sua compreensão sobre a mesma temática. Com esse campo vasto de possibilidades que podem ser utilizadas no recolhimento do material de análise, aumenta também a possibilidade de caracterização dos mesmos:

Os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números. Os resultados escritos da investigação contêm citações feitas com base nos dados para ilustrar e substanciar a apresentação. Os dados incluem transcrição de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, memorandos e outros registros oficiais. (BOGDAN & BIKLEN, p. 48)

Essa multiplicidade de possibilidades permite traçar diversas estratégias de investigação, alocadas dentro de um pensamento estruturado no plano empírico das experiências. No desenvolvimento da pesquisa é possível integrar no mesmo cenário: as pessoas, as instituições e os grupos diversos que introduzem volumes de materiais interpretativos de certa relevância. Denzin & Lincoln (2006, p. 36) explicitam essa multiplicidade de estratégias de investigação:

Uma estratégia de investigação também compreende um monte de habilidades, suposições e práticas que o pesquisador emprega ao deslocar-se do paradigma para o mundo empírico. As estratégias de investigação dão início aos paradigmas de interpretação. Ao mesmo tempo, as estratégias de investigação ligam o pesquisador a métodos específicos de coletas e de análise de materiais empíricos.

Há uma preocupação maior com as peculiaridades individuais, os laços sociais vividos por um pequeno grupo de sujeitos, ou até mesmo, por apenas um sujeito. Nesse caso, não é errôneo fazer essa redução qualitativa na ótica do olhar do pesquisador, pelo contrário, como esclarecem Bogdan & Biklen (1994, p. 17):

o investigador pode limitar-se a traçar uma caracterização minuciosa de um único sujeito. Nestes casos, onde o objetivo é o de captar a interpretação que determinada pessoa faz da sua própria vida, o estudo designa-se por história de vida.

Mais que apenas divagar pelos espaços de pesquisa, na lógica qualitativa, há a possibilidade de inserir o sentir do pesquisador no contato vivencial com os sujeitos que compõem a sua investigação. É a chegada de um novo paradigma que humaniza as relações, interfere num contexto conduzido por pessoas e que precisa de um olhar humanizador para lidar com tamanhas peculiaridades que o campo de pesquisa pode vir a tratar. Nesse diálogo com o cenário da pesquisa, as particularidades escritas ganham uma importância peculiar, tanto na concepção dos dados, quanto em sua análise. Bogdan & Biklen (1994, p.49) explicitam um pouco dessa premissa:

Ao recolher dados descritivos, os investigadores qualitativos abordam o mundo de forma minuciosa [...] A abordagem da investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para construir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo.

Denzin & Lincoln (2006, p.18) caracterizam o pesquisador na pesquisa qualitativa como uma espécie de *bricoleur*, sendo “um indivíduo que confecciona colchas, ou, como na produção de filmes, uma pessoa que reúne imagens transformando-as em montagens”. Esse mesmo *bricoleur* produz no âmbito da pesquisa uma espécie de *bricolage*, que nada mais é do que “um conjunto de representações que reúne peças montadas que se encaixam nas especificidades de uma situação complexa” (DENZIN e LINCOLN, 2006, p. 19). Um tipo

importante de *bricoleur* é o narrativo, que se caracteriza por defender que todos os pesquisadores que são contadores de histórias de seus mundos vivenciados.

Inserido nesse olhar sobre o ambiente da pesquisa e seu objeto de investigação, o pesquisador é capaz de optar por uma prática autor-reflexiva, acabando por utilizar os métodos ou materiais empíricos que lhes são disponíveis. As práticas de pesquisa e as indagações a serem feitas no ambiente de investigação são construídas levando em consideração o contexto empírico onde elas se situarão, ou até mesmo, elaboradas com o auxílio direto desse mesmo entorno social.

O pesquisador qualitativo acaba por construir várias imagens de um mesmo cenário, sobrepondo as diferentes percepções que adquire do mesmo espaço, fazendo uso da autorreflexão como maneira interpretativa do cenário social no qual está inserido. De maneira análoga, o pesquisador qualitativo acaba por confeccionar colchas, pedaços fragmentados da realidade dentro de um mesmo contexto situacional, no qual, “esse confeccionador costura, edita e reúne pedaços da realidade, um processo que gera e traz uma unidade psicológica e emocional para uma experiência interpretativa” (DENZI e LINCOLN, 2006, p. 19).

A triangulação de métodos permite intercalar múltiplos olhares, enxergar sobre formas singulares, “é a exposição simultânea de realidades múltiplas, retratadas. Cada uma das metáforas ‘age’ no sentido de criar a simultaneidade, e não o sequencial ou o linear” (DENZIN e LINCOLN, 2006, p. 20). É a interpretação complexa que permite com que a estrutura narrativa seja enxergada “como uma colcha, um texto de performance, uma sequência de representações que ligam as partes ao todo” (DENZIN e LINCOLN, 2006, p. 21).

A pesquisa qualitativa não foge desse emaranhado de possibilidades quando encarada em sua visão interpretativa. Denzin e Lincoln (2006, p.21) esclarecem a totalidade de tal dimensão:

A pesquisa qualitativa, como um conjunto de atividades interpretativas, não privilegia nenhuma prática metodológica em relação a outra. É difícil definir claramente a pesquisa qualitativa como um terreno de discussão ou de discurso. Ela não possui uma teoria ou um paradigma nitidamente próprio.

O grande arcabouço positivo da pesquisa qualitativa é não dimensionar em si a gama de possibilidades existentes, não findar-se em métodos comuns a sua prática. Os

pesquisadores qualitativos não se negam a usar métodos distintos como as estatísticas, as tabelas, os gráficos, arquivos, juntamente com a análise da narrativa, do discurso, dentre outros.

Devido a esse grau de multiplicidade, a pesquisa qualitativa sofre certo grau de resistência dentro do mundo científico. Os trabalhos exploratórios ou de cunho subjetivo são considerados por parte da comunidade científica como algo “não científico”. Os discursos contrários à pesquisa qualitativa partem daqueles que estão enraizados em métodos engessados que não conseguem absorver as dimensões que o subjetivo pode responder no campo de investigação:

O Olhar particular voltado para a experiência dos sujeitos, e também a empatia e o engajamento do pesquisador, não podem substituir o trabalho de elaboração dos conceitos e de interpretação dos dados. A própria experiência é uma construção que é preciso avaliar (GIROUX, 2010, p. 112)

Porém, há grande riqueza na pesquisa qualitativa já que seu âmago é “o mundo da experiência vivida, pois é nele que a crença individual e a ação e a cultura entrecruzam-se” (DENZIN e LINCOLN, p. 23). A pesquisa qualitativa não se restringe a isolar causa e efeito de um fato social, medindo-o ou quantificando-o apenas, pode utilizar essas duas demarcações, mas como ponto de auxílio na averiguação dessa forma de fazer pesquisa.

Um ponto positivo é o olhar sobre o modo de visão do sujeito da pesquisa, não em sua totalidade, mas tendo a consciência de uma aproximação maior sobre esse modo de ver o meio social. Dentro dessa aproximação sobre o ponto de vista do outro, o pesquisador qualitativo é capaz de dimensionar o mundo em constante mudança e refinar nesse mundo seu conjunto próprio de descobertas em relação aos desafios que o mesmo se propôs a investigar.

Dentro dos diversos tipos de pesquisa a abordagem qualitativa mostrou-se mais adequada para se atingir os objetivos propostos. Na presente pesquisa, optei por trabalhar privilegiando a dimensão (auto)biográfica dos sujeitos, através da representação simbólica de suas histórias de vida. No próximo tópico dedico-me a estas considerações.

## 2.2 A pesquisa (auto)biográfica: a construção de uma figura pública de si

*Uma narrativa biográfica não é um relatório de “acontecimentos”,  
mas uma ação social pela qual um indivíduo  
retotaliza sinteticamente a sua vida  
(Franco Ferrarotti).*

A sociedade contemporânea passa por um período em que as pessoas registram seus momentos pessoais de maneira rotineira, em alguns casos, realizam tal ação mesmo sem perceber tal fato em sua completude. O individualismo é fruto de uma evolução da maneira como as pessoas se relacionam, sendo esse emaranhado de relações, a consequência de voltar o olhar para si através de um egocentrismo preponderante:

O individualismo é, assim, uma produção da evolução social. Isso não quer dizer que o indivíduo não existe nessas sociedades ou que seus membros sejam as réplicas exatas uns dos outros: há, com efeito, uma individualidade física, afetiva, mental, mas ela é vivida unicamente com relação ao lugar ocupado na coletividade. (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 71).

Esse modo operante social deriva de uma sociedade burguesa que estabelece não apenas a relação do sujeito sobre a organização social, mas também por um conjunto que o mesmo acaba por formar ao longo de sua trajetória de vida:

A sociedade burguesa, fundada sobre o capital e a transformação do mundo pelo capital, não se define somente pelas relações de produção e poder que ele instala, mas também por um conjunto de representações atinentes à relação do indivíduo com a sociedade e determinantes para uma estrutura particular de consciência de si. (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 50)

A sociedade burguesa se manteve desde seus primórdios promovendo a ascensão da figura do burguês exaltando-o como “um ser autônomo, que se faz por ele mesmo, que tem seu caminho a fazer na vida, que deve encontrar seu lugar na sociedade” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 50). O sujeito é convidado a constituir sua subjetividade e suas identidades, num investimento incessante. A sociedade burguesa mudou também sua forma de construir as relações entre os seus sujeitos por meio das tecnologias da informação e da comunicação.

A propagação de tecnologias que permitem a construção de perfis pessoais em ambientes virtuais através da utilização de plataformas de comunicação em massa adentrou na vida das pessoas, dando a oportunidade para que cada sujeito possa construir a sua “autoimagem” (perfil) através de publicações com imagens, vídeos, pensamentos e notícias em sua página com um retrato pessoal. A ideia estabelecida nesses ambientes é a de dividir um pouco de si (fragmentos de traços identitários) nesses espaços, mas será que há muito daquele sujeito ali? Será que a construção do seu perfil num espaço coletivo, ou, a maneira como aquele sujeito lida com as pessoas cotidianamente reflete traços fidedignos de suas experiências pessoais?

Possivelmente tais indagações não serão respondidas facilmente, nem seria essa a intenção, porém, essas mesmas indagações podem ganhar um norte reflexivo se pensadas dentro de uma ótica específica: a ótica da construção biográfica de si.

Construir um pouco de si, na ótica acadêmica, pode vir a refletir na elaboração da pesquisa (auto)biográfica. Há um erro em sua dimensão prática quando “a biografia transforma-se frequentemente num relatório de acontecimentos, numa verdadeira ficha sociológica coisificadora” (FERRAROTTI, 2010, P. 42). Os esforços para o desenvolvimento e consolidação da pesquisa (auto)biográfica continuam, como esclarece Olinda (2011, p.158):

[...] a pesquisa (auto) biográfica, abordagem em desenvolvimento, não possuindo, portanto, regras consagradas em manuais de metodologia da pesquisa, mas que, tendo um percurso de três décadas, foi capaz de realizar elaborações teóricas e metodológicas consistentes, sendo assim, reconhecida no meio acadêmico de vários países nos diferentes continentes.

Mais que a elaboração de uma ideia peculiar, a pesquisa (auto)biográfica permite a reelaboração de pensamentos, possui “seu caráter formativo e emancipatório, baseado na reflexividade crítica” (OLINDA, 2011, p. 159). Ainda de acordo com Olinda (2011, p.59), inserida nessa forma significativa de pensar todo o processo de construção das vivências, “a pessoa humana é descoberta e valorizada na sua singularidade. O sujeito da formação aprende com suas experiências (abordagem experiencial)”. (OLINDA, 2011, p. 159)

Ferraroti (2010, p. 46) redimensiona a conceitualização da abordagem (auto)biográfica dentro de uma leitura sociológica tendo por intermédio uma hermenêutica da ação social dos sujeitos em sociedade:

Uma narrativa biográfica não é um relatório de ‘acontecimentos’, mas uma ação social pela qual um indivíduo retotaliza sinteticamente a sua vida (a biografia) e a interação social (a entrevista), por meio de uma narrativa-interação. A narrativa biográfica conta uma vida? Diríamos que narra uma interação presente por intermédio de uma vida.

No âmbito da educação, Delory-Momberger (2008, p. 26) dialoga sobre o princípio (auto)biográfico nesse parâmetro:

No polo educação-formação, ela é representada, particularmente, pela corrente das histórias de vida, cujos dispositivos tem o intuito de esclarecer projetos pessoais e profissionais a partir da apropriação de uma história pessoal [...] nesse sentido somos levados a definir o biográfico como uma categoria da experiência que permite ao indivíduo, nas condições de sua inscrição sócio-histórica, íntegra, estrutura, interpreta as situações e os acontecimentos vividos.

O homem não pode ser encarado dentro de uma redoma determinista onde é uma mera peça de um imenso jogo social onde não comanda as nuances de suas próprias ações massificadas. Dentro de uma visão determinista, não se possui um sujeito que conhece, mas um objeto que é apenas conhecido. Da mesma forma, a relação entre observador e observado obedece tal dinâmica. Não pode o observador entrar no âmago das questões do observado se o mesmo não se permite divagar diante da mesma perspectiva. O observador precisa se desarmar e pode ser conhecido também em sua profundidade, dentro do cenário social no qual se encontra imerso.

Existe uma razão dialética, histórica, que diverge do acaso para explicitar tais relações dentro do âmbito da pesquisa (auto)biográfica. O biográfico pode ser visto na perspectiva de um debate profundo sobre seus fundamentos epistemológicos, uma nova reflexão sobre os fundamentos do social, conforme elaborações de Ferrarotti (2010, p. 50):

Quando se trata de impedir que o individual seja empurrado para o ‘inconhecível’ e para o acaso, quando se trata de ter em conta a práxis humana, só a razão dialética nos permite compreender cientificamente um ato, reconstruir os processos que fazem de um comportamento a síntese ativa de um fragmento da história social a interpretar a objetividade de um fragmento da história social a partir da objetividade não iludida de uma história individual. Só a razão dialética permite alcançar o universal e o geral (a sociedade) a partir do individual e do singular (o homem).

A parte e o todo se relacionam permitindo a construção do paradigma singular plural, propiciadora de uma relação superadora da lógica que dicotomiza sujeito/objeto; social/individual; geral/particular.

No Brasil a premissa da construção de si ganhou norte investigativo valioso ao longo das últimas duas décadas, evidenciando a importância da abordagem biográfica dentro das pesquisas acadêmicas que pretendem não apenas adentrar de maneira superficial na constituição vivencial dos sujeitos, mas fazer valer suas formas de expressões subjetivas como fragmentos importantes na busca de significados sociais. Eggert & Fischer (2012, p. 11) dimensionam tal importância em solo brasileiro:

Em terreno propriamente brasileiro, o tema da ‘invenção de si’, com as potencialidades que ele abrange em termos de construção dos sujeitos, é um tema extremamente promissor, na medida em que se refere muito diretamente à multiplicidade das configurações culturais brasileiras e na variedade das construções identitárias e biográficas, tal como elas se inscrevem na realidade (em realidades plurais) do país e de sua população.

A pesquisa (auto)biográfica vem se constituindo como espaço de investigação autônomo servindo, como campo de conhecimento nas ciências humanas e sociais, através de seu modo de compreensão diante de realidades distintas, atuando como instrumento valioso de fornecimento de conhecimento para diversas disciplinas. Edger e Fischer (2012, p.11) reforçam estas ideias mencionando que “a abordagem biográfica não é mais conhecida apenas para fornecer instrumentos de pesquisa a diversas disciplinas. Ela se torna um modo de compreensão por si mesma, trazendo dentro de si seu próprio valor hermenêutico e heurístico”.

Antes de prolongar o diálogo, é necessário indagar sobre a construção do significado etimológico de (auto)biografia e seus significados específicos. Sendo assim, interpretando os significados em sua terminologia linguística, (auto)biografia, se constitui pelo prefixo **Auto**, que significa “eu”, já **Grafia** significa “estudo” e **Bio**, por sua vez, significa “vida”, ou seja, (auto)biografia é a construção de um estudo sobre a vida do sujeito por ele mesmo e desse mesmo sujeito em coletividade, já que as mediações vivenciais que perpassam a vida dos sujeitos em sociedade partem do princípio do viver em coletividade.

Ainda sobre o significado do termo (auto)biográfico e suas especificidades, Passegi e Barbosa (2008, p.46) traçam esse percurso explorando-o mais claramente, tendo em vista as indagações que estão inseridas em sua representatividade etimológica:

Com relação à pergunta ontológica sobre ‘o que é o eu (Auto)?’, a subjetividade de quem narra a transforma em termos processuais e temporais: ‘Como me tornei quem sou? O que estou sendo? O que posso vir a ser?’ Com relação à vida (Bio), o que importa ao narrador é saber: ‘O que fiz da vida? O que a vida fez de si? E o que faz agora com o que a vida lhe fez?’ Quanto à escrita (Grafia), trata-se de apropriar-se dela como instrumento de expressão, reflexão e expansão de si: ‘Como escrevo a minha história? O que aprendo com a escrita de minha vida? Para que ou para quem escrever?’.

As indagações presentes quando o sujeito passa a se questionar sobre sua própria trajetória de vida permitem dimensionar o quão é importante esse processo de biografização. Construir fragmentos de si para buscar a compreensão do todo é um exercício livre de tomada de consciência em busca de respostas para suas indagações internas, já que a “biografização é, desse modo, uma ação permanente, de figuração de si que se atualiza na ação do sujeito ao narrar sua história, a tal ponto que ele se confunde com esta” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 17).

O ato de se propor uma construção biográfica de si, faz com que os sujeitos possam refletir sobre o vivido e pensar em aspectos ligados ao futuro, principalmente para aqueles que vivem sobre a rotina das grandes metrópoles urbanas onde o tempo é cíclico e as vivências são praticamente pulverizadas devido ao grande volume das mesmas. É necessário que se pare, reflita e almeje novos projetos, projetos de vida, pois “na cidade por projetos, não se pode viver sem eles e só se vive com pessoas com as quais se engaja por intermédio deles” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 18).

O fato de projetar aspectos futuros demanda que os sujeitos tenham plena consciência dos fatos passados, pois o futuro é o resultado concreto das representações vivenciadas anteriormente, Delory-Momberger (2008, p.18-19) ressalta a importância da reflexão biográfica como mote organizacional da vida:

A reflexão biográfica não forma o sujeito em alguma disciplina particular; ela prepara e dispõe o sujeito para a formabilidade, ou seja, para a sua capacidade de tomar consciência de si como aprendente, de saber observar o que aprende e como aprende, e de decidir sobre o que fazer com o que aprendeu.

A história de vida não se restringe apenas a personalidades notórias da sociedade, figuras de classes sociais mais privilegiadas, pelo contrário, “histórias de vida de indivíduos de camadas sociais diversas a respeito de um mesmo momento ou acontecimento são, por exemplo, preciosas fontes de dados e controle.” (SIMSON, 1988, p.28). Pineau (2012, p.103) mostra essa ruptura em história de vida de pessoas comuns ganharem sua notoriedade devida, mostrando que “neste início de milênio, a vida que procura entrar na história não é mais somente a dos notáveis, mas a de todo aquele que deseja ter domínio sobre a sua própria vida e que se lança nesse exercício até então reservado à elite”.

A vida dos sujeitos revela suas práticas sociais dentro de um corte horizontal da práxis humana em sociedade. Não há como dissociar tal pensamento quando se dialoga sobre a conceitualização de (auto)biografia. Todo e qualquer comportamento humano pode ser condicionado na representação de uma síntese da estrutura social vigente, como expressa Ferrarotti (2010, p. 44):

Uma vida é uma práxis que se apropria das relações sociais (as estruturas sociais) interiorizando-as e voltando a traduzi-las em estruturas psicológicas, por meio da sua atividade desestruturante e reestruturante [...] o nosso sistema social encontra-se integralmente em cada um dos nossos atos, em cada um dos nossos sonhos, delírios, obras, comportamentos. E a história desse sistema está contida por inteiro na história da nossa vida individual.

O sujeito não é só atingido pelo social, mas o impacta e o interpreta em sua subjetividade. Houve a necessidade de abandonar um modelo retilíneo de fazer a interpretação dos sujeitos dentro de uma mesma estrutura social. A singularidade de suas ações sociais dentro de um mesmo núcleo formador faz do sujeito o reflexo de uma generalização social, porém, se constitui como parte de um “todo”, as suas especificidades ajudam a compreender esse “todo” social:

O indivíduo não é epifenômeno do social. Em relação às estruturas e à história de uma sociedade, coloca-se como um polo ativo, impõe-se como uma práxis sintética. Mais do que refletir o social, apropria-se dele, mediatiza-o, filtra-o e volta a traduzi-lo, projetando-se numa outra dimensão, que é a dimensão psicológica de sua subjetividade. (FERRAROTTI, 2010, p. 44)

Dessa forma, surge a exigência da construção de uma hermenêutica social dos sujeitos comuns da sociedade, uma aposta científica que opta por valorizar um sujeito que se reencontra dentro de seu conjunto de aspectos vivenciais, o olhar pra si de maneira holística ganha a notoriedade de maneira organizada, como afirma Ferrarotti (1979, p. 35):

Situa-se frequentemente no quadro de uma interação pessoal (entrevista); no caso de uma qualquer narrativa biográfica, essa interação é bastante mais densa e complexa que as relações observador-observado admitidas pelo método: cooptação do observador, na verdade do observado, mecanismos de manipulação recíprocos dificilmente controláveis, ausência de pontos de referência objetivos, etc.

A construção (auto)biográfica é utilizada para compreender dentro de um sentido crítico, organizado, os saberes e perspectivas de mundo estabelecidas pelo outro. “A subjetividade própria de toda a narrativa ou documento biográfico é iludida por uma hermenêutica da biografia, que só utiliza os seus aspectos objetivos” (FERRAROTTI, 1979, p. 39).

No âmbito prático da atuação do pesquisador em campo, a entrevista de caráter biográfico acaba por se configurar como uma interação completa, envolta sobre um conjunto de expectativas, de papéis estabelecidos, normativas e de valores inseridos de maneira implícita nessa relação. Nesse ponto de vista é correto afirmar que “o entrevistador nunca está ausente. É sempre recíproco, mesmo se aparentemente se recusa a toda a reciprocidade” (FERRAROTTI, 2010, p. 46).

Cabe ao pesquisador identificar os espaços sociais onde existam agentes de transformação sociais ativos, que acabam por totalizar a dimensão sociocultural de seu contexto. São esses sujeitos que reestruturam seu sistema social, traduzindo ativamente a totalidade social dentro de microestruturas formais e informais de agrupamentos. Para o desenvolvimento da presente pesquisa foi fundamental entender este aspecto entre sujeito e grupo tão bem exposto por Ferrarotti (2010, p.54), através da seguinte passagem:

O próprio grupo torna-se por sua vez (e simultaneamente) o objeto da práxis sintética de seus membros. Cada um deles lê o grupo a partir de sua perspectiva individual. Cada um deles se constrói psicologicamente como um “eu”, a partir da sua leitura do grupo que faz parte. (FERRAROTTI, 2010, p. 54)

O grupo acaba por transpor a barreira entre o individual e o meio social, refletindo tal visão interacionista. Esse meio social pode ser considerado a totalização do contexto social e o modo operante como cada sujeito do grupo reage a esse contexto cotidianamente. O grupo é privilegiado para as interações entre o ser na sua dimensão psicológica e o ser na sua dimensão sócio-política.

É um espaço onde os momentos de integração entre o dito “eu”, a dimensão psicológica, o universal e tudo aquilo que ajuda a completar tal dimensão. Um universo singular que acaba protagonizando o método biográfico.

Faz parte da dimensão da vida adulta que todos os setores da vida influenciem na construção das diversas formas de ser e viver em sociedade. Existe uma gama de expectativas onde o biográfico acaba funcionando como vetor de transformação. Como ator biográfico, cada sujeito acaba “educando a si” para poder vivenciar de maneira qualitativa tais transformações. A formação na vida adulta também é importante para a transformação de si, como assevera Delory-Momberger (2008, p. 23):

A formação na vida adulta deve poder, portanto, beneficiar-se de uma pluralidade de suportes educativos, culturais e afetivos, assim como de espaços diversificados de socialização. A construção esperada de si exige que se nomeiem os recursos para sua realização.

O acesso às narrativas na fase adulta tende a definir os indivíduos tomando como base seu conjunto de experiências, tendo cuidado na aquisição de tais conteúdos, avaliando-os dentro de uma dimensão pedagógica que enxerga esse fator imerso em um caráter educativo. A construção biográfica de si é uma tarefa educativa, construída em comunhão. “Construir uma história de vida é constituir um terceiro tempo histórico pessoal que articula de modo singular vestígios, lugares e datas no curso da vida social e cósmica”. (PINEAU, 2012, p. 114).

Ao narrar sobre si em um processo consciente de biografização, o sujeito acaba por construir um entendimento sobre o vivido, passando a equilibrar determinadas representações que o mesmo venha a construir ao longo do curso de sua existência, isso acontece na forma de uma “hermenêutica prática”, como expõe Delory-Momberger (2008, p. 27):

Essa atividade de biografização aparece como uma hermenêutica prática, um quadro de estruturação e significação da experiência por intermédio do qual o indivíduo se atribui uma figura no tempo, ou seja, uma história que ele reporta a um si mesmo [...] o biográfico é considerado como material bruto que, uma vez submetido a triagem e recortes, pode dar acesso de forma concreta e legível aos fatos sociais e aos comportamentos coletivos.

O ato de construir uma narrativa de si produz uma trajetória, um roteiro, um enredo. Fazemos esse processo de maneira organizada e, às vezes, cotidianamente, sem percebermos. Ao fazermos um currículo escolar, um currículo profissional, estamos padronizando parte de nossas experiências, vivências e expectativas de maneira simplória e focalizada. Esse trabalho de construir narrativas de si de maneira direta ou indireta se denomina como biografização, que na teoria “não é somente um processo sócio-historicamente inscrito, formal e estruturalmente determinado; é um processo essencial de socialização e de construção da realidade social.” DELORY-MOMBERGER (2008, p. 29).

O processo de imergir em si é um momento rico da sociedade contemporânea. Numa busca incessante sobre os percursos pessoais, os sujeitos acabam entrando em seus caminhos vivenciais visando encontrar respostas para suas próprias indagações internas. É um período de individualização e reflexividade que acaba por gerar inúmeros outros questionamentos saudáveis para quem busca suas próprias respostas. As histórias de vida, produzidas por estas narrativas, são pedaços de momentos de aprendizagens, tudo acaba por fazer parte das peculiaridades na ótica da formação humana:

A maneira como os indivíduos biografam suas experiências e, em primeiro lugar, a maneira como integram em suas construções biográficas o que fazem e o que são na família, na escola, na sua profissão e na formação continuada são parte integrante do processo de aprendizagem e de formação [...] o biográfico atravessa e estrutura as dinâmicas de formação e de aprendizagem e nelas investe. (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 30)

Nos espaços onde as estruturas informais de linguagem predominam, como os espaços dos sujeitos que vivem em situação de rua, os sujeitos vão se apropriando de sua vida por meio da contação de suas histórias e dos ecos que elas produzem na coletividade. É dessa forma que as figurações postas nas falas representam a existência humana. Ao longo da formação social, desde os primórdios, o homem em aprendizado com o mundo, trilha caminhos onde pode expressar a representação de si, representação essa delineada por Delory-Momberger (2008, p.35), nos seguintes termos:

Tanto na sua linguagem mais coloquial quanto nas criações mais elaboradas, os homens recorrem a palavras e imagens que transpõem para uma representação espacial o desenvolvimento temporal de sua existência: linha, fio, caminho, trajeto, estrada, percurso, círculo, carreira, ciclo da vida. O homem escreve no espaço a figura de sua vida.

A própria representação simbólica de sua vida seja pela escrita, por imagens ou através da fala, traz a tona o caminho percorrido pelo vivido. Porventura esse vivido antes fosse mascarado pelas nuances de uma trajetória de vida pesada, agora é envolto em um conjunto de determinantes importantes, como a sua nova percepção sobre o fato ocorrido e o trajeto de reconstrução desse fato ao expressá-lo novamente.

A biografização é um processo que exige mediação e que se utiliza de diferentes instrumentos e gêneros textuais, pode ser construída de várias formas: diários, cartas, biografias, autobiografias, memórias, etc., podem resumir como os sujeitos dentro de um determinado espaço temporal “biografou” a sua existência, narrou em traços simbólicos o seu percurso existencial.

A história de vida acaba acontecendo na narrativa. Por isso que a narrativa autobiográfica se configura com tanta importância, pois insere um movimento interpretativo sobre o vivido. Estabelece-se a construção de uma hermenêutica dentro da história de vida, como elucidada (Delory-Momberger, 2008, p. 56-57):

A narrativa (auto)biográfica instala uma hermenêutica da ‘história de vida’, isto é, um sistema de interpretação e de construção que situa, une e faz significar os acontecimentos da vida como elementos organizados no interior de um todo [...] a (auto)biografia fornece um modelo tangível do modo como nossa consciência trabalha o material da vida, díspar, heterogêneo, fragmentado, para constituir-lo em um conjunto dotado de unidade e coerência.

O trabalho com material biográfico age na relação da construção total da vida pela soma de suas partes integradas. Quem profere a biografia, aquele que introduz a fala para a construção dos sentidos também pelo biógrafo, representa a sua vida como um todo, e num processo de reflexão, relaciona os momentos de sua existência para deles extrair os significados que lhes são pertinentes. O “trabalho biográfico orienta-se no sentido de uma análise das práticas e dos processos sociais. Também nesse caso, não se trata tanto de obter um relato de vida por ele mesmo, mas, antes, um relato de práticas”. (PINEAU, 2012, P. 34)

Existem pessoas que tornam suas vidas enredos escritos de vivências ricas. A coragem por fazê-la vem de pessoas fortes, cujos momentos experienciados podem ser dialogados, mesmo que haja mágoas, a libertação através da fala revela profundo fator de busca por uma resiliência já no aspecto autobiográfico:

Querer fazer de sua própria vida uma história, é querer ter acesso à historicidade, ou seja, à construção pessoal de sentido a partir dos sentidos estabelecidos, dos não-sentidos e dos contra-sensos que escandem e balizam a experiência vivida dos intervalos, nascimento e morte, organismo e meio ambiente. (PINEAU, 2012, p. 111)

Uma narrativa biográfica não é estática, ela se dobra e desdobra na tentativa de encontro com significados e significantes, um movimento giratório que visualiza as ações interagindo entre si de maneira ininterrupta. A vida é ininterrupta assim como a construção de significados que os sujeitos acabam dando a ela cotidianamente. “A história, etimologicamente, é uma busca, uma construção, uma ‘tessitura’ de sentidos a partir de fatos temporais”. (PINEAU, 2012, p. 119).

Sobre os sentidos que construímos Delory-Momberger (2008, p. 58) dialoga sobre a reconfiguração perpétua que os sujeitos acabam por realizar:

O sentido que damos ao percurso de nossa vida não se cristaliza em formas definitivamente fixas. A cada momento, os eventos passados da história da vida são submetidos a uma interpretação retrospectiva, que é, ela mesma, determinada pela antecipação do futuro [...] A unidade da biografia, recomposta incessantemente, constitui-se, assim, sobre a acumulação de significações retrospectivas que reinterpretam implicitamente o conjunto do curso de vida, inclusive suas interpretações anteriores.

É na relação com o meio social e com suas projeções refeitas que o sujeito acaba por compreender a si, assim como compreende aos outros na partilha de seus próprios significados comuns, como a linguagem utilizada, fazendo com que se estabeleça a relação reflexiva entre ambos. A figura que se constrói sobre o outro é uma apropriação, o sujeito apropria-se dos signos, seus significados e significantes, para o ajustamento na construção de si. Os homens são naturalmente seres projetados, um projeto de si que visa realizações concretas. Sem projeção de si há uma quebra de perspectivas:

Os homens são seres fundamentalmente projetados, no duplo sentido de, ao mesmo tempo, serem planejados e arremessados para adiante. Toda atividade humana, tanto a mais rotineira, como a mais excepcional, implica um horizonte de possibilidade, um espaço à frente dela mesma que a lança na existência e lhe dá a sua finalidade e sua justificativa. (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 63)

Como projeto de si, tais projeções excedem os projetos individualistas, as dimensões que buscamos alcançar, essa projeção é construída para que tais projetos sejam efetivados. Como projeção, é preciso a relação entre espaço-tempo para que ocorra a projeção de si.

O projeto de si se atualiza de maneira ininterrupta nas mediações que temos com as coisas e com as pessoas. Um fluxo natural de estar em sociedade auxilia na projeção de si para que esse movimento de encontros e reencontros não se anule. O sujeito acaba por dimensionar as projeções em suas próprias “auto” imagens. É esse mesmo sujeito que dimensiona e seleciona as imagens que tem de si, ao ponto de usá-las da maneira que o mesmo determina. “O impulso do projeto de si permite fazer acontecer a fábula de uma história que desenha um futuro possível e se concretiza em projetos singulares” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 65).

Houve um distanciamento em torno da adequação de um mesmo homem dentro de uma sociedade. A multiplicidade de relações e de vivências descentralizou esse sujeito inserido dentro de um mesmo movimento social. O sujeito na modernidade tardia é permanentemente convidado a reinscrever seu papel, não temendo a reversibilidade das relações. A mutação em torno do novo pelo vivido é cíclica e acompanha a evolução da sociedade. Surge a figura do homem plural, como destaca Delory-Momberger (2008, p. 75):

Ele não é mais o representante de um grupo e da lógica social inerente a esse grupo, mas o produto complexo de experiências socializadoras múltiplas. O percurso biográfico define-se, então, como o movimento segundo o qual um indivíduo encadeia e vincula perfis de inserção múltiplos através do espaço social.

O fato do homem se pluralizar em torno do seu meio social não implica num sujeito que se coloca com atemporal, pelo contrário, consegue autonomia diante de seus atos e pensamentos para agir sobre uma sociedade heterogênea do qual faz parte.

Nenhuma forma acadêmica consegue captar o conjunto de transformações tendo apenas a visão exterior dos fatos. É segregador o olhar que parte apenas dos aspectos externos

para ter conhecimento da subjetividade humana. Um pecado de uma grande parte dos cientistas sociais foi querer impor esse olhar como onipotente, renegando o olhar subjetivo:

Nenhuma instância acadêmica (não importa qual instância seja ela) está em condições de perceber, do exterior, essas formas de saber que escapam à simples observação e são recusadas como modelo. Nenhuma jurisdição externa é capaz, sobretudo, de restituir o percurso de experiências e de saberes envolvidos que constitui a vida de um indivíduo. (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 91)

A construção das histórias de vida dentro do meio científico reemergiu a partir da década de 1970 devido à necessidade de uma renovação metodológica pela crise estabelecida dos métodos das pesquisas sociais. As ciências sociais passaram por uma espécie de esgotamento de suas formas de fazer pesquisa, o que se utilizou até então pareceu refletir a tentativa frustrada do pesquisador, na figura central o sociólogo, que desfragmentou o social, sem dar a importância das especificidades para compreendê-lo em sua plenitude.

Havia a necessidade de uma renovação, de um mergulho em métodos capazes de compreender os microcosmos de interação dos sujeitos. “A subjetividade ativa da (auto)biografia dilui-se na vida objetiva da biografia dos acontecimentos” (FERRAROTTI, 1979, P. 39). A concepção sobre a utilização das histórias de vida na pesquisa científica ainda não era compreendida em sua totalidade de pensamento. Simson (1988, p.28) deixa clara a percepção sociológica na época em que se iniciou o processo de eclosão das mesmas:

O levantamento da história de vida tem sido ora remetido para o início da pesquisa, a fim de se formularem questões pertinentes cuja investigação seria efetuada por meio de emprego de outras técnicas [...] uma vez captada e analisada uma história de vida apresenta ela informações cuja amplitude pode ser em seguida pesquisada por meio de amostragem estatística e utilização de questionários.

Havia uma busca simbólica de compreender os processos sociais em suas especificidades, na dimensão micro. Para Ferrarotti (1979, p. 35) tratava-se “da necessidade do concreto; as grandes explicações estruturais, construídas a partir de categorias muito gerais, não satisfazem os seus destinatários” Com esse quadro de mudanças de paradigmas existente na época, “a biografia que se torna um instrumento sociológico parece poder vir a assegurar essa mediação do ato à estrutura, de uma história individual à história social” (Ferrarotti, 1979, p. 35).

Cresceu a busca por uma abordagem que se voltasse para a importância dos sujeitos no âmbito da pesquisa, dessa necessidade eminente surge o método biográfico, pesquisa em formação, ou, pesquisa (auto)biográfica, como prefiro nomear seguindo uma tradição brasileira quase consolidada nas seis edições do Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica (CIPA). A pesquisa (auto)biográfica passa a refinar o olhar sobre os sujeitos, trazendo à tona as concepções subjetivas, qualitativas, indo de encontro à concepção metodológica da sociologia que se baseava no esquema hipótese-verificação. Dentro desta abordagem há um forte clamor por um mínimo de definição no desfecho metodológico, como explicita Edger e Fischer (2012, p. 13):

Situada entre as singularidades de alguma forma definicional de seu objeto e a necessidade de uma formalização científica, a pesquisa (auto)biográfica deve elaborar instrumentos e métodos que lhe permitam, não apenas conciliar essas duas exigências, mas também responder metodologicamente à pergunta que coloca teoricamente, a saber, a fabricação do mundo interior do mundo exterior, a metabolização e a apropriação pelo indivíduo de todos os tipos de ambientes aos quais pertence.

A pesquisa (auto)biográfica se configura como um espaço metodológico de criação e produção dentro dos domínios do vivido, do conhecimento e do formativo. O aspecto ético constitui-se em profunda preocupação, não apenas por exigências de validação científica, mas, sobretudo, pelos objetivos emancipatórios inerentes ao campo:

A pesquisa (auto)biográfica ao que constitui a dimensão ética de seu método, a saber, a preocupação em esclarecer as condições sob as quais a palavra de si pode constituir para o sujeito um vetor de apropriação de sua história e de seu projeto e, assim, contribuir para uma perspectiva 'emancipadora' das pessoas e dos grupos humanos. (EDGER & FISCHER, 2012, p. 15).

Os esforços para que a pesquisa (auto)biográfica seja reconhecida em toda a sua plenitude investigativa, formativa de intervenção social tem se deparado com grandes obstáculos e incompreensões, sobretudo por romper com paradigmas já consolidados no mundo acadêmico. Mesmo assim, o CIPA realizado na cidade de Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte no ano de 2008, o presidente da Associação Nacional de Pesquisa (Auto)Biográfica (BIOGRAF), anunciou a existência de 246 diretórios de pesquisa

registrados no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) que se filiaram a essa abordagem teórico-metodológica.

Não haveria de ser diferente, já que as novas premissas, oriundas de quaisquer aspectos da sociedade, sofrem críticas iniciais para que se fundem. Na década de 1980 os estudos sobre histórias de vida ganham mais notoriedade, evidenciando a busca por paradigmas que contemplassem diferentes âmbitos da pesquisa, até então, deixados de lado. Conforme analisa Pineau (2012, p.80), “filosoficamente, observa-se também, na virada da década de 1980, um desinteresse pelas pesquisas voltadas, de modo exclusivo, para as estruturas, nas quais o sujeito desaparece, ofuscado por dados formais e abstratos”.

Pineau (2012, p. 97) reitera a importância das histórias de vida, através da construção biográfica, como ponto de articulação entre homem e meio ambiente (meio social):

Essas falas subjetivas que, a alguns, podem parecer cientificamente irrisórias, são vitais para o sujeito, uma vez que elas o articulam com seu meio ambiente, tanto quanto este último as articula. São importantes também para os outros sujeitos que querem encontrar essa vida em sua atividade singular de conjugação (de autore-eco-organização) de seus elementos internos e externos, mesmo que sejam negativos.

O processo de biografização dialoga sobre os tempos de vida, os espaços de aprendizagens imersos nesses percursos temporais. Dessa forma, a biografização se configura como “uma ação permanente de figuração de si que se atualiza na ação do sujeito ao narrar sua história, a tal ponto que ele se confunde com esta”. (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 17). A ideia de a biografização colocar em ação a figura do “indivíduo-projeto”, sendo que nisso o sujeito percebe-se como sujeito de real importância, fazendo um processo de consciência crítica de si através da construção de sua (auto)biografia.

Delory-Momberger (2010, p. 18) questiona o papel dos sujeitos como verdadeiros gestores de suas vidas, no sentido da importância da aprendizagem para nos tornarmos mais humanizados diante coisas e das pessoas:

aproximar e problematizar os vínculos entre auto-bio-grafia e educação, para ampliar as margens de reflexão sobre a formação, o conhecimento das aprendizagens da historicidade de si e as aprendizagens das histórias de si [...] é necessário que essa formação biográfica possa tornar-se um dispositivo heurístico, de descobertas de sentido para a vida, para todos.

Além da dimensão da aprendizagem que se quer metrificada, linear, existe um processo de aprendizagem interna de redimensionamento de si. É uma aprendizagem que imergi no sujeito para emergir diante do meio social no qual reside. Só há construção de algo interno se esses fatores internos estiverem amadurecidos de maneira que possa ser expostos de maneira coesa. É a aprendizagem “da sua verdade” que deve também ser trabalhada. Para Delory-Momberger (2008, p.46) essa verdade ou “disposição interior, passa pela descoberta progressiva de si mesmo e por uma iniciação que vai leva-lo a reconhecer seu ponto de harmonia consigo mesmo, como os outros e com o mundo”.

Influenciada pela hermenêutica filosófica de Paul Ricouer, Delory-Momberger (2010) propõe uma “hermenêutica prática”, que faz da tarefa do ser humano que é a de interpretar o mundo ao seu redor como sua premissa vital. Delory-Momberger (2010, p. 23) acredita na construção biográfica de si como uma ação educativa tendo em vista que “a exigência de construção biográfica seja considerada como uma prioridade, necessitando que se coloque em discussão a concepção da ação educativa ‘ao longo da vida’”.

Após o período de ascensão do modelo social capitalista, as pessoas passaram a querer registrar suas vidas, os protagonistas do cotidiano comum foram em busca de um autoconhecimento a partir de suas próprias vivências. Perceberam, a partir de então, o quanto seria rico seu ciclo vivencial.

A sociologia clássica parecia não saber responder esse emaranhado de peculiaridades que essa nova realidade contemporânea trouxe consigo. Conforme menciona Ferrarotti (2010, p. 35), a sociologia clássica “é impotente para compreender e satisfazer essa necessidade de uma hermenêutica social do campo psicológico individual”.

Haveria a necessidade de um instrumento sociológico que permeasse o entendimento dessas peculiaridades. Nessa ótica, se incide a crise do método, onde o método biográfico para ganhar aceitação maior, deveria se estabelecer como método científico, esse é o grande mote de discussão e de luta travada entre aqueles que o compreendem com a importância que lhe é cabível, apesar de alguns reducionismos feitos pelos que ainda insistem em questioná-lo, dentre estes “procurou-se utilizar o método biográfico, anulando completamente a sua especificidade heurística”. (FERRAROTTI, 2010, p. 37).

Ferrarotti (2010, p.36) procura conceituar de modo uniforme o método biográfico, em relação à importância que o mesmo adquiriu imerso no presente contexto:

O método biográfico pretende atribuir a subjetividade um valor de conhecimento. Uma biografia é subjetiva a vários níveis. Lê a realidade social do ponto de vista de um indivíduo historicamente determinado. Baseia-se em elementos e materiais na maioria dos casos autobiográficos e, portanto, exposto a inúmeras deformações de um sujeito objeto que se observa e se reencontra.

Na verdade, pensar a vida é um desafio até para pessoas que não possuem uma gama de experiências que, por exemplo, um sujeito em situação de rua com sua teia de vivências, acaba por possuir. O processo de auto-imersão no conjunto íntimo de sentimentos e possibilidades é um desafio, “pensar a vida, é, paradoxalmente, num primeiro momento, afastar-se-dela, desdobrar-se, alargar essa ‘implicação’, abrir-se um entre dois” (PINEAU, 2012, p. 99).

A lógica da abordagem biográfica permite que haja uma ruptura entre a separação do concreto com o subjetivo dentro do fato social. Não existe um paradoxo intransponível, pelo contrário, há uma relação estabelecida que buscou fazer com que ambas as perspectivas dialoguem entre si, permitindo que as percepções do vivido e do sentido integrem-se, configurem-se, para que se estabeleça um ponto de partida dialógico, pelo menos no que concerne à dimensão temporal dos fatos.

É na dimensão temporal que estabelecemos a origem de nossas histórias, mesmo que esse espaço-tempo não seja linear, o tempo atua como ponto de partida para que os acontecimentos ganhem vida e sejam interligados entre si num momento posterior, de ordenamento das ações. Para mediarmos a nossa história, precisamos do viés da figuração narrativa, o que Delory-Momberger (2008, p.36) acaba por denominar de fato biográfico:

O que chamamos de fato biográfico é esse viés da figuração narrativa que acompanha o percebido de nossa vida, esse espaço tempo-interior, segundo o qual representamos o seu desdobramento, sobre o qual nos situamos, sem conhecer exatamente o momento e o lugar que ocupamos na figura de conjunto que lhe atribuímos.

O fato biográfico se apresenta como viés catalisador de acesso aos fatos da nossa vida, é uma espécie de representação mental, que antecede o ato da escrita, o fato biográfico encontra na narrativa a sua forma de expressão imediatista, “a narrativa apresenta-se como

linguagem do fato biográfico primordial, como o discurso no qual escrevemos nossa vida” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 37).

Ainda na década de 1980, houve a eclosão nessa busca de mudança de paradigmas, essa idealização firmou-se, deixando claro que o movimento buscava uma nova forma de abordagem nas ciências, o que estava posto não supria mais as novas necessidades de se produzir conhecimento:

É necessário então mudar os modelos de abordagem e as lentes conceituais para esclarecer esse resíduo que constitui o continente quase inexplorado da educação permanente em que cada pessoa produz sua vida. (PINEAU, 2006, p. 330).

As histórias de vida em formação mostraram excelentes instrumentos de construção de si em diversos setores profissionais, nos diferentes setores sociais e para finalidades múltiplas. Esse processo de eclosão foi conquistado partindo dos “micros”, para os “macros” espaços científicos, a necessidade partiu dos objetos de pesquisa, tendo em vista que os mesmos exprimiam essa crise paradigmática entre os modelos pré-existentes já saturados e lançavam a chegada de novos modelos. “Na realidade, essas práticas projetaram não apenas os ‘objetos sociais’ que ousaram tomar a palavra, como sujeitos. Além disso, esses sujeitos falavam deles e queriam escrever suas vidas para buscar sentido nisso”. (PINEAU, 2006, p. 333).

Na década de 1990, deu-se o fortalecimento dessa quebra de paradigmas, além da produção que diversificaram o movimento das histórias de vida. O foco central das ações deu-se em torno da construção identitária do movimento na figura de diversas associações que solidificaram os espaços de discussão do grupo e ampliaram o lócus de atuação até então estabelecido.

A construção de si permeia a lógica de um estado de vazio por uma etapa da vida, é aquela sensação de incompletude, se configura como uma não articulação entre temporalidade e espaço. Em suma, é a tentativa do próprio sujeito de unir o espaço real da projeção que o mesmo criou em relação ao seu percurso em vida. Construir a si mesmo vincula-se a ter projetos e a inseri-los na dinâmica social.

Delory-Momberger (2008, p.64) insiste na importância da mediação biográfica para que dê forma a estes projetos:

Se o projeto de si excede sempre os projetos particulares que tenham objetiva-lo, ele precisa, no entanto, dessas mediações para se *dar forma* e deve encontrar a situação espaciotemporal na qual elas vão se desenvolver e se realizar. Entre essas realizações algumas envolvem uma temporalidade longa (p.64).

O projeto de si é alimentado pela projeção contínua que o sujeito faz baseado em aspectos de sucesso e fracasso construídos em suas representações, levando em conta também o olhar julgador do outro nessa relação:

Nessas condições projetivas, o pensamento e o olhar dos outros desempenham um papel de espelho: vejo-me no olhar do outro e adapto minha imagem ao olhar que empresto ao outro sobre mim mesmo. Construo-me, assim, na projeção do olhar do outro, na antecipação da leitura do outro. (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 65).

Dentro do processo biográfico, a projeção de si é um pouco dos devaneios que criamos em torno de nossas expectativas positivas confrontadas com aspectos vivenciais de nossa singularidade enquanto seres humanos que se desenvolvem e se constituem em sociedade. Na perspectiva da construção biográfica, o sujeito é autor da história de si, como o reflexo num espelho, ele é capaz de reconhecer e de se reconhecer em suas narrativas. Sua história de vida atua como trampolim para a compreensão holística de si:

A história de vida não é a história da vida, mas a ficção apropriada pela qual o sujeito se produz como projeto dele mesmo. Só pode haver sujeito de uma história a ser feita, e é, a emergência desse sujeito, que intenta sua história e que experimenta como projeto, que responde o movimento da biografização (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 66).

A narrativização dentro do processo de construção biográfica de si é o motor que impulsiona a compreensão crítica do passado como ponto possível de projeção do futuro. No tópico seguinte, será explanada a narrativa através de sua conceitualização, a representação da mesma e seu uso com os sujeitos da presente investigação, que se define como uma discussão sobre o papel formativo do Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua (MNMNR) na Comunidade do Lagamar, através da perspectiva de seus participantes, todos atuando como educadores sociais de rua.

### 2.3 As narrativas e as ruas: buscando inspiração na “entrevista narrativa”.

*A história de vida acontece na narrativa.  
(Christine Delory-Momberger)*

Todo o processo de comunicação humana perpassa pela utilização da linguagem e de seus diferentes códigos, que por sua vez, são construídos e redimensionados ao longo das gerações. Conforme explicitado no tópico anterior, “não há experiência humana que não possa ser expressa na forma de narrativa”. (JOVCHELOVITCH & BAUER, 2002, p. 91). Desde tempos remotos, atestados pelos estudos da Paleontologia e da Arqueologia, as pessoas utilizaram a linguagem pictórica para registrar episódios rotineiros ou especiais e sagrados. Porém, com o desenvolvimento da fala a narrativa adquire mais intensidade para a recriação de experiências vivenciadas. A fala evolui e a linguagem que deriva dela, segue o mesmo percurso, “isso quer dizer que o mundo muda quando se passa a falar e que falando é possível mudar o mundo”. (CYRULNIK, 2004, p. 116)

A definição de narrativa não é simples, nem haveria de ser já que acaba “ganhando diferentes acepções conforme se adotam diferentes paradigmas e molduras técnicas nas várias disciplinas que a investigam”. (BRANDÃO & GERMANDO, 2009, p. 5).

Cotidianamente nós costumamos organizar e expressar a nossas vivências diárias sob a forma de narrativas, mesmo sem percebermos conscientemente, as explicações dadas a outras pessoas, histórias formuladas precisa ou imprecisamente, mitos ou suposições sobre um fato, são reflexões do uso da narrativa em diversas situações cotidianas, nas quais, acabamos por fazê-la. O ato de contar histórias implica numa intencionalidade que faz parte da natureza humana. Proferir uma fala de si é revelar sentidos reclusos subjetivamente:

Contar histórias implica estados intencionais que aliviam, ou ao menos, tornam familiares, acontecimentos e sentimento que confrontam a vida cotidiana normal. Comunidades, grupos sociais e subculturas contam histórias com palavras e sentidos que são específicos à sua experiência e ao seu modo de vida. (JOVCHELOVITCH & BAUER, 2002, p. 91)

O pensamento e a fala acabam por traduzir essa numerosidade de elementos vivenciais desde os tempos da formação da sociedade, gerando interesse em diversas áreas de

conhecimento além da educação. No campo da psicologia esse aspecto também ganha sua notoriedade:

A onipresença das histórias nas culturas humanas e sua crucial importância na estruturação e coordenação da experiência de indivíduos e coletividades as colocam no centro do interesse das psicologias de linhagem hermenêutica [...] Para acessar o modo como as pessoas tornam inteligível seu mundo social (incluindo a si mesmas), a narrativa pareceu mais promissora como modelo geral de compreensão dos fenômenos psicossociais. (BRANDÃO & GERMANO, 2009, p. 6)

Pela narrativa, indivíduos e grupos, constroem enredos próprios, e nesses mesmos, o sujeito que narra se coloca como personagem diante do falado. A construção de sua fala pode beneficiá-lo, quanto pode lhe causar algum demérito, por isso a importância do sujeito que narra, devido a isso, as evidências do que é considerado “real” perpassam sempre pela sua fala. A narrativa faz parte da construção social do ser humano, os gestos, olhares, gestuais fazem parte da construção efetiva da narrativa, como afirma Brandão & Germando (2009, p. 6):

Crescemos e socializamos a partir dos repertórios narrativos de nossa cultura e, instados a compreender situações que fogem de um padrão esperado ou que apresentam algum tipo de problema de interpretação, recorremos novamente a narrativas, isto é, a uma intriga alternativa, em busca de urdir-lhe um sentido.

A narração de fatos ou acontecimentos diários que não seguem uma sequência lógica, na qual há uma incerteza do culminar das ações, não pode ser considerada como narrativa dentro da ótica investigativa. “Essa vida historicizada narrativamente é um rebento frágil, sempre a requerer cuidados, pois suas bases evoluem continuamente e não passam, portanto, de pontos ou de pontes relativas”. (PINEAU, 2012, p. 117)

Para se constituir como narrativa investigativa é faz-se necessário estabelecer uma apresentação organizada de acontecimentos correlacionados ou por um acontecimento gerador. Nesse sentido, a ação de relatar deve ser também compreendida para compreendê-la da maneira investigativa:

A ação de relatar é tão importante quanto o relato em si. O contexto da ação discursiva e do trabalho retórico das palavras e gestos torna-se fundamental para entender a autocompreensão e a produção de sentido sobre o mundo que operam nas

narrativas (auto)biográficas [...] Atribuir sentido à própria vida mediante narração é justamente criar discursivamente essa realidade, reivindicando certa imagem de si e provocando um conjunto de efeitos sobre si e sobre os outros com quem se convive. Quem eu digo ser, orienta a minha ação e é capaz de orientar a ação alheia. (BRANDÃO & GERMANDO, 2009, p. 7)

O ato de construção de uma narrativa pressupõe um conjunto de ações que delinea a situação dos personagens da narrativa e a construção de toda a conjuntura que irá servir como pano de fundo para a narrativa. Isso pode ser delimitado em torno das dimensões cronológicas e não cronológicas, como afirmam Jovchelovitch & Bauer (2002, p. 92):

Contar histórias implica duas dimensões: a dimensão cronológica, referente à narrativa como uma sequência de episódios, e a não cronológica, que implica a construção de um todo a partir de sucessivos acontecimentos, ou a configuração de um enredo.

A narrativa investigativa se estabelece como uma intensa negociação de poder, tratando-se de uma imersão do pesquisador (interlocutor) na vida do sujeito (locutor) que intercalará os acontecimentos com relatos próprios que possuem uma estrutura narrativa específica: começo, meio e fim, dá-se por esse viés, a construção de um enredo. Jchelovitch e Bauer (2002, p. 92) reportam-se à importância do enredo dentro da estrutura narrativa, como ponto de coerência entre o falado e o vivido:

O enredo é crucial para a constituição de uma estrutura narrativa [...] é o enredo que dá coerência e sentido à narrativa, bem como fornece o contexto em que nós entendemos cada um dos acontecimentos, atores, descrições, objetivos, moralidade e relações que geralmente constituem a história.

O enredo possui duas funções bem definidas que auxiliam na organização dos diálogos e permitem que o pesquisador organize e formule novos questionamentos com o desenvolvimento da relação entre pesquisador e pesquisado dentro do lócus da pesquisa, Jchelovitch e Bauer (2002, p. 92-93) delimitam bem as funções do enredo:

Primeiro é o enredo de uma narrativa que define o espaço de tempo que marca o começo e o fim de uma história [...] Em segundo lugar, o enredo fornece critérios para a seleção dos acontecimentos que devem ser incluídos na narrativa, para a maneira como esses acontecimentos são ordenados em uma sequência que vai se desdobrando até a conclusão da história.

Compreender as narrativas não é apenas esse entrelaço cronológico, mas um exercício de perceber o não dito (ou o omitido), isso pode ser percebido com o auxílio do enredo, expresso pelo seu sentido e suas funções imbuídas na construção da narrativa.

As narrativas (auto)biográficas fazem esse corte horizontal e vertical em torno da experiência humana, a (auto)biografia pode ser compreendida como “uma viagem de volta ao passado que lhe trará sempre ao presente e ao que você espera do futuro” (CAVALCANTE, 2008, p. 23).

A pesquisa (auto)biográfica ensina que a narrativa permite que os sujeitos, no ato de narrar, estabeleçam performances identitárias únicas, transformando o narrador como um agente social que modifica a sua realidade e é modificado pela mesma.

Esse processo de interlocução entre pesquisador e pesquisado não deve ser encarado como uma batalha de poderes. Na verdade, deve se estabelecer um elo de partilha de experiências, que em suma, pode servir para que haja a reconstrução da identidade do narrado. “O narrador tende a oferecer tantos detalhes dos acontecimentos quantos forem necessários para tornar a transição entre eles plausível.” (JOVCHELOVITCH & BAUER, 2002, p. 94).

É importante que se respeite o modo de falar do dito “informante”. Não deve haver olhares de reprovação diante de uma peculiaridade dita pelo sujeito entrevistado diante de seu próprio lócus de pesquisa. Principalmente em grupos sociais de camadas de minorias representativas socialmente, como os grupos que fazem trabalhos nas ruas, a forma de narrar os fatos tende a obedecer à linguagem expressa pelas ruas e utilizada de maneira natural pelos sujeitos. Um traço de sensibilidade pelo pesquisador deve ser fator definidor para não transformar o momento de pesquisa em um espaço de constrangimento público para o próprio entrevistado. “O entrevistador é alertado para que evite cuidadosamente impor qualquer forma de linguagem não empregada pelo informante durante a entrevista (JOVCHELOVITCH & BAUER, 2002, p. 96)”.

É necessário atentar-se à linguagem do entrevistado, tendo o cuidado para que sua identidade linguística não seja corrigida. Esse pressuposto é importante na busca pela narrativa de vida dos sujeitos, suas histórias e a maneira como são contadas ganha valor peculiar nesse modo de trabalhar a narrativa dentro da ótica qualitativa. O pressuposto subjacente é que a perspectiva do entrevistado se revela melhor nas histórias onde o

informante está usando sua própria linguagem espontânea na narração dos acontecimentos (JCHELOVITCH e BAUER, 2002, p. 95-96).

Deve haver uma mínima intervenção em torno do fato narrado e o ambiente onde a narrativa é produzida deve ser pensado de maneira que haja interferência mínima por parte do próprio entrevistador e de outras pessoas. Deve-se ter em vista que não há um completo acesso às experiências do sujeito, o pesquisador está se relacionando sempre com representações destas mesmas experiências quando elas nos são contadas, escritas ou representadas das demais formas.

É interessante ressaltar que nas histórias narradas devemos considerar todos os fatos narrados em torno de um mesmo acontecimento, não tomando apenas uma visão como verdade absoluta generalizada e, assim, fundamentá-la como verdade absoluta. Podem existir múltiplas verdades que devem ser observadas e analisadas dentro de contextos muito particulares. Para ser validada da maneira investigativa, deve ser analisada tendo em vista os diferentes olhares e os diferentes referenciais que perpassam a narrativa e fazem com que o mesmo fato ocorrido ganhe múltiplas interpretações qualitativas.

As narrativas de si podem ser produzidas de diferentes formas e podem gerar diversos produtos, podendo gerar uma inflação terminológica que, às vezes, traz confusão: narrativas pessoais, fragmentos de vida, histórias de vida, memoriais, etnobiografias, biografias educativas, entrevistas narrativas, etnografias, biografias, autobiografias, escritas escolares, videográficas, etc. Todas as formas e produtos possuem a mesma intencionalidade, que é a de contar uma história, fazer emergir o fato biográfico através da linguagem narrativa. Sobre a importância da narrativa como construção de significados pelos sujeitos, Delory-Momberger (2008, p.37), define que:

É a narrativa que confere papéis aos personagens de nossas vidas, que define posições e valores entre eles; é a narrativa que constrói, entre as circunstâncias, os acontecimentos, as ações, as relações de causa, de meio, de finalidade; que polariza as linhas de nossos enredos, entre um começo e um fim e os leva para sua concussão; que transforma a sucessão dos acontecimentos em encadeamentos finalizados; que compõem uma totalidade significativa, na qual cada evento encontra seu lugar, segundo sua contribuição na realização da história contada.

Para Jchelovitch e Bauer (2002, p. 95), a entrevista narrativa, produtora de histórias de vida, perpassou o conceito pergunta-resposta, tido como predominante antes de

sua chegada, devido ao fortalecimento de teorias em torno da mesma, chegou ao patamar de método de pesquisa qualitativa ao longo das décadas. “Ela é considerada uma forma de entrevista não estruturada, de profundidade, com características específicas. Conceitualmente, a ideia de entrevista narrativa é motivada por uma crítica do esquema pergunta-resposta da maioria das entrevistas”.

Uma das intencionalidades do processo do ato de narrar é aprender as significações, compreender os valores e as múltiplas identidades em torno de uma época e de uma sociedade, a partir desse movimento de imersão no outro, é possível transpor os significantes particulares do outro, para uma compreensão das próprias peculiaridades. Está imbuído na natureza humana o processo de introspecção para que se obtenha uma reflexão do caminho percorrido, a narrativa na ótica da pesquisa (auto)biografia também faz esse percurso:

O sentido que damos ao percurso de nossa vida não se cristaliza em formas definitivamente fixas. A cada momento, os eventos passados da história da vida são submetidos a uma interpretação retrospectiva, que é, ela mesma, determinada pela antecipação do futuro. (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 58)

O passado comporta não somente fatos já ocorridos, mas pode estabelecer como os sujeitos construíram alicerces para se posicionarem diante de possíveis melhorias para o futuro. Temáticas como a da violência, podem aparecer em narrativas do passado de alguns sujeitos, principalmente naqueles em situação de rua, que por instinto de sobrevivência se impõem diante das adversidades:

O desenfreamento das forças políticas e técnicas torna-se um modo legítimo de resolução dos problemas humanos. Quando o outro se recusa a ceder aos desejos ou às ideias dos poderosos do dia, a violência é legal e todo mundo obedece. (CYRULNIK, 2004, p. 123)

Dentro do aspecto narrativo, a investigação para os educadores sociais do MNMMR pode vir a fortalecer o conhecimento do ocorrido, sugerindo certa criticidade ao narrado. As narrativas de sujeitos em situação de rua possuem crenças e valores únicos e, muitas vezes, silenciados ou invisibilizados. O método investigativo que toma a narrativa de si como central, permite que os fatos sejam construídos e reconstruídos, onde os significados

são elaborados. A história contada faz emergir a imagem de um grupo de pessoas ou de uma comunidade:

Já não é possível considerar que um trauma provoque um efeito que se possa prever. A narração de um acontecimento como esse [de agressão], é o fecho do arco de sua identidade, conhecerá destinos diferentes conforme os circuitos afetivos, historizados e institucionais que o contexto social dispõe em torno do ferido. (CYRULNIK, 2004, p. 122).

Como em qualquer método qualitativo, a análise narrativa é uma abordagem, e como tal, deve ser validada para que se ganhe caráter científico. Para tanto, é necessário que o texto escrito a partir da investigação narrativa seja elaborado de maneira coerente, com aspetos teóricos coesos e análise de dados fundamentada, não esquecendo de que, os sujeitos entrevistados tenham suas narrativas expostas na análise havendo coerência em relação ao tempo, aos objetivos e ao conteúdo das mesmas. Como explicita Cavalcante (2008, p. 18) “somos seres desejantes, ávidos em busca de um entendimento sobre o sentido de nossas vidas, pensares e fazeres”.

A narrativa compõe um pilar significativo nesse alvorecer de um ato dialógico sobre a vida, intensificando através da fala as dimensões do vivido. Na ótica do aspecto histórico, pode envolver acontecimentos num determinado espaço temporal, que através do discurso gerado pelo locutor acaba por apresentar um determinado fato, podendo trazer, a partir de tal interlocução, uma gama de significados. Nessa ação de narrar, existem três protagonistas estabelecidos: o locutor, o interlocutor e o espectador, que por sua vez, pode fazer interpretações mediante o lido e o narrado. (NÓBREGA e MAGALHÃES, 2012).

A entrevista narrativa, segundo Jovchelovitch & Bauer (2002, p. 97) pode ser organizada na prática desde a sua concepção, com a primeira entrevista, tida como entrevista “piloto” até a fala conclusiva, seguindo as quatro etapas seguintes:

1. **Iniciação**<sup>3</sup>: exploração do campo, formulação de questões exmanentes, emprego de auxílios visuais; 2. **Narração central**: não interromper, somente encorajamento não verbal para continuar a narração, esperar para os sinais de finalização (‘coda’); 3. **Fase de perguntas**: somente “que aconteceu então?”, não dar opiniões ou fazer perguntas sobre atitudes, não discutir sobre contradições, não fazer perguntas do tipo “porquê?”, ir de perguntas exmanentes para imanentes; 4. **Fala conclusiva**: parar de

---

<sup>3</sup> Grifos meus.

gravar, são permitidas perguntas do tipo “porquê?”, fazer anotações imediatamente depois da entrevista.

O desafio maior para o pesquisador é ter a sensibilidade em traduzir questões imanentes em questões exmanentes, já que as questões exmanentes dizem respeito aos objetivos traçados para a pesquisa. É nessa transformação de questões exmanentes, para questões imanentes, que se deriva o desafio em comportar os objetivos pensados para a pesquisa, respeitando toda a atmosfera para se chegara tal fim. Por se tratar de uma pesquisa de caráter predominantemente qualitativo, é vital que se respeite os limites dos entrevistados, tendo a questão do bom senso atrelada à busca por melhorias significativas dentro de um processo investigativo coerente.

Antes de iniciar a entrevista narrativa é importante que o pesquisador faça uma inserção no ambiente a fim de se familiarizar com o universo em que os sujeitos se relacionam cotidianamente. Não se trata de tornar-se mais um sujeito naquele ambiente, pretendendo igualar os olhares, mas necessita conhecer o mundo vivido pelos sujeitos, com seus valores e linguagens próprios. Ouvir relatos informais, caminhar pelo espaço pesquisado, ler possíveis documentos, notícias sobre o espaço de pesquisa, ajuda o pesquisador a não chegar no momento das entrevistas de maneira tão vazia, sem ter se dado conta das nuances que a pesquisa precisa obedecer para atingir os objetivos propostos ou para alterar os mesmos, caso seja necessário.

O informante, entrevistado ou narrador é a peça chave para solucionar as possíveis indagações. Cabe ao pesquisador delinear esse percurso em torno da aquisição de sua narrativa e que esse percurso seja construído pela base central da confiança entre entrevistador e entrevistado. Essa aproximação pode gerar duas situações distintas como esclarece Jovchelovitch & Bauer (2002, p. 101):

Alternativamente, o informante pode confiar no entrevistador, não assumir uma agenda oculta, e fornecer uma autêntica narrativa dos acontecimentos, mas pode, ao mesmo tempo, transformar a entrevista em uma arena para promover seu ponto de vista, com fins mais amplos do que os da agenda de pesquisa.

Por isso os primeiros contatos com os sujeitos da pesquisa devem ser feitos com o máximo de respeito de ambas as partes. Essa dimensão do respeito mútuo foi construída com os líderes do MNMMR, tendo em vista que foi respeitado o espaço da pesquisa e a opinião

dos sujeitos em relação ao caminhar no percurso da investigação. A pesquisa não pode se definir apenas como um espaço de reclamações ou busca de resposta por parte dos sujeitos da pesquisa. Caso isso aconteça, ganha caráter apenas reivindicador, perdendo a essência da questão que é a produção de uma narrativa de vida que contemple aspectos centrais das vidas dos possíveis sujeitos. Essa linha tênue tem que ser percorrida pelo pesquisador, cabendo ao mesmo não cair em armadilhas de pesquisa que podem levar tudo a um resultado não satisfatório.

Um ponto delimitador dentro da ótica da narrativa em campo é a duração da narrativa. Narrativas com maior duração temporal tendem a ser ricas de detalhes da vida dos sujeitos, pois se entende que para haver a narração de várias peculiaridades dos fatos, se necessita de um tempo maior para a execução de tal fato, como explicita Jovchelovitch & Bauer (2002, p. 104) mencionando que “um indicador bom e simples é a duração, ou a ausência da narrativa central do projeto de pesquisa. Entrevistas muito curtas, ou a ausência de narração, podem mostrar o fracasso do método”.

Importante também a postura do próprio pesquisador diante do ambiente de pesquisa. Problemas existentes nos resultados podem delimitar uma má inserção do pesquisador, ocasionando em narrativas pífias que não condizem com a possível realidade encontrada na ambiência da pesquisa. Da mesma forma, existem grupos sociais que cultivam o pacto do silêncio não importando o quanto for positiva a inserção do pesquisador, nenhuma fala será retirada daquele espaço social.

A relação construída entre locutor, interlocutor e espectador em relação à narrativa torna-se bastante interessante quando aplicada em uma situação real, por exemplo, dentro de um contexto onde a pluralidade de comunicação pode ser encarada como ferramenta de sobrevivência. No âmago da presente investigação, a rua aparece como lócus simbólico para o desenvolvimento das narrativas proferidas pelos meninos e meninas em situação de rua. Como sujeitos da pesquisa, estão os educadores sociais do MNMMR<sup>4</sup>, que vivenciaram tais condições quando se encontravam em situação de rua e, no momento vigente, exercem a função de coordenadores do movimento.

A rua, através das narrativas dos sujeitos, pode vir a evidenciar uma gama de acontecimentos singulares que são explicados a partir de um olhar vivencial e característico

---

<sup>4</sup> Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua (MNMMR) do Estado do Ceará, situado na cidade de Fortaleza, atuando de forma coesa na comunidade do Grande Lagamar.

de quem não somente a observou, mas a sentiu de maneira completa. Muitos sujeitos, como os da presente investigação, são levados à rua ainda na infância, construindo um conjunto de relações e experiências que o fazem mudar de trajetória social, mudando seu comportamento e a forma de enxergar o mundo ao seu redor, como afirma Cyrulnik (2004, p. 57) “num meio estável, um temperamento dá um estilo mais fácil, expansivo ou difícil. Mas, quando o meio muda ou quando a criança muda, um mesmo estilo relacional pode tomar direções variáveis”.

Não se escolhe viver em um ambiente de risco como os espaços das ruas, são os caminhos percorridos ao longo da vida e seu emaranhado de relações que faz com que os fatos ocorram, pedindo que seus sujeitos tomem decisões que beneficiem sua sobrevivência, e acima de tudo, seu desenvolvimento:

Por ocasião dos acidentes da vida, quando o vínculo se rompe, essas crianças têm dificuldade para encontrar em seu novo meio os elementos necessários à retomada de seu desenvolvimento. Precisam encontrar adultos que tenham a capacidade de tirá-las de apuros, apesar das dificuldades de apego. (CYRULNIK, 2004, p. 61).

A narrativa para os sujeitos em situação de rua pode ter um significado mais ampliado. A fala como autocontação de si, é uma maneira de interligar-se com o ambiente, uma conexão com as próprias vivências, que em muitos aspectos, encontram-se esquecidas para afastar dor, mas possivelmente, podem ser vistas de frente através de um diálogo aberto.

## 2.4 História oral e sua importância na tessitura dos fatos

*A história oral permite compreender a sociedade através do indivíduo que nela viveu (Verena Alberti).*

Quando pensamos numa história, nos vem à mente de imediato a dimensão do tempo. Ao falar sobre a dimensão do tempo em um diálogo cotidiano qualquer, sempre nos remetemos aos fatos ocorridos em um curto ou longo espaço temporal. A oralidade nesse contexto serve como percurso para que os fatos lembrados sejam expostos para o público de maneira organizada. Toda e qualquer história tem como fio condutor os fatos oriundos das lembranças passadas, já que a história nos remete a um fato ou conjunto de fatos que já tiveram sua ocorrência e pela sua simbologia permanecem organizados mentalmente.

O tempo passado é o mote de permanência dos fatos lembrados, é nesse aspecto temporal que acabamos por guardar fragmentos que nos auxiliam nessa reconstituição, porém, a definição de tempo não é algo a ser feito de um jeito simplista, como menciona Melucci (2004, p. 17):

Quando dizemos 'tempo', a noção é imediata e intuitiva; porém, quando tentamos defini-lo, acabamos forçosamente por recorrer a imagem ou até mesmo à linguagem científica, que parece atualmente funcionar como uma nova língua universal. O que para nós é a experiência do tempo, entretanto, torna-se muito difícil de definir, mesmo sabendo imediatamente a que nos referimos.

A busca do homem por definir o tempo vem desde a sua concepção através de registros históricos antigos, a dimensão temporal alavancou as transformações sociais em diversas civilizações ao longo da história humana em torno da concepção primordial de uma sociedade. Os mitos em torno da dimensão temporal eram comuns nas antigas civilizações, pois dentro de uma explicação não empírica, a crença em divindades era usada para mencionar as transformações no ambiente que a racionalidade humana ainda não possuía tanto conhecimento sobre esses aspectos. A criação dos mitos para expor o tempo e sua evolução fora comuns nas primeiras civilizações:

Fluida e envolvente, a experiência do tempo tem uma densidade e uma dimensão que raramente são considerados em nossas definições e que as diferentes culturas

tentaram traduzir usando metáforas ou mitos [...] O tempo apresenta-se como uma multiplicidade de eventos, cada qual caracterizado por sua própria dimensão temporal, e é necessária muita habilidade para distinguir entre essa variedade, em que as coisas não ocorrem todas no mesmo plano (MELUCCI, 2004, p. 18)

Como tentativa simbólica de mensurar a passagem do tempo, as civilizações antigas criaram artifícios para reverter esse quadro. A questão de a vida caminhar em círculos foi um desses artifícios. O movimento circular sobre as coisas e as pessoas passou a ser preceito básico dos sujeitos, e de sua evolução, dentro do espaço onde se localizava essa evolução dentro da dimensão temporal. Quando os acontecimentos do espaço social pareciam acontecer de maneira simultânea, como o movimento de caminhar envolto em um círculo, com repetições geracionais, os sujeitos deram conta de que a passagem do tempo parecia respeitar os mesmos acontecimentos para que a dimensão pudesse ser alterada em um novo ciclo, na verdade, um novo círculo.

Na constituição social mais contemporânea, essa dimensão circular acabou por ser ressignificada em seu âmago. As sociedades após um longo percurso de evolução de pensamento e organização social perceberam que o caminho por círculos não obedecia à nova ordem social construída.

Com as dimensões de início e fim do tempo introduzidas em larga escala por diversas ordens religiosas, dentre elas o cristianismo, a época moderna, principalmente na sociedade ocidental, ganhou a mesma lógica do percurso de uma flecha lançada em direção a um alvo qualquer. A flecha parte de um ponto base até percorrer um espaço-tempo para chegar ao seu alvo, um limite, um fim. A dinâmica da flecha deu um novo alvorecer na perspectiva de tempo entre as pessoas, já que agora supostamente sabiam onde se iniciava certas temporalidades, tornando mais simplista a compreensão para onde deviam ou almejavam ir. Melucci (2004, p. 19) explicita esse novo olhar sobre o tempo na sociedade moderna ocidental:

A época moderna, ou seja, o Ocidente da racionalidade técnica, tem imposto uma outra figura do tempo. Esta surge no horizonte histórico como herança judaico-cristã. O cristianismo mantém a imagem cíclica do tempo, mas introduz também uma ideia diferente: a gênese e o fim do mundo assinalam os limites de um percurso linear. A história do mundo é a história da queda e da redenção [...] A figura do círculo é substituída pela figura da flecha, e o tempo, assim, segue um rumo, tem uma finalidade que é também seu fim.

Abandona-se compassadamente a noção religiosa e se introduz de vez a concepção técnico-científica através do desenvolvimento econômico das novas formas de se configurar a sociedade. Se contrapondo a essa evolução tecnológica, apesar de uma racionalidade exposta, muitos sujeitos ainda acreditam numa sequência do tempo onde a sociedade está em constante declínio. Nesse sentido, o fim da era moderna pode chegar a qualquer tempo e a noção de tempo para este sujeito está sempre disposta no fim da ordem social vigente. O mundo caminha para sua eclosão e a sociedade onde aquele sujeito está inserido também faz parte disto. Para alguns, a lógica salvacionista do tempo ainda se sustenta na chegada de uma divindade que reorganizará o tempo e a ordem humana.

A lógica catastrófica do tempo se sustenta na visão de um futuro sombrio, sem base científica, algumas ordens religiosas ainda perduram seu pensamento entre alguns adeptos que conduzem a vida não em uma visão linear natural do tempo, mas sobre um tempo de o que está por vir adiante, de uma salvação buscada cotidianamente:

Então, nesse contexto, consolida-se uma experiência pontual do tempo, e a figura do ponto representa perfeitamente a percepção de uma sequência descontínua, mista, heterogênea, uma sucessão de momentos temporais muitas vezes desconexos entre si [...] apesar dessa variedade de percepções e de representações, os homens sempre se tenham proposto o problema de medir o tempo (MELUCCI, 2004, p. 20)

A grande mudança dessa perspectiva é, de fato, a chegada da modernidade, do avanço tecnológico, e como figura fundamental para a percepção do tempo, está a figura do relógio. Um instrumento de medição simples deu um novo panorama na importância da medição do tempo.

O relógio trouxe o fluxo temporal medido, organizado, o tempo passou a ser alinhado com os fatos ocorridos dentro desse quadro de horas, minutos e segundos. A partir de então, o tempo antes colhido pelo céu, pelas estrelas, pelo fogo, pelo ar, ganhou um sentido empírico, onde não se dependia apenas das dimensões da natureza, dos ciclos da vida, o tempo estava representado ao alcance de qualquer um, podia ser mensurado e dimensionado. O relógio, de fato, teve grande funcionalidade na busca de um tempo “comum” a todos na esfera empírica:

Os relógios transformam a duração num percurso abstrato no espaço, embora os ponteiros mantenha ainda uma relação física entre percepção visual e medida de

tempo [...] A transformação digital do relógio introduz uma nova medida de tempo: a pulsação, inteiramente mental, que fia a cada instante a sequência como ponto. O tempo agora é pura leitura de sinais e elaboração cognitiva abstrata (MELUCCI, 2004, p. 21)

O sentido de representação do tempo na figura específica do relógio resume a busca humana em dar sentido às experiências. O tempo do relógio obedece a uma regularidade, uma representação mais centrada em espaços delineados, as experiências humanas dessa maneira passaram a ser mais bem estruturadas, já que os sujeitos sabiam onde situar suas experiências pessoais em espaços temporais delimitados. O que ficava apenas na memória de quem o viveu, ou revelado em escritos soltos num pedaço de papel qualquer, agora podia ser demonstrado através de uma escala representativa comum a todos.

O relógio é importante, porém, na formação social como um espaço multiplural de significados, “a nossa experiência de tempo nunca, ou raramente, coincide com aquilo que o relógio decreta” (MELUCCI, 2004, p. 22). A singularidade da vida cotidiana perpassa diante de nossos olhos com uma primazia única. A temporalidade do cotidiano costuma não se reduzir de maneira tão compartimentada em relação ao ordenamento do tempo. A vida e seus vários percursos fazem com que a dimensão do tempo seja ampliada, o cotidiano é cíclico, tendo sua própria forma de agir e reagir sobre o tempo:

A temporalidade do cotidiano não se reduz a uma temporalidade cíclica, repetitiva, vivida exclusivamente no presente; há lugar para uma história da vida cotidiana que, naturalmente, não deve ser encarada como uma história de tudo aquilo que se gera de uma forma repetitiva, banal, efêmera, fugaz (PAIS, 2003, p. 147)

A história do cotidiano não deve ser reduzida apenas à jornada diária de intervenções vivenciais. Há um determinado cotidiano que escapa aos nossos sentidos. Que por vezes guardamos na nossa mente como fatos velados ou intencionalmente não revelados de passagens importantes das nossas vidas. Um dos novos dilemas que impõe o universo das ciências humanas em sua completude. Segundo afirma Pais (2003, p. 150), existe uma interação direta entre “as relações e a interpretação dos símbolos e a explicação dos fatos, entre o texto e o contexto, entre o deliberado e o determinado, entre a teoria e a prática, entre a objetividade e o compromisso”.

Há um entrelace entre as três dimensões temporais - presente, passado e futuro - ambas as partes temporais se conectam de alguma forma, mas não por completo. É uma

representação linear, ambas as três percepções percorrem um momento específico dentro dessa noção de divisão do tempo, mesmo assim, o presente pode não representar o passo por completo, resquícios do passado podem não ter sido revelados no presente, fazendo desse tempo presente um tempo não completo.

Pais (2003, p. 23) dialoga sobre essa incompletude do presente em não transpor um tempo passado de maneira holística, para se fazer um tempo presente mais completo:

De modo bem simples, podemos representá-la como uma relação linear. O passado contém aquilo que passou e prepara, portanto, o presente que, por sua vez, anuncia aquilo que ainda não é e que será: o futuro. Portanto, exige alguma coisa que ainda não entrou na presença, mas que irá aparecer. Na realidade, essa relação linear não é nada simples, porque, concomitantemente, vivemos ainda outros entrelaçamentos entre as dimensões do tempo.

Pensar no amanhã, não está desligado da transposição para o tempo passado. Os fatos dimensionados no presente, e pensados para o futuro, possuem a sua origem sempre em acontecimentos passados. Os fragmentos vivenciais tidos em um espaço temporal anterior ao tempo presente servem como base para a análise de problemáticas atuais. A construção de nossa identidade é radicada no tempo presente:

A nossa identidade deve ser radicada no presente, para poder fazer frente às nossas transformações e para atravessar as metamorfoses que caracterizam o curso da vida. Devemos poder abrir e fechar nossos canais de comunicação com o exterior, para manter viva as nossas relações, sem que sejamos sufocados pelo excesso de mensagens. Temos a necessidade de novas capacidades de contato imediato e intuitivo com a realidade, a fim de abraçar um campo maior de experiências, o qual não pode ser contido pelos limites estreitos do conhecimento racional (MELUCCI, 2004, p. 70).

Lidar com o tempo presente é transitar pelas exigências externas ao nosso interior, evidenciando a necessidade de olhar sobre nosso próprio ponto de vista. O presente é o elo possível para delimitar o futuro, com o auxílio completo do tempo passado. É no passado que guardamos as nossas projeções de vida, que construímos as bases para as escolhas presentes e futuras. Podemos, transitando pelas três temporalidades termos mais consciência de nossa identidade, que se configura como “uma relação que compreende nossa capacidade de nos reconhecermos e a possibilidade de sermos reconhecidos pelos outros” (MELUCCI, 2004, p. 50).

É desafiador fazer essas conexões entre as três temporalidades. O sujeito em sociedade, dentro de um movimento conturbado pela dinâmica da modernidade, pouco pensa ou dá vazão ao que já passou. As metas foram postas, os silêncios diante dos processos de transformação permanecem em sua forma individualizada, as vozes se calam pela velocidade com que a vida passa. Os sujeitos perpassam os espaços, seguindo os círculos dos processos, focando como flechas em objetivos efêmeros, mas acabam por carregar, em muitos casos, a inoperância em saber o significado qualitativo desse conjunto de ações, como esclarece Melucci (2004, p. 24):

Do tempo que vivemos, portanto, todas as figuras, o círculo repetido entre memória e projeto, o movimento linear da flecha como intenção e objetivo, a conjunção exultante do ponto ou a experiência de nos perdemos nele [...] A repetição do ciclo percorre o caminho das experiências, mas também dos fracassos; a corrida linear rumo às metas nos entusiasma, mas esgota nossas energias na espera; o ponto escapa-nos toda vez que o fixamos.

O interessante é perceber que o tempo de nossas experiências não se equivale ao tempo pré-determinado pela evolução social, pela ordem social dominante. Os grupos sociais dominantes acabam tentando impor seu próprio tempo dentro de uma noção de tempo construída pelos mesmos.

As apelações visuais mostram muitos dos diálogos sobre a dinâmica do tempo na modernidade. Envelhecer, rejuvenescer, todas as etapas do tempo são dialogadas, dando ênfase para o que um movimento social maior julga como coerente em sua perspectiva de tempo. Nenhum diálogo sobre o tempo é inofensivo, a sociedade dialoga sobre o tempo apostando na rapidez do diálogo, mas não focando no seu significado. A busca de significados nos diálogos deve ser fundamental para a aquisição de respostas diante de nossas próprias indagações:

A grande dificuldade é que estes tempos apresentam-se simultaneamente. Então, o evento, a rápida transformação, mesmo a revolução, não são rupturas que tudo alteram, pois lentamente é que se modificam hábitos, práticas cotidianas, certos atavismos que resistem a toda novidade. (FERREIRA & GROSSI, 2004, p. 44)

Na constante dinamização do tempo, nos perdemos quando somos confrontados sobre o nosso próprio tempo. Em dado momento da vida, os sujeitos refletem sobre seu

próprio tempo em situações que são impostos a revelarem-se sobre isso. Só nos damos conta da concepção de tempo quando os objetivos, por ora recuperados, não são alcançados em determinado momento da vida.

O sujeito foi regulado no pensar sobre si e os diálogos sobre isso permanecem internalizados, pelo medo da dúvida ou pela certeza da mesma. Um emaranhado de sensações invade aquele que dialoga dentro de si sobre o que passou consigo ou com os demais. Nesse momento, existe uma tentativa de preencher os espaços supostamente vazios, adentrar num mundo muitas vezes caótico é doloroso. Mesmo que não seja propriamente o seu mundo, seja apenas a lembrança de sua participação no mundo do outro, a suposta dor em invadir aquele espaço nunca é fácil. Distanciamos-nos de nossos próprios tempos, de nossos tempos interiores:

Os distanciamentos mais evidentes são aqueles entre os tempos interiores, do desejo e do sonho, dos afetos e das emoções, e os tempos exteriores, cadenciados pelas regras sociais, não mais homogêneas como no passado [...] A tentativa de preencher os vazios, os distanciamentos e as dissonâncias entre essas passagens gera muitos problemas (MELUCCI, 2004, p. 27)

Um fato positivo para esse movimento de “encontrar em si” é ter ciência de sua história ou da sua participação efetiva em outras histórias. A construção de uma história representa traços de uma singularidade ou pequenos traços de diversas singularidades em coletivo. Contar ou narrar uma história faz valer o movimento de rotação sobre fatos passados, que porventura, são trazidos para a narrativa devido a sua importância no translado da vida cotidiana.

Félix (1998, p. 27) elucida esse movimento da história como conhecimento, na verdade, como autoconhecimento, na busca de sentidos na vida:

A história como conhecimento, isto é, como operação intelectual, envolve registro, distanciamento, problematização do objeto, crítica e reflexão, dessacralização de memória [...] Ao perguntar no presente pelo passado, a história tende a responder à inquietude da busca de sentido da nossa vida individual e da coletividade.

A história como função tem compromisso com o presente, de compreender o presente papel em sociedade e para a sociedade. É ilusório acreditar que sem um processo

reflexivo coeso estamos aptos a compreender o espaço, sem nos indagarmos sobre as nossas próprias contradições, as rupturas ao longo da vida, o porquê de evidenciarmos determinados fatos ao invés de outros tantos, nos povoamos com as dúvidas que muitas vezes pulverizamos no outro, ou nos outros, em coletivo.

Situamo-nos no presente quando temos um determinismo pelas lacunas do passado, um passado que não deve ser encarado como um objeto mórbido, sem a sua funcionalidade plena. A busca pelo passado pode ser uma experiência consolidada de compreensão do próprio presente. Exige nesse movimento um novo tipo de relação com o passado a partir de novas concepções que dele podem emergir interagindo com as que já estavam.

Dentro da busca por respostas internas, dentro dos aspectos históricos, pratica-se o conceito de observação, que pode consistir em dar vida e voz às coisas mortas, solidificadas, escondidas nos anseios e devaneios humanos. Nesse exercício de uma observação coesa, surge a contemplação para qualificar essa observação, que segundo afirma Félix (1998, p. 69):

É esta que permite a reflexão sobre os fatos/dados ou conjunto dos mesmos, tendo como base um processo de elaboração teórica. Esta equivale ao ver com distanciamento, à elaboração mental, abstrata, que elimina as particularidades e atinge a configuração geral, através de conceitos (intelectivos) que se tornam instrumentais, operacionais [...] É a construção teórica que fundamenta a reflexão, desencadeia e produz um novo conhecimento ou uma nova forma de abordá-lo.

A observação, sendo num movimento “interno” ou não, está na base do processo intelectual que leva para a construção e reconstrução de novos conhecimentos. O motivo de uma investigação histórica, seja através do meio oral ou não, segue sempre em busca de uma explicação, de uma nova abordagem sobre um dado já validado, uma ação já mencionada ou um pensamento já externalizado. Os relatos, principalmente os relatos orais, são peça chave na busca por novas explicações, descobertas.

A perspectiva da história oral cresceu, mais especificamente a partir de meados da década de 1950, por atingir determinadas áreas que a ótica quantitativa não era capaz de atender. Dentro de um ambiente de pesquisa, alguns pontos subjetivados não eram mencionados porque o aspecto quantitativo não dava conta de atender à essa demanda. A história oral trata dessa subjetividade, desses dados submersos no interior dos próprios sujeitos, como afirma Simson (1988, p. 16):

Considerava-as aptas para se conhecer como se desenvolvia um indivíduo em seu meio sociocultural; estariam, portanto, muito coloridas pelo subjetivismo do informante, o que deturparia sua narrativa. Porém, o relato oral se apresentava como técnica útil para registrar o que ainda não se cristalizava em documentação escrita, o não conservado, o que desapareceria se não fosse anotado; servia, pois para captar o não explícito, quem sabe mesmo o indizível.

A modernização da sociedade também acelerou o aumento da utilização da história oral no meio científico. O aparecimento do aparelho gravador fez eclodir a utilização da história oral. Por mais incrível que se possa pensar, a utilização das fitas para o gravador, tornava o procedimento capaz de guardar as vozes em seu estado puro.

Há toda uma preparação para a elucidação de uma gravação, como delimita Alberti (1990, p. 36):

Ante de começar a gravação de uma entrevista, deve-se observar o ambiente em que terá lugar e procurar adaptá-lo aos propósitos da entrevista. Em primeiro lugar, convém que o entrevistado e entrevistadores estejam confortavelmente instalados, facilitando-se assim a relação prolongada que irá estabelecer-se.

A gravação também pede organização não apenas do equipamento, mas dos condutores daquele equipamento. Na gravação oral captada pelo gravador, as entonações, as pausas, os momentos não mencionados ou não captados pelo papel através da simples escrita, ficavam intocáveis naquela gravação, servindo para que fosse visto e revisto em sua essência. “Um texto é um registro físico; contém informação sobre o passado, alguma dela possivelmente rigorosa”. (FENTRESS & WICKHAM, 1992, p. 18). Com o surgimento do gravador, o registro físico passou a ser secundário, sendo oriundo da captação da fala já registrada pelo aparelho gravador.

A fala registrada pelo gravador foi fator importante para a dinamização da pesquisa, mas não diminuiu a importância do registro físico. Pelo contrário, Gattaz (1996, p. 136) referencia a importância da transcrição, através de uma “transcrição”, como denota o autor, um movimento de recriação do dito com a importância dos dados transcritos. Isso contribui para a solidificação dos dados apresentados e uma maior elucidação entorno dos traços subjetivos expostos pelo entrevistado:

A 'transcrição' surge da necessidade de se reformular a transcrição literal para se tornar compreensível a leitura. Na transcrição literal há inúmeras frases repetidas, enquanto outras são cortadas pelo entrevistado ou pela qualidade da gravação, há muitas palavras ou expressões utilizadas incorretamente, devido à própria dinâmica da fala, da conversa informal que é o que tentamos fazer das entrevistas. Há estrangeirismos, gírias, palavras chulas, ou seja: termos que são bastante distintos quando são falados ou escritos.

A transcrição na premissa da história oral, assim como em outros procedimentos, é delicada e deve ser encarada com a mesma importância do momento da exposição da fala pelo entrevistado. Na transcrição há um movimento de lapidação da fala por parte do entrevistador, uma ação consciente que delinea a maneira como a fala irá ser analisada em momentos posteriores. Por mais que haja cortes de repetições, é importante que se reflita a fala mais fidedigna possível.

O gravador permitiu a conservação dos relatos com um potencial maior do que se fossem feitos pela mão do pesquisador. Um artefato simples, mas que possuiu grande impacto para a melhoria da pesquisa e os resultados dela.

O relato oral, mais que a simples transmissão de fatos passados, pode servir pedagogicamente, como importante fonte de conhecimento por gerações passadas, para que relações culturais pudessem ser fincadas e estabelecidas ao longo dos tempos. A história oral se configura como uma das maiores fontes humanas de produção e difusão do saber:

Através dos séculos, o relato oral constituía sempre a maior fonte humana de conservação e difusão do saber, o que equivale dizer, fora a maior fonte de dados para as ciências em geral. Em todas as épocas, a educação humana (ao mesmo tempo formação de hábitos e transmissão de conhecimentos, ambos muito interligados) se baseara na narrativa, que encerra uma primeira transposição: a da experiência indizível que se procura traduzir em vocábulos (SIMSON, 1988, p. 16)

Pela oralidade as pessoas ao longo do tempo intercalam suas ações com os seus dizeres sobre as mesmas, atravessando percursos em busca de fatos guardados na mente. O relato oral está na base de todas as intervenções humanas no sentido de aquisição de informações. As pessoas tornaram o relato oral a premissa para a descoberta de algo que se desconhece. É na oralidade que se estabelece uma rica troca de conhecimento quando o entrevistado ou "informante" pode fazer valer toda a sua experiência social através daquilo que é dito pelo mesmo.

O papel do pesquisador na aquisição dos relatos orais deve ser de busca de objetividade. Quando qualquer pesquisador se dispõe a ouvir um sujeito sobre os seus relatos orais perante algo, está imbuído de intencionalidades que são definidas nas perguntas que o pesquisador elenca para executar em campo.

Seria ingenuidade admitir que o pesquisador vá a campo totalmente desprovido de alguma intencionalidade. Todo pesquisador busca algo dentro de um relato oral, porém, deve haver uma ética diante das metas estabelecidas. O pesquisador dentro dessa relação, a princípio se configura como ser dominante, pois é capaz de conduzir a entrevista a seu modo, ao final, escolhe as partes que o objetivam o seu estar em campo. Ser pesquisador nesse sentido é bastante delicado e deve ser cercado de um conjunto de nuances em relação ao entrevistado:

Ao utilizar o relato, o pesquisador o fará de acordo com as suas preocupações e não com as intenções do narrador, isto é, as intenções do narrador, serão forçosamente sacrificadas. Assim, o propósito deste último fica sempre em segundo plano, desde o início da coleta de dados [...] desde o início da coleta do material, quem comanda toda a atividade é o pesquisador, pois foi devido a seus interesses específicos que determinou a obtenção do relato. (SIMSON, 1988, p. 18)

O pesquisador não deve estender somente seus desejos para alcançar uma meta pré-estabelecida. Só existirá uma exposição de fatos coesos por parte do sujeito entrevistado se o mesmo perceber nessa relação um cenário viável para a elucidação desses momentos guardados subjetivamente.

Na dinâmica da entrevista dentro da história oral é importante “estudar as versões que os entrevistados fornecem acerca do objeto de análise. Ou mais precisamente: tais versões devem ser, elas mesmas, objeto de análise”. (ALBERTI, 1990, p. 13).

Para se iniciar qualquer tipo de entrevista, deve-se atentar nas escolhas dos entrevistados. Os entrevistados devem delinear uma identidade sobre aquilo que o pesquisador quer analisar. Não se pode, por exemplo, pesquisar sobre determinada cultura se o sujeito que é pensado para responder as indagações proeminentes daquele espaço não conhece substancialmente as transformações decorrentes do espaço vivido.

A demarcação pelos atores sociais corretos com o espaço da pesquisa mostra o quanto o pesquisador está atento aos principais personagens daquela espécie de “trama social”, no qual se inseriu dúvidas que a tornam digna de realizar uma pesquisa científica a

cerca da mesma. Alberti (1990, p 14) delinea e mostra a importância da escolha dos sujeitos coerentes com os objetivos propostos na pesquisa em campo:

em primeiro lugar, convém selecionar os entrevistados entre aqueles que participaram, viveram, presenciaram, ou se inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao tema que o pesquisador pretende investigar e que podem fornecer depoimentos significativos. O processo de seleção de entrevistados em uma pesquisa de história oral se aproxima, assim, da escolha de informantes em antropologia, tomados não como unidades estatísticas, e sim como unidades qualitativas.

Os sujeitos desta pesquisa, dentro da ótica da pesquisa qualitativa, se inserem como verdadeiras unidades qualitativas, devido a importância vital dos atores sociais coerentes para conduzir um enredo de pesquisa capaz de delinear e propôr novos pensamentos e diálogos entorno do mesmo contexto social. Além dos atores, o papel que eles possuem imersos no contexto também deve ser avaliado para que ocorram as escolhas devidas. Principalmente em comunidades de periferia, há sempre a figura dos líderes sociais, que não possuem vasta bagagem academicista ou nenhuma, mas são vistos como polos de lideranças em seus ambientes.

Além dos atores sociais corretos, existe também a preocupação com vários outros fatores imbuídos no universo de uma pesquisa qualitativa, como explicita Alberti (1990, p. 15):

De todo modo, o importante é que a escolha dos entrevistados não se faz sem que se considere: a) a possibilidade de entrevistá-los, verificar se há, de saída, impedimentos graves que inviabilizem sua participação enquanto depoentes; b) os objetivos da pesquisa; c) a abordagem qualitativa que acompanha a decisão pelo emprego da história oral, e d) o conhecimento prévio do objeto de estudo.

No âmbito da presente pesquisa, houve uma clara intencionalidade em delimitar os atores sociais da pesquisa. A comunidade do Lagamar, comunidade lócus da pesquisa, e formada por um conjunto de instituições populares que deflagram lutas por melhorias nas condições de subsistência entre os habitantes do bairro. O movimento social no qual foi proposta a realização da pesquisa atende aos objetivos, sendo parte vital para a uma obtenção qualitativa dos resultados.

Na fase introdutória da pesquisa fiz uma série de observações e dialoguei com pessoas que tinham contato direto ou indireto com os sujeitos da presente pesquisa. Notei o quanto a singularidade dos presentes atores sociais já elencados na introdução, atendiam aos interesses e anseios da presente investigação.

Os riscos impostos pelo ambiente, já que se trata de um bairro com grande número de conflitos sociais em diversas partes, foram minimizados pela estreita relação com os principais atores sociais da comunidade. Os quatro sujeitos selecionados para a pesquisa asseguraram a realização da investigação, assim como recebi apoio dos demais sujeitos que narraram sobre a história do bairro e do movimento aqui focado. Havia um entendimento mútuo de que suas vozes e suas histórias de vida precisavam ser ouvidas e conhecidas, ganhando eco para além dos muros que cercam os arredores da comunidade. Em diálogo com os líderes locais foi construída uma lista de pessoas importantes para a reconstrução histórica pretendida.

Por mais cuidado que se tenha na escolha dos sujeitos ainda pode haver falhas nesse processo, a dúvida só acaba no momento de início concreto das entrevistas, como reitera Alberti (1990, p. 16):

Só é plenamente fundamentada no momento da realização das entrevistas, quando se verifica, em última instância, a propriedade ou não da seleção feita. É nesse momento que se pode avaliar a outra face da escolha, aquela que até então permanecia desconhecida por dizer respeito apenas ao entrevistado, não se deixando apreender pelos critérios do pesquisador antes de se iniciar a entrevista.

O entrevistado, que foi adequadamente inserido na pesquisa, é aquele que entende a importância da pesquisa e se insere nela por inteiro, fazendo de seus relatos orais uma ponte entre entrevistando e pesquisador que pode enaltecer os objetivos propostos na pesquisa. Não se limita a mencionar fatos que julga importante, apenas adiciona ainda mais fatos que julga serem substanciais para se alcançar as metas envolvidas naquela relação.

Uma narrativa oral bem elaborada premia o pesquisador com acontecimentos que vão além dos simples fatos mencionados. É exposto também uma série de interpretações, “achismos”, conflitos, reações, tudo aquilo que o sujeito da pesquisa julga coerente expor em seu relato é exposto sem filtros, pois a confiança entre entrevistado e pesquisador atingiu um nível de segurança para ambos.

O número de entrevistados é encarado na academia, por muitos, sempre dentro de um viés quantitativo. Muitas vezes esse viés, dentro de uma visão qualitativa, pode destruir o sentido da pesquisa. Por isso a importância em encontrar um equilíbrio entre o número de entrevistados e a função dos mesmos em cada etapa da pesquisa:

Assim, o número de entrevistados de uma pesquisa de história deve ser suficientemente significativo para viabilizar um certo grau de generalização dos resultados do trabalho, para permitir que se retire, do conjunto de depoimentos realizados, um instrumental consistente que fundamenta a sua análise [...] é somente durante o trabalho de produção das entrevistas que o número de entrevistados necessários começa a se descortinar com maior clareza, pois é conhecendo e produzindo as fontes de sua investigação que os pesquisadores adquirem experiência e capacidade para avaliar o grau de adequação do material já obtido aos objetivos de estudo. (ALBERTI, 1990, p. 18)

Durante a produção das entrevistas é que as funcionalidades de cada um são postas na sua real dimensão. Mas, antes de se partir para a produção propriamente dita, cabe o processo de preparação para que aconteçam. O processo de preparação irá elucidar o pesquisador sob em quais condições as entrevistas para a aquisição dos dados irão se realizar. Todas as etapas são postas para que a execução da entrevista tenha o êxito esperado:

Em primeiro lugar, é preciso reservar uma boa parte dos meses à pesquisa e à elaboração do roteiro geral, etapa em que se procederá ao aprofundamento do tema [...] Durante esta fase também se estará também procedendo à seleção dos primeiros entrevistados, aos quais se chega à medida que o estudo sobre o tema e as reuniões internas indica com que atores convém iniciar a pesquisa [...] Como resultado dos acertos efetuados, as próximas etapas a serem previstas no cronograma são a elaboração dos roteiros individuais, seguida da realização das entrevistas. (ALBERTI, 1990, p. 41)

Na fase de preparação das entrevistas deve ser realizada uma revisão de literatura sobre o objeto de estudo. A análise de outros trabalhos produzidos acerca da temática pode valer de subsídio para que se percorram novos caminhos ainda não dimensionados. Pesquisar em arquivos físicos e não físicos diversos, referências auxiliam na construção de um objeto de estudo capaz de transpor as barreiras do óbvio e fazer valer um novo olhar sobre o que vinha se dialogando até então. A partir de então se cria um roteiro de entrevistas. Este roteiro tem sua função bem delimitada por Alberti( 1990, p.47):

Sua função é dupla: ao mesmo tempo em que promove a síntese das questões levantadas durante a pesquisa em fontes primárias e secundárias, encerrando em seu bojo os produtos daquele trabalho, constitui instrumento fundamental para orientar as atividades subsequentes, especialmente a elaboração dos roteiros individuais.

No roteiro de entrevista estão bem claras as intencionalidades do pesquisador. Uma vez pronto esse mesmo roteiro pode servir de base para apresentação aos entrevistados. Apresentar o roteiro aos entrevistados é esclarecer o teor maior da pesquisa, colocando todos aqueles que serão entrevistados à parte do que será abordado desde seu início. Esse pode ser um momento de tensão entre entrevistador e sujeitos da pesquisa, já que uma pergunta pode não ser compreendida em sua totalidade e o entrevistado pode recusar-se a seguir em frente diante do item proposto. Cabe ao pesquisador esclarecer os possíveis subterfúgios existentes, contornando as peculiaridades negativas para se construir novamente uma atmosfera de cooperação mútua.

Dentro do ambiente da pesquisa o pesquisador, por mais ambientado e integrado que esteja sempre será um corpo estranho em meio ao conjunto cultural que ali está construído. Cabe ao pesquisador enaltecer uma atmosfera de confiança mútua, fazendo valer o respeito pelos limites que possa encontrar no trabalho de campo. Num dado momento, o cronograma simplesmente pode estar em completa desordem devido as nuances do ambiente de pesquisa. Isso não evidencia que esteja tudo perdido, mas tão somente, que as coisas devem ser revistas para se chegar a um caminho diferente no alcance dos objetivos propostos.

Criar um ambiente de entrevista harmonioso dentro da relação estabelecida entre entrevistador e entrevistado é fundamental para dar sequência aos fatos:

Uma relação de entrevista é, em primeiro lugar, uma relação entre pessoas diferentes, com experiências diferentes e opiniões diferentes, que tem em comum o interesse em determinado tema, por determinados acontecimentos e conjuntos do passado. Esse interesse é acrescido de um conhecimento prévio a respeito do assunto: da parte do entrevistado, um conhecimento decorrente de sua experiência de vida e, da parte do entrevistador, um conhecimento adquirido por sua atividade de pesquisa e seu engajamento no projeto. Tem-se então uma relação em se deparam sujeitos distintos, muitas vezes de gerações diferentes e, por isso mesmo, com linguagem, cultura e saberes diferentes, que interagem e dialogam sobre um mesmo assunto. (ALBERTI, 1990, p. 69)

Dentro dessa atmosfera de harmonia, a entrevista pode ser analisada sobre o seu todo, dentro de uma relação humana que permite uma construção dialógica sobre um

determinado tempo passado. Quando se estabelece a harmonia dessa relação, os diálogos sobre o subjetivo fluem de maneira ímpar, tendo em vista que o véu de insegurança que podia estar cobrindo o entrevistado foi desvelado pelo mesmo, gerando um ciclo de alternância de poder entre as falas, fazendo com que haja uma relação direta equiparada, nunca sobreposta para um lado ou para o outro.

Em meio a isso, com a confiança adquirida por parte do entrevistador, o entrevistado pode sentir-se mais a vontade e desvelar cada vez mais fatos que estavam ocultos, enriquecendo a pesquisa ao ponto de desvencilhar acontecimentos antes omitidos por medo ou vergonha de uma exposição desnecessária. O processo de pesquisa também é um processo de conquista, de certa empatia, pois na ótica humana, o sentir não deve ser desvencilhado de qualquer tipo de relação. Um diálogo informal e cercado de sinceridade pode ser capaz de quebrar muros internos que nem mesmo o entrevistado é capaz de mensurar a sua existência.

Nessa relação de harmonia, cresce a possibilidade desse momento não ser vivido posteriormente, pois a dimensão dessa relação de respeito só pode ser mensurada em sua forma única. Existe a possibilidade do mesmo sujeito ser entrevistado em um momento futuro, falar sobre a mesma temática, mas ter uma reação completamente diferente que não corresponderia ao que já foi mencionado. Uma relação de entrevista é sempre única, como esclarece Alberti (1990, p. 73):

Se um mesmo entrevistado for procurado mais tarde por outros pesquisadores, mesmo que com objetivos semelhantes, para prestar um novo depoimento, as duas entrevistas poderão até ser parecidas, mas jamais serão iguais: a relação entre as partes será diferente, a começar pelas pessoas, que não serão as mesmas, e o momento de realização de entrevistas também será outro, seja do ponto de vista da vida pessoal do entrevistado, seja em função do quadro social, político e econômico de seu grupo ou país.

A relação convergente na pesquisa também se dá no momento de sua realização através da organização do ambiente. Tudo é propício para que ocorra tudo conforme for planejado, desde a apresentação do entrevistador que não deve portar-se de maneira grosseira aos sujeitos, vestindo-se com trajes coerentes com o ambiente, até mesmo as pessoas que estarão ou não presentes no momento da entrevista tem o poder de tornar o caminho mais tranquilo ou divergente.

Na passagem dos relatos para a forma escrita, as conversas em paralelo proferidas por um terceiro sujeito no ambiente, podem ser levadas em consideração e atingir a análise do contexto:

Além do poder de desviar o rumo da entrevista e de incidir sobre o comportamento do entrevistado, a presença de uma terceira pessoa exige maior cuidado quando do processamento da entrevista. Podem ocorrer com mais frequência conversas paralelas, superposição de vozes e outras circunstâncias particulares que devem ser cuidadosamente identificadas quando se passa o documento para a forma escrita. (ALBERTI, 1990, P. 77)

As observações podem levar o entrevistado a omitir ou não permitir que o entrevistador prossiga em suas explanações, cabendo ao entrevistador repensar o cenário de entrevista vendo a possibilidade dessas problemáticas para a condução tranquila dos fatos. O encerramento da entrevista deve ser feito de maneira clara, não forçosa, tendo em vista que foi dado um prosseguimento que evidenciasse a importância daquele momento para todos os envolvidos.

Após as falas gravadas, cabe ainda esclarecer mais uma vez o teor das mesmas, vendo que não deve haver dúvidas aparentes quanto a sua utilização. Os entrevistados devem estar envoltos por uma atmosfera de confiança, inclusive após os momentos da entrevista propriamente dita. O mesmo elo de confiança que se inseriu no início da aproximação entre os personagens do cenário da pesquisa, deve ser mantido após o seu término, mais que uma ação racional, a entrevista lida com pessoas e seu conjunto de emoções e percepções sobre o mundo que os cerca. Lidar com isso de maneira cuidadosa deve ser fundamental para uma análise coesa dos relatos orais.

Após dimensionar os aspectos qualitativos da história oral, é importante ressaltar que a importância desta abordagem na presente investigação se evidencia por permitir que demais atores sociais não pertencentes à Comunidade do Lagamar, mas que participaram da construção do MNMMR fossem ouvidos diante do conjunto de situações vividas, desafios e soluções encontradas naquele contexto situacional:

A história oral seria inovadora primeiramente por seus objetos, pois dá atenção especial aos 'dominados', aos silenciosos e aos excluídos da história (mulheres, proletários, marginais, etc.), a história do cotidiano e da vida privada (numa ótica que é o oposto da tradição francesa da história da vida cotidiana), à história local e enraizada. (FERREIRA e AMADO, 1996, p.4)

Com os relatos de sujeitos pertencentes a uma classe social desfavorecida, a história oral permite que se observem as maneiras de “ver” e “sentir”, em alusão às estruturas racionalistas, estabelecendo como preceitos os percursos “micro-históricos” de cada sujeito que participa dessa construção narrativa social. Mesmo se prendendo a uma visão subjetiva, a história oral permite representar uma coletividade, a partir de sua própria representação, construída por uma ou múltiplas perspectivas. Simson (1988, p.19) elucida bem tal perspectiva:

A história oral pode captar a experiência efetiva dos narradores, mas também, recolhe destes tradições e mitos, narrativas de ficção, crenças existentes no grupo, assim como relatos de contadores de histórias [...] Na verdade tudo quanto se narra oralmente é história, seja a história de alguém, seja a história de um grupo, seja história real, seja ela mítica.

Os depoimentos transcritos transformam-se em documento, difundindo-se como fonte humana rica de construção e conservação do saber. A história oral é capaz de produzir ricas fontes de consultas (em forma de entrevistas) para diversos estudos. Sobre o auxílio da história oral em diversas pesquisas, Alberti (1989, p.2) menciona que “trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, movimentos [...] à luz de depoimentos de pessoas de pessoas que deles participaram ou os testemunharam”.

A sociedade pode, dessa forma, ser compreendida em fragmentos do “todo”, o conjunto de especificidades vivenciadas pode montar um novo olhar, ou, um conjunto de múltiplos olhares sobre a mesma sociedade, observando a riqueza das relações em microespaços sociais, como o do lócus da pesquisa em questão.

A história oral, no momento da entrevista para aquisição da narrativa pode acompanhar a trajetória de vida dos participantes, fazendo com que o mesmo reflita de maneira crítica sobre seu passado:

Dependendo do entrevistado, do andamento da entrevista e também dos objetivos da pesquisa, pode-se dar ênfase a questões de interesse factual ou informativo, ou a questões de cunho interpretativo, que exijam do depoente um trabalho de reflexão crítica sobre o passado (ALBERTI, 1990, p.4)

Um dos olhares dados à presente investigação é fazer com que os sujeitos pesquisados reflitam criticamente sobre o seu passado e as múltiplas dimensões que o mesmo trouxe para o seu momento de vida atual. Além dos sujeitos focos da investigação moradores da Comunidade do Lagamar, outros sujeitos de outros grupos dos movimentos sociais também possuem papel protagonista nessa concepção de mundo que faz parte da construção do MNMMR. As narrativas orais desses atores secundários no processo de construção do MNMMR constituíram-se como valorosa ferramenta para a compreensão do contexto onde a pesquisa acaba por se apresentar.

A inserção do uso da história oral pretendeu ir além do que está posto como prova documental. A noção do que se busca pode ser traduzida por fatos que passaram despercebidos pelos registros escritos, mas continuam vivos nas mentes e nos sentidos de quem os vivenciou. Alberti (1990, p.5) esclarece a importância do uso dos relatos orais, elucidando que:

A produção deliberada do documento da história oral permite recuperar aquilo que não encontramos em documentos de outra natureza: determinados acontecimentos poucos esclarecidos ou nunca evocados, experiências pessoais, impressões particulares, etc.

O grande mote da história oral é promover no momento da entrevista o despertar do olhar do pesquisador em relação ao que se diz, permitindo que o mesmo invoque determinados questionamentos que em um registro escrito não seria permitido.

Esse movimento não linear em relação ao discurso e sua conseqüentemente lembrança dos acontecimentos, deixa que haja a recuperação do vivido por quem vive, sendo esse vivido, talvez, deixado de lado por não ser considerado de suma importância por quem relata os fatos. Nem tudo que é importante é mencionado, é natural que se esqueça de algo, daí cabe ao pesquisador elucidar para que o considerado “vital” seja posto à tona.

Devido à peculiaridade de seu registro, a história oral pode ser considerada como documento, na verdade, um documento oral:

Mesmo que seja transcrito, o depoimento de história oral deve ser considerado em função das condições de sua produção: trata-se de um diálogo entre entrevistado e entrevistadores, de uma construção e interpretação do passado atualizada através da linguagem falada. (ALBERTI, 1990, p. 6)

A sua análise permite que se observem os significados intencionalmente ou não colocados no tecer do relato oral. Através da diversidade de visões sobre um mesmo fato temporal, acaba por resultar em um conhecimento rico, formulando diversas formas de abstrações. A história oral deve ser encarada não como ferramenta, mas como meio de produção de conhecimento.

A história oral não deve ser empregada na dimensão quantitativa da produção de conhecimento, pelo contrário, sua dimensão é predominantemente qualitativa na pesquisa, servindo como método de recuperação do passado:

O emprego da história oral implica, antes de mais nada, a adoção de métodos qualitativos de pesquisa. Deve ser importante, diante do tema e das questões que o pesquisador se coloca, estudar as versões que os entrevistados fornecem acerca do objeto de análise. Ou mais precisamente: tais versões devem ser, elas mesmas, objeto de análise. (ALBERTI, 1990, p.13)

Conforme visto, o uso das narrativas orais não elimina a busca e incorporação de documentos escritos, pelo contrário, antes e após os relatos gravados, é interessante que sejam auxiliados por documentos escritos, caso os mesmos estejam disponíveis. Fato também importante já elucidado é a escolha dos entrevistados. Na presente pesquisa, os narradores foram os educadores sociais do MNMMR do Lagamar, tendo como sujeitos secundários, outros educadores de diversos grupos sociais aliados ao MNMMR:

[...] convém selecionar os entrevistados entre aqueles participaram, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao tema que o pesquisador pretende investigar e que podem fornecer depoimentos significativos. (ALBERTI, 1990, p.14)

É importante esclarecer quais são os entrevistados para que se possa aprofundar o que for abordado em categorias, compreendendo assim, as possibilidades que podem ser alcançadas com os sujeitos pertencentes aquele determinado grupo social. Esse fato é vital para que o entrevistado possa dimensionar não apenas relatos de experiências factuais, mas impressões do vivido, resgate de memórias do inconsciente que o cotidiano por vezes insiste

em ocultar, além de conflitos, dogmas, outros fatos que o impactaram, em suma, a visão mais enriquecedora do contexto temporal vivido.

Para a história oral, os sujeitos mais pertinentes foram todos aqueles que tiveram grau de importância na construção do MNMMR. Instituições como a Pastoral do Menor e educadores sociais da época, líderes comunitários, moradores antigos do bairro do Lagamar foram contemplados

Dentro de uma dimensão onde a voz dos sujeitos possui uma dimensão significativa dentro do âmago da presente pesquisa, o próximo tópico trata da abordagem do diário de itinerância e da escuta sensível como precedentes importantes para obter um processo narrativo que contemple verdadeiramente o sentir e o pensar dos sujeitos presentes no lócus da pesquisa.

## 2.5 A escuta sensível e o diário de itinerância.

*A escuta reconhece a aceitação incondicional do outro  
(René Barbier).*

Quando se caminha por uma comunidade de periferia, logo se vê um cenário diferente dos grandes centros urbanos mais abastados economicamente. As pessoas caminham pelas ruas como se estivessem passando pelos corredores de suas próprias casas. Muitas vezes, as roupas modestas dão a ideia de que a simplicidade de estar em casa invadiu as ruas com uma naturalidade de quem vê na rua apenas uma extensão de sua casa.

Na comunidade do Lagamar essa dimensão de pessoas fazendo das ruas a extensão de suas casas ganha uma notoriedade real. Os diálogos e tudo aquilo que se pensa de maneira restrita é exposto com uma vivacidade incrível, como se não houvesse a distância entre o dito público e o privado. Os caminhos de uma comunidade de periferia são estreitos, às vezes sujos, porém, cercados de uma riqueza de detalhes por quem vive naquele espaço de segregação social. Os moradores têm da negação de direitos e sabem que uma vida dessas exige equipamentos e serviços só existentes no espaço que habitam.

Como salientar aspectos vivenciais de maneira sensibilizada? De que maneira o pesquisador pode vivenciar a dimensão da pesquisa em seu lócus, fugindo um pouco da métrica e colocando o seu sentir como parte de sua racionalidade em torno das coisas e das pessoas? Como não invisibilizar as situações que acontecem ao seu redor e torna-las, verdadeiramente, aspectos ricos que o próprio campo de pesquisa é capaz de mostrar? Para responder a essas questões, Barbier (2007) apresenta a dimensão da escuta sensível como mote importante do pesquisador dentro da pesquisa de campo.

O próprio Barbier (2007, p. 94) descreve as exigências para a escuta sensível, e seu papel de construção em torno de uma observação em campo mais humanizada, mostrando das peculiaridades que a sensibilidade humana pode captar:

A escuta sensível apoia-se na empatia. O pesquisador deve saber sentir o universo afetivo, imaginário, e cognitivo do outro para compreender do interior as atitudes e os comportamentos, o sistema de ideias, de valores, de símbolos e de mitos (ou a “existencialidade interna”, na minha linguagem). A escuta reconhece a aceitação incondicional do outro. Ela não julga, não mede, não compara. Ela compreende, sem, entretanto, aderir às opiniões ou se identificar como o outro, com o que é enunciado ou praticado.

Não há como ficar cego diante de um ambiente de pesquisa tão rico como o ambiente de uma comunidade de periferia urbana. A periferia vive, exala suas nuances e cores por todos os becos, ruas estreitas e vielas que a constituem. O pesquisador humanizado sabe reagir à esse emaranhado de particularidades não no sentido de repelir as particularidades do ambiente, mas sempre buscando uma compreensão além do que lhe é de conhecimento imediato.

O fato do pesquisador possivelmente também habitar uma área de periferia não lhe dá o direito de subjugar um ambiente de pesquisa que possui as mesmas características, mas nunca terá a mesma identidade. As periferias se assemelham em suas lutas históricas por melhorias, mas nunca podem ser equiparadas em suas pequenas batalhas cotidianas. As pessoas que habitam a periferia constroem sua vida a todo instante num movimento sem fim. Há luto e luxo espalhados em todos os lugares, principalmente, em todos os olhares. A maneira sensível como se capta esse cenário é vital para ter um cenário mais claro do que se busca naquela comunidade. Sentir e não repelir ideias e emoções, dentro de uma maneira organizada, científica.

Um ponto positivo dentro da escuta sensível é dimensionar o olhar do pesquisador para a ótica do sentir. O sentir do pesquisador pode e deve ter papel fundamental no objeto de análise. Fazendo isso, a pesquisa foge da métrica comum, adequando o olhar vivencial como peça importante no viver a pesquisa. A pesquisa é vivida em sua completude pelo pesquisador que, no momento solitário da escrita, pode ser capaz de expor sua visão do agir dentro do cotidiano da pesquisa. Barbier (2007, p. 94) afirma essa coerência por parte do pesquisador que se propõe a trabalhar com a escuta sensível:

A escuta sensível afirma a coerência do pesquisador. Este comunica as suas emoções, o seu imaginário, suas perguntas, seus sentimentos profundos. Ele está 'presente', quer dizer, consistente. Ele pode não mais aceitar trabalhar com um grupo, se algumas condições se chocarem com seu núcleo central de valores, sua filosofia de vida.

O pesquisador lança uma sua visão holística sobre os sujeitos e o meio social, tendo dentro dessa dimensão completa o seu imaginário sentido e reinventado sobre e para os atores da pesquisa. A escuta sensível permite a indagação sobre o universo da multirreferencialidade que pode estar contida no momento da pesquisa, vendo que a dimensão do viver humano está dotada de um conjunto infinito de referenciais, sendo essa infinidade de preceitos não tão simples de serem destacados.

Na lógica da infinidade de dimensões nas quais somos influenciados como sujeitos em sociedade, Barbier (2007, p. 95) dimensiona que:

Na verdade, estamos presos aos esquemas de representações e de ações que nos chegam de nossa família, de nossa classe social e que nos arrastam a um conformismo social inconsciente. Na verdade, os papéis e os status sociais que assumimos nas diversas organizações onde estamos inseridos nos obrigam a não infringir a ordem estabelecida e asseguram-nos uma ilusória estabilidade ligada a um poder que nega a nossa angústia de morte.

Na contra lógica dessa prisão à esquemas de representações, a escuta sensível pressupõe uma inversão gradativa de papéis. Nessa nova perspectiva, antes de rotular o sujeito ao seu ambiente como é algo característico de grande parte das pesquisas realizadas até então, o pesquisador reconhece o sujeito além do ser social, como um corpo formado por múltiplas dimensões em torno de si.

Não há a rotulação baseada na ligação sujeito e ambiente. Há a dinâmica de observar esse sujeito e diversos sujeitos em interação constante com o meio em que habitam. A multiplicidade que pode surgir dessa dimensão foge por completo numa relação simplória, linear, diante das possibilidades de descrições e sensações que o ambiente pode proporcionar. O olhar engessado foi redimensionado dando ênfase na peculiaridade das relações adjacentes dentro da pesquisa. Esse processo de revisão é vital, pois “antes de dimensionar uma pessoa no seu ‘lugar’, começamos por reconhecê-la em seu ser, na sua qualidade de pessoa complexa dotada de uma liberdade e de uma imaginação criadora” (BARBIER, 2007, P.96).

Na prática, a escuta se configura mais como arte do que como ciência, pela sua devida reformulação constante e pela dimensão de emergir do subjetivo do pesquisador, fazendo um caminho que vai além da simples racionalização dos fatos. O subjetivo emerge com um conjunto de observações e indagações que foram trabalhadas no momento da estadia em campo e são capazes de dimensionar o pensar e o sentir do pesquisador naqueles momentos de interação constantes. Barbier (2007, 97) dialoga sobre essa dicotomia entre a escuta sensível estar na linha tênue entre ciência e arte:

Ela é mais arte do que uma ciência, porque toda ciência procura delimitar o seu campo e impor os seus modelos de um escultor que, para fazer surgir a forma, deve primeiramente passar pelo trabalho do vazio e retirar que é supérfluo, para tomar forma. No domínio da expressão humana, o que é supérfluo cai, desde o momento em que se encontra diante do silêncio, que não recusa os benefícios da reformulação, que a escuta sensível permite ao sujeito desembaraçar-se de seus ‘entulhos’ anteriores.

Escutar é arte de fazer valer as palavras, e dentro dessas palavras, estão contidos os elementos constitutivos do outro. Parte da narrativa é expressa em palavras. São essas palavras que dimensionam o sentido das coisas. Na verdade, elas são a representação exata do sentir através da fala. O silêncio que dá vazão para a fala não é um silêncio qualquer. Ele foi reconsiderado, pensado, reorganizado em fatores intrínsecos ao sujeito que não podem ser dimensionados apenas na observação aligeirada e superficial. A dimensão do sentir por parte do pesquisador é tão importante quando a do entrevistado. Atribui-se um sentido para esse movimento organizado internamente:

O atribuir um sentido implica um capital. O pesquisador, o clínico, evidentemente possui um. É composto de sua experiência, de sua formação e de suas leituras [...] Mas ele deve saber que cada experencialidade pessoal é única e não-redutível a um modelo qualquer. Tudo que se pode reduzir ao mesmo, ao invariante, á estrutura, na ordem das manifestações existenciais é ilusória e reflete uma ideologia eleática. (BARBIER, 2007, p. 97)

O contexto no qual o sujeito está inserido reflete essa atribuição de sentido ao vivido e só quem pode atribuir um sentido vivencial diante daquilo é o próprio sujeito. Soa redundante tal afirmação, mas isso reflete o quanto a lógica da escuta nesse sentido soa óbvia e explicar além do sentido atribuído pode até soar redundante.

Deve haver uma abertura gradual e completa para a existência de um ser humano em sua maneira holística. Negar a existência de uma emoção que dialoga da razão, é omitir de um cenário a complexidade da existência humana. Mesmo que esteja imbuído dos preceitos éticos básicos de um pesquisador, o mesmo não pode simplesmente deixar de dar importância ao paladar, ao tato, à audição, dos sentidos básicos que o fazem valer da sua condição humana:

A atitude requerida para a escuta sensível é a de uma abertura holística. Trata-se realmente de entrar numa relação de totalidade com o outro tomado em sua existência dinâmica. Uma pessoa só existe pela existência de um corpo, de uma interação. A audição, o tato, o gosto, a visão, o paladar, são desenvolvidos na escuta sensível. (BARBIER, 2007, p. 98)

Diante dessa multirreferencialidade, é necessário que os registros, os pequenos fragmentos sentidos dentro do cenário de pesquisa sejam registrados seguindo a lógica exposta pela escuta sensível. Ao registrar as nuances pessoais em relação ao ambiente, o pesquisador cria pequenos enredos oriundos de seu olhar diante do sujeito da pesquisa. A lógica é fazer o sentir de maneira prática, tornando o percurso da pesquisa também um

percurso pessoal do pesquisador, já que as suas impressões e sentimentos podem explicitar também o olhar do “outro” sobre aquele mesmo contexto, dando novas dinâmicas para a construção de novos diálogos diante do mesmo.

Sobre a lógica conceitual do “diário de itinerância”, Barbier (2007, p. 133) menciona que:

Trata-se de um instrumento de investigação sobre si mesmo em relação ao grupo em em que se emprega a tríplice escuta/palavra (clínica, filosófica, poética) da abordagem transversal. Bloco de apontamentos onde cada um registra o que sente, o que pensa, o que medita, o que poetiza, o que refém de uma teoria, de uma conversa, o que constrói para dar sentido à sua vida.

Transcrever sentimentos, pensamentos e sensações que possam ser nutridas diante do ambiente de pesquisa, pode ser feita de maneira coletiva ou individual. O diário de itinerância se configura como uma alternativa metodológica específica, distinguindo-se das demais formas de diários, de registros em torno de uma realidade complexa.

A lógica da dita itinerância é realizar esse percurso da pesquisa estando atento a todas as dimensões do sentir e pensar que possam ser alcançadas nessa trajetória. Não é apenas um caminhar pelo todo, é trilhar um caminho levando em conta a complexidade do todo, vivenciando-o dentro de uma perspectiva científica, mas também qualitativa em todas as possibilidades que possam haver nessa relação entre sujeito da pesquisa e pesquisador. Barbier (2007, p. 133) fala desse movimento de itinerância de maneira mais clara:

Ele [o diário] fala da ‘itinerância’ de um sujeito (indivíduo, grupo ou comunidade) mais do que uma ‘trajetória’ muito bem balizada. Lembremos que, na itinerância de uma vida, encontramos uma infinidade de itinerários contraditórios. A itinerância representa um percurso estrutural de uma existência concreta tal qual se manifesta pouco a pouco, e de uma maneira inacabada, no emaranhado dos diversos itinerários percorridos por uma pessoa ou por um grupo.

O diário de itinerância consegue percorrer as dimensões do público e do privado com uma singularidade organizada. Os ditos na construção do diário refletem sentimentos e sensações do pesquisador, sentimentos e sensações que não podem ser construídos apenas em meros devaneios sem quaisquer conexões. Cabe também no sentir, a dimensão da racionalização (científica), já que as percepções em campo também podem ser sentidas com o auxílio do pensar, não há uma desconexão. Tendo em vista que a itinerância é a relação do homem com o mundo e a dimensão científica faz parte desse mundo de construção e reconstrução de ideias e ideais.

É importante não confundir o diário de itinerância com o diário íntimo. Ambos são instrumentos de registros, mas na prática apresentam especificidades que caracterizam cada um no lugar que lhe cabe. No diário íntimo as pessoas que são mencionadas no texto permanecem não reveladas, muito menos são postas em destaque. O âmbito da intimidade de pensamento e dos dizeres costuma ficar guardados, reclusos em relação ao público. Os ditos e não ditos permanecem ocultos em relação ao público “externo”. Já o diário de itinerância obedece outra dinâmica que se assemelha ao diário íntimo, porém na prática, se comporta de maneira diferente:

O diário de itinerância comporta bem esse caráter de intimidade com a afetividade e as reações em relação ao mundo circundante; mas ele apresenta igualmente a característica de ser publicável, ou, pelo menos, difundível no todo ou em partes. Por certo, o escritor fará a escolha dos acontecimentos respectivos com toda sua prudência deontológica e o respeito das pessoas, mas uma parte será exposta e, na mesma oportunidade, exporá uns e outros em relação a outrem. (BARBIER, 2007, p. 134-135).

A parte mais semelhante entre as formas de diário íntimo e de itinerância é que ambos são escritos diariamente, de forma natural e em qualquer tipo de situação. As emoções contidas no papel são escritas no calor que elas emergem. As sensações em relação ao vivido são descritas em suas peculiaridades. “Achismo” e impressões não são filtrados, não existe tempo hábil para isso, apenas se escreve, se descreve as formas de sentir antes que elas fujam, fiquem fora de foco em relação ao que se vê.

A busca por um sentido dentro dos vários sentidos é tarefa vital de quem escreve o diário de itinerância. Não há barreiras inerentes ao ato de expressar o que se sente. A clareza das palavras é fundamental para demonstrar a clareza dos sentimentos e sensações que se tem. O olhar crítico construído ao longo de uma vida pode ser aliado do pesquisador na tarefa de descrever o que se sente. Um crítico de si mesmo acaba sendo um bom redator de suas emoções, já que prevalece o bom senso em descrevê-la. Escrever sobre o outro, o impacto do outro e dos outros sobre si, acaba sendo um exercício de descoberta enquanto pesquisador.

O diário de itinerância permite fazer esse traslado de emoções constantes. Talvez possa ser desafiador para alguns falar na dimensão do sentir no âmbito rígido de uma pesquisa de caráter científico, pois na academia a dimensão do sentir também tem sido deixada de lado. Em alguns casos abandona-se o olhar humanizador sobre a pesquisa, dando vazão a um olhar mais rígido. Não é errado pensar dessa forma em algumas situações de pesquisa, mas um olhar não deve se sobrepor ao outro. O diálogo não gira em torno disso, e sim, na integração

desses múltiplos olhares, dessas múltiplas formas e ser e de fazer pesquisa, principalmente no âmbito educativo.

O diário de itinerância também se assemelha ao diário de bordo no âmbito da etnografia, como discerne Barbier (2007, p. 135):

O diário de itinerância pode igualmente ser comparado ao diário de bordo do etnógrafo. Tudo se passa como se o escritor transversalista percorresse sua vida e a vida de outrem como o mesmo espírito de implicação e de curiosidade heurística do pesquisador antropólogo que visita uma sociedade primitiva prestes a desaparecer.

A semelhança se instaura nessa relação pelo fato do etnólogo não se contentar em apenas registrar o ocorrido em campo. O etnólogo é capaz de destacar a complexidade das relações, o emaranhado de sensações provocado por essas relações. Nisso o diário de itinerância se assemelha, pois, o limite da escrita quem delinea é o próprio pesquisador quando consegue alinhar a escrita com a percepção do sentir.

Quando se está imerso em outro grupo cultural que não reflete a sua dimensão social restrita, a função do pesquisador é ser um catalisador das sensações que daquele espaço emerge. Para o futuro leitor de sua obra, quanto mais for claro a maneira racional e emocional com que o pesquisador descreve o lócus de pesquisa, mais claro pode parecer aquele cenário para quem está fora dele, vendo apenas através daquelas palavras, das imersões que aquele sujeito se propôs a fazer.

Barbier (2007, p. 137) destaca ainda que o diário de itinerância é um diário de pesquisa “na medida em que ele representa bem um instrumento metodológico de investigação e a aplicação de uma problemática central: a abordagem transversal com seu método de pesquisa-ação existencial”.

Sendo assim, o diário de itinerância não anula nem subjuga diversas outras formas de registrar o tido em campo, apenas defende seu caráter prático onde defende a dimensão do sentir, auxiliado pela escuta sensível dos fatos, como ferramenta para o diálogo constante entre o sentir e as transformações na pesquisa. O diário de itinerância dentro de sua forma constitutiva divide-se em três formas distintas: o diário de rascunho, o diário elaborado e o diário comentado.

De início se estabelece o diário de rascunho. O diário tem esse denominação de “rascunho”, porque as coisas são postas em forma de rascunho, comentários soltos e expostos exatamente no fervor dos acontecimentos, sem a simetria de sentar, parar para escrever, o rascunho não obedece um tempo ou espaço considerado mais ou menos adequado,

simplesmente se escreve, se traduz o sentir no ato que acontece. O pesquisador nessa situação, segundo Barbier (2007, p. 137-138):

Redige cotidianamente sob a forma de um diário-rascunho no qual ele escreve tudo que ele tem vontade de anotar no fervilhar da ação ou na serenidade da contemplação. Nesse momento, ele não procura efeitos de estilo. Empenha-se em registrar o que lhe parece importante na sua vida ligado a de outrem. Pode ter seu próprio código de escrita abreviada. É capaz de escrever, nesse diário rascunho, de qualquer modo e sobre qualquer coisa e sobre qualquer pessoa.

Essa explosão na hora da escrita pode ser traduzida na forma de reflexões, descrições, acontecimentos, pensamentos vagos, achismos, saudações, reações negativas e positivas, toma a forma de sentimento que se tenha é explorada ao máximo através das palavras. Os gritos internos podem vir a tona e serem revelados nessa mesma escrita.

Após essa escrita mais tempestuosa surge uma etapa do diário de itinerância um pouco mais refinada, denominada de diário elaborado. O diário elaborado surge a partir e completamente influenciado pelo diário de rascunho. Nessa etapa surge o ordenamento das experiências escritas anteriormente. É um processo de organização de passagens escritas, uma forma sistematizada de integrar tudo aquilo que foi escrito, jogado, arremessado no papel, dando uma forma mais legível, para o possível leitor. Cabe ao pesquisador fazer esse exercício de construção de maneira coesa:

Organizo a estrutura de meu escrito como eu o entendo e eu posso modificar completamente a cronologia dos fatos. Nunca deixo de inserir, neste momento, comentários científicos mesmo improvisados. Tenho vontade de que meu leitor sinta simultaneamente a ordem e a desordem, o silêncio e o barulho, a noite o dia, o ódio e o amor, a ação e a contemplação, a racionalidade e a irracionalidade, o nascimento e a morte de toda existência. Meu texto deve tocá-lo no mais profundo de seu “ser”, interroga-lo sobre suas evidências. (BARBIER, 2007, p. 139).

Mesmo nessa etapa o processo de construção não deve parar. Outras influências também podem e devem ser colocadas para que as ideias primitivas ganhem um formato mais legível, mais condicionado ao que o pesquisador propõe como pesquisa. O conjunto de paradoxos em relação aos fatos vividos atua, não para a confusão dos percursos da pesquisa, mas como um ponto de construção e reconstrução constante por parte de quem ler sobre o que lê.

Um equilíbrio entre as duas formas de escrita acaba por tornar o texto mais leve, mais prazeroso na sua leitura. Os rabiscos acadêmicos, por vezes, podem tornar a leitura um tanto quanto densa demais, caso seja utilizado lirismos em demasia. Toda linguagem deve

respeitar os preceitos de quem a profere, respeitando as suas experiências que serviram de base para que tal linguagem fosse constituída. Nunca se deve esquecer que “o sujeito é humano, antes de tudo, considerado positivamente em sua ipsiedade” (BARBIER, 2007, p. 140).

A escrita do diário de itinerância á uma escrita tida em coletivo, de mim para o outro, em consonância com tantos outros, “assim, durante toda esta fase do diário elaborado, eu estou em contato imaginário com um leitor virtual. Eu escrevo para mim e para o outrem. Eu sou, por excelência, um ser social”. (BARBIER, 2007, p. 143).

Após a fase do diário elaborado, surge a terceira e última fase na construção do diário itinerante: o diário comentado. Nessa fase as cartas da escrita antes embaralhadas agora foram organizadas e são reveladas. Parto do princípio de que antes os dizeres que eram apenas meus, agora estão prontos para virem a público, podendo ser esmiuçados, jogados, subjugados em toda a sua concepção.

Nesse processo final, torna-se interessante que o que vier em relação às percepções sobre o material escrito seja filtrado e tomado como parte de um processo construtivo de escrita e não seja levado como crítica pessoal por parte do pesquisador. Leva-lo ao coletivo faz parte de seu processo de construção, podendo essa ação ser feita ou não, isso não desmerece o conteúdo do mesmo. Caso assim seja, como discerne Barbier (2007, p. 143), “poderei refletir a respeito mais tarde e recomeçar outro diário elaborado, que será de novo, comentado e assim sucessivamente, no inacabamento de toda vida”.

O diário de itinerância acompanha a leitura desta dissertação e fragmentos do mesmo estarão presentes nos capítulos vindouros. No próximo (capítulo 3) apresento os sujeitos centrais da pesquisa, trazendo suas histórias de vida. No capítulo 4 reconstruo, seguindo as orientações da história oral, a história do Lagamar e do MNMMR. No capítulo final, volto às histórias de vida para fechar a análise sobre o significado das experiências de resistência e de construção propiciados pelo movimento enfocado.

### 3 HISTÓRIAS DE VIDA TECIDAS NUMA RELAÇÃO DIALÓGICA

*Não há ferimento que não possa ser lentamente cicatrizado pelo amor.*  
(Boris Cyrulnik)

O objetivo deste capítulo é socializar, na íntegra, a história de vida dos quatro sujeitos da pesquisa, já apresentados no capítulo 01, assim como demonstrar os caminhos para a construção de uma relação de confiança fundada no diálogo entre pesquisador e narradores. Freire (1986, p. 123) em sua obra *medo e ousadia* faz uma reflexão sobre a importância do diálogo nas relações humanas envolto pela dinâmica entre educador e educando, sendo essa perspectiva plausível quando se observa a questão do diálogo no ambiente das ruas. Para o educador pernambucano:

o diálogo é uma espécie de postura necessária, na medida em que os seres humanos se transformam cada vez mais em seres criticamente comunicativos. O diálogo é o momento em que os humanos se encontram para refletir sobre sua realidade tal como fazem e refazem [...] através do diálogo, refletindo juntos sobre o que sabemos e não sabemos, podemos, a seguir, atuar criticamente para transformar a realidade.

Diálogo é, em suma, um processo reflexivo contínuo sobre as peculiaridades de uma determinada realidade ou de uma vida. Delory-Momberger (2008, p. 56) diz que “a narração é o lugar no qual o indivíduo toma forma, no qual ele elabora e experimenta a história de sua vida”. É na narrativa que a história de vida acontece, num movimento de entendimento o diálogo, pois a narração de uma vida sobre a vida humana, assim, como o processo de compreensão de nossa própria vida. “A construção biográfica é, pois, a tentativa necessariamente inacabada e indefinidamente reiterada, de reduzir a distância que separa o *eu* de seu projeto primordial”. (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 65).

O diálogo instaura uma relação intersubjetiva entre pesquisador e pesquisado, exigindo amor, respeito, escuta sensível, abertura para a mudança e humildade. É impossível produzir uma história de vida sem o fundamento do diálogo, pois a narração de uma vida é seu momento de constituição da subjetividade e de consciência de identidades.

A apresentação das entrevistas em sua completude visa demonstrar a riqueza de suas falas que trazem uma gama de sentimentos, sensações e emoções expressas de maneira contundente pelos sujeitos.

Deste modo pretendo propiciar ao leitor desta dissertação uma maior aproximação sobre os fatos vivenciados, e agora, interpretados, pelos protagonistas. Isso faz com que haja uma maior intimidade com o dito e, principalmente, com o olhar ímpar que os sujeitos dimensionam sobre o percurso do vivido.

### 3.1 Tecendo relações de confiança para a construção das narrativas de vida

O primeiro encontro para a construção das histórias de vida foi marcado pela ansiedade e pela expectativa de um resultado positivo. Para o pesquisador, sempre existe o desejo de que tudo vá dar certo e de que todo o ciclo planejado tenha êxito, mesmo contando com a possibilidade de algo dar errado. Acredito que esta é a magia da pesquisa de campo, o campo de pesquisa, em que, de fato, acabam-se os desdobramentos e os esforços iniciais se concretizam.

Na manhã de segunda-feira do dia 22 de dezembro de 2014, encaminhei-me para o bairro do Lagamar. Já havia visitado o território em minha experiência pela CUFA/Ce, mas nunca com o olhar de pesquisador tão aflorado como estava naquele dia. Ao descer do ônibus me deparei com dois de meus sujeitos da pesquisa, Narcélio e Timbó, partindo já para o que seria o desenrolar das entrevistas. Ao descer sobre a rua, percebo que próximo ao bairro do Lagamar as ruas possuem condomínios grandiosos, ruas bem asfaltadas, um tráfego de veículos considerável, e até mesmo, casas que mostram moradores com certo padrão social elevado. Nunca havia feito aquele percurso por uma subida de sete quarteirões caminhando sobre um sol escaldante enquanto caminhávamos para a realização da entrevista.

Ao caminharmos, Narcélio e Timbó, mostravam-se felizes em serem entrevistados. Para quem mora em territórios invisibilizados, o fato de ter vez e voz numa atividade de investigação científica, pode evidenciar uma chance significativa de ter reconhecida a sua luta, e no Lagamar, o sentimento de luta parece estar presente em cada olhar desconfiado de cada morador. Após o trajeto para chegarmos ao Centro de Defesa e Direitos Humanos do Lagamar (CDDHL), espaço cedido para realizarmos a pesquisa, cruze ruas estreitas com pessoas nas calçadas, aparelhos de som ligados no máximo, cachorros, roupas estendidas no varal, um trilho de trem cercado por espaços não urbanizados com lixo e gente que passa a toda pressa.

No caminhar, as pessoas me olhavam com certa desconfiança, que logo era quebrada com um sonoro “oi”, quando viam que estava com dois líderes da comunidade, reconhecidos pelos seus trabalhos com a juventude do local. E não eram apenas falas, naquela manhã, percebi o quanto as pessoas os olhavam com olhares cercados de afeto e, não ficaram apenas em olhares, alguns chegaram e os abraçaram como se aqueles dois sujeitos fossem pessoas de sua própria família. Cochichos com pedidos de ajuda podiam ser ouvidos mesmo

de onde estava. Fiquei um pouco longe para respeitar a fala mansa pedindo explicação sobre alguma reivindicação pessoal ou para a comunidade. Um trecho de poucos metros parecia uma imensidão de tempo, tendo em vista que cada pessoa que nos parava, era tratada da mesma forma e o pedido era sempre anotado num caderno velho de papel, para que a solução não fosse levada de maneira imediata, mas a medida que se conseguisse apoio para solucioná-la.

Interessante observar o quanto me senti bem naquele espaço e o quanto cada ação feita naquela dimensão temporal foi explicada pelos dois sujeitos, como se me descrevessem o trabalho de cada um, salientando que aquele cenário visto por mim podia ser observado em qualquer outro dia. Dito aquilo, deu a impressão de que a busca por soluções para os problemas sociais é ininterrupta naquele espaço. A luta pela vida, contra a morte, o sentimento de resistência daquelas pessoas, parecem renascer a cada manhã de uma segunda-feira qualquer, como se a luta iniciasse sempre no nascer do sol, diante de uma música alta, cachorros pela calçada, atentando-se ao cenário social desigual visto pela janela que parece não querer cessar.

Ao chegarmos ao CDDHL me deparei com um prédio estreito de dois andares, embaixo, um portão estreito com um corredor escuro que parecia não ter fim. No meio, uma sala de computação reformada a pouco tempo, mostrada com muito orgulho, uma conquista concreta em meio a uma realidade caótica. Ao subir na escada estreita, me deparei com um espaço amplo, pouco iluminado, cheio de cadeiras, com uma parede pintada de um verde lodo inconfundível. Ao fundo, uma salinha pequena, aberta pelos dois sujeitos, com o pedido de que entrasse e aguardasse ali o momento da entrevista.

Ao esperar os outros dois sujeitos, Del Lagamar e Antônio, Narcélio e Timbó, falavam com exaltação a felicidade de serem entrevistados: “É um negócio importante para nós do movimento social termos momentos como este. Para nós, a nossa fala pode ser importante para ajudar outras pessoas, temos que ajudar mais pessoas”, revelou Narcélio. Timbó, até mais alegre que Narcélio, logo diz “se tivéssemos mais momentos como esse podíamos falar das nossas coisas, da nossa maneira. As pessoas buscam a nossa ajuda, mas a vezes, não perguntam o que a gente está sentindo, é como se nos vissem como apoio, mas apoio precisa de apoio, sabia?”, intercala Timbó, com uma naturalidade vista por mim somente em pessoas simples.

Como pesquisador, o momento da entrevista tinha uma importância bastante significativa, pois como morador de periferia, podia, enfim, ajudar na construção de um diálogo rico vindo de um coletivo do movimento social que interliga teoria e prática em suas atividades cotidianas.

Ao passar alguns poucos minutos, chegaram os dois outros sujeitos a serem entrevistados. Antônio e Del Lagamar, irmãos, chegaram juntos e já formamos um ciclo para que pudesse explicar mais minuciosamente a dimensão de minha proposta e o modo operante como pensei que seria realizada as entrevistas narrativas, deixando claro que estava aberto para mudanças que pudessem contribuir para a melhoria do resultado das entrevistas. Percebi olhares atentos à minha fala. Os olhares de atenção eram semelhantes aos que vi em outros momentos de experiência dentro do movimento social na esfera da Igreja Católica. Homens carregados de experiências de vida, me olhavam como crianças a espera de respostas, momento interessante para que observasse que as pessoas são moldadas pelas suas experiências, mas a essência, às vezes curiosa de cada um, simplesmente não cessa, se pulveriza diante do caos.

Quando expliquei cada passo e o porquê de cada termo, fiquei atento às indagações que podiam surgir. Ao contrário do que eu imaginava, as informações foram compreendidas em seu teor e só foi feita apenas uma única exclamação, nesse momento, pelo Del Lagamar, “só peço que nosso nome seja colocado como a gente é. O nome verdadeiro de cada um. Claro, também, que a nossa fala gravada hoje seja colocada como ela é, é essencial que isso aconteça. Acho importante, já que a gente faz o MNMMR todo dia e busca o seu reconhecimento. Hoje, na verdade, buscamos o reconhecimento de tudo que foi feito por todos, é importante para a nossa história”.

Diante do pedido, ficou acordado, a partir de então, que quando mencionasse algo sobre o MNMMR e especificamente sobre os sujeitos, iria mencioná-los na íntegra. Esse foi o primeiro acordo feito por nós, pesquisador e sujeitos da pesquisa. O segundo acordo foi que as falas proferidas nas entrevistas narrativas fossem postas em seu conteúdo geral, ou seja, que as evitasse reduzi-las o mínimo possível, já que os sujeitos queriam ter em mãos o resultado da pesquisa de maneira completa posteriormente. Esse acordo foi cumprido.

Após os pedidos proferidos, ficou acordado que cada um seria entrevistado em sua vez, cabendo aos demais respeitarem o tempo e espaço de cada um, já que a fala de cada um não poderia ser interrompida, para que cada sujeito pudesse falar algo que estivesse dentro

da sua visão de mundo, principalmente a sua visão de vida dentro do Lagamar. O mais incrível desse segundo momento de estabelecimento de limites, é que tudo isso surgiu num intervalo de poucos minutos, entre os sujeito ali presentes. Como pesquisador, observei atentamente o que estava se organizando ali, vendo que os sujeitos ali presentes possuíam a capacidade de auto-organização de maneira natural. Sabendo as dimensões da pesquisa, foi construído um mecanismo de organização para que eles mesmos pudessem tirar o máximo daquele momento. Como pesquisador em formação, achei aquela experiência de percepção dos fatos e elaboração de alternativas, fantástico.

Quando dividiram a ordem das entrevistas: primeiro Antônio, segundo Del Lagamar, terceiro Narcélio e por ultimo Timbó, Del Lagamar disse algo que me chamou a atenção. Falando de maneira bem direta, num tom de voz brando, Del Lagamar voltou-se pra mim e mencionou:

Olha, pra gente falar da vida da gente só tendo muita confiança mesmo, viu? Porque acho importante a gente ser o mais sincero possível nesse negócio, acho que se viesse um jornalista aqui de algum jornal não seria do mesmo jeito, mas tu mora lá no teu território, melhor que seja alguém assim pra ouvir a gente, tem que ter confiança, tem que ter andança também.

Mesmo embebido das diretrizes e do processo ético da pesquisa em sua maneira holística, como ser humano, vi, na prática, a importância da conquista da confiança para a tessitura das narrativas. E o mais importante nesse breve diálogo, é que a minha explanação sobre a história de vida e a sua construção surtiu o efeito esperado.

O processo de aquisição da confiança com sujeitos que vivem em situação de caos social constante é um grande desafio. Falo isso pois resido em uma comunidade de periferia, fez perceber o quanto o sentimento de confiança é algo simbólico para quem convive nesse meio social. Em todos os meios possíveis, principalmente no espaço social das ruas, a confiança é regada por vários outros fatores que podem estreitar relações em sua presença, mas pulverizar emoções em sua ausência.

No submundo das ruas, a confiança é a premissa inicial para a sobrevivência, já que o trânsito de pessoas é cíclico e a tomada de confiabilidade é preponderante para que novas relações sociais sejam estabelecidas. A quebra da confiança em territórios dominados pela criminalidade acaba, por vez, em um número exacerbado de mortes e criação de uma cultura do medo.

Na lógica da pesquisa (auto)biográfica, a confiança faz com que o sujeito, ao dizer que a possui, liberte as suas amarras pessoais no momento de sua, tornando-a mais genuína, já que o véu de insegurança que cobre naturalmente pesquisador e entrevistado não existe mais, não em sua forma completa. Nos quatro subtópicos seguintes, apresento a narrativa de vida dos quatro sujeitos da pesquisa na seguinte ordem: Antônio (**Sou um filho da miséria, da pobreza, da injustiça, mas estudei, sou uma pessoa que deu certo na vida**); Del Lagamar (**Nossos meninos de rua estão vivos na nossa rua, nos nossos becos, lá dentro da favela**); Narcélio (**A gente sempre fez as coisas pelo amor de fazer, de ajudar**); Timbó (**O que eu fiz de positivo no MNMMR foi resgatar jovens, principalmente do crime**).

### **3.1.1 “Sou um filho da miséria, da pobreza, da injustiça, mas estudei, sou uma pessoa que deu certo na vida”.**

*Sou Antônio José Silva Teixeira. Não nasci, estreei, porque sou uma pessoa que estreou [risos] no dia 1º de fevereiro de 1978. Venho de uma família que já morava no bairro do Pio XII, um bairro da cidade de Fortaleza, que na verdade é uma comunidade de um grande bairro, que é o bairro do São João do Tauape. O São João do Tauape divide-se em bairro do Pio XII e bairro do Lagamar, assim existem várias comunidade próximas às outras.*

*Nasci no bairro do Pio XII. Vim de uma família de 4 irmãos, com 3 legítimos e uma 1 adotiva. Minha mãe já vem de uma história de causa social, porque veio do interior do Ceará, ela — minha mãe — estudou até a 3ª série do ensino fundamental. Foi até onde aguentou o "sapato, a saia e a blusa", depois, não pôde mais estudar. Falo isso com muita honra porque nenhum dos filhos dela deixou de estudar, nunca. Pelo contrário, o que ela mais tinha conosco era cuidado. Sempre fazia questão de dizer isso. Sou o mais novo de 4 irmãos, que são: o Erivaldo, o Erivelton, a Ana Cristina e eu. O Erivaldo hoje é formado. Não sei em quê: ele é professor de escola pública. Minha irmã é funcionária pública, professora. Nós somos os 4 irmãos.*

*Minha mãe lidou com 4 mundos, em 4 universos. Fisicamente todo mundo se parece, mas nós somos diferentes, porque se juntar todos nós, nunca comemos na mesma mesa. Caso isso aconteça, se formos almoçar, é briga. Colocar política na conversa, é briga! Colocar religião, é briga! Colocar família, é briga! Os 4 se amam [suspiros]. Os 4 se amam, mas se amam tanto que vivem distantes um do outro, porque desde criança, como politicamente sempre fui muito ativo na comunidade do Lagamar, acabamos nos tornamos pelas experiências muito diferentes.*

*O que sempre uniu os 4 irmãos foi a vontade de mudar o mundo através da política. Essa história com a comunidade sempre existiu, esse papel de liderança, mas não somos iguais. Nós viemos de uma comunidade muito, muito carente, complicada e de um ambiente familiar muito difícil. Minha mãe sempre nos amou muito, sempre me viu passando de faculdade em faculdade para estudar, com vontade de exercer uma profissão, de ser uma pessoa boa. Ela trabalhava muito, mas havia cobrança para todos nós. Se não passássemos de ano na escola, não ganhávamos roupa, levávamos e uma “pisa”.*

*Essa história todinha de filho de pobre é a nossa história, porque nós éramos muito pobres, pobres mesmo, muito pobres. “Muito” não é exagero, porque nós só não passamos mais fome, graças à minha mãe que era muito corajosa, “Ave Maria!” [mãos para o céu].*

*Minha mãe se "jogou" muito para “dar de comer” a todos nós. Você [apontando o dedo para o entrevistador] não tem noção do que era em meados de 1988, 1989. Era tempo difícil. Havia coisas que nós não percebíamos dentro do cenário nacional porque a mãe não deixava. A fome e a miséria eram multiplicadas pelo pão. Antigamente nós não tínhamos pão, não tínhamos leite. Então, isso dentro da pobreza, nós vivíamos uma verdadeira condição de miséria. Esse é o nosso início.*

*Da infância eu não lembro muito, apenas pouquíssima coisa. Moro em frente ao trilho do Lagamar. Para você ter ideia, onde eu moro é numa via férrea que liga um ponto da cidade de Fortaleza a outro. Liga a Beira-mar a... Não! É o Centro da cidade, não o centro comercial, o centro da cidade para a gente é o bairro da Parangaba. O Centro assim, geograficamente, é o meio da cidade. Liga a praia a esse ponto [uma zona cargueira]. Então não tem nenhuma casa que seja de conjunto habitacional, tudo aqui no Lagamar é invasão. Daí a pessoa tira como é a “putaria” [bagunça]. Então aqui é favela mesmo. Cresci dentro da favela, de pé no chão. Tinha muitos amigos, achava muitos outros amigos. Se você quiser me conhecer, já fui um menino “de” rua, na verdade, um menino “da” rua. Tudo que fazia era na rua, absolutamente tudo: andar de gangue, usar droga, brincar, bagunçar, “fuleirar”, forró, sexo. Tudo aprendi muito cedo e de uma forma muito precoce. [silêncio]*

*Então, minha mãe nos privava desse mundo, para não nos misturarmos com esse mundo. Só que nós queríamos conhecer, porque todo mundo, na verdade, já “era”. Porque assim, eram todos nossos amigos, só tinha aquilo, não tinha outro, eu não tinha dinheiro para ir ao Centro, no shopping, no cinema, não existia isso. O que tinha para nós era estar na comunidade, essa era a ideia de todo mundo. Quando me dei conta, com 12 anos, já era envolvido com a comunidade. Ia para as festas, para a farra, para a droga, porque era o que tinha. Não tinha grupo comunitário. Depois disso veio em outro momento da minha vida, a partir dos 12, 14 anos, quando surgiu um projeto, que não sei como chama agora. Foi a partir daí que a nossa vida começou a se difundir com as causas sociais.*

*Da minha infância lembro de pouquíssimas coisas. Como na minha festa de ABC que não tive, mas queria ter milhões de amigos, não tinha aquela história de brincar. Por*

*exemplo: hoje brincar de "polícia e ladrão", eu seria o capitão automaticamente. Se fosse brincar de futebol, — sempre odiei — mas se fosse, eu sempre organizava os times. A mãe só deixava os filhos irem se fosse comigo.*

*Brincava de "elástico", porque minha mãe era costureira, só gostei de brincadeira feminina. As comidas que saiam lá de casa, eu que tinha de organizar. Então nunca fui das brincadeiras do "peão", o que sempre carregava algo. Eu que liderava, organizava. Uma vez minha irmã comentou que eu tinha uma caixa de brinquedos. Lembro bastante dessa caixa, porque minha mãe era merendeira de uma escola pública e ajudava uma vice-diretora a organizar a casa da mulher. Os brinquedos dessa mulher, as roupas dela e não sei mais o quê, davam tudo para mim. Como a mulher tinha um filho da minha idade, quando ele não queria, me dava. Só que o que ele não queria, não prestava. Então veio muita coisa muito " máscula", que eu nunca dei muita importância.*

*Gostava mais de brincadeiras coletivas: liderar uma tropa, brincar de "carimba", de esconde-esconde, de polícia e ladrão, "Ave Maria", encantado em fazer "comidinha". Tinha uma brincadeira de "elástico" que era o meu sonho, porque era muito magro, muito grande, ficava pulando, dando "pinta". Gostava de brincar de "pinta". Na brincadeira coletiva, ficava dando "pinta". Por isso que nunca dei importância ao brinquedo, mas queria ter.*

*Sempre fui muito metido à rico desde criança: queria ter um playmobil. Ah, o meu sonho era ter playmobil, a coleção dos "Comandos em Ação". Porque tem coisas que, para um filho de pobre, vai vivendo todos os dias de uma forma diferente. Nunca cansa da infância, de se perpetuar em um momento. Não tem a divisão de 5 às 7, na infância, não existe. A minha infância foi um misto de: estar na rua, brincar na rua. Estar em casa? Eu não lembro! Muita coisa eu não lembro. Aliás, quase nada lembro, porque só lembro dessa história no meio da rua. Lembro-me do meu pai que era muito chato, das atividades que tinha que fazer em casa, da escola. Lembro de poucos momentos da minha infância.*

*Não fiz a alfabetização que era o sonho de todo mundo, porque é onde você aprende a ler. Do "jardim", eu já sabia ler, já pulei logo para a 1ª série. Foi a época da minha 1ª frustração escolar que era dançar a famosa dança do "Ursinho Pimpão". Não dancei o "Ursinho Pimpão". Fiquei logo frustrado. Minha mãe era "merendeira" de uma escola pública, então não chegava na escola da comunidade.*

*Fiz “Jardim I e II”, numa escola chamada “Almerindo de Albuquerque”. Não lembro nada. Lembro que até hoje tenho amigos dessa época. Encontrei até com um amigo, que hoje, fui tentar encaminhá-lo para um tratamento clínico, porque ele é 100% viciado em crack. Ele roubou até as alianças de casamento da mãe e do pai para fumar crack. Encontrei com ele, lembro desse meu amigo, a gente chama ele de Júnior. Tem também a Ana Paula e tem o Alessandra, só lembro isso da infância.*

*Lembro que quando a gente era criança, brincava de toda brincadeira. Na escola brincava de correr, nessa época já era muito afeminado, era muito. Acho que sempre estive um passo a mais no meu tempo, nunca levei problema de escola para dentro de casa.*

*Uma vez “dei” uma pisa numa menina porque... Ah, tem uma situação que lembro. Fiquei com tanta vergonha que o menino me “esculhambou”. Não lembro o que foi, lembro que me mijei todinho. Não tinha mochila e queria porque queria ter uma, dava para ver a pontinha do livro. Dai a diretora brigou comigo e perguntou se eu não tinha uma mãe para cuidar de mim. Cheguei chorando [em casa] porque minha mãe trabalhava. À noite tive uma conversa com a mãe. Ah, eu era muito criança! Não lembro, só vagamente.*

*Coloquei meus livros no saco do colégio, cheguei para a professora e disse: “olha, não tem como minha mãe encapar porque nós não temos condições, não tenho como trazer”. Todo mundo riu da minha cara, porque eu não tinha mochila, levava num saco de papelão os livros todos. Queria já ter a letra linda da minha irmã, porque minha irmã, Ave Maria! Ela sempre foi minha, foi o que a Elis Regina era para a Maria Rita, minha irmã era igual para mim.*

*Na minha 1ª série fui estudar na escola que a minha mãe estudava. Fiz 1ª, 2ª e 3ª série lá. Ela era merendeira e tinha uma situação que eu não gostava: o melhor prato de carne era o meu. Não gostava disso, porque achava um absurdo só porque era o filho da merendeira, não podia comer a melhor merenda. Então brigava com a mãe, me escondia na hora da merenda.*

*Queria brigar, correr, mas a mãe estando lá era um “saco”. Ave Maria! Na 4ª série minha mãe conseguiu uma bolsa para um colégio particular, dai fiz 4ª, 5ª e 6ª séries em outra escola. Foi quando me libertei disso tudo: da comunidade, dessa vida com esse jeito diferente, mas já fui com outra “cabeça”, já tinha 12 anos, já era muito inteligente.*

*Meu irmão inventou de me colocar num colégio interno. Foi onde a desgraça aconteceu na minha vida. Conheci a droga, conheci a bebida, conheci a farra. Na época*

*estudava num colégio religioso. Cheguei lá, só suportei 3 meses, porque todo santo dia, 6 horas da manhã tinha uma missa. Entrei como interno, só que não suportei aquela condição de que você não tem base. Tinha família! Não precisava morar em colégio interno, não concordava. Meu irmão achava que era bom para mim, pela questão da educação, mas via mais pelo lado social. Por que vou morar num colégio interno se tenho um pai e uma mãe, uma irmã? Tenho família!, Não passo fome! Então não tinha aqueles problemas. Só que pensavam por um lado, e não perguntavam para mim o que queria, pelo outro. Sei que com 2 dias pedi para a mãe para deixar de ser interno e ficar semi-interno. Assim, você chegava de manhã e saía de noite.*

*Lembro que todo dia de manhã tinha que ir à missa e para mim era um problema, porque desde criança não acredito em santo. Nunca tive minha formação católica, fui evangélico, mas não tinha formação evangélica. Sei que não acredito em santo. Nunca acreditei que uma pessoa comum tivesse poder sobre milhões de pessoas, desde criança e até hoje. Assim, com "Dona Maria", tenho um exemplo bem claro: uma vez levantei a batina do padre numa missa, porque ele disse que Maria era uma santa e eu disse que "não". Na hora da missa, eu disse: "Não! Ela é uma mulher como outra qualquer." Pronto.*

*Desde criança nunca tinha lido a Bíblia. Às 6 horas da manhã no colégio tinha uma missa, então tinha que estar na escola 6 horas da manhã. Era um problema porque da minha casa até o Piamarta era como se fosse uns 45 minutos caminhando, tinha que ir a pé. Chegava lá e já dizia: "Porra de missa, vou beber cachaça", e "metia o pau" na cachaça.*

*De um lado era a rodoviária, do outro lado fica a Favela da Maravilha que é uma favela grande. Conheci o mundo, juntei com outros internos também que não gostavam de religião e todo dia íamos para a rodoviária beber cachaça, fumar maconha, pronto. Só que assim: nunca deixei de estudar, mas uma vez cheguei para minha mãe e disse "não quero mais estudar naquele colégio". Voltei para o Lagamar à noite e reprovei de ano no colégio porque me apaixonei por uma menina. Reprovei o ano seguinte porque não gostei, não queria estudar.*

*Depois no ano seguinte, no colégio, passei [aprovado] de ano porque quis. Saindo de lá entrei em uma "escola técnica". Nessa época era chamado de Pro-Técnico. Para aluno que cursava a 8ª série tinha concurso e você entrava se passasse. Eram uns 5 mil inscritos. Fui para uma farra e no outro dia fui para a prova. Tirei 4º lugar, 6º lugar geral de*

*5 mil alunos, porque era inteligente. Fiz o “Pró Técnico”, mas desisti porque fiz [o curso] “Estradas”.*

*Na época, lembro que tínhamos que comprar uma mesa, mas minha mãe não tinha condições porque era um curso [técnico] caro, não tinha condições de manter. Mexia com muita Matemática, coisa que não gostava. Gostava de estar com a comunidade, mexer com o povo. Adorava História, adorava Inglês, adorava Geografia, Matemática, Química, Física, e Biologia, as exatas eram o meu ponto fraco. Adorava Religião, adorava artes e odiava Educação Física. Era assim, odiava educação física porque sempre gostei de trabalhar a cabeça. Meu ponto fraco era Matemática, Física, Química, porque não conseguia aprender nada.*

*Até hoje não sei multiplicar por 2 e passei mesmo foi na base da “pesca”, comprei prova, troquei prova, depois saí. Fiz estágio por 1 ano e quando já tinha 16 anos, já era envolvido com tudo. Já conhecia a farra, as festas. Minha mãe sempre acreditando que eu era o rapaz mais excelente do mundo, que não tinha problema com escola, nem nada. Minha mãe para mim sempre foi... Ah, meu Deus! Fiz isso tudo, mas sempre a deixei livre de tudo isso. Era a honra dela.*

*Minha mãe sabia que eu bebia porque ela não era cega. Não era cega, não era doida. Eu fui um rapaz vivente na comunidade. Vivia as situações com a comunidade, com os meninos no meio de rua: “Vamos fumar maconha? Vamos beber?”, dizia: “Vamos!”. Porque ali era como se fosse filho de classe média. “Vamos ao shopping e tal”. Para minha mãe aquilo era um absurdo. Ela dizia para mim: “Diz com quem tu andas que te direi quem és”, respondia: “A senhora ainda vai morder a sua língua, ando com maconheiro, fumo maconha e não sou maconheiro”. Na minha cabeça maconheiro é aquele que vai para a esquina, fumava, comprava. Eu não! Ia para lá, comprava. Fumava quando queria, nunca deixei de estudar, nunca fui reprovado, a droga nunca me dominou. Eu nunca fui viciado em pedra, as drogas mais pesadas. A condição de estar naquele lugar... Ah, eu gostava demais dali.*

**Foto 7:** Antônio (camisa branca), Del Lagamar (camisa cinza) e amigos da comunidade do Lagamar.



*Fonte:* Arquivo do MNMMR (2015)

*Era fascinado pela situação de estar com um copo “birita” na mão. Achava bonito, achava chique. Chegava num canto, tinha respeito com isso. Sempre tive respeito dos outros, nunca fui chamado de “viado”, nunca fui apedrejado, nunca sofri preconceito por ser gay, nunca. Pelo contrario, fui um jovem que sempre impôs muito respeito. Nunca saí por ai distribuindo sexo, sempre tive pudor do meu corpo. Vivi uma vida muito dupla, porque vivi tudo muito intensamente. Era tradicional em algumas coisas, nunca usei droga injetável, nunca fumei crack.*

*Usava muita coisa no Carnaval, na “Semana Santa”. “Todo dia usava?” Não. Fazia meu dever de casa todo dia, apresentava os trabalhos direitinhos. Era um adolescente como outro qualquer, mas gostava da aventura. Nunca roubei. Já mexi com arma de fogo, mas nunca comprei uma arma para mim, nunca fui assaltar. Nunca me entreguei ao crime. Participava dessas ações do crime, tipo, pichava, era de gangue, mas era o que a comunidade tinha para aqueles adolescentes.*

*Não existia essa história de dizer “tem um equipamento cultural”, lá no Lagamar não existia isso. Fiz o 2º ano [do ensino médio], que foi o ano mais maravilhoso da minha vida, porque eram só pessoas da minha idade, com o mesmo pensamento. Foi maravilhoso! Foi um ano que peguei gosto de estudar, de verdade.*

*Terminei meu 3º ano e depois passei 15 anos sem estudar, até que ano passado [2014] inventei de entrar na faculdade. Foi outra frustração. Não sei o que quero ser. Porque assim: sou muito bom com as questões sociais, mas não quero fazer serviço social; sou muito bom para escrever, para gerenciar, mas não quero fazer nada de recursos humanos. Não quero ser pedagogo, mas sou muito bom nessa área. Sou muito bom como ator cultural, mas não quero fazer artes. Sei o que eu não quero ser. Não quero ser médico, não quero ser advogado, não quero ser engenheiro, nada de medicina eu quero. Nada de Direito eu quero. Isso tudo é uma certeza que tenho para minha vida. Não sei o que quero para minha vida, quero estar nessa de movimentar as pessoas. De estar com as pessoas, sem obrigatoriamente ter uma profissão, porque não há uma que me defina. Quero uma universidade de “multicursos”. [risos]*

*Já com os meus irmãos... a minha irmã tinha as amigas dela, meu irmão viveu sempre a estudar e tinha os amigos dele de fora. O meu irmão tinha outros amigos e eu outros amigos. O que nos junta, é porque somos filhos da “Dona Fátima”, filhos do seu Vadinho. Nós éramos exemplos para todo mundo, de honestidade. Nós nunca deixamos de estudar. Nós respeitávamos a minha mãe, meu pai. Ela nunca foi atrás de soltar ninguém em porta de cadeia, porque nós nunca precisamos roubar. Na nossa casa tinha briga, confusão, quebra pau, mas era de irmão e de irmã. As pessoas confiavam na gente porque a mãe pegava pesado. Minha mãe foi mãe, pai, tia, avó. Essa relação com minha irmã e meus irmãos já se foi, hoje é uma relação madura. Converso com meu irmão abertamente sobre minha sexualidade.*

*Minha irmã tem uma relação estável com um cara há mais de 6 anos, mas minha mãe não sabe, porque desde criança nós criamos a ideia que minha mãe sempre dizia era que tinha “a honra e o nome dela”. Nós sabíamos que ela [mãe] trabalhava muito, então sempre soube que era injusto ela ter que me pegar na porta de uma cadeia porque fumei maconha, sabendo que era uma escolha minha. Sabia que era difícil fazer determinadas coisas e minha mãe ser penalizada por aquilo.*

*Então a gente privou nossa mãe porque ela não compreendia muito esse contexto. Minha mãe é antiga, é "quadrada", um monte de coisas. Hoje, eu com mais de 33 anos de idade, foi que minha mãe me viu fumando cigarro, sendo que eu fumo desde os 13 anos. Ela decidiu ficar "cega" e em cima do muro depois de um vacilo que eu fiz lá no município do Iguape, numa casa lá. Bebi na frente dela, fumei na frente dela, mas não sei se é porque ela ainda tem sonhos para mim.*

*Li uma vez, um livro da Lucinha Araújo, que dizia que "toda mãe sabe a vida de seus filhos". A minha mãe criou um mundo que não quer sofrer, não quer que o filho sofra. Qual a mãe que vai dizer que aceita o filho homossexual, "drogado"? Ninguém quer. Você quer seu filho sem problemas. Quem é a mãe que vai dizer que o filho é gay? Não existe.*

*Então ela quis dizer que toda mãe sabe o filho que tem. A mãe não se faz de cega, se faz de "doida". Ela enxerga, sempre sabia e sempre soube que eu era gay. Nunca tive problema com minha sexualidade. Nunca fui frustrado, nunca fiz análise. Fiz por outras coisas: crises existenciais como pessoa, porque sou uma pessoa que "abro as pernas para todo mundo". Acredito em todo mundo, dou tudo para todo mundo, mas se o princípio do ser humano define a sua sexualidade, então nunca fui frustrado, pelo contrário, fui pouco amado. Sempre fui uma pessoa que vivi muito em coletivos, então isso faz com que você nunca tenha alguém para chamar de seu, se afirmar, essas coisas do tipo. [risos]*

*Tive um grande problema na minha juventude com uma coisa chamada identidade. Sempre estive à sombra do meu irmão e à sombra da minha irmã, porque nós participamos do mesmo projeto. Na época, fui o único chamado de "criança". Então, sou 4 anos mais novo do que ele e 5 anos mais novo do que ela. Tinha 12 e ele já tinha 16. Mesmo assim, já gostava de Raul Seixas. Uma vez escutei Janis Joplin num esquema aí que fui quando tinha 14 anos. Eles gostavam de "funk", de forró. Todo mundo me queria porque era inteligente, Ave Maria!, "aquele menino é tão inteligente. o Antônio". Mesmo assim não queriam me dar nenhuma oportunidade de ter responsabilidade.*

*Sempre fui tratado como o "Antônio irmão do Bel". Por conta disso, por estarmos no mesmo espaço. Bel sempre foi mais velho que eu, nunca usou droga, nunca bebeu, nunca fumou, então ele sempre foi muito "certo". Como vivenciei muita coisa "errada", então era o "errado". Tinha alguns créditos com Bel, mas não de irresponsável, você está entendendo? É como se fosse: "o Bel é puro, mas o Antônio não é impuro, mas é irmão do Bel. Se chamasse o Bel, falava do Antônio".*

*Para piorar a situação em 1990 e lá vai chibatada, o Fundo Cristão para Criança que nós fazíamos parte atuava na questão da “cola” com a juventude no Lagamar. Eles tinham que levar uma proposta que tinha lá em Fortaleza pelo Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua do Ceará (MNMMR/Ce), para nós podermos fazer um trabalho com a comunidade. Os jovens do MNMMR da comunidade tinham que trabalhar com os jovens usuários da comunidade. Fizemos urna prova de 600 pessoas, participaram 600 jovens, ou 580, em torno disso.*

*Fizeram uma prova e uma entrevista. Por coincidência eu tirei 4º lugar, com 14 anos. Como iria trabalhar com 14 anos? Com outros jovens que tinham 18, 19 de idade e que eram viciados em crack ou viciados 100% na cola? Quando saia de casa era fascinado pela história desses jovens. Não tinha sentimento de pena, não compreendia isso. Como é que eu com 14 anos iria dar uma resposta ou buscar uma solução para o problema de um cara de 18 anos, que saiu de casa, que curtiu outra música? Como assim?*

**Foto 8:** Entrevista com os sujeitos do MNMMR



**Fonte:** Arquivo do MNMMR (2015)

*Me envolvi com a história dos meninos, não querendo estar naquela situação, porque sabia a condição de educador social de rua, era vida de aventuras, queria sair de casa. Nunca levei muitas coisas lá dentro a sério, porque era tudo que eu queria, sair. Naquele momento não queria trabalhar, não queria ser educador, queria ser um adolescente de 14 anos. Não queria ser “o irmão do Bel”, não pedi para ser irmão dele. Então tinha que ser “certo”. Não podia olhar para ninguém, porque os amigos eram todos iguais. “O irmão*

*do Antônio, o deus! Eu era só o irmão do Bel". Queria ter tido a minha vida, sem estar na sombra de ninguém, isso que sempre quis.*

*Sobre a minha história, acho que eu sou um mau exemplo, um mau exemplo que deu certo. Depois de muito tempo foi que eu me encontrei, não sou um exemplo a ser seguido, porque nunca fiz nada de errado. Não. Sou um filho da miséria, da pobreza, da injustiça, mas estudei e sou uma pessoa que deu certo na vida. (Antônio).*

### **3.1.2 “Nossos meninos de rua estão vivos na nossa rua, nos nossos becos, lá dentro da favela”.**

*Bom, o meu nome é Del. Me chamo Herivelton Teixeira. Comecei a trabalhar na questão social desde a minha infância. Meu pai é bombeiro hidráulico, “Seu Vadinho” ou Osvaldo Teixeira Cunha. Minha mãe se chama Maria de Fátima Silva Teixeira. Minha mãe é merendeira em uma escola. Nós [os irmãos] desde criança, fomos apadrinhados pelo Fundo Cristão para Crianças, que é uma entidade que apadrinhava crianças na área do Grande Lagamar com padrinhos alemães.*

*Todos na minha casa somos apadrinhados pelos padrinhos alemães. Os padrinhos são da cidade de Berlim [Alemanha]. Fomos apadrinhados dos 6 meses aos 20 anos de idade. A gente sempre manteve o contato com essa entidade chamada “Sociedade das Famílias da Comunidade do Pio XII”, que na área do Lagamar tinha cerca de 9 projetos. Os projetos ficavam em 9 territórios, e em cada território, tinha os meninos e as suas famílias.*

*Dentro desses projetos a gente aprendeu teatro, dança, também nos alimentamos. A gente ia para a escola e almoçava no projeto, passava a tarde toda no projeto para não ficar na rua. Aprendíamos música, pinturas em quadro a óleo. Nós tínhamos atividades recreativas, atendimento médico, recebíamos o material escolar, material de higiene, material de primeiros socorros. Esse projeto era legal porque trabalhava o protagonismo, isso lá nos anos de 1986, 1989, 1990. Nessa época a gente já trabalhava o protagonismo juvenil não sendo diretamente protagonismo. Lá na minha casa todos os 4 irmãos eram “desenrolados”. Nossa infância foi mais de liderança.*

*Meu nome é “Del”, porque quando nasci tinha um senhor que era liderança comunitária e ajudava as pessoas. Quando nasci esse senhor que já se chamava “Del”, morreu. A minha mãe botou o meu nome, Herivelton, e o meu apelido ficou “Del”, porque ela queria que tivesse outro “Del” para continuar a luta. O senhor com o nome de “Del” morreu e logo depois botaram o meu nome de Del, até hoje.*

*Nós sempre fomos bem na escola. Todos os 4 irmãos terminaram o ensino médio. Minha mãe cobrou sempre muito da escola. Tínhamos a liberdade para fazer o que quiséssemos da vida. Nós catávamos papel, juntávamos reciclagem. A gente ia para os projetos todos os dias, minha manhã era na escola através de projeto, e a noite, a gente*

*“surfava de trem”, andava em baile “funk”, organizava os jovens, andava em torcida organizada de futebol, mas sempre com muita responsabilidade, porque a gente sabia o limite.*

*Nós tínhamos horário para entrar em casa, às 6 horas da manhã, e para sair da rua, às 10 horas da noite. Para entrar em casa, depois de 10 horas da noite, fechava os portões e quem quisesse ficava na rua. Isso acontecia já com 12 e 13 anos de idade. Com essa regra nós ficávamos às vezes na rua. Não precisava enrolar, a gente sempre sabia o limite da família. Porque lá em casa éramos em 4 irmãos e todos nós fomos trabalhando na área social, começando a desenvolver pequenas lideranças locais nos projetos que a gente sempre participava. Era eu que coordenava o teatro, coordenava atividades de esporte, coordenava alguma coisa na escola, sempre fui líder de sala, mas na época sempre líder de sala, um pouco pela violência.*

**Foto 9:** Eucarístia (Del Lagamar)



**Fonte:** Arquivo do MNMMR (2015)

*Sempre tinha a minha “ganguézinha”, o meu grupo. A gente ia sempre pelo caminho da violência, quem não votasse em mim para ser o líder da sala iria apanhar no final da aula, lá fora da escola.*

*Então todo mundo votava em mim. Sempre nas escolas públicas eu não achava muito bom o ambiente, mas terminei com 16 anos, na verdade, com quase 17 anos. Na minha casa a gente sempre dizia que tinha que estudar, não podia gazear aula. Minha mãe ia todo dia para a escola para saber se a gente tinha ido para a aula. Ela observava a gente, olhava as bolsas, as roupas. A minha casa era um regime militar bem centrado. Havia controle, mas também minha mãe dava a liberdade, tinha a democracia demais também, de fazer o que a gente queria.*

*Eu ia para as festas e pronto. Ela [mãe] sempre queria ajudar, tinha o lance de informar. Nós tínhamos que dizer para onde a gente iria. Ela tinha que saber para aonde a gente iria, porque dos 8 aos 10 anos de idade, ela foi desenvolvendo essa questão de responsabilidade. Desde criança sempre fui muito líder, em tudo o que fazia. Sempre fui líder, sempre organizava as pessoas, os meninos para brincar e passear.*

*Com 10 a 12 anos de idade, participei de um projeto da “Sociedade das Famílias do Pio XII”, era um curso de desenho e pintura onde me destaquei. Depois dos 12 aos 14 anos, comecei a trabalhar, a fazer algumas coisas mais de criança. Aos 14 anos de idade com meu irmão Bel, a gente foi atrás no “Programa Bom Menino” da Federação do Bem Estar do Menor (FEBEM), a FEBEM/CE na época.*

*Fui arranjar o meu primeiro emprego com 14 anos de idade, no “Hotel Magna Praia”. Esse emprego foi de mensageiro. A gente arranjou esse emprego de estágio (de menor aprendiz). Lá a gente dizia que era da rua, porque na época a gente estudava de manhã, trabalhava no hotel e de noite participava dos cursos, isso tudo para ocupar o nosso tempo.*

*Esse hotel era legal. Foi a primeira vez que a gente pegou em um dólar. Fomos conhecendo as pessoas e a vida. Bom, dos 12, 13 para os 14 anos de idade, participava disso tudo, mas de noite tinha que participar do projeto, tinha a parte das danças e tinha as participações em outras coisas. Com 14 anos, no movimento social local, gostava de participar das coisas da Assembleia Legislativa. Ia pra lá para ouvir os deputados, participava de alguns projetos. Tudo que tinha do projeto na escola era o líder. Os professores chamavam, ia para o debate e participava. Gostava de estar lá.*

*Como a gente não tinha uma expressão de beleza e estética, nós tínhamos a beleza da oratória. Então, nós éramos “os tais” para falar. Depois de um tempo chegou um psicólogo nos projetos sociais em que a gente participava*

*Na comunidade nessa época (e hoje) a gente tinha um grande problema com as drogas. Nunca nos envolvemos com drogas, porque meus pais não deixavam. Meu pai tinha problema com álcool e a minha família também tinha problema com o tráfico de drogas. Tinha gente da minha família como os maiores traficantes da área. Nós víamos a droga, a maconha mesmo, quilos e mais quilos, mas a gente nunca gostou disso, é mais uma questão de respeito ao meu pai e à minha mãe. Eles foram casados por mais de 40 anos e a gente nunca viu briga, violência. Nunca brigaram na frente da gente, nunca deram um beijo na boca na frente da gente. Nós mantemos um respeito, e esse respeito, a gente sempre tinha isso com cuidado.*

*A gente conhecia todas as gangues de meninos, as brigas, as turmas, a gente tinha esse poder de liderança. Um dia chegou um psicólogo para fazer um trabalho nesse projeto do Fundo Cristão para Crianças que foi chamado de “Espaço de Convivência e Promoção da Juventude” para trabalhar com jovens, isso em 1990.*

*O Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua (MNMMR) já tinha começado a se movimentar no Lagamar em 1985, e em 1989 e 1990, esse projeto foi visitar outros projetos e dos novos projetos foi escolher os meninos que mais se destacavam.*

*Lá na minha casa nós não éramos bestas. Para o MNMMR fizeram 4 encontros. Então todo mundo se dividiu. Cada um foi para um encontro diferente e a “Família dos Teixeira” passou completa. Eram 18 jovens contratados para ficar só 8 jovens no final, então nós passamos 4 irmãos de uma só vez. Foi uma confusão na comunidade, porque a “Família dos Teixeira” que passou toda. O pessoal dizia: “Não! Nem sabia que eles eram irmãos!”, claro que a gente não colocou o sobrenome né?!. Cada um colocou só o primeiro nome.*

*A gente passou para trabalhar como educadores sociais jovens, diretamente com os meninos usuários de “cola” de sapateiro, porque na época não tinha a maconha. A maconha era muito difícil, o cara tinha que fumar muito longe. A cocaína ainda não existia, então era cola de sapateiro mesmo. Nessa época nós conhecemos o José das Graças, que era o psicólogo que mencionei. O José das Graças ensinou como ser um educador social de rua, todas as nossas posturas. Nós tínhamos vivências com ele, cerca de 2 meses de encontros, um pouco de formação teórica, isso com 14, 15 e 16 anos.*

*Depois dessa experiência a gente foi ganhar um salário, cada um ganhava um salário para trabalhar. Antes disso, participava de projetos e tinha um grupo de futebol.*

*Nesse projeto tinha que ter um líder, então o grupo me chamou, o Del, para ser o líder deles. Ganhava um salário para ser o líder do grupo de futebol. Como não podia pegar dinheiro, tinha que fazer cursos com o salário. Não podiam dar dinheiro na mão dos meninos. Então ganhei um curso de informática. Fui fazer um “Cobol/Base” que era no Centro da cidade de Fortaleza. Na época, fiz vários cursos de informática pagos pelo projeto. Depois que entrou esse projeto do “Espaço de Convivência e Promoção da Juventude”, ele começou a despertar o nosso lado de líder, mas líder numa visão não violenta, e sim, como líder de organização de jovens. Se você conhece os jovens é mais fácil chegar neles, assim, acabou sendo tranquilo.*

*Nós passamos nesses processos, todos e os irmãos se transformaram em educadores sociais de rua. Depois que passamos um tempinho nesse trabalho local, o José das Graças nos apresentou ao Movimento dos Meninos e Meninas de Rua (MNMMR) do Ceará, dizendo: "olha, eu participo de uma entidade que é o MNMMR, o MNMMR é legal e tal, eu queria convidá-los". Nisso, convidou eu, Patrícia e meu irmão, o meu irmão Antônio que já tinha uns 17 anos. No final, só acabou ficando eu e a Patrícia. A Patrícia é uma moça que mora agora na Espanha. Lá da comunidade nós fomos participar do MNMMR, porque nós tínhamos poder de liderança e de organização de base. Conheci o MNMMR, fui atuar agora como educador social de rua, já ganhava um salário direitinho. Trabalhava com os meninos no Centro da cidade e no Lagamar, que na época era chamado de Núcleo de Base do Pio XII.*

*No MNMMR no Ceará, fui conhecer a sua história. Aqui no Ceará o MNMMR nasceu em 1985. No Ceará nasceu por volta disso. No ano de 1987 chegou aqui em Fortaleza. A história chegou no centro da cidade de Fortaleza. Chegou também para 4 bairros: na Jurema, no Serviluz, na Barra do Ceará e no Lagamar.*

*Conseguimos montar os núcleos, nessa época em torno de 20 núcleos na cidade de Fortaleza, nos bairros do Jardim União, Castelão, Messejana. Depois abrimos para alguns municípios como: Apuiaries, Canindé, Juazeiro do Norte e Crato. Tinha um trabalho de dificuldade no interior do Ceará porque não tinham meninos de rua, tinham meninos trabalhadores, meninos da fazenda, da questão da seca, do trabalho infantil, mas não tinha a questão dos meninos propriamente de rua. Então, apesar da gente chegar e ter crianças dormindo nas fazendas, maltratadas, na concepção de rua, eram sempre consideradas de rua as que estavam no centro da cidade, sempre na capital.*

*Me formei dentro do MNMMR do Ceará e passei a conhecer a história do MNMMR nacional. Voltando ao Lagamar, comecei a organizar um grupo de jovens que foi chamado de “Núcleo de Base do Pio XII”, daí foram para o Lagamar. Agora, por que para o Lagamar? Porque na época o projeto era voltado só para o Pio XII. Não tinha o bairro do Lagamar específico. Na época havia um grande conflito de territórios e o Lagamar, juntamente com o bairro do Pio XII, tinham muitos conflitos de gangues, de bailes “funk”. Ninguém transitava de um bairro para outro, só quem transitava era eu. Por isso a nossa intenção na época era juntar os meninos, pelo MNMM. Conseguimos juntar até as gangues, juntar as galeras, apesar da violência.*

*Era uma violência não como a de hoje, mas era centrada no Bairro do Lagamar. As gangues eram divididas. Quando montamos um núcleo onde havia grande participação de jovens de 8 a 17 anos de idade, aqueles jovens que participavam do MNMMR se transformaram em educadores sociais de rua. Conseguimos montar um grupo legal com teatro e dança, ocupando vários territórios.*

*Viajamos para a cidade de Brasília. Viajamos para vários locais. Viajamos para a Espanha. Conhecemos muitas coisas no Brasil todo, trocando informações. Então o MNMMR no bairro do Lagamar surgiu de um Fundo Cristão para Crianças, o que foi o ápice para a gente ser educador.*

*O MNMMR ganhou uma conotação mais político-social. Assim, nós saímos do assistencialismo que o Fundo Cristão fazia. Era só assistencialismo, davam tudo: comida, água. O MNMMR não, o MNMMR dava conhecimento, dava expertise para você saber como se desenvolver na rua.*

*O MNMMR saiu do Lagamar para atuar também no centro da cidade de Fortaleza. Foi muito engraçado nessa época do MNMMR, porque nós levávamos os meninos lá do bairro do Lagamar para o centro da cidade, para conhecer os meninos de rua do centro. Na época, entre 1989 e 1990, nós tínhamos muitos meninos de rua. Parecia um intercâmbio, os meninos da Comunidade do Lagamar iam para o Centro da cidade, e, os meninos do centro da cidade iam para a Comunidade do Lagamar.*

*Muitas vezes a gente viajou para encontro nacional do MNMMR. Tivemos 5 ou 6 encontro nacionais. Na verdade foram 7 encontros nacionais de meninos e meninas de rua. Quando o ônibus voltava deixávamos os meninos nas comunidades, e os meninos de rua, deixávamos no meio da praça [risos].*

*OMNMMR tinha essa linha muito interessante que é a linha do desejo. O trabalho social era feito todo na rua. Não tinha sede, não tinha salinha com cadeirinha para ter uma lousa, um data show, um projetor para apresentar, não! Era tudo feito na rua, embaixo de um pé de pau, na Praça Coração de Jesus, na Praça do Ferreira, era na rua que se organizava, era na rua que se estudava, na rua que se cuidava, na rua que se alimentava. Então aprendemos tudo na rua.*

*Nessa época de construção surgiu o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), ninguém sabia o que era, não sabíamos de “porra” nenhuma. Tinha muita violência, muito massacre. Tivemos muitas crianças mortas, exterminadas.*

*Como éramos jovens não tínhamos o medo. O medo era nosso prazer, o medo se transformava no prazer de estar na rua. Detalhe: tudo pelo compromisso! Não tinha dinheiro. O dinheiro na época era o salário que a gente gastava na rua, com comida e brincadeira.*

*A minha mãe foi sempre muito tranquila em relação ao dinheiro. Nisso a gente podia fazer o que tivesse vontade. Como a gente tinha “comida” e “dormida”, não tínhamos interesse em dinheiro. O interesse era só o conhecimento. A gente não investia em roupas, sapatos, mesmo com grandes dificuldades na nossa comunidade. Enquanto muitos meninos da nossa cidade tinham um sapato de marca, tinham roupa bonita, a gente se vestia muito a vontade para cuidar dos outros.*

*O MNMMR deu um olhar social, deu caráter, deu reconhecimento, formamos grupos. Nesses grupos dos Meninos de Rua criamos um Núcleo de Base na Comunidade do Lagamar (na comunidade do Pio XII), um grupo chamado "lancinho", funcionava também na Favela do Pau Pelado. Particularmente, foi muito doido! Porque como era o “jogo” do MNMMR? Quem tinha mais meninos nas bases, tinha mais poder de decisão, porque eram os meninos do MNMMR que votava para os educadores viajarem. Quem votavam para os educadores terem vez e voz eram os meninos do MNMMR.*

*Tinha votação para dizer quem era o educador que iria viajar para tal canto. Tudo quem votava eram os meninos de rua do MNMMR. Os meninos quem decidiam para onde iriam, os meninos que decidiam as coisas. No Grupo Lancinho, funcionava mais na base da Favela do Pau Pelado, que era uma comunidade que ficava pertinho da Assembleia Legislativa do Ceará. Na época tinha outro grupo nosso também, o Grupo Lance, o que é o Lance? Era a ideia que tinha o "lance" como uma ideia de "parada massa", na verdade, a*

“negada” tinha vontade de roubar, mas não tinha coragem, então faziam esse “lance”. Essa era a tradução da palavra.

No Grupo Lance tinham jovens de 12 a 17 anos e no Grupo Lancinho tinham as crianças, eram um grupo onde as crianças gostavam de participar. Lá o MNMMR se organizou, se formou. Passávamos filmes para todo mundo, fazíamos debates com todo mundo. No Lagamar a gente criou o Núcleo de Base dentro do Lagamar que era mais voltado para a criminalidade, para os jovens com ameaça de morte que tinham problemas com as drogas.

No bairro do Pio XII o núcleo tinha uma realidade mais política, de organização, então acabamos criando outras formas de liderança. Tinham núcleos lá no Bairro do Jardim União, no Bairro do Castelão. Tinha outro núcleo também lá no Bairro da Barra do Ceará. No passado acabei sendo um grande construtor de núcleos de base, porque esses espaços acabaram gerando novos educadores e através disso conseguíamos gerar novas sementes dentro do MNMMR.

Na Barra do Ceará a gente tinha a educadora Márcia. No Jardim União nós tínhamos o educador Gernilson. No Grupo Lance a gente tinha a Juliana. No Bairro do Pio XII a gente tinha o Antônio José. No Bairro do Lagamar a gente tinha o “Charlada”. Dessa forma, nós acabamos gerando novos educadores. O MNMMR acabou sendo um grande produto de realização pessoal e profissional meu, em conjunto com todos os jovens que acabaram participando. Tenho certeza que a grande responsabilidade do MNMMR nessa época foi exatamente essa: a formação.

De 1990 a 1994 a gente começou até a entrar na discussão sobre o ECA. Na formação do ECA, o MNMMR acabou participando da primeira eleição do Conselho Tutelar Municipal em 1994, do Conselho Municipal de Fortaleza, acabamos ganhando assento com o José das Graças. Ainda participamos do Encontro Nacional do MNMMR também em 1998.

No meu caso, além do MNMMR, tinha outros trabalhos na minha vida, porque o MNMMR funcionava como um trabalho social. Tinha hora que tinha dinheiro, tinha hora que você recebia 3 meses, depois passava 6 meses sem receber. Mesmo assim a gente gostava muito. Gostava muito de estar na rua, por isso foi um grande desafio para que o MNMMR continuasse.

Depois ainda em 1998, nós organizamos os meninos e participamos das atividades lá no Lagamar, ganhamos respeito, credibilidade, o reconhecimento de todas as

*lideranças próximas, das associações de moradores, do Centro de Defesa e Direitos Humanos do Lagamar (CDDHL).*

*Participamos das alianças dos grupos sociais que existiam, acabamos entrando também nas escolas públicas. Tiramos um pouco a ideia do estigma do menino de rua na comunidade. Foi colocado pelo grupo como um menino que sofreu uma série de violações de direitos naquele espaço social. Chegamos a ajudar as famílias para mostrar para elas as relações que existiam nas violações de direitos. Tinham violações de direitos na escola, na saúde, no combate ao uso de drogas. Nesse tempo todo ganhamos muito espaço dentro da comunidade do Lagamar.*

*A grande descoberta do MNMMR foi a questão do intercâmbio dos meninos do Lagamar. Todos acabaram viajando para Brasília, para São Paulo, para o Rio de Janeiro, para o Rio Grande do Sul, sendo um grande marco na vida das pessoas porque a nossa ideia era viver no Lagamar e morrer no Lagamar. O máximo que a gente tinha ido era até a cidade de Canindé, para visitar a praia do Cumbuco, a Praia do Futuro, pronto! Isso é a vida de quem morava na periferia. Não tínhamos nenhuma visão de viajar para nenhum lugar.*

*Só voltando um pouco, em 1994, tivemos uma experiência de viajar para a Espanha, para conhecer outros grupos numa relação de intercâmbio com o povo de lá. Nessa viagem tentamos comprar uma sede, com a casa, para atender melhor as crianças. Já em 1998, de 4 em 4 anos, a gente voltou à Espanha para essa plataforma de intercâmbio de grupos. Fui com 12 crianças para a Espanha. Visitamos o sul da França, a Alemanha e outros países. Foi bastante interessante essa troca de vivências porque nós saímos do Brasil, a gente atravessou o atlântico, foi uma experiência de grande reconhecimento de vida.*

*Sair do Lagamar para a Europa é um grande conhecimento. Falar lá na Europa sobre a vida lá no Lagamar, sobre como moravam os jovens, como viviam os educadores sociais, foi tudo muito interessante pra gente. Discutimos também sobre a questão da plataforma de direitos humanos. Foi muito, muito interessante pra gente.*

*Depois trabalhei na Barraca da Amizade. É uma ONG de que trabalha com meninos de rua. Ficava no MNMMR e na Barraca. Fiquei na barraca cerca de 4 ou 5 anos, depois fui indicado para trabalhar na ASHOKA, uma entidade internacional de empreendedores sociais. Antes disso, de entrar na ASHOKA, fui candidato ao Conselho tutelar de Fortaleza, sendo o primeiro suplente. Depois assumi o conselho tutelar. Foi uma experiência boa e também muito crítica, porque o conselho é uma experiência completamente*

*rica na defesa dos direitos, mas faz parte de um sistema muito fechado. Foi uma experiência boa para conhecer o Sistema de Garantia de Direitos, mas é mais interessante estar na rua, porque na rua a gente fortalece muito mais os movimentos e para cobrar na rua o Estado é muito mais interessante estar na rua.*

*Depois trabalhei na Prefeitura de Fortaleza, trabalhando como educador social de rua. Isso acabou sendo muito doido, porque trabalhava no MNMMR que não tinha dinheiro e tinha que achar algum projeto com educação social que trouxesse dinheiro para dentro da minha casa. Na Prefeitura encontrei o “Projeto SEMEAR”, trabalhando como educador social de rua de dia no SEMEAR e, de noite, voltava para dentro no MNMMR.*

*O MNMMR era o nosso mar do conhecimento. Ganhava o meu dinheiro pela prefeitura e à noite, estava nos Movimentos de Juventude organizando, formando e ajudando todo mundo. Foi muito bom construir o MNMMR, porque quando chegava até a Prefeitura, na época das formações, eles me liberavam porque sabiam do meu trabalho dentro do MNMMR. Então o MNMMR me deu essa condição de vida.*

*Depois a gente passou por formações em várias instâncias. Particpei do Conselho Municipal de Criança, do Conselho Estadual do Ceará para Crianças, do Conselho Nacional para Crianças. Participamos de todas as formações graças à participação dentro MNMMR. Também tinham os Centros de Formação do MNMMR que foi algo muito importante, porque o MNMMR tinha centros de formações em Recife, em São Paulo, na Bahia, em Manaus. Eram centros de formação onde levavam todos os educadores sociais que tinham no Nordeste.*

*Nesses espaços de formação, nós tínhamos 3 dias de formação, formando os educadores com conhecimento teórico. Isso acontecia a cada 3 meses na década de 1990. O grande segredo do MNMMR era a questão da formação: um homem sem formação não tinha o conhecimento, ele não sabia como agir. A gente tinha formação teórica e a formação prática, além da vivência que a gente já tinha dentro do MNMMR, além dos livros. Tínhamos a reflexão sobre a prática da vivência, então era legal, a gente usava as práticas dos pensadores, de todos os pedagogos, de todas essas pessoas, tudo para a vida real, porque todo mundo se nivelava dentro da formação.*

*Tinham os “doutores” e também tinham os semianalfabetos na formação. Mas quando colocava a vivência coletiva, era muito importante porque todos se tornavam iguais. O MNMMR, na minha vida, teve essa importância para desenvolver o meu lado da oratória,*

*da liderança maior. O grande problema do MNMMR para a nossa vida foi que a gente não conseguiu entrar na faculdade, porque não tínhamos a faculdade com um olhar mais apurado. A gente achava que a faculdade era aquela mesmo, o nosso conhecimento de mundo. Não ligávamos muito para os títulos, para as outras coisas, para essa questão de ser graduado. Esse foi nosso grande equívoco da época. Todo mundo poderia estar formado, como pedagogo, como psicólogo, como alguma coisa dentro da área humana. A gente preferiu estar na rua com o seu conhecimento, do que o conhecimento do mundo acadêmico.*

*Isso foi uma coisa boa e uma coisa ruim, porque se a gente tivesse entrado na faculdade, a gente tinha cortado a luta e não tinha vivenciado tudo que a gente viveu dentro do MNMMR, a faculdade acabaria com a gente. Se a gente entrasse, tinha que trabalhar e estudar, e como ficaria a questão do MNMMR? Sempre chegava o momento em que todos aqueles que passaram pela faculdade cortavam com o MNMMR, cortavam o caminho por conta de conseguirem entrar na faculdade.*

*Muitos deles conseguiram mudar de vida. Hoje, são pessoas que têm os seus carros, as suas casas, os seus empreendimentos. Muitos deles estão melhores financeiramente, muito melhores até do que a gente, que ficou no MNMMR. Nós não estamos tão bem quanto eles, mas a nossa luta diária é pela vida, todo dia a gente luta para empreender a vida, a gente não tem o lado financeiro do dinheiro, mas a gente conseguiu o prazer da alma, o prazer de fazer a coisa certa sempre deixava a gente feliz.*

*Tivemos um grande problema de colapso central, porque o MNMMR vivia no Brasil todo. A gente chegou a ter 5.000 núcleos de base no país, em todo canto do Brasil tinha o MNMMR. Com o passar da criminalização dos movimentos sociais, das dificuldades financeiras, do dinheiro que a gente tentou conseguir capitar fora do país, o MNMMR se afastou um pouco, foi para a África, foi pra outros locais.*

*O MNMMR começou aos poucos na época, final da década de 1990, a se descentralizar. Na verdade o nosso grande sonho, o sonho do MNMMR era fazer a descentralização. Cada ponto de MNMMR poderia ter a sua vida jurídica particular e, com isso, o MNMMR acabou tendo um grande corte no ano de 2005. Hoje em dia, em cada estado, o MNMMR de forma bem tímida, vem tentando ter uma resiliência do que era antes, mas apesar disso, a gente sabe da importância do que a gente construiu nesses anos todos de luta na rua. Ajudamos no ECA, na história e no apoio às diversas lutas sociais.*

*O MNMMR acabou também fazendo um corte no Lagamar. Salvamos muitas vidas, tivemos muitas intervenções na rua, isso é até bom, porque hoje em dia a gente tem o respeito, a gente tem a consideração dos mais velhos e dos mais novos pela nossa história de luta no Lagamar.*

*Então essa é a trajetória do MNMMR na minha vida. Sem o MNMMR acho que a gente não estaria vivo, estaríamos nas drogas. Não! Nas drogas, não! A gente estaria no crime. A nossa opção dentro do Lagamar seria o crime. Fui criado na linhagem onde não se consegue entender a razão deter gente que possui as coisas e tem outros que não tem.*

*Não tínhamos nenhum problema com as drogas, nas drogas a gente achava muito "paia". Tínhamos para o assalto à mão armada. Tinha que fazer alguma coisa para ter as coisas, caso não fôssemos do MNMMR. E aí chegou o psicólogo, o José das Graças com outras pessoas para dizer que "toda a energia que você tem, pode ser canalizada para o bem". O MNMMR acabou fazendo essa leitura de conseguir capitar os jovens. A gente faz isso, faz um grande trabalho. Hoje em dia o MNMMR é lembrado pela participação, pelo envolvimento na vida dos jovens do Lagamar e dos bairros que ficam ao redor. Dentro do trabalho, os núcleos de base foram grandes formadores de jovens, de líderes.*

*Até hoje a gente consegue enxergar pessoas que viveram e viram o MNMMR. Na minha vida ele foi muito importante, porque deu crescimento individual, o conhecimento de vida, de tomar determinadas medidas sérias.*

*Hoje passado desde os anos 1980 para 2014, semana passada estava no centro da cidade e encontrei um menino de rua com 12 anos de idade. Ele foi embora de casa, estava dormindo no Terminal de Ônibus e foi na Fundação da Criança para pedir um abrigo. Depois a gente senta na calçada e fui ajudá-lo. Nessa hora vivi o que eu fui há 20 anos atrás, quando fazia os trabalhos lá no Centro da cidade, com os meninos que dormiam na rua com fome.*

*O MNMMR é vivo na comunidade do Lagamar. Nossos meninos de rua estão vivos na nossa rua, nos nossos becos, lá dentro da favela, com as drogas mais pesadas como o crack, com as armas de fogo. Antigamente passava muito tempo para um jovem morrer. Morria mais com as questões sociais, como a fome. Hoje em dia o jovem morre mais rápido pelo tráfico, pelas ameaças de morte e pela questão do abandono familiar. Hoje é mais violento.*

*As lutas mais violentas estão mais no mundo real da criminalidade e não na teoria social. No MNMMR a gente perdeu a questão da formação de quadros de pessoas. Nós precisamos formar pessoas, organizar pessoas. Há mais de 20 anos atrás as pessoas que procuravam o MNMMR tinham um maior compromisso com o social. Eram mais comprometidas e você não pensava em dinheiro, não pensava em trabalho. Elas iam para o MNMMR porque tinham o desejo de mudança. (Del Lagamar).*

### 3.1.3 “A gente sempre fez as coisas pelo amor de fazer, de ajudar”.

*Bom, me chamo Narcélio Ferreira, mais conhecido nas redes sociais como Narcéli. Sou morador do bairro do Lagamar desde os 2 anos de idade. Nasci na capital do Ceará, na cidade de Fortaleza, mas a minha família é toda da cidade de Aquiraz. Devido à "seca" de 1982 eles migraram saindo da cidade de Aquiraz para o bairro do Lagamar. Assim começou o meu percurso de vida aqui na comunidade do Lagamar, frequentando a escola, até que um dia conheci uma pessoa que influenciou a minha vida, chamada Del Lagamar.*

*Na minha infância sempre fui um pouco preso. O meu pai e minha mãe me prendiam bastante. Não só eu, mas também os meus irmãos. Quando nós começamos a frequentar a rua, a gente tinha uns 9 anos de idade. Nós eramos muito atentos ao ouvir o assobio do meu pai. Se a gente tivesse jogando de bola e o meu pai aparecesse na rua assobiando, tínhamos que pegar o "rumo de casa" e voltar de cabeça baixa.*

*As nossas brincadeiras de infância foram a "bila" [bola de gude], a bola de futebol e o peão. São brincadeiras que a gente se divertiu muito. Hoje em dia, sentimos falta das outras crianças brincando com as mesmas coisas. Não se vê mais esse tipo de brincadeira, mas acredito que foi construída uma infância muito bem preservada. Aquela questão da obediência aos pais sempre esteve na minha casa.*

*Desde os 7 anos que trabalho com o meu pai. Hoje já posso dizer que na época fui vítima da exploração do trabalho infantil. Naquela época se não tivesse tido essas experiências, talvez não fosse a pessoa que sou hoje. Apesar disso, foram experiências positivas, além da experiência do MNMMR, nos momentos com o meu pai, conversava muito com ele, escutava muito, ele me dava muitas orientações positivas.*

*Com isso, tentava conciliar as duas coisas: trabalho e escola. Até porque naquela época era bem mais fácil ajudar nas tarefas do meu pai. Muitas vezes a gente chegava a acordar 5 horas ou 4h30min da manhã, porque o meu pai trabalhava no prédio como porteiro. A gente acordava cedo quando ele pegava alguns "bicos" [trabalhos informais], porque além de porteiro, ele era pedreiro. Íamos mais cedo para o bico, fazendo com que não perdesse o trabalho. Na época, além da questão de ir pra escola, tínhamos que cuidar da casa. Devido às minhas irmãs se casarem cedo, eu e os meus irmãos homens viramos os “donos da casa”. Lá se lavava, cozinhava, quando a nossa mãe chegava, a casa já estava toda organizada, até porque mesmo se não tivesse, a cobrança era maior. A minha mãe me*

dava uma "chibatada" se não organizasse. No outro dia, se repetisse a bagunça, as "chibatadas" eram em dobro. Nós nos acostumamos a esse "esquema", principalmente dentro de casa.

Na infância e adolescência, às vezes digo que a gente não cresce, só evolui pouco o corpo. Na época do baile funk, quando andava por lá, o espaço, quando acabou, se tornou a base de Igreja Evangélica. Agora é um prédio onde o dono fez um "kitnet", embaixo, ele vende os materiais de construção.

Na infância a gente se juntava para caçar passarinho, matar calango e caçar cobras. Isso tudo dando uma pontuação: a cobra valia 5 pontos, o passarinho valia 6 pontos parado e 10 pontos voando, o calango valia 2 pontos. Na infância saíamos pra caçar, dividíamos em grupos, depois a gente fazia uma reunião pra ver qual grupo tinha feito mais pontos.

Como a gente sabia que o passarinho que estava no ar valia mais pontos, a gente atirava para acertar um passarinho que estava voando. Como o Lagamar é dividido além do trilho, por um canal [lagoa], haviam outras pessoas do outro lado do canal. A gente queria acertar o pássaro voando para ganhar mais pontos, atirávamos para cima e a pedra caía na outra direção do canal. A pedra não acertava no passarinho e ia bater perto de um "cara" que estava do outro lado do canal. O cara não gostava, pegava uma pedra, uma baladeira e jogava outra pedra de volta pra cima da gente. A gente não sabia o motivo e começou a jogar pedras de volta também. Então foi assim que começou os conflitos de gangues de um lado para outro dentro do canal do Lagamar.

Depois teve toda uma evolução: tinha faca, facão, revólver calibre 22. O caso do revolver calibre 22 era bem interessante, porque quem tinha o seu revólver calibre 22 era considerado o dono do território. Na época quando a gente ia para o baile funk, escondíamos as facas e depois a gente segurava os revólveres, por quê? Porque a gente sabia que a polícia vinha dar uma "busca de arma" em todo mundo que estivesse lá e como no meu grupo eram todos menores de idade, a gente sabia que os policiais não iam dar "a busca de arma" no nosso grupo.

A gente não tinha biotipo, éramos todos muito magros e não dá pra esconder uma arma num corpo daquele, isso na visão dos policiais. Quando acabava o baile funk, lá na frente do canal, o povo que tinha dado as armas, vinha pra pegar de volta. Essa foi uma parte da minha adolescência nas experiências dentro do baile funk.

*Algumas gangues eram divididas no Bairro da Aerolândia. Outras como a gangue da peste e a gangue da barreirinha, ficavam no Bairro do São João do Tauape. As gangues eram mais vistas no Bairro da Aerolândia. Lá tinham apenas duas gangues porque tinham poucos conflitos. No Bairro do São João do Tauape já tinha a gangue da Pedrinha, a gangue da HD, a gangue do mercado, a gangue da boa esperança, a gangue da rua larga. Tinha também a gangue do beco dos colas (dos usuários de cola). Até os usuários de cola estavam organizados naquela época. Tinha também a gangue do surfista ferroviário, a gangue da flora e a gangue do tubarão.*

*Dentro da relação das gangues tinha uma história de amizade, mas também os vários conflitos. Por muitas vezes foi surfando nos trens, em cima dos trilhos que cruzavam o Lagamar, que tivemos acesso aos territórios aonde a gente não tinha conflito. Era bem difícil. Nós tínhamos conflitos e para não sofrer nenhum tipo de ataque, tínhamos que subir em cima do trem. Quando se passava próximo das gangues inimigas, se abaixava em cima do trem para não levar pedrada. Mas o trem sempre foi o nosso passaporte para ir a outros lugares, íamos surfando em cima dele.*

*A minha vivência no Bairro do Lagamar foi uma vivência de ouro. Muitos jovens tiveram a mesma vivência que eu, mas somente poucos estão vivos para contar história. Peguei um pouco de toda a movimentação que fez parte do Bairro do Lagamar: as pichações e o surfe de trem. No surfe de trem, com outros jovens, subíamos em cima do trem para se divertir, para atravessar o bairro.*

*Peguei também a época do baile funk, o começo, desde a formação até as brigas, de todas as grandes movimentações. Protagonizamos algumas cenas da rua, em outras, ficamos como coadjuvante, porque em quase todas as situações estávamos direta e indiretamente envolvidos. A gente estava vivenciando aquilo tudo na juventude, muitas vezes a gente incentivava algumas brigas entre os jovens para brincar mesmo. Na época incentivamos também alguns acordos de paz, mas sempre arrumamos um jeito de sair fora quando a coisa esquentava.*

*No baile funk foi uma época da minha vida em que tinha uma vivência nos eventos do baile, mesmo assim, nunca fui com o pessoal aqui do Lagamar, porque as pessoas que iam só estavam afim de "tocar o terror", de agredir os outros mesmo. Na época tinham os bairros que iam, na hora do "vamos ver". Quando a briga começava, procurava ir sempre*

*com as pessoas de outro bairro, porque essa turma de outro bairro não entrava em atrito, não buscava confusão com ninguém. Rodamos o baile funk inteiro sem querer brigar.*

*No surfe de trem perdi muitos amigos, muitos amigos que morreram foram educandos do MNMMR, mas infelizmente eles se foram nessa brincadeira de andar em cima do trem. O trem passava por uma linha férrea que existe até hoje, passando por dentro do Bairro do Lagamar.*

*Com os meus 12 anos, tive um contato inicial com o MNMMR. Através dele participei do "Núcleo de Base da Quadrinha", que fica localizado na região do Bairro do Lagamar. A partir daí, conheci os outros núcleos do MNMMR: o Núcleo de Base do Pio XII, o Núcleo de Base da Barraca da Amizade, além de um outro chamado Força Jovem. O Núcleo Força Jovem não lembro onde ficava, além de muitos outros que também não recordo o nome porque faz muito tempo. Só lembro que a grande maioria deles se localizava na área do Bairro do Grande Lagamar, que antigamente, era formado por vários outros bairros, como os Bairros do São João do Tauape, depois se desmembrando.*

*As pessoas que estavam lá no MNMMR tinham uma visão que os "meninos da rua" poderiam ter um contato maior com o uso de "cola" se não fossem trabalhados logo. Então o MNMMR foi trabalhar com os que estavam indiretamente envolvidos, no caso eu, porque ficava na rua, mas não usava a "cola", para só depois trabalhar com os que estavam diretamente envolvidos, no caso dos verdadeiros usuários. Depois fui para conhecer o "Espaço de Convivência e Apoio à Criança Carente". Dentro do Espaço, fui chamado para trabalhar mais diretamente com o Del Lagamar, na época o Del já era do MNMMR.*

*Del Lagamar é uma pessoa que estava ligada ao Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua [MNMMR]. No meu encontro com o Del depois de uma conversa, entendi o porquê de se chamar os "meninos de rua" e "meninos da rua". Nessa lógica o "menino de rua" era o que morava na rua, a sua casa era sempre a rua. Já eu, era o "menino da rua" que tinha minha casa, minha família, mas passava o dia na rua brincando, ia pra escola, mas tinha o meu local para voltar, uma casa. Nisso fiquei conhecendo outras pessoas na rua e vivenciando várias coisas, tive vários tipos de vivências.*

*Quando conheci o Del ele tinha 16 anos de idade, era educador social de um grupo chamado "Espaço de Convivência e Apoio à Criança Carente", que desenvolvia um trabalho com jovens que eram usuários de "cola" (cola de sapateiro). Esse projeto era*

*apoiado pelo Fundo Cristão na época, trabalhava diretamente com todos os usuários de "cola" na maioria deles jovens.*

*O MNMMR tinha cerca de 6 ou 7 núcleos de base, porque na época o MNMMR trabalhava muito a questão da nucleação, da criação de núcleos para expandir o trabalho. Então o MNMMR tinha entre 6 ou 7 núcleos, um deles funcionava no espaço da Barraca da Amizade, uma ONG, e os outros eram no Bairro do Pio XII, no Bairro do Lagamar, no Bairro da Aerolândia, no qual eu participei. O que dificultava um pouco era a questão da distância, porque moro numa ponta do Bairro do Lagamar e os encontros aconteciam em outra ponta do bairro.*

*Como a gente não tinha uma sede fixa para se reunir, os encontros aconteciam muito na rua ou dentro de uma escola quando pedíamos um espaço para isso. Sempre era na casa de alguém que cedia o espaço, sempre tinha muito essa questão de não ter um espaço físico próprio lá no começo do MNMMR.*

*Hoje em dia tem só um núcleo no Bairro do Lagamar. O que atraiu a gente para o MNMMR foi também a questão dos encontros. Quando a gente se encontrava em grupo, buscávamos se programar para ir nas viagens. As viagens tinham encontros preparativos, principalmente para o Encontro Nacional do MNMMR. Com isso, a gente tentava se organizar em Fortaleza para levar o maior número de participantes possíveis para esses encontros. Tinha o encontro municipal, o encontro estadual e depois o encontro mais importante que era o encontro nacional.*

*Cheguei a participar de alguns encontros, depois fui crescendo, tendo também as minhas idas e vindas do MNMMR. Cheguei no MNMMR depois me afastei um pouco, porque na época como era e ainda sou pobre, de família pobre, tinha que conciliar o MNMMR com a escola e com algum tipo de trabalho.*

*A cobrança da família em cima de mim era muito grande. Até cerca de 2 anos atrás a cobrança ainda era muito grande, as pessoas sempre falavam assim: "Você tem que trabalhar! Você está no movimento social, mas você não está vendo nada! não está ganhando nada!". Vejo que o trabalho social não tem ganhar dinheiro, mas de certa forma, não te dá dinheiro, a gente sempre fez as coisas pelo amor de fazer, de ajudar. Abdicamos de muitas coisas e a mãe da gente, queria ver nós ajudando em casa, comprando uma carne, alguma coisa. Por isso já tive muitas idas e vindas do MNMMR.*

*Durante uma época que fui porteiro, passei 3 anos da minha vida trabalhando como porteiro, até o pessoal brigar comigo, quer dizer, eles diziam que lá era tipo senzala. Porque se a gente faltava um dia, tinha que dobrar de horário no dia seguinte, tipo escravidão mesmo. Muitas vezes passava 36 horas seguidas trabalhando esperando outro porteiro vir. Se o porteiro não viesse, o supervisor dele vinha. Tinha que vir alguém para me render. Depois fui vendo que tinha que ganhar o meu dinheiro honestamente, mas não podia abandonar o movimento social, então voltei para o MNMMR.*

*Certa vez encontrei o Del Lagamar no ano de 2000. O vi na rua e chamei para conversar. Pedi para arranjar um curso lá no Lagamar, porque estava sem fazer nada. Logo, Del perguntou "Por que você quer fazer um curso?", respondi "Cara, porque preciso de um curso de qualquer coisa". Voltei para casa, encontrei um grande amigo, esse meu amigo se chama Rozinaldo, na comunidade do Lagamar ele é chamado de "Timbó". Perguntei se ele queria ou não fazer parte da minha ideia, ele disse que sim. Dai eu e o Rozinaldo, fomos falar com o Del Lagamar para dizer que a gente estava a fim de ser educador social de rua. Mesmo sem a resposta, coloquei a ideia na cabeça, tinha isso em mente, queria ser um educador social de rua.*

*Nos reencontramos com o Del Lagamar de novo, ele nos disse que a oportunidade era agora, dizendo: "Vocês querem um curso de quê? O que vocês querem da vida?". Logo respondemos: "A gente quer ser educador social de rua!". Depois disso o Del disse "está tudo bem! Vocês podem ser educadores sociais de rua! Para ser educador social de rua tem um monte de coisas que precisam mudar: a aparência física, a maneira de falar. Não só ter a leitura de mundo, mas a leitura dos livros! É preciso falar melhor, para na hora não ficar só gaguejando! Eu sei do potencial de vocês dois, porque vocês estavam comigo lá no Núcleo do Lagamar. Agora é só desenvolver tudo que vocês viram lá, na prática da rua".*

*Começamos a trabalhar e vimos a necessidade de fazer um outro Núcleo de Base para fortalecer o MNMMR. Quando chegamos no grupo, começamos a atuar com cerca de 35 meninas e meninos. A princípio, queríamos manter o nome como Núcleo de Base das Quadrinhas, mas não tomamos a decisão sozinhos. Colocamos a ideia para o grupo, que iria decidir se mantinha ou não o nome, porque o nome traz uma identidade e uma identidade não podia ser perdida tão facilmente. Quando nós colocamos para o grupo, decidiram que tinha que manter o nome do Núcleo de Base das Quadrinhas e assim foi feito.*

*Em época de escola, o MNMMR me ajudou a combater o medo de falar em público. Fui uma criança muito tímida, então o trabalho dentro do MNMMR, os trabalhos em grupo no MNMMR me ajudaram dentro da escola. Antes de entrar no MNMMR, em uma apresentação na frente da sala, ia lá só pra segurar o cartaz. Era basicamente “o prego” do cartaz. Fui desenvolvendo a fala, o meu medo de falar em público já foi sumindo. São coisas que a gente vai levando para o resto da vida. Os encontros do MNMMR, quando pequeno, ia para os encontros mais para brincar, para ficar de “zoação”, mas daí a gente vai crescendo e vai vendo que a nossa responsabilidade vai mudando.*

*Vamos tendo a noção de que em vez de ser só coadjuvante, podíamos ser protagonistas de alguma coisa. Podíamos estar ascendendo e pensando em mudar algo, o que acabou acontecendo. Fui delegado da 2ª Conferência Nacional do Meio Ambiente. Primeiro fui delegado na conferência municipal, depois fui delegado na conferência estadual, por último, fui delegado para a conferência nacional em Brasília, tudo isso através do MNMMR. Ir para Brasília foi uma a responsabilidade foi bem maior. Às 5 horas da manhã tinha gente se levantando com crachá para votar coisas de responsabilidade em prol do meio ambiente.*

*Lá em Brasília a gente nem sabia direito onde estava, queria mesmo era estar no meio do mundo, no meio da brincadeira. Hoje a gente vê que a noção de responsabilidade é bem diferente. Por exemplo, a mediação de conflitos na teoria só chegou para nós no ano de 2005, sendo que a gente já fazia a mediação de conflitos, mas não sabia o significado da palavra, mas sabia a prática.*

*Vivenciamos a prática, mas não temos algumas teorias. A teoria existe, mas a teoria da violência a gente vivencia. Podiam tentar colocar tudo isso em um livro, tentar juntar toda essa experiência, mas acho que quando for escrever isso não daríamos conta de tudo. As nossas práticas contam muito, todo o nosso conjunto de vivências. Quando a gente vai participar de algum evento, muitas vezes observamos, escutamos, para depois falarmos o que a gente viveu, o que a temos para contribuir. Muitas vezes acho que não falamos feio em falar da vivência da gente.*

*No MNMMR você tem que enxergar a pedra no seu telhado, quando é que a pedrada não vai lhe incomodar? Quando a pedra não toca no seu telhado. Um exemplo na prática: se você andar pela Comunidade do Lagamar, pergunte para as mães dos jovens o que elas acham da redução da maioria penal. Todas elas eram a favor, mas por quê?*

*Porque tem uma parte da mídia que as mães assistem, que mostra o menor infrator não sofrendo punição. Aquela mãe, como não sabe refletir sobre aquilo, vai alimentando aquele sentimento de ódio. Mas, quando filho dela que é o envolvido, já muda de pensamento. Nessa situação com seu filho, essa mãe já vai procurar o MNMMR, já vem querer uma solução. Aquela situação é difícil para que a mãe absorva todo aquele sentimento de ódio. Só sabe quem convive com aquela situação na prática.*

*Existe uma parte do Lagamar que é composta por pessoas um pouco alienadas, geralmente são as pessoas simples, de maior idade, que se dizem estar cansados. Outro exemplo é o caso do pessoal que mora no Lagamar e recebe propostas para sair. Tem uma parte que se você oferecer dinheiro eles querem ir embora, mas existe outra parte do Lagamar que não quer sair daqui. Esse sujeito pega o dinheiro e compra outra casa aqui, mas por quê? Porque as pessoas já possuem uma cultura de vida na comunidade, já possuem uma identidade, são filhos de pais, são netos de moradores antigos do território, já criaram um vínculo de amizade, de raízes profundas.*

*A polícia é racista. Até o policial negro que atua na viatura é o primeiro a falar "encosta na parede vagabundo!". Ele vai sempre pelo estereótipo do rapaz: "Uma bermuda de fundo baixo, uma camisa de surfe, um boné, um chinelo, um cordão". Enquanto o jovem que atuava no MNMMR estava ali na parede sendo revistado, o mesmo policial apertava a mão do cara que estava traficando. Se o policial prende algum jovem que vende droga, aquele que chamamos de "avião", ele chama o chefe do tráfico no território para liberá-lo em troca de algum dinheiro. Procuramos dialogar com os traficantes da área, até porque muita gente que está no tráfico foi colega nossa durante a infância, também por conta do "Projeto Minha História, Minha Vida".*

*A gente conhece quem está lá no tráfico. O tráfico acaba tendo essa visão do nosso trabalho social que ajuda, até porque dos nossos amigos, alguns estão lá. Foram descendo degraus dentro do crime porque eles passaram a usar droga e caíram de cargo até virar usuário. Alguns já morreram e a vida continua. Ficamos para contar a história, não se sabe até quando até por conta da violência da comunidade, do risco do nosso trabalho. A violência é muito grande, mas no cotidiano, colocamos o colete de Jesus e seguimos em frente. Na rua não podemos perder a vivência, perder o contato.*

*As pessoas querem conversar, falar sobre um problema. A minha mãe! Quando era católica, achava que eu não ganhava nada no MNMMR e tinha que sair. Depois que ela*

*virou evangélica, começou a mudar e já disse: "você tem que fazer mesmo, tem que me ajudar, porque a partir do momento que você ajuda, Deus está vendo com bons olhos".*

*Hoje em dia não tenho religião. Minha religião é Deus. Já fui para grupos religiosos, católicos e evangélicos, mas hoje não penso mais como as doutrinas. A rua é meu modo de ver o educador social. Ele tem que estar na rua. O jovem bom, ele já está salvo, nós cuidamos dos que precisam. Para mim, a ação vale mais do que a oração. A oração sem fé não é oração, para orar tem que ter fé mesmo. A gente trabalha na prática, ela é verdadeira. (Narcélio).*

### **3.1.4 “O que eu fiz de positivo no MNMMR foi resgatar jovens, principalmente do crime”.**

*Meu nome é Rozinaldo, mas o meu apelido é "Timbó". Agora, por que "Timbó"? Porque conheci um cara chamado "Tiriba" e do nada, ele me olhou e falou assim: "Rozinaldo! tu tem cara de Timbó! Eu vou te chamar a partir de hoje de Timbó!". Assim, foi me chamando de Timbó em todo lugar. Depois todo mundo estava me chamando de Timbó. Era Timbó pra cá, Timbó pra lá. Aquilo foi aumentando e a maioria das pessoas só me conhece na comunidade como Timbó.*

*Depois fui procurar o significado da palavra Timbó, porque as pessoas vinham me chamar de Timbó e não sabia nem o significado real. Procurei no dicionário o que significava Timbó. Olhando no dicionário, descobri que Timbó é uma planta que só existe no estado do Amazonas e essa planta é utilizada por índios. Os índios amassam e a jogam no rio. Quando chega no rio, os peixes comem e adormecem. Logo os peixes dormem e os índios vão e pescam o peixe que está dormindo. Foi dessa forma que virei Timbó. Mesmo assim, não entendi bem esse caso, mas todo mundo me chama assim.*

*Vim morar aqui na Comunidade do Lagamar por volta de 1980. Desde a época que cheguei aqui na comunidade a minha vivência foi completamente diferente. Quando cheguei aqui a comunidade ainda não tinha casa de tijolos, eram casas de barro. Ainda não tinha a questão do saneamento básico. Também não tinha a água encanada.*

*Antigamente o canal que corta o Bairro do Lagamar não era do jeito que está hoje. Lavávamos a roupa dentro do canal. A água era tão limpa que se podia tomar banho dentro do canal. As pessoas jogavam frutas dentro do canal e quando as frutas vinham, se podia comer. Isso tudo enquanto a pessoa estava tomando banho.*

*Desde 1980 para cá venho tendo várias vivências dentro da comunidade. Estudei sempre em escola pública aqui dentro da comunidade. Comecei a estudar por incentivo dos meus pais. O meu pai sempre foi um lavador de carro e a minha mãe sempre foi dona de casa. Quando comecei a estudar, encontrei uma realidade completamente diferente da realidade que tinha quando ficava mais na rua.*

*Na escola era um aluno completamente danado, porque na minha cabeça ia à escola só para brincar. Depois na volta quando chegava em casa, não tinha nada para fazer, por isso que comia e dormia, já saindo para a rua, para brincar com os meninos na rua.*

*Na minha vivência na rua, os meus amigos já chegaram a me oferecer drogas, só que quando essa história começou, ela já chegou no ouvido do meu pai e ele já foi falando "se um dia chegasse em casa com alguma coisa, que não era minha, que não me pertencia, ou que chegasse usando droga em casa", ele disse que "iria quebrar as minhas pernas".*

*Depois desse caso fui vivendo, crescendo e conhecendo novas amizades, vivendo novas aventuras. Começamos a formar um grupo de amigos da época da infância e conhecemos um outro grupo de amigos. Com ele começamos a caçar. Cada um pegou a sua "baladeira". A gente colocava sacola de plástico dentro do bolso, depois pegávamos umas frutinhas chamadas mamonas, elas eram para acertar os passarinhos e os calangos que víamos.*

*Além das mamonas a gente também utilizava as bilas (bolas de gude). As bilas eram para quando alguma pessoa viesse mexer com o nosso grupo, porque nessa época, começou a chegada das gangues aqui no Bairro do Lagamar, e nós também chegamos a fazer parte dessas gangues. Na comunidade existiram várias gangues, uma delas era a "gangue das quadrinhas", que era na área onde todo mundo morava. A gente participava do grupo deles, mas não eramos completamente envolvidos com o que eles faziam.*

*Nos envolvíamos quando o grupo estava reunido, mas na hora do combate, na hora da luta contra outras gangues, todos se afastavam, porque ninguém queria estar se prejudicando. Quando um integrante da gangue andava em outro lado (território), quando era pego na outra área, quem estava próximo dele já era marcado pelo grupo rival. Assim, a pessoa ficava marcada no território dos outros. Depois as outras gangues não se importavam mais quem era de um lado ou de quem era do seu lado, todo mundo se confrontava.*

*Já cheguei a ir para os bailes funk quando nas festas com a moçada, já chegamos a surfar em cima dos trens. Uma das maiores aventuras da gente era o surfe de trem. Ir de trem até o Bairro do Mucuripe era a maior adrenalina. Surfamos em cima dos vagões. O grupo subia em pé nos vagões. Cada vagão era uma adrenalina tremenda. Ficamos pulando de vagão em vagão, só para se divertir mesmo. Tinha que ter um certo cuidado com os fios elétricos, cuidado também quando a gente chegasse lá no Bairro do Mucuripe.*

*Quando chegava perto do porto do Mucuripe, já descíamos do trem, esperando para voltar ao Lagamar. Depois inventamos de sair pichando por aí, cada um juntava dinheiro para comprar sua latinha de spray, para sair pintando a parede dos outros. Quantas vezes a gente já pensou nos locais que a gente pichou, até nos surpreendíamos com as pichações feitas.*

*Depois disto caímos na realidade. A galera se juntou e decidiu colocar em prática tudo o que a gente sabia fazer, só que em outra realidade, de outra forma. Nessa época foi que encontramos o Del Lagamar. O Del já fazia parte do MNMMR, sabia que tínhamos um potencial e um dia ele disse: "Vocês deveriam colocar o potencial que vocês têm de uma outra forma, completamente diferente. Vamos colocar o potencial de vocês para ajudar outras pessoas". Nisso pensei: "Vamos ver como é que vai ficar, se a gente gostar a gente fica, se a gente não gostar, a gente sai fora". O Del disse "tudo bem então, a gente tenta aí pra ver se vai dar certo". Quando foi feita a proposta ficamos pensando uns dias, depois, decidimos que não íamos naquela hora não. Mesmo assim ainda ficamos com um tempo com a ideia na cabeça.*

*Nos finais de semana fui com meu pai lavar carro. Meu pai era um lavador de carro e nos finais de semana ia ajudar ele a lavar os carros. Geralmente era no dia de sábado. Agora, de segunda a sexta, eu ia para o sinal pra vender flanelas. Como meu pai era lavador de carro e só tinha ele com dinheiro para sustentar a casa, tive que ir para casa, lá esperava pelo meu pai. Daí, pensei: "vou pelo menos tentar vender flanela, porque já que meus pais não tem condição, vou ficar com esse dinheiro, já para poder comprar umas coisinhas, para não ter que pedir pra ele".*

*Um dia, estava no sinal [de transito] quando encontrei com o Del Lagamar. Ele ficou me olhando de longe. Depois, um dia aqui na Comunidade do Lagamar, me encontrou de novo e me chamou dizendo: "Rozinaldo vamos lá para onde a gente estava, lá para o MNMMR!". Aceitei o convite, comecei a participar do MNMMR, porque o Del já participava, ele já tinha um núcleo, era o coordenador, então entrei para ajudar o MNMMR. Não só eu, mas os meus amigos, começamos a participar do núcleo do Del Lagamar. Fomos para vários encontros com outros núcleos onde encontramos todo mundo.*

*Depois passamos a se integrar mais no MNMMR. Quando começamos a participar mais ativamente o Del Lagamar explicou mais especificamente o que a gente ia fazer dentro do MNMMR. Antes de ele dizer o que a gente faria fomos logo dizendo que*

*queríamos ser educador social do MNMMR. Para isso o Del explicou que para ser educador social de rua, tínhamos que cumprir algumas regras básicas e que íamos aprender mais na prática. No trabalho do MNMMR na década de 1990, não se trabalhava ainda com muitos jovens em dependência química. Não com as drogas que existem hoje. Na época, as drogas que mais tinham na Comunidade do Lagamar eram a cola de sapateiro e a maconha.*

*Conhecemos vários amigos nossos que hoje são nossos companheiros, porque alguns deles eram usuários de cola de sapateiro e ficaram conhecidos assim como "cheiradores de cola". Conhecemos também outros amigos que eram usuários de maconha, os maconheiros. Nesse lado da história, nós ganhamos e perdemos. Ganhamos porque conseguimos resgatar vários usuários da cola e da maconha. Perdemos porque muitos usuários foram mortos. Não foram mortos devido ao uso exagerado das drogas, foram mortos devido aos conflitos que tinham e ainda tem dentro do Lagamar. A droga matou os nossos jovens.*

*A causa de algumas mortes, eram para comprar droga. O usuário que ia do outro lado do território do Lagamar tinha que atravessar uma ponte que fica no meio do território, as gangues dos territórios mataram os usuários em cima dessa ponte. Outros foram mortos porque simplesmente moravam em outro território que não era o território onde eles estavam.*

*Os conflitos de gangues eram e ainda são muito intensos. O Del Lagamar foi mostrando pra nós como era o trabalho do MNMMR na sua prática. Desse jeito, nós fomos para vários encontros, várias reuniões em outros espaços, porque o Del fazia questão de levar a gente.*

*Sempre quando íamos para esses encontros, nos apresentamos como educadores sociais em formação. Nós éramos educadores sociais, mas em formação. O Del sempre perguntava para a gente: "Vocês querem ser educadores sociais de verdade?". E nos afirmávamos: "sim, a gente quer ser educador social de rua". Sendo assim ele nos disse: "Pois pronto! a partir de hoje, vocês são educadores sociais de rua!". Achamos tudo massa. Para onde a gente ia, se apresentava como educador social do MNMMR.*

*Um dia o Del soube que a gente já estava na prática se apresentando como educador social do MNMMR e perguntou "você sabe o que isso significa? Ser educador social do MNMMR?", logo respondi "Sim! Sei da responsabilidade!". Depois o Del mostrou a importância de dar o testemunho dentro da Comunidade do Lagamar. Tinha que dar*

*exemplo! Se estava trabalhando com jovem que é usuário de droga, se estava aconselhando aquele jovem, tinha que aconselhar com o meu exemplo. Tinha que mostrar pra ele que fazia parte do mundo dele.*

*Antigamente bebia a bebida alcóolica. Todo sábado estava num bar bebendo. Me reunia na praça e bebia demais com os meus amigos. Não era nem só a cerveja, era “a podre”, era a cachaça. Começava a pensar: "Rapaz, o que estou fazendo da minha vida? Não posso mais, tenho que colocar a minha vida de outra forma". Com isso deixei de usar álcool e já faz 15 anos que deixei de beber qualquer tipo de bebida alcoólica. Tudo devo à entrada no MNMMR que acaba funcionando como porta, mostra um caminho, mas quem escolhe seguir o caminho, abrir aquela porta, é só você.*

*Um trabalho que a gente desenvolveu, foi uma atividade sobre grafite. Nós escolhemos um muro no Lagamar, compramos as tintas e levamos os meninos para grafitar uma parede que estava em desuso, inclusive a gente conseguiu autorização. Chegando no local, distribuimos as tintas estávamos com o crachá do MNMMR. De repente, a polícia apareceu, gritando "vagabundo! vocês estão pichando o muro dos outros!". Na hora estávamos com o crachá e a camisa do MNMMR. Nos identificamos, e eles disseram: "É legal o trabalho de vocês. É massa, mas ele não vai mudar a vida de ninguém! Se eu fosse vocês, desistia! Isso não ajuda em nada, pra falar a verdade, se a gente pudesse, jogava uma bomba dentro do Lagamar e construía tudo de novo!". É essa a relação do MNMMR com a polícia, tem um pouco do conflito.*

*Durante o MNMMR, um trabalho que me marcou foi com os jovens do "Projeto Minha História, Minha Vida". Eram jovens que tinham envolvimento com drogas, mas todos eles foram presos por furto e eram colocados como jovens em conflitos com a lei. Ajudamos os jovens quando precisavam retirar alguma documentação. Muitas vezes ajudei esses jovens na ida até o fórum da justiça para assinarem, como a justiça pedia que eles fossem.*

*Numa dessas experiências dentro do "Projeto Minha História, Minha Vida", vivi a história de um grande colega que teve uma dessas recaídas. Ele acabou participando do projeto, a vida dele de egresso era muito complicada, pois tinha também que ir várias vezes ao fórum da justiça para assinar. Nisso, a gente se propôs a ajudar, a auxiliar na retomada da vida dele.*

*Hoje, depois da saída da prisão, ele se livrou do crime, já é pai de família, isso é uma felicidade imensa quando você consegue salvar aquele jovem da situação que estava,*

*porque antes daquilo, não tinha esperança. O que fiz de positivo no MNMMR foi resgatar jovens, principalmente do crime. Vendo o lado negativo, não consegui resgatar todos os jovens que queria. Podia ter me esforçado mais pra salvar todos do caminho do crime.*

*Quando estava no MNMMR tive várias oportunidades de sair. Agora, quando olhava para o jovem, pensava: “aquele jovem está precisando de mim! ele tá precisando do meu apoio! ele tá precisando da minha ajuda! Se eu sair do MNMMR, posso acabar sendo mais a pessoa que o MNMMR vai atender”. Então o MNMMR acaba sendo na prática um movimento de formação. (Timbó).*

#### **4 O BAIRRO DO LAGAMAR E O MNMMR: RECONSTRUÇÃO DE UMA HISTÓRIA FEITA DE SONHOS, MEDOS E OUSADIAS.**

*A libertação, por isto, é um parto. É um parto doloroso.  
(Paulo Freire)*

Neste capítulo trago traços da história do Lagamar e da introdução do MNMMR naquela comunidade. Estou ciente da incompletude desta tarefa, dada a complexidade geográfica, sócio-política e cultural daquele território. Porém, os dados aqui sistematizados e a análise feita permitiram uma maior familiaridade com o universo onde foram formados os sujeitos centrais desta pesquisa.

Conforme indicado anteriormente, o método da História Oral orientou a feitura deste capítulo. Além dos relatos orais gravados nas visitas realizadas a partir de conversas informais e entrevistas abertas, trago minhas impressões registradas no Diário de Itinerância. Como pesquisador que vai além da descrição dos fatos, o auxílio desta ferramenta permitiu um relato experiencial das passagens do pesquisador pelo cotidiano dos becos e vielas que cortam toda a comunidade.

Dialoguei com três estudiosos do Lagamar: Ribeiro (1990) e Diógenes (1991), pesquisadores da Universidade Federal do Ceará e com os relatos do jornalista e poeta Eduardo Fontes, morador da comunidade do Lagamar na década de 1970, através de sua obra *O Lagamar que eu conheci*. Neste texto o autor registra suas percepções sobre os primeiros moradores do território. Assim, alterno momentos do passado e do presente, destacando as continuidades e as rupturas ao loco das quatro décadas cobertas por este capítulo.

Para aumentar o olhar sobre a realidade, permitindo uma leitura de imagens pelo leitor, foram inseridas algumas fotografias que dimensionam o território em sua povoação até os dias atuais. Num único tópico intitulado **tempo de lutas, conquistas e recuos**, procurei ampliar a compreensão sobre o lócus que permitiu a organização e a intervenção do MNMMR.

#### **4.1 Tempo de lutas, conquistas e recuos.**

*Não há vida sem correção, sem retificação.*

*(Paulo Freire)*

A sociedade tem passado por um conjunto de transformações em seu âmago estrutural. Nesta dinâmica, um dos aspectos mais interessantes é observar como a juventude passa por tais mudanças de maneira rápida, mas nem sempre guiada pelo aspecto qualitativo desse processo. Caminhando nos grandes territórios periféricos da cidade de Fortaleza, através de participação voluntária na Central Única das Favelas/Ceará (CUFA/Ce), não foi incomum encontrar crianças e adolescentes inserindo-se nas práticas de atos infracionais, através de roubos, tráfico de drogas, ou em muitos casos, homicídios. Grande parte delas tinham as ruas como lócus vivencial.

As juventudes de tais comunidades vivem a mercê da sua própria sorte. Em especial, na comunidade do Lagamar, é possível observar, seja diretamente ou através dos diversos veículos midiáticos, que a participação de adolescentes na criminalidade tem sido direta, contribuindo para o papel errôneo da juventude na contemporaneidade e para uma mentalidade cada vez mais punitiva e atortada de uma perspectiva educativa e promotora dos direitos destes sujeitos.

A sociedade civil organizada nos movimentos sociais luta para que os quadros de violência contra a infância e a adolescência seja alterado. Em diversas ações ao longo das últimas décadas, buscou-se em nível nacional e internacional, organizar todo um Sistema Integral de Proteção. Compreende-se que a educação além de um direito constitucional, um espaço de desenvolvimento humano, preceitos estes previstos na Declaração dos Direitos Humanos (direitos do homem) e na Declaração dos Direitos da Criança e à Convenção dos Direitos da Infância (direitos referentes à primeira infância), no caso brasileiro no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA – Lei. 8.069/90).

A Declaração dos Direitos da Criança é um documento de cunho internacional aprovado pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), precisamente na década de 1950. Passou a validar um conjunto de direitos que se diluem em diversos aspectos, dos quais alguns merecem ser trazidos à tona: direito à igualdade (abolindo qualquer preconceito com raça, credo ou nacionalidade); direito à educação e ao lazer; direito a

cuidados especiais para as crianças física, social ou mentalmente diminuídas, e no que concerne especificamente às crianças em situação de rua, direito a crescer sob a proteção num ambiente de afeto, segurança moral e material. (ABREU, 2007).

A Convenção dos Direitos da Infância é um documento normativo, também aprovado pela ONU na década de 1980, que auxilia na complementação da Declaração dos Direitos da Criança (1950), tendo caráter internacional obrigatório para todas as nações que se comprometem de maneira formal a cumprir socialmente o conjunto de direitos e deveres estabelecidos. Passa dessa forma, a integrar a legislação interna de cada Estado Nação.

Desde a promulgação da Constituição Federal Brasileira de 1988, através de seu Artigo 227, os direitos relativos à proteção da criança e do adolescente estão garantidos de forma integral, pelo menos no que concerne ao seu aspecto teórico, sendo atribuídas tais responsabilidades à família, ao Estado e à sociedade. (BRASIL, 1998)

Um poderoso documento que insere tal perspectiva em suas especificidades é o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA – nº 8.069 de 1990), marco legal resultante da luta dos movimentos sociais, com destaque para o movimento enfocado neste projeto. O ECA traz em sua estrutura um conjunto de normas, distribuídas nos eixos de proteção e defesa.

Com a constante evolução de pensamento da sociedade, é comum que as diversas teorias elevem seu pensamento em relação à representação do que se pensa sobre a leitura da juventude na atualidade e seu conjunto de peculiaridades. A realidade dos jovens na contemporaneidade é diferente de algumas décadas atrás, pois profundas transformações socioeconômicas e diversas mudanças na estrutura familiar, influenciaram na vida e nas escolhas cotidianas desses sujeitos.

Principalmente nas classes populares, um fato que pode ser observado comumente, é a situação dos sujeitos que são arrancados precocemente da sua condição infantil, sendo levados a tal ponto pela premissa de sua própria sobrevivência. As crianças, nessas condições, acabam contribuindo para o crescimento do abandono escolar e, conseqüentemente, são levadas à obrigação social de contribuir com a renda familiar, forçando-as a serem jovens e mesmo adultas, precocemente (DAYRELL, 2003).

Em suma, o Estado assumiu definitivamente os cuidados relativos aos meninos marginalizados a partir do século XIX, não deixando apenas para a Igreja Católica, como era desde o período colonial, para outros grupos religiosos à resolução de tal problemática (ABREU, 2007). O Estado tem papel fundamental no acompanhamento dessa nova forma de

viver em sociedade, sendo capaz de subsidiar alternativas para que a juventude possa lidar com esse conjunto de mudanças. Porém, a máquina pública não consegue alcançar todos os sujeitos que precisam de seu atendimento, deixando uma grande parcela da juventude à margem de seus cuidados, cabendo a esse grupo de sujeitos, criarem alternativas para a sua própria subexistência social.

Com resposta a este descaso, quanto ao atendimento de forma universal às necessidades da infância e juventude, um grupo de educadores, políticos, ativistas e religiosos que defendiam arduamente os direitos das crianças e adolescentes que eram vítimas de violência física, moral e psíquica - se organizou para criar um mecanismo social que auxiliasse no desenvolvimento e proteção de sua juventude. Dentro de um viés específico, instaurou esforços procurando observar a problemática dos sujeitos que vivem em situação de abandono nas ruas, dessa forma, criou-se o MNMMR.

O MNMMR nasce como Organização Não Governamental (ONG), com sede em Brasília, tendo como seus eixos aspectos que visam formar/mobilizar/conscientizar os/as meninos/as na luta cotidiana por melhores condições de vida. O Movimento surgiu após casos graves de desrespeito à infância, noticiados pelos diversos veículos midiáticos da década de 1980, como a “Chacina da Comunidade de Vigário Geral” e a “Chacina da Candelária”, ambas no Estado do Rio de Janeiro (PEREIRA, 2011).

A criação do MNMMR deu-se a partir de um olhar crítico sobre um sistema social que excluiu de seus cuidados as crianças e os adolescentes pertencentes às classes sociais desfavorecidas, tornando suas vivências repletas de riscos à sua integridade física e psicológica. Seu surgimento nacional deu-se na década de 1980, alavancado pelo fim do regime militar, período onde a luta pela democracia e pelos direitos estava em efervescência.

O Movimento se estruturou por todo o país de maneira coesa, vindo para o estado do Ceará na década de 1980, mais especificamente no município de Fortaleza, instalando-se na Comunidade do Lagamar com o apoio da Pastoral do Menor que na época, já era atuante na localidade em questão.

Na comunidade do Lagamar o MNMMR atua desde o ano de 1985 até os dias atuais, realizando ações de organização e formação de novas lideranças entre a juventude local, sempre trabalhando na ótica da educação popular. O Movimento busca a promoção de ações que visem aspectos relacionados aos direitos humanos e organização popular das crianças, adolescentes e jovens moradores da comunidade, visando melhorar a realidade social dessas

peças. Os atuais coordenadores do projeto foram os jovens em situação de rua que sofreram a ação promovida pelo MNMMR quando ingressou no Lagamar no ano de 1985, e hoje, são remanescentes pela manutenção e evolução do grupo.

Hoje, o bairro do Lagamar conta com cerca de nove mil habitantes. A sua faixa territorial, delimita-se: pela Rodovia BR-116 (no quadrante oeste), pela Avenida Raul Barbosa (no quadrante leste), pela Avenida Capitão Aragão (quadrante sul) e pela via férrea (quadrante norte) que perpassa por parte da extensão do bairro São João do Tauape.

**Foto 10:** Dimensão cartográfica (Bairro do Lagamar).



**Fonte:** Google Maps (2014)

Um ponto positivo do Lagamar é a sua localização frente às outras áreas da cidade. O bairro situa-se bem no centro do mapa de Fortaleza. Aquele espaço que já foi considerado um riacho por alguns, cresceu vertiginosamente pela primazia de sua localização, acompanhado na década de 1960, pelo avanço da malha viária da capital.

O bairro do Lagamar reflete as diversas áreas de periferia concentradas por toda a metrópole da cidade de Fortaleza, capital do estado do Ceará. O Lagamar<sup>5</sup>, formado por suas casas e casebres, ruas, becos e vielas, concentra uma população que não difere dentre várias outras áreas invisibilizadas historicamente pelo poder público do Estado.

O Lagamar, dentro das comunidades localizadas em áreas de periferia de Fortaleza, caracteriza-se pela sua população oriunda de um sentimento de fortes lutas, pela ocupação de seu território, principalmente no decorrer das últimas três décadas passadas. Atravessando parte de seu espaço territorial, não é incomum perceber um cenário de desigualdade social que permeia os microespaços, destoando dos demais cenários sociais no seu entorno.

Dados fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de acordo com o Censo Demográfico Brasileiro do ano base 2010, colocam a cidade de Fortaleza como quinta cidade em número de “aglomerados subnormais”, denominados de maneira coloquial, como favelas. Segundo tais dados, Fortaleza soma a quantia de cerca de trezentas e noventa e seis mil pessoas morando em áreas de favelas (ou “aglomerados subnormais”) onde o bairro do Lagamar aparece com cerca de 16,18% de sua população total nessa situação, extrapolando a média nacional que é de apenas 6% (DIOGENES 1991).

O Lagamar tem a sua área territorial formada por cerca de um quilômetro de extensão, área situada em torno do canal do Tauape, ou, como os moradores locais o chamam: Canal do Lagamar. Em períodos de chuvas intensas na cidade de Fortaleza, principalmente no primeiro semestre de cada ano, o canal chega a transbordar atingindo as moradias sem infraestrutura que se localizam no entorno de sua extensão. Devido aos constantes alagamentos provocados pelo acúmulo de lixo e ausência de manutenção em torno do canal, o espaço que em outras épocas podia-se tomar banho, hoje, popularmente, é intitulado como “alaga mar”, devido aos alagamentos ininterruptos provocados pelo aumento significativo de lixo e de diversas sujeiras jogadas no canal.

---

<sup>5</sup> Conforme Dicionário Aurélio, significa: s.s Cova Abissal, pêgo, baia ou golfo abrigado; lagoa de água salgada. (FERREIRA, 2004).

**Foto 11:** Rua alagada



**Fonte:** Arquivo Tiago Areal (2014)

Segundo moradores locais, a expressão “alaga mar” foi base da nomenclatura para o bairro chamar-se “Lagamar”, pois na época de sua ocupação e apropriação territorial, os alagamentos no espaço eram tidos como “ironia do destino”, tendo em vista que as famílias a habitarem aquele espaço eram todas oriundas das regiões municipais em “situação de seca”<sup>6</sup> do interior do estado do Ceará:

O ‘canal’, que se transmuda em rio, no inverno, estava ali, à nossa frente, raso, fétido, com porcos às dezenas e montes de lixo, com vegetação, tomando-lhe o leite sujo. Na quadra invernos, as águas não podem correr livres, por dentro do fosso, como deviam, e facilmente se espraíam, invadindo as casas, trazendo o inferno em forma de chuva e não de fogo para os habitantes das redondezas. O inverno, a água, o canal, a trilogia do sofrimento enorme daquela gente. O pesadelo. O pesadelo de centenas de pobres de Cristo. (FONTES, 1974, p. 91).

O canal do Lagamar é um mecanismo de ligação entre as pessoas que transitam entre os seus dois lados. Para atravessar o canal foi construída uma ponte de madeira.

---

<sup>6</sup> Termologia utilizada para definir o município que sem encontra com ausência de recursos hídricos, forçando seus moradores a procurarem áreas onde a ausência de água seja melhor. Historicamente, os municípios em situação de seca se elencam mais na região Nordeste do Brasil.

**Foto 12:** Ponte do canal do Lagamar.



**Fonte:** FONTES (1974)

Hoje, a ponte ainda continua em parte de madeira, pois o poder público não atentou (ou não quis atentar) para a importância de organizar aquele espaço de trânsito de pessoas, animais e tudo aquilo que nela couber passagem.

**Fotos 13:** Ponte do canal do Lagamar.





**Fonte:** Arquivo Tiago Areal (2014)

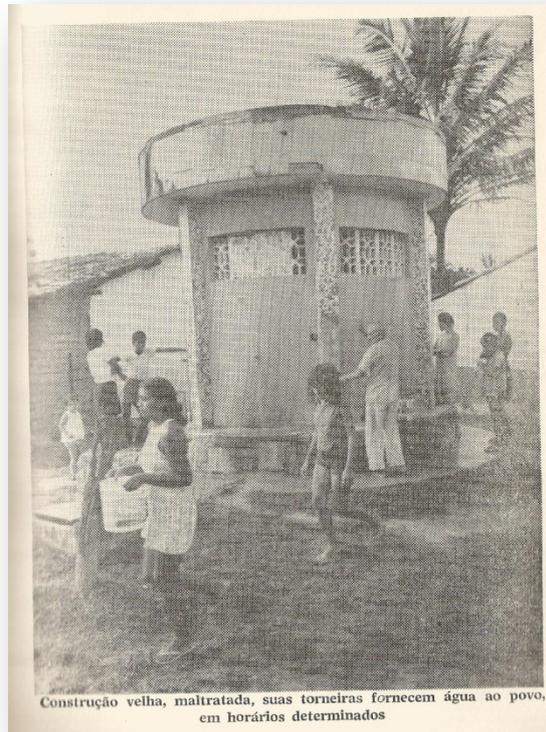
A ponte do canal do Lagamar é assunto desde décadas atrás devido a sua degradação e falta de manutenção em sua estrutura:

Ponte de madeira, rústica. Sem nada que desperte atenção. Suspensa em estacas, por ela transitam gente e animais. Dia e noite. Noite e dia. Ela foi construída por Moisés, coreauense, aqui radicado há onze anos. Construída e mantida por ele. E reconstruída, quando de uma das vezes de inverno forte, ela foi carregada canal abaixo. (FONTES, 1974, 92).

Chegar num espaço territorial e perceber água em abundância adentrando pelas casas dos moradores em meados da década de 1960, soava mais como uma “pregação de peça” do destino que os levou até aquele local.

Segundo Ribeiro (1990) a ocupação da população às margens do canal do São João do Tauape se deu a partir de 1930, mas se intensificou a partir da década de 1960. Na época, o espaço era cortado pelas áreas dos bairros do São João do Tauape, da Aerolândia e do Alto da Balança, espaço ainda não sendo reconhecido oficialmente como bairro da capital fortalezense.

**Foto 13:** Poço público.



**Fonte:** FONTES (1974)

Fontes (1974, p. 29) trata em sua narrativa o início da tomada da terra pelos moradores do atual bairro do Lagamar. O ciclo de apropriação do espaço onde hoje se localiza o território incide de maneira precária desde a sua apropriação:

Terra da maldição, o seu solo não é fértil. Com água à flor da terra, difícil o milagre da fecundação. A lama, tudo sufoca; permite apenas que os porcos nela chafurdem e cresçam na podridão; e às dezenas, os porcos são vistos enfurnados na lama, deles – grandes barrões, soltos no lamaçal ou focinhando no canal, juntamente com as crianças que brincam nos derredores.

As casas e tudo que se findou no presente espaço não obedeciam a uma linearidade de um espaço urbano convencional. As famílias que ali procuravam se alojar, eram todas oriundas de condições precárias de sobrevivência, onde a luta pela subsistência era um dos principais motivos para pensar em dias melhores naquele contexto social posto.

Fontes (1974, p. 29) expõe o retrato social da chegada das famílias no momento de construção das casas naquele espaço desorganizado:

E muitas casas se edificaram à beira do lamaçal, à beira d'água, negra como a terra. Sim. A terra do Lagamar é preta como carvão, E com esta terra escura e molhada, ressequida às vezes, é que os habitantes constroem suas casas de taipa, que não tem o amarelinho do barro, cor do sol, mas a escuridão da lama ou da noite. São escuras por fora e mais ainda em seu interior. Baixas, sem ventilação, sem pisos, sem sanitários, sem água, lembram mais criações de duendes do que pessoas humanas. E lá dentro estão as pessoas que não parecem mais humanas de tão magras, tão identificadas e marcadas pela terra, como as figuras de Van Gogh.

O retrato do cenário local do Lagamar parece quase inalterado depois de décadas desde a sua ocupação. Em alguns pontos do bairro as casas dentro da descrição apresentada permanecem quase as mesmas. Entrando em becos e vielas às nove horas da manhã de uma quarta-feira qualquer, dessas de clima seco da cidade de Fortaleza, dentro de um Lagamar que pulsa, vejo casas com seus rádios ligados em alto e bom som, com os vizinhos varrendo as entradas de suas casas e dialogando sobre “o fulano que morreu” ou “o preço da carne que não para de subir”.

As casas uma rente às outras, parecem se misturar dentro de um mesmo cenário, uma pintura de um mesmo quadro pintado no meio da cidade de Fortaleza, onde às vezes se confunde onde acaba e onde termina a minha ou a sua casa. As casas se misturam e não são lineares, os espaços dentro do mesmo bairro são desiguais.

**Foto 14:** Beco e vielas



**Fonte:** Arquivo Tiago Areal (2014)

Casas que parecem corredores estreitos, confundem-se com casas onde o terreno cheio de galos e galinhas abriga uma casa singela de apenas dois cômodos ou mais, retrato de um Lagamar construído e reconstruído a todo o momento. Como nas andanças pelas ruas “novas”, abertas a todo vapor, vejo uma construção em ruínas onde funcionou uma fábrica de couro há um mês, e naquele momento, já não funcionava mais. O Lagamar se destrói, se transforma a cada alvorecer, como no tráfico de drogas, com a chegada de uma nova e mais potente droga.

**Foto 15:** Galos e galinhas em meio às vielas.



**Fonte:** Arquivo Tiago Areal (2014)

**Foto 16:** Rua estreita



**Fonte:** Arquivo Tiago Areal (2014)

As ruas ganham seus próprios nomes, mudam seus itinerários. Fontes (1974, p. 33) explicita esse sentimento de pertencimento e aglutinamento nas nomenclaturas das ruas de entrada e saída do Lagamar:

Travessas das Oliveiras, Travessa da Boa Esperança, Rua Singela, Rua do trilho, Rua São Francisco, Travessa da Alegria, Travessa Gozo do Galo, Rua Progresso, Rua da Felicidade, Vila Zeni, Rua Capitão Daki, Rua Ouro Branco, Rua São Paulo, Rua Maravilha, Rua do Cuscuz, Rua Aspirante Mendes, Rua da Lavanderia. Nomes que vivem na boca do povo, na tradição do povo, sem placas nem indicação. Nomes que o povo sabe de cor.

As ruas assim como a sua população são entrelaçadas umas às outras. Onde começa a linha do trilho já se inicia mais uma rua, que de repente se divide em outras duas. Mais à frente pode se observar uma rua com um paralelo: de um lado casas simples cortadas por uma linha férrea no meio, do outro lado, um prédio grande imponente que reverbera o estereótipo de moradores de classe média. (DIÁRIO DE ITINERÂNCIA – 22/12/2014)

**Foto 17:** Paralelo entre um prédio de classe média, a linha férrea que corta o bairro do Lagamar e o lado pobre do território.



**Fonte:** Arquivo Tiago Areal (2014)

As ruas podem virar becos, podem se resumir em pequenas vielas estreitas onde nem carro passa. As ruas denunciam a condição social do bairro: em sua grande maioria sem tratamento adequado de asfalto, cachorros e outros animais fazendo da rua o seu lugar de abrigo, seu pasto. Alguns pontos com esgoto a céu aberto, as casas que se afastam e mais na frente se integram. A rua maltratada, descaso do poder público com algo simples: a terra. A terra que por vezes é manchada de sangue, das mortes, dos choros, muitas vezes, sangue dos outros, esses outros que sempre serão os nossos, povo de periferia como outro qualquer.

**Foto 18:** Espaços públicos sem saneamento básico.





**Fonte:** Arquivo Tiago Areal (2014)

À noite, acontecem alguns conflitos que podem acontecer em qualquer outro espaço devido à pobreza da população. Os conflitos conjugais, familiares, são retratos claros de ambientes de periferia. Como daqueles contos de amor do século XIX, casais transformam brigas conjugais caseiras em conflitos que podem ser vistos e ouvidos da comunidade inteira. “Ele a agrediu” sussurra uma senhora qualquer, sentada na calçada, enquanto espera o filho voltar com o pão pela manhã.

No início do Lagamar, os conflitos conjugais entre moradores não eram incomuns como assim como hoje, pelo contrário, há hábitos que não mudam quando se vive num ambiente tão diversificado. Fontes (1974, p. 35) explicita o teor desses conflitos há décadas atrás:

O movimento de maior intranquilidade para a Polícia se verifica a hora das refeições, almoço e jantar, quando muitos donos de casa retornam, embriagados, sem nada para alimento dos filhos. Aí as brigas se sucedem, e acaba indo a mulher dar parte do seu homem, que naquele dia não trouxe comida para os filhos. E é triste, muito triste ouvir-se o choro das crianças, em casa, com fome. Também o desemprego é grande, e muitos procuram escapar, como vendedores ambulantes. A vida do Lagamar é dura, arrematou. E todos ficamos em silêncio, enquanto seguíamos, de cabeça baixa, pela rua do trilho...

O progresso para qualquer morador de periferia é a autonomia, e autonomia se consegue, para um dito “chefe de família”, na ótica da aquisição do emprego. No Lagamar o desemprego sempre foi uma problemática real, dando na contemporaneidade abertura para a entrada de atividades ilícitas como alternativa de sobrevivência para alguns sujeitos na comunidade. Outro ponto de progresso na comunidade foi a construção do trilho bem no centro do bairro.

**Foto 19:** Trilho ou linha férrea



**Fonte:** Arquivo Tiago Areal (2014)

Na verdade, o trilho na comunidade chegou como uma espécie de marco civilizatório, tendo em vista que a comunidade diante das condições de subsistência parecia estar em outro espaço não civilizatório:

Mal o subdelegado se calara, um silvo de locomotiva quebrou o silêncio. Uma locomotiva “diesel” com cinco vagões varava o Lagamar. Trem cargueiro, transportando combustível. O povo se apinhara à margem da estrada de ferro, para saudar o único marco de civilização que o liga à cidade grande ao progresso. Dava adeus para o trem! Este, ao que nos informou o inspetor [de polícia], demandava do [bairro] do Mucuripe e se dirigia à Estação do [bairro] de Parangaba (...) E quando ele passar haverá sempre uma criança a postos para dar adeus, no melhor estilo das inocentes crianças do interior!. (FONTES, 1974, p. 36).

A locomotiva ainda passa no Lagamar, não mais como antigamente, quando carregava além de objetos, o brilho nos olhos das pessoas, que talvez de maneira simbólica, viam o futuro passar à luz dos olhos.

**Foto 20:** Trilho ou linha férrea.



Quando ele passar haverá sempre uma criança a postos para dar adeus, no melhor estilo das inocentes crianças do interior

**Fonte:** FONTES (1974)

O tempo assim se fez, mas o futuro em forma de progresso social preferiu ficar nos discursos do passado, apenas idealizado para a grande maioria dos moradores do Lagamar. As ruas hoje, iluminadas com o clarão da evolução tecnológica, refletem um pouco da irrefutável evolução da organização social dos espaços. Quem diria, em décadas atrás, que poderia ter luz de maneira tão simplória cortando a escuridão do pôr-do-sol nos caminhos e trilhos do Lagamar? Antigamente era bem diferente. “Muitas mulheres, com rodilhas na cabeça e latas velhas de querosene, já tingidas pela ferrugem, permanecem na fila, à espera da vez de obterem o indispensável líquido, já que as casas não tem água encanada”. (FONTES, 1974, p. 75).

A evolução social aparece uns poucos espaços do bairro, porém, alguns hábitos de outrora ainda permeiam o cotidiano dos moradores. As mulheres, algumas corajosas, lavam as suas roupas na beira da calçada, em frente de casa, quase como os seus parentes de décadas atrás. A lavagem de roupa exala a água, se misturando com o suor que corre nos rostos das mulheres, quase um encontro do trabalho com o esforço físico numa única só expressão.

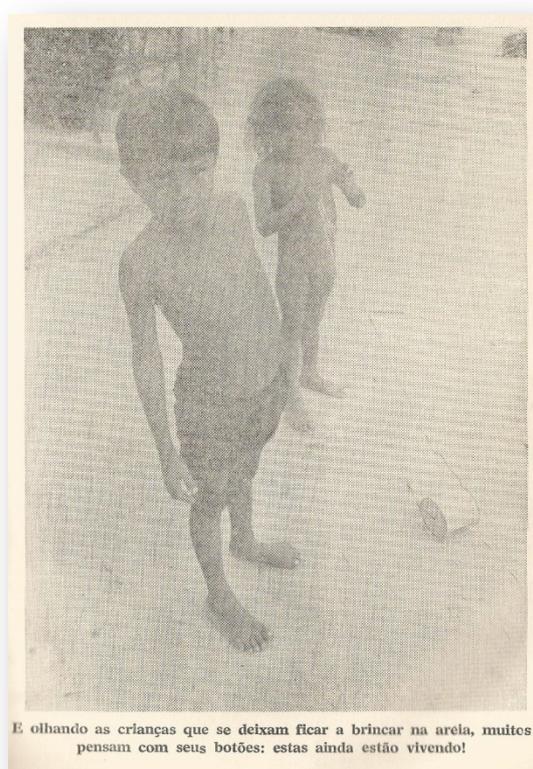
Em cada porta ou janela entreaberta, pode se ver quase que como um cartão de visita, a imagem da figura da mulher. É comum em comunidades de periferia as mulheres serem líderes de famílias, chefes de casa, senhoras dos seus destinos, capitães de suas almas. Fui criado numa casa de periferia onde minha mãe sempre regeu a casa como uma verdadeira orquestra: cada um cumprindo sua função em harmonia com seu próprio espaço.

No Lagamar há diversos tipos de mulheres: as mães, as avós, as futuras mães, as que não pensam em serem mães, as fortes, as frágeis, as líderes, as usuárias de drogas, as que não se importam com o mundo a sua volta, mulheres e mais mulheres, todas com uma beleza muito simbólica. Fontes (1974, p. 75) traz o retrato dessa mulher que se assemelha quase que por completo com as mulheres da geração atual, adentrando também na relação entre mães e filhos naquela ocasião entre as décadas de 1960 e 1970:

E todas trazem as fisionomias graves; no rosto sulcado as marcas do sofrimento, e no corpo, o atestado da pobreza e da fome. Os filhos, gerados nestes ventres, amamentados nestes seios sovinas, não podem ter a solidez do granito, nem a beleza dos contos de fadas. São crianças fracas e raquíticas. Os pés descalços pisam, constantemente, a terra contaminada, celeiro dos bichos-de-pé e das verminoses; as barrigas, puxadas para fora por estranha força, deixam emanto escuro da pele, eis a radiografia dos filhos destas jovens mães, envelhecidas precocemente pela miséria angustiante da vida que suportam.

O retrato social pintado pelo autor denuncia de forma eloquente a ausência do Estado e a inexistência de políticas públicas de assistência à primeira infância, etapa do desenvolvimento importante para que a mesma adquira aspectos relevantes que irão impactar na sua formação em torno do seu meio social. O mais grave é que os direitos eram negados com mais força. A ausência do Estado vai abrir espaços para a filantropia e, contra o desfavorecimento, para a organização comunitária que vai exigir seus direitos.

**Foto 21:** Crianças



**Fonte:** FONTES (1974)

O descaso com as crianças ainda perdura no cenário urbano do Lagamar de hoje. Nas minhas idas e vindas pelo Lagamar as crianças parecem habitar com frequência o ambiente das ruas, transitando pelo bairro com uma naturalidade quase habitual. Em todas as partes podem-se ver crianças brincando ou simplesmente sentadas a meio fio, olhando para o canal, observando a paisagem caótica de uma área de periferia com as bicicletas, as rodas de

conversa de todos os tipos: das senhoras limpando a calçada até dos grupos de gangue, logo ali, ao alcance de todos.

As crianças são uma composição rotineira do cenário do Lagamar por estarem em todos os espaços. Vê-las atravessando aquelas ruas cercadas por pessoas usando drogas ou tomando banho nas bicas mostra o quanto se torna comum um cenário tão conturbado para quem o habita. A certeza do caos se naturaliza quando o sujeito possui a certeza de que ele é parte integrante daquele caos.

Ser criança num ambiente caótico perdura ao inimaginável. Assim como os olhos saltaram à vista diante de crianças diversas, outras crianças em situação de rua, catando dejetos plásticos nos lixos colocados à beira da calçada, não fizeram o mesmo olhar naturalizar aquela sensação de abandono. É devastador enxergar uma infância regada ao trabalho infantil, pelo simples fato daquele trabalho gerar uma situação hábil de sobrevivência no contexto social no qual aquela criança habita.

Uma criança, aparentemente, com seus sete ou oito anos de idade, pegando uma comida jogada em cima de uma sacola de lixo, pois aquele dia era “dia de lixo” e as pessoas botando seus dejetos em frente às casas, supera qualquer aspecto teórico relativo ao abandono infantil. A realidade crua do abandono atravessa o olhar como uma faca que corta a carne, sempre em linha reta, parece não se contrapor à devastação que aquela ação traz consigo. Muito menos nas consequências que o abandono familiar pode ocasionar no mundo de uma criança ainda em processo de formação social.

O Lagamar parece ser um arcabouço de crianças em situação de rua. As senhoras em pé na calçada pela manhã, não subjagam uma criança se alimentar do lixo, apenas olhares penosos invadem o cenário, mas não fazem com que as atitudes de auxílio supostamente exacerbadas no íntimo de cada morador, sejam postas em prática, atitudes diante de uma cena tão degradante para qualquer pessoa comum: ver outra alimentar-se do lixo urbano.

**Foto 22:** Carrocinha de lixo puxada por crianças.



**Fonte:** Arquivo Tiago Areal (2014)

Observar uma criança se nutrir do resto da comida de outros, é observar um pouco do cenário de abandono que algumas crianças passam naquele espaço. Mais a frente, entrando numa casa de dois cômodos, avista-se uma mãe recém-parturiente, com um bebê de um mês nos braços, no primeiro cômodo, o berço se mistura à um ventilador velho, sujo, uma rede no meio do cômodo, paredes escuras compõem o resto do cenário com caixas e mais caixas de roupas. Possivelmente aquela mãe foi uma daquelas crianças, descritas por Fontes (1974), podendo ter sido alimentada do lixo ou não, poderia ter outro destino se tivesse tido um pouco mais de atenção.

Antes no Lagamar da década de 1970, as crianças morriam de fome e por doenças de cunho sanitária, “em média quatro crianças por dia [...] ontem morreram seis” (FONTES, 1974, p. 75), atingidas basicamente pela malária ou pela cólera. Hoje, as crianças são abatidas pelas mazelas da criminalidade com a certeza da morte de um condenado à cadeira elétrica, a figura da morte ronda as ruas com um silêncio ensurdecedor. Jovem e negro em comunidade de periferia acaba por receber tantos estereótipos sociais que nem mesmo ele, ao certo, teve a oportunidade de decorar todos. É muito rótulo para caber em uma pessoa só. Rótulo que deixa

sequelas, acabando por formar mentes perversas, dentro de um sistema social que não trata, apenas segrega.

As mortes e despedidas apenas se intensificaram nos últimos vinte anos no Lagamar, assim como em todas as zonas de periferia de Fortaleza e não precisa ver os dados oficiais para chegar a tal constatação. Quem habita um ambiente com esse contexto pode contar diariamente quantos já se foram e perceber que a conta simplesmente não bate. Os mortos quase superam os vivos, alteraram o curso natural da lógica das coisas e das pessoas. Muitas pessoas estão indo, poucas estão vindo. A vala aumenta sua profundidade, são tantos corpos, que não cabem dentro de uma mesma realidade. Mesmo hoje, muitos nem podem arcar com o enterro de seus entes queridos. Nada mais familiar para quem mora há muitos anos naquela localidade:

No Lagamar, não há cruz, nem de cemitério! A cidade dos mortos se localiza em Messejana. E é comum os caixões de anjos serem levados, estrada afora, como nas pacatas cidadezinhas de interior. Os que assim procedem são os mais ou menos arranjados, que ainda podem comprar um ordinário caixão azul. A maioria “pobre na forma da lei”, como reza o atestado, deixa os seus mortos aos cuidados da polícia ou da prefeitura, que nos empacota velhos e utilitários caixões oficiais, que servem a quantos necessitem deles (FONTES, 1974, p. 79).

O sentimento de perda parece naturalizar nos ambientes de periferia como a certeza do amanhecer e entardecer do dia. Vida e morte caminham lado a lado como algozes de um mesmo ser. Diferentemente de uma fatalidade qualquer, a morte eminente diante do quadro social conturbado emerge com a pressa de uma realidade social que se apressa em vitimar aqueles que fazem parte dela. A busca pela vida No Lagamar parece que nunca cessou, apenas, se intensificou:

Em vida. Esta última palavra vibrava no ar. Falava-se da morte e, no entanto, Vida era a palavra mágica. Sentia-se, claramente, que o Lagamar clamava por vida, por muita vida, para mudar o cheiro de morte que lhe habitava as entranhas, que lhe fazia tristes os habitantes, triste a água, triste o rio, tristes as árvores, triste o sol e a chuva, tristes as crianças! Estas são a beleza maior da vida, quando elas realmente se harmonizam, formando uma unidade na dualidade, homem versus natureza (...) Vida! Vida para o Lagamar! Era o que gritava o vento nos ouvidos atarantados dos visitantes! (FONTES, 1974, p. 81)

A vida no Lagamar clama por momentos de paz, momentos onde se possa enxergar a realidade diante de uma nova perspectiva construída por pequenos fragmentos de esperança. A educação pode ser esse viés da chegada de um novo olhar através da tomada de um processo de consciência crítica nos espaços formais e informais onde haja uma ação educativa. O ato educativo não deve se estabelecer apenas em ambientes formais de ensino, a educação permeia o mundo ininterruptamente.

Fontes, (1974, p. 85) observando esse viés da ausência de um equipamento formal de ensino dentro do Lagamar na década de 1970, argumenta sobre o surgimento de equipamentos formalizados, as Escolas Doméstica Santo Anjo da Guarda e Nossa Senhora do Sagrado Coração:

“Divisamos um oásis em meio ao deserto, murmurou alguém satisfeito”, sem dúvida. “Estas escolas são pontoa de luz na escuridão”, acrescentou outro morador. As escolas, modestas, mas edificadas em prédios sólidos, falavam em sua singeleza, da vida, do tipo de vida que descrevíamos há pouco, e que pensávamos houvera fugido de todo do Lagamar. Enganamo-nos. Ali estavam elas, semeando, na sua simplicidade; teimando em manter acesa a chama que constrói o mundo!

O aspecto educativo no bairro do Lagamar se coloca ainda como um enorme desafio, diante das peculiaridades que estão envolta das problemáticas que a comunidade enfrenta. A educação é um dos pilares dos diversos grupos sociais que atuam na comunidade do Lagamar, tendo papel fundamental na tentativa de melhorias para a população. A educação avança a passos tímidos, mas a população em quantitativo de pessoas apenas aumenta, seguindo o ciclo natural do aumento populacional.

Ao caminhar pela área do atual Lagamar, percebe-se um fluxo intenso de pessoas, veículos automotivos de todos os tipos (motos, carros de passeio, carros oficiais, trem, motonetas), além de animais espalhados pelo entorno do canal e pelas vias laterais que o cercam. A impressão que se tem de quem anda por lá pela primeira vez, é a de que as pessoas foram acudadas dentro de um cenário urbano onde elas parecem ter sido comprimidas num mesmo local. As ruas, os becos e vielas cresceram desordenadamente ao ponto de existir um verdadeiro “caos social” minimamente ordenado. Aquele “modo operante urbano” fazer parte da vida de todos de um jeito natural. Talvez por isso os olhares serenos das pessoas não refletem o cenário caótico instaurado nas vias que cortam o bairro.

Uma característica cotidiana da localização do bairro é a de que ele está envolto dos cenários sociais mais ricos de Fortaleza. Ao atravessar a Avenida Raul Barbosa, através da Rua Capitão Aragão (que alterna sua nomenclatura ao cruzar a Avenida Washington Soares) ou através da BR 116, todo e qualquer veículo automotivo ou um simples pedestre pode estar atravessando o Lagamar. A questão é a disparidade de cenários distintos trafegados durante esse trajeto.

Saindo da Avenida Raul Barbosa o condutor ou pedestre está às voltas de um cenário que representa uma das áreas ditas “desenvolvidas” da capital cearense, cercada por imóveis que beiram os valores absurdos de compra e venda. Além de dispor de um sistema social de infraestrutura física que atende aos padrões mínimos de subsistência urbana, como: saneamento adequado, malhas viárias bem estruturadas, rede de esgotos, etc.

Seguindo o percurso dito, ao adentrar no bairro do Lagamar observa-se um cenário completamente antagônico ao citado acima: rede de esgotos que não funcionam ou funcionam de maneira desordenada despejando lixo e resíduos no canal do Lagamar, malhas viárias antigas que propiciam acidentes e desordenamento de trânsito, dentre outros fatores que denotam o descaso histórico do poder público com aquela população, atuando apenas na manutenção no caos social instaurado desde primórdios de sua ocupação espacial.

Os relatos de conflitos de gangues, de diversos grupos rivais ao longo do canal do Lagamar, podem ser observados em qualquer bar, botequim ou bodega da região, por qualquer morador, seja ele o mais antigo até o mais recente. Mesmo com a presença recente do Observatório da Polícia Militar, que é incumbido de fazer o policiamento ostensivo no local durante vinte e quatro horas ininterruptamente.

Vejamos algumas opiniões a cerca do papel da polícia no Lagamar, no que diz respeito ao tratamento com o jovem e o trabalho do MNMMR:

*A polícia sempre foi repressora! Falta mais educação para lidar com as pessoas e ver o trabalho social que é feito aqui no Lagamar. Há um trabalho lindo feito pelo MNMMR que foi esquecido, mas vive na mente e nas ações dos líderes do MNMMR. A polícia não vai mudar, mudam as pessoas, mas não a forma de pensar. (Antônio).*

*O sistema de segurança é muito louco e perverso, você chega nas comunidades e não encontra uma quadra poliesportiva para a juventude. O Lagamar não tem uma quadra, uma*

*atividade de lazer, um centro cultural, uma biblioteca. A única coisa que você encontra é a polícia. E a polícia na nossa caminhada do trabalho social sempre foi cercada de medo, um terror.*

*Alguém grita: “A polícia chegou! Vai acabar a festa!”, “A polícia chegou, vai bater em alguém!”. A polícia nunca foi uma parceira de linha de frente, essa parceria seria importante. Mas, como a gente trabalha com jovens infratores envolvidos com o crime, nós estamos numa linha tênue entre o lícito e o ilícito em relação às pessoas que o MNMMR acaba por tratar. Então, nessa caminhada você tem alguns acordos, alguns códigos, algumas linguagens que na cabeça do policial você está envolvido com aquela pessoa. Na hora da abordagem você é ou não é parceiro do crime. O problema da polícia é a polícia queria que a gente denunciasse as coisas que aconteciam, as bocas de fumo, as drogas, os criminosos, como falar isso se você está lá dentro? É muito fácil denunciar para quem está longe, quem mora longe e não vive aquilo como nós.*

*Nós sempre conseguimos manter distância da polícia, através do respeito, mas nunca estamos próximos. Teve um tempo participamos dos Conselhos de Segurança e Defesa Municipal de Fortaleza, tentávamos mostrar a perspectiva de uma segurança pública mais humana, que respeitasse os direitos fundamentais, como nossa comunidade. Uma buscar por esse verdadeiro olhar da segurança comunitária. É difícil, porque quando a viatura da polícia adentra no Lagamar sempre tem muita violência, abuso de autoridade, muitos educadores sociais foram violentados, apanharam, foram presos. O educador por parte da polícia sempre teve esse olhar bandido, disso nós sempre fomos contra, não somos bandidos! Tinham policiais cordiais que perguntavam do nosso trabalho, mas era tão estranho que gerava desconfiança, porque era completamente diferente dos outros. A polícia sempre se manteve na comunidade pelo medo e nunca acabou esse medo. (Del Lagamar).*

*Já levei muito empurrão, já dei muito empurrão, já levei pontapés, discuti diretamente com a polícia. Sou um cara que admira muito o trabalho da polícia, desde que ela fique lá no canto dela fazendo o trabalho dela e eu fique no meu fazendo o meu trabalho. A polícia trata o ser humano pelas suas vestimentas ou pela cor da pele. Se você está numa roda onde tem 4 negros e 1 branco do olho claro, a polícia coloca os 4 negros de encontro à parede para revistar e libera o cara de olho claro. A polícia sempre diz que o cara de olho claro não é da*

*área, que os pais dele não sabem que ele está lá, então libera o cara de olho azul e os negros na parede, eu por ser negro, inclusive. É o chinelo, uma bermuda, um boné ou um cordão de prata, se a pessoa tiver usando uma dessas coisas, ou, todas elas juntas, tem todo o perfil de quem a polícia aborda e persegue dentro da comunidade.*

*Um ponto muito doido disso tudo é que a maioria dos policiais também são de cor negra. Um negro praticando o preconceito contra outro negro. Um dia no MNMMR andando aqui no Lagamar, fazendo nosso trabalho de rua, já cheguei a ser revistado aqui na comunidade pela polícia 3 vezes no mesmo dia. Então, vemos que tem alguma coisa errada nessa relação polícia e comunidade desde tempos atrás.*

*A própria comunidade quando vê uma cena dessa de agressão, a mim por exemplo, ela age. Teve uma vez que fui para parede com meu colega, o Timbó, para passar pela revista da polícia quando a população começou a juntar em torno da gente e a gritar para os policiais: "Ei vocês estão errados! Esses 2 jovens aí não são errados, eles ajudam a nossa comunidade! Ei, vocês estão pegando as pessoas erradas, os ladrões estão lá sinal, estão nas 'bocas de fumo!'". Até que um dia a polícia se ligou do nosso trabalho e perguntou o que a gente fazia ali, daí a gente falou que era educador social de rua para a juventude, que trabalhava no MNMMR, depois disso o policial soltou a gente e reconheceu o nosso trabalho, se desculpando, mas fica sempre o constrangimento do momento. É humilhante.*

*No tempo das gangues, não podia passar para o território do outro porque tinha outra gangue no meio, o conflito das gangues era muito intenso. Quando o tráfico chegou, se instaurou uma nova ordem dentro da comunidade. O traficante não queria que tivesse confusão na área de venda de drogas dele, porque iria parar toda a movimentação do tráfico e o traficante não ia ganhar mais o dinheiro que queria. Então o traficante iria perder dinheiro por conta das gangues que buscavam confusão. Com a chegada do tráfico, o confronto de gangues deu uma acalmada, porque quem tinha uma gangue, em vez de brigar começou a se juntar pelos mesmos interesses. Alguns se tornaram amigos e irmãos, várias coisas do passado foram contornadas com o passar do tempo. As que não foram contornadas, foram cobradas com a própria vida.*

*A juventude de hoje vai tendo uma nova visão até do que é a rua de hoje, é uma rua bem diferente na minha época de adolescência. A gente brincava de bola na pista, brincava de peão na rua, brincava de bila (bola de gude), fazia isso tudo bem grande com 12 até 15 anos de idade. Hoje em dia você essas mesmas brincadeiras com as crianças de 5 a 6 anos. Com 12 ou 15 anos, hoje em dia, as crianças já estão fazendo a "movimentação", já estão tramitando perto do tráfico das drogas.*

*Na comunidade quando você fala em redução penal, o traficante do Lagamar está organizado. Porque se o tráfico sabe que vai haver redução penal, se reduzir a idade para 16 anos, já tem outros jovens em vista, as crianças de 10, 12, 13, 14 anos de idade já são alvos. Teve uma época da minha vida que estávamos eu e os meus amigos jogando de bola, a polícia se aproximava, colocava todos os meus amigos para a parede, jogava a bola para cima, furava com tiros de revólver, enchia a bola de bala ou cortava a bola com uma faca. Naquela época a gente brincava sempre de polícia e bandido, quem era a referência? Quem era que ganhava tudo? Era a polícia. Hoje você observa os meninos de 7, 8 anos de idade brincando de bicicleta e a realidade é outra, o crime predomina. Chegou até na mudança de linguagem das crianças, elas reproduzem o que estão vivendo, então o cenário é mais comum.*

*As crianças sempre falam uns com os outros na hora das brincadeiras: "encosta na parede vagabundo!", "cadê as drogas vagabundo?", "tu vai morrer bandido!". Hoje quem é que a gente vê morrendo? A polícia. Hoje para as crianças, o bandido, o traficante que ganha a disputa. É a polícia que morre. Isso cabe uma reflexão sobre o passado e o presente, o quanto é importante o papel da polícia. Se a polícia fizesse o papel dela na comunidade, um papel de proteção, de segurança, não colocasse muitos cidadãos na parede, podia fazer um bom trabalho. Não adianta colocar o cidadão de bem na parede e ir depois apertar a mão do traficante. Também tem a questão da polícia dentro de uma "tradição hereditária", agora como isso funciona? A tropa antiga está saindo do território por mudança geral, encontra a nova tropa que vai assumir e apresenta para essa nova todo o território. Vai no traficante e manda o recado: "Hoje você [traficante] vai pagar para eles [policiais]". Então é um ciclo sem fim, parece que nunca vai acabar. Por conta disso, a comunidade acabou construindo uma imagem muito negativa de quem tinha que dá segurança em vez de insegurança. (Narcélio)*

*Vejo a questão da polícia com algumas pessoas que existe uma abordagem normal, e tem pessoas que não é tão normal assim normal. É mais fácil a polícia apertar a mão do traficante do que a mão de um cidadão comum. Por exemplo, vou te falar o caso de um sobrinho que estava em frente a minha casa num dia desses. Meu sobrinho estava em frente a minha casa em cima de uma moto quando o carro da polícia passou. De repente ele foi abordado pela polícia, que não perguntou quem era, ou o que estava fazendo ali, só chegou espancando e algemando como se meu sobrinho fosse um traficante.*

*A gente não se veste de uma forma simples só porque a gente quer, mas porque não temos condições de ter roupas melhores, mesmo assim gosto das minhas roupas. Quando a polícia estava espancando o meu sobrinho, eu ouvi os gritos e fui argumentar com o policial que não podia bater porque era um adolescente, e mesmo que não fosse, não se aborda assim. O policial com raiva deitou ele no chão e começou o espancamento, quando a população chegou reclamando, colocou meu sobrinho no carro e alguns quarteirões depois soltou e espancou mais ainda, indo embora depois.*

*A polícia do Lagamar não pergunta, só espanca! Porque as pessoas tratam os marginais assim, aqueles que fazem coisas erradas. Meu sobrinho não é marginal, foi espancado pela forma errada como a polícia o tratou, a polícia está despreparada para lidar com a juventude do Lagamar. (Timbó)*

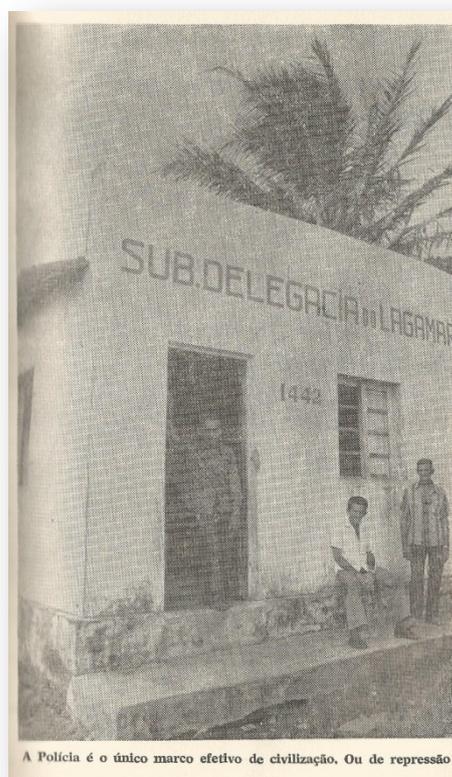
O policiamento, relatado por moradores que teve seu início a cerca de dez anos atrás, parece não resolver a questão da violência. Nos primórdios da ocupação do território, não havia um cenário social muito diferente, apenas havia motivos diferentes:

É o bairro que tema a primazia das estatísticas das estatísticas policiais. Aqui é onde se prende mais gente, por embriaguez, por desacato, por desordem, por ofensa a terceiros e quanto mais coisa há. A polícia é o único marco efetivo de civilização ou de repressão. De repressão necessária, do contrário isto aqui viraria bagunça ainda maior. E todos menearam a cabeça, afirmativamente. (FONTE, 1974, 41).

A polícia é vista como um mecanismo completamente opressor nos diversos diálogos, encarada por alívio de quem sofreu uma tentativa de assalto, mas rechaçada pela grande maioria que observa a matança dos jovens da comunidade através dos diversos

programas midiáticos policiais que contribuem para a aversão do trabalho de policiamento no local. A Secretária da Segurança Pública e Defesa Social (SSPDS) do Estado do Ceará <sup>7</sup> não possui dados específicos sobre a violência no bairro do Lagamar. Muito se deve ao fato de que o bairro não tem o registro formal de habitação de seus moradores, segundo a SSPDS, motivo que faz com que não haja registros oficiais, já que a área não é reconhecida legalmente.

**Foto 23:** Delegacia



**Fonte:** FONTES (1974)

O crescimento do tráfico de drogas é encarado pelos moradores como o principal motor da violência no local. Por isso, as ações que possuem a juventude como protagonista, têm sido mais dialogadas pelos moradores da região, vendo que estes jovens envolvidos no cenário de criminalidade, são em muitos casos os filhos, sobrinhos e netos de alguma família

---

<sup>7</sup> Site da SSPDS: <http://www.sspds.ce.gov.br/index.do?tipoPortal=1>.

local. Num botequim qualquer, uma mãe ao falar sobre a morte recente de seu filho primogênito em um diálogo, reforçou a ausência de espaços públicos de lazer para as crianças e os adolescentes, além da falta de oportunidades, de garantia de empregos para todos os jovens que acabam, segundo a mesma, optando pelo caminho mais “fácil” do tráfico de drogas. As drogas acabam por ser uma alternativa prática de aquisição rápida de dinheiro, servindo como mola propulsora para a ideia de melhoria imediata de vida para muitos sujeitos, na grande maioria, jovens.

A constituição da população no território do atual Lagamar já se aproxima de seis décadas. Ribeiro (1990) menciona que o período de maior efervescência das “lutas” em torno de melhorias sociais significativas para a região ocorreu em meados da década de 1980, mais precisamente, próximo do ano de 1988, período de redemocratização da sociedade brasileira e fim do regime ditatorial existente no Brasil. Segundo Diogénes (1991) na década de 1980, a cidade de Fortaleza detinha o número de cerca de um milhão e trezentos mil habitantes, com mais de um milhão e cem mil habitantes a mais em relação aos trinta anos anteriores.

Ainda na década de 1980, no país, havia um exaustivo movimento de crescimento das favelas nas grandes áreas urbanas no país (DANZIATO, 1998). Isso denotava o quanto os espaços territoriais brasileiros precisavam ser reordenados para atender ao crescimento exacerbado de sua população. Mediante isso, os movimentos sociais urbanos passaram a dialogar sobre seus microespaços de conflitos. Associações de moradores, grupos locais diversos, passaram a se organizar em torno de suas próprias problemáticas, articulando os sujeitos em seus espaços de atuação e vivência.

Segundo Ribeiro (1990), no Lagamar, as Comunidades Eclesiais de Base (CEB's) tiveram papel importante nesse período de formação de lideranças nas localidades locais. A figura do professor universitário e filósofo, Padre Manfredo Oliveira, foi de suma importância para organizar as CEB's. Desses encontros que acabou por surgir a Comunidade Eclesial de Base (CEB) do Lagamar. A CEB deu um norte mais realista diante das reivindicações dos moradores do Lagamar, pois trouxe a urgência das discussões em torno das necessidades primárias da população, como: água e esgoto, iluminação pública, questões de higienização e saúde pública, etc.

Bem no início da década de 1980 a área do Lagamar, devido à especulação imobiliária de bairros adjacentes, foi enaltecida diante de sua importância para a sociedade cearense, que investia na construção de grandes empreendimentos e refletia sobre a

possibilidade de inserir parte considerável da área do Lagamar nesse movimento de “expansão” da cidade de Fortaleza. Quando cientes da importância da área onde o Lagamar se localizava, o poder público se mobilizou no sentido de promover a remoção das famílias que habitavam o espaço. Segundo Ribeiro (1990) um dos fatores para a ampliação da malha urbana, mais especificamente na Avenida Borges de Melo, seria a remoção de mais de trezentas famílias do local.

O processo de remoção das famílias era considerado vital para a evolução qualitativa dessa área da cidade, segundo os órgãos gestores públicos da época. A década de 1980 ficou marcada pelas tentativas exacerbadas de remoção dos moradores. Em uma dessas tentativas, foi dado como alternativa a remoção das famílias para uma área específica denominada Conjunto “Novo Lagamar”, fato esse combatido pelos moradores, sendo hoje esse mesmo espaço denominado o bairro do Tancredo Neves.

O processo licitatório da área ocorreu de maneira rápida para a construção do “Novo Lagamar”, hoje área que compreende o bairro São João do Tauape. As casas foram construídas pelo Estado, mais especificamente, na figura do Governo do Estado do Ceará com o então responsável, o governador Gonzaga Mota. Mesmo com a certeza da mudança eminente de um movimento social que habitava até então a área que hoje comporta o Lagamar, outro grupo de famílias sabendo que as casas estavam construídas, vindo de outras áreas da cidade de Fortaleza e de outros municípios devido à questão da seca nas áreas do sertão cearense, promoveram uma invasão maciça dentro das casas recém-construídas, inviabilizando a ida das famílias da antiga área do Lagamar. O caso incrementou a luta dos moradores em torno da permanência dos mesmos naquele território. (RIBEIRO, 1991)

As ações se concentraram no diálogo com o poder público, tendo em vista que os movimentos sociais oriundos das zonas urbanas cresceram em demasia, as ações diante das problemáticas vivenciadas pelos moradores passaram pela organização concreta através desses grupos sociais. O estado, percebendo a luta desses coletivos organizados urbanos, passou a sedimentar uma série de diálogos ainda mais frequentes com as lideranças. Levado pela aprovação da Constituição Federal de 1988, o estado passou a estreitar cada vez mais os canais de participação popular. Dessa forma, a sociedade organizada, fez surgir um movimento de eclosão de diversos grupos sociais que lutavam por melhorias em seus microespaços de atuação vigentes, o MNMMR.

A década de 1990 chega com a alvorada de um sentimento forte de lutas e mudanças trazidas pela promulgação da Constituição Federal de 1988. Para o Lagamar, a década de 1990 trouxe a certeza do espaço conquistado, sedimentado com a organização popular crescente através da chegada de novas Organizações Não Governamentais (ONG's) na região. Mesmo com essa aparente fixação, muitas casas no Lagamar, até o momento da realização dessa pesquisa, não possuem a declaração de posse da terra, a tão sonhada escritura da casa. Muitas famílias habitam áreas verdadeiramente invadidas, denotando o caráter ocupacional invasor da década de 1970.

Na verdade, a sociedade brasileira se viu, pós- período ditatorial, recriando novas possibilidades de fazer da democracia algo plenamente vivencial, não apenas em seus aspectos teóricos, adentrando verdadeiramente na vida cotidiana dos cidadãos. Na contemporaneidade, a criação de um sistema de direitos pós período de redemocratização, se instaurou o Estatuto da Juventude, que garante um quadro amplo de proteção legal sobre a juventude brasileira. Pimentel (2013, p. 13) atenta para o aspecto de participação cidadã que o Estatuto da Juventude pode promover caso seja aplicado em sua completude, no seu artigo 4º, parágrafo único, incisos I, II e III:

Art. 4º: O jovem tem direito à participação social e política e na formulação, execução e avaliação das políticas públicas de juventude.

Parágrafo Único. Entende-se a participação juvenil:

I – a inclusão do jovem nos espaços públicos e comunitários a partir da sua concepção como pessoa ativa, livre, responsável e digna de ocupar uma posição central nos processos políticos e sociais;

II – o envolvimento ativo dos jovens em ações políticas públicas que tenham por objetivo o próprio benefício, o de suas comunidades, cidades, regiões e do país;

III – a participação individual e coletiva do jovem em ações que contemplem a defesa dos direitos da juventude ou temas afetos aos jovens.

Com a criação de mecanismos sociais importantes, como o Estatuto da Juventude, as lutas dentro do Lagamar, se enalteciam, mas ao mesmo tempo entraram em declínio numérico, construindo dessa forma um grande paradoxo. As lutas se enalteciam, pois os movimentos passaram a fazer cobranças maiores através do auxílio das mídias sociais para os gestores públicos. Porém, o número de instituições sociais que participam dessa luta diminuiu consideravelmente na área do Lagamar. Instituições ligadas à garantia de direitos para a primeira infância continuam fortes, porém, suas forças de lutas sociais advêm de esforços de seus próprios líderes, tendo pouco apoio da iniciativa pública, como é o caso do MNMMR.

Os movimentos sociais, principalmente no espaço do Lagamar, entraram em falência de ações, isso se deve ao descaso dos poderes públicos com as forças dentro dos microespaços sociais e também a própria forma de gestão dos grupos. Muitas ONG's, associações de moradores, instituições sem fins lucrativos, declararam falência devido ao fato de não saber como gerir suas próprias ações, seja por falta de planejamento a longo, médio ou pequeno prazo. Um dos poucos grupos resistentes na área do Lagamar é justamente o MNMMR do Ceará, que tem como base a atuação da maioria juvenil da localidade.

Fazendo uma breve reflexão sobre a construção da comunidade e a configuração de sua múltipla identidade social, observa-se que os gritos por melhorias desde a década de 1970 apenas mudaram de atores, mas continuam exatamente os mesmos. Um exemplo é a ponte velha que corta o bairro. Com pedaços de madeira, a ponte apenas foi trocada por outra ponte velha, também feita com pedaços de madeira, construída pelos moradores e que tende a cair dependendo da intensidade da próxima chuva.

O sentimento de luta por findar-se no território permeia o cotidiano das pessoas. O bairro do Lagamar não recebe muitos incentivos do Estado, pois se alega que as pessoas não possuem a escritura de suas terras, ou seja, o Estado acaba por não atuar naquele território por alegar que, legalmente, ele não existe.

Em dezembro de 2014, data do meu percurso no bairro, os moradores dialogavam sobre o pagamento do Imposto Predial e territorial Urbano (IPTU) que era cobrado pela Prefeitura Municipal de Fortaleza. O imposto é pago, geralmente, por aqueles que possuem a escritura do imóvel. A prefeitura mencionou aos moradores que era obrigatório o seu pagamento. Agora, como pode o Estado alegar obrigatória a cobrança do IPTU, se esse mesmo Estado alega não reconhece o Lagamar como sendo de seus verdadeiros moradores? Mais um cenário que mostra o quanto ainda precisa-se lutar por algo simples num cenário urbano tão desigual: dignidade.

## 5 RESILIÊNCIA, EMPODERAMENTO E ESPERANÇA: PROCESSOS FORJADOS NUMA AÇÃO DO MNMMR.

*A vida é demasiado rica para se reduzir a um discurso*

*(Boris Cyrulnik)*

O presente capítulo divide-se em dois tópicos centrais que dão linearidade à questão da noção de resiliência e empoderamento social, apontando considerações significativas a cerca do papel do MNMMR dentro de um movimento coletivo de transformações sociais.

No tópico primeiro, **vidas em resiliência: sorrimos enquanto queremos, sorrimos enquanto pudermos**, construo um diálogo sobre trajetórias de resiliência construídas na resistência social do MNMMR dentro do lócus do Lagamar, tendo como aporte teórico Antunes (2011), Assis (2006), Cyrulnik (2004, 2005), Melillo (2005), Poletti (2013), além da psicologia positiva de Yunes (2003).

O seguinte tópico, **dinâmica de empoderamento no MNMMR: coletividade forjada na luta** subdivide-se em dois subtópicos: o primeiro subtópico, **para ser sujeito é preciso ter direitos**, estabelece um diálogo central sobre a concepção do processo de formação do Lagamar na dimensão do empoderamento. Parte-se do princípio de que existe uma sociedade em formação e todos os seus sujeitos devem lutar para ter um conjunto de direitos sociais assegurados na construção da noção de uma relação social igualitária. Essa noção é constituída a partir de literatura especializada com os autores: Albuquerque (2012), Arpini (2003), Borelli (2009), Lobo (2011), Leite (2001), Bobbio (1992), Sawaia (2008).

Já no subtópico subsequente, **a esperança do oprimido: um cenário de medo e ousadia** constrói-se um cenário dialógico bebendo da fonte das obras de Paulo Freire (1983, 1986 e 2006). Com Paulo Freire, dialoga-se sobre os conceitos de uma pedagogia dimensionada a partir da concepção de mundo da relação entre oprimido/opressor, esperança, medo e ousadia, unindo essas perspectivas para dimensionar a constituição social de empoderamento. Em meio às indagações freireanas, surge a compreensão do sujeito em formação através de Macedo (2010), papel que o MNMMR acaba por desenvolver em seu conjunto de atividades cotidianas. Ambos os tópicos dialogam sempre tendo como base a percepção do empoderamento no meio social.

## 5.1 Vidas em resiliência: “sorrisos enquanto queremos, sorrisos enquanto pudermos”.

*A resiliência é efetiva não apenas para enfrentar adversidades, mas também, para a promoção da saúde mental e emocional.*  
(Boris Cyrulnik)

A vivência dentro de um ambiente pulverizado pelo caos social, já dimensiona a ideia de que as pessoas vivem dentro de um ecossistema social onde a luta pela sobrevivência é desfavorecida, começando, pela sua própria forma de organização social. O meio social das comunidades de periferia da cidade de Fortaleza já dimensiona esse cenário de maneira real. Seja quaisquer das comunidades visitadas, pelo menos em um único momento, será possível perceber que o ordenamento social não se estabelece de maneira plena. A desordem se estabelece por todo o cenário, principalmente na comunidade do Lagamar.

Mais incoerente que a situação ordinal que existe naquele espaço, é perceber o quanto estamos lidando simplesmente com pessoas, sujeitos em sociedade. Naquele território se estabelece a vida de pessoas que, por inúmeros fatores, convivem com um cenário de esgoto a céu aberto, insalubridade, desordenamento habitacional, áreas onde se vê mato e lixo por todos os lados.

Apesar desses diversos fatores inclusos, existe um grupo de pessoas que foi negligenciada historicamente e num movimento de sobrevivência pela vida, pela sua e diversas outras vidas, insiste em manter a dignidade o máximo possível. Fazendo desse espaço, teoricamente inabitável, em locais de moradia e lutas sociais. Para essas pessoas, pode-se supor que exista uma força intersubjetiva que faz com que essas pessoas possam sobreviver em meio à desordem social.

Uma fase da vida que contribui para o fortalecimento dessa força é a infância e a adolescência, que segundo Assis (2006, p. 13), é uma fase onde o acúmulo de experiências dos sujeitos pode vir a possibilitar transformações do contexto racional e social:

Procura-se compreender os mecanismos por meio dos quais um indivíduo supera dificuldades na infância e na adolescência. Como se trata de uma faixa etária de intenso crescimento e desenvolvimento, lida-se com pessoas em formação que já trazem inscritas em sua memória uma trajetória de alegrias e tristezas, além de mecanismos de enfrentamento das dificuldades.

Os traços que construímos na fase da infância e adolescência, pelos quais, buscamos sair de situações de adversidades podem ser recordados com veemência por aqueles que sofreram a ação. Nas histórias de vida dos quatro sujeitos da pesquisa, expostas capítulo 3, ficou explícito o quanto a fase da infância é repleta de sentimentos e sensações que perduram durante toda a vida.

As lembranças de superação são tão simbólicas que parecem ter sido guardadas em um cenário mental que insiste em não cessar. As idealizações desse período permanecem vivas através dos sentimentos que as mesmas trazem a tona, fazendo do momento da narrativa um resgate simbólico de marcos e deliberações feitas na época em que foram vivenciadas. É o encontro com essas lembranças que nos faz revivê-las e explana-las verbalmente, “é o encontro que nos forma quando nos vemos diante do objeto ao qual aspirávamos”. (CYRULNIK, 2004, p. 22).

Essa força intrínseca que pode servir como fator para superar as adversidades vem sendo dialogada ao longo dos anos por diversos teóricos, tendo sido denominada de resiliência. Segundo Melillo & Ojeda (2005, p.15), resiliência significa “a capacidade humana para enfrentar, vencer e ser fortalecido ou transformado por experiências de adversidade”. A resiliência está intimamente ligada ao desenvolvimento humano e tem como um de seus fatores preponderantes o nível socioeconômico, que pode ser responsável para que as adversidades sejam maiores e a busca pela superação das mesmas exija maior esforço dos sujeitos que as sofrem.

Tomo como exemplo a localidade do Lagamar como meio social desigual, onde o fator para se tornar resiliente deva ser maior em relação a um espaço social considerado mais igualitário, do ponto de vista das condições qualitativas de sobrevivência. O Lagamar tem vivências que põem em risco, cotidianamente, os seus moradores. Os diálogos sobre mortes, fome, tráfico de drogas e repressão policial a todos os moradores, faz com que os fatores de riscos sociais sejam levados a um nível fora de uma normalidade estabelecida.

No MNMMR, esses fatores de riscos sociais podem ser elevados, pois o convívio diário com o ambiente das ruas acaba por propiciar um risco maior entre os sujeitos que derivam desse ambiente de exclusão a céu aberto. As ruas do Lagamar não se assemelham por completo às ruas de outros bairros da cidade de Fortaleza, onde a movimentação é pequena, há saneamento básico e o policiamento é bem equipado. As ruas do Lagamar carregam o seu conjunto de leis próprias e os sujeitos protagonistas do MNMMR acabaram por vivenciar isso

durante toda a infância, já que um fator a todas as histórias de vida é a questão de que todos contemplam das vivências tendo como cenário de fundo um espaço único: as ruas.

As ruas aparecem em todas as narrativas como espaços de sobrevivências e de vivências ricas, que são explanadas nas falas com um sentimento de orgulho e pertencimento que enaltecem esse ambiente. Esses relatos sobre as ruas tornam claro fatores de uma conduta resiliente. Essa conduta resiliente supõe a interação dinâmica de fatores que podem ir mudando nas diferentes etapas de desenvolvimento dos sujeitos. Por mais que os sujeitos do MNMMR tenham estado no mesmo espaço social, tido quase o mesmo percurso dentro do Lagamar, todos observam aquelas experiências dentro de um olhar específico, colocando a prova de que as suas condutas resilientes naqueles momentos foram tidas de formas diferentes.

Como fator de conduta resiliente, todas as falas redimensionam a questão de existirem pessoas em que os sujeitos confiam de maneira incondicional. Um grupo social importante nesse elo de confiança é a família. A família dos sujeitos sempre é mencionada, ou, representada por apenas um membro da família. Por mais que as famílias possuam membros desestruturados, os sujeitos resilientes acabam tomando como exemplo um membro que o motive a potencializar as ações que lhes julgue positivas para seu desenvolvimento.

Na fala de Del Lagamar e de Antônio, por exemplo, a figura da mãe aparece como protagonista da família e como ponto de referência central para as suas ações. A figura da mãe em famílias de periferia sempre é exaltada, pois representa o polo central de sobrevivência nesses espaços. É mais comum do que se imagina uma família regida pela figura da mulher dentro de famílias da classe trabalhadora. A mãe de Del Lagamar e Antônio representa apenas esse cenário de luta feminina que só aumenta. A “Dona Fátima”, mãe dos dois, serviu de guia social para fortalecer a resiliência implícita nas vivências, pois os apoiou, guiou e contribuiu para que evitassem os perigos e os problemas.

Diante do fortalecimento de um aspecto familiar, os sujeitos se fortaleceram. Cada um a sua maneira acabou por nutrir um sentimento de pertencimento social. Mesmo em condições de adversidade, os sujeitos acabaram por trilhar um caminho onde a sua figura social fosse nutrida pelo sentimento de apreço e carinho das pessoas da comunidade com a figura deles.

As ações trilhadas dentro do MNMMR são vistas como aspectos positivos. No momento das entrevistas narrativas, o semblante dos entrevistados mostrou um ar de

felicidade quando era citado algo de bom realizado para as outras pessoas. O sentimento de pertencimento era visível nas falas e nos gestos. Há no coletivo o reconhecimento de que sua presença tinha sido significativa para redirecionar vidas.

Algo inerente entre os sujeitos da pesquisa é a noção de responsabilidade pelos outros, construída dentro das vivências antes, e principalmente, após a formação dentro do MNMMR. A noção de responsabilidade pelos sujeitos através da potencialização das lideranças juvenis no início do MNMMR deu autoconfiança para que a autonomia em relação às ações fosse construída quase que cotidianamente. Quando o sujeito se responsabiliza pelas pessoas, facilmente é capaz de se responsabilizar sobre os seus atos, estando certo de que tudo sairá bem. Porque a dimensão proposta pelos entrevistados menciona que apesar das influências negativas do meio juvenil, todos eles não enveredaram pelo caminho obscuro da marginalidade. Caminho esse que acabou por assassinar muitos outros jovens da época.

Ao tornar alguns dos jovens do MNMMR como líderes de seus meios sociais, o MNMMR acabou por propiciar um aspecto importante dentro de uma conduta resiliente: a reflexão dialógica. Mesmo após sofrer e presenciar diversos traumas no ambiente das ruas, os sujeitos são capazes de dialogar sobre traços que os assustam ou inquietam propondo uma reflexão constante sobre o vivido. Os fatos vividos não foram submetidos ao esquecimento, pelo contrário, no momento da entrevista a fala dimensiona o fato como ele estivesse sendo vivido ali, entre entrevistado e entrevistador, com uma clareza peculiar das situações.

Certos de que os fatos estavam sendo postos na entrevista narrativa, os sujeitos procuravam também na hora de dialogar sobre as situações, mencionando como conseguiram resolver determinados problemas postos. O fato de narrar o vivido apenas citando os fatos parecia não condizer com a mensagem que os sujeitos queriam passar. No ato de narrar, percebeu-se uma preocupação em que o sujeito busca explicar de que maneira conseguiu superar aquela adversidade. Na narrativa, havia um sentimento de controle sobre os fatos citados. Mesmo quando tendiam a dar errado, os entrevistados mostravam que embebidos pela sua visão de mundo, acabavam encontrando alternativas coerentes para que superassem algum descompasso em sua trajetória de vida.

Essa maneira coerente de viver os fatos, e ainda, de fazer esse processo de reflexão sobre os mesmos, mostra o quanto as pessoas que moram em favelas podem ser capazes de tornarem-se mais fortes. Essa força de luta não é infinita, pois seres humanos se

constroem e reconstroem em todo momento. Antunes (2011, p. 15) corrobora com um pensamento sobre pessoas ou comunidades resilientes:

Maior parte dos moradores de favelas ou cortiços ou mesmo os muitos sem-teto que perambulam pelas ruas das cidades médias e grandes constituem exemplos de pessoas ou comunidades resilientes. As condições de adversidades ou fatores de risco que enfrentam são duras, não raramente extremas [...] despeito disso tudo, não apenas sobrevivem, mas ainda conseguem se organizar, construir momentos autênticos de alegria e fazer para seu horizonte de vida projetos e planos.

A resiliência determina um sistema humano forte de esquemas de defesa que serão desenvolvidos, acabando por criar barreiras responsáveis por proteger os sujeitos contra determinadas vulnerabilidades que os espaços com fatores sérios de riscos acabam por propiciar. Quando os sujeitos tornam-se resilientes acabam por mover ou potencializar em outros, atitudes resilientes. Observando a trajetória da comunidade do Lagamar, já mencionada no capítulo anterior quanto à sua formação, compreende-se um sentimento de luta que vai desde a sua concepção enquanto espaço social urbano de moradias e diversas histórias de resistência.

Ser resiliente é transpor as barreiras do óbvio em busca de alternativas orgânicas que possam se “autoajudar” ou ajudar ao seu entorno social. Isso é fator definidor do grau de resiliência existente. A resiliência não pode ser compreendida como algo que simplesmente surge e pode ser mantido durante um longo percurso temporal, muito menos, como um pote de iogurte no fundo de uma geladeira, onde se pode abrir quando preciso e seu esgotamento será ininterrupto. A resiliência pode simplesmente ser adquirida e logo abandonada, como pode simplesmente não surgir advinda de diversos fatores que a impeçam de não se propagar enquanto força intrínseca.

O fato de o sujeito ter tido uma ação resiliente não significa que o mesmo sujeito está apto a ter uma vida de situações limites para superar. É possível que ele não possa mais ser resiliente, ou, pode construir vários comportamentos resilientes ao longo da vida.

O grau de resiliência nas pessoas pode variar com extrema diversidade, mostrando que a espécie humana não é capaz de simplesmente estocar uma espécie de força resiliente. Isso soaria muito pretencioso até para pessoas que insistem em dizer que são sujeitos plenamente resilientes, pois essa afirmação é inexistente, como dimensiona Antunes (2011, p. 17):

O grau de resiliência pode ser alterado pela educação e é assim possível injetar confiabilidade, segurança e esquemas de organização mesmo em pessoas ou comunidades aparentemente apáticas. A pessoa ou organização resiliente necessita ser ágil, apresentar facilidade em acolher a adversidade, contextualizar o conhecimento e sua cíclica transformação, revelar poder sistêmico e criar solidariedade.

Não se nasce resiliente. São os fatores do meio social que podem ser capaz de tornar um sujeito resiliente. O fato discutido não se enquadra apenas no enfrentamento das adversidades. Os sujeitos do MNMMR enfrentaram inúmeras adversidades, mas o que pode vir a colocá-los como sujeitos resilientes é a maneira como saíram fortalecidos dessas experiências. Isso acaba por evidenciar o modo como determinadas vivências transformaram as suas perspectivas em relação aos outros moradores do lagamar.

O papel da resiliência em seus sujeitos é o fortalecimento de ações consideradas positivas dentro de uma conduta social constituída. Quando os estudiosos construíam o conceito de resiliência, acreditavam que o nível socioeconômico era fator determinante para se obter a resiliência diante dos fatos. O que se tinha como dialogo proposto era que pessoa dentro de uma condição socioeconômica desfavorável, era menos propensa em não ter fatores de resiliência, ou até mesmo, uma conduta social tida como resiliente.

Depois de pesquisas com resultados mais avançados, adentrou-se na perspectiva de que a pobreza não era fator negativo de resiliência, pelo contrário, as pessoas resilientes usam a pobreza como mote propulsor para potencializar demais ações positivas. A condição de pobreza não deve ser encarada dentro de uma ótica extremista para se fazer ou não determinada ação. Os sujeitos do MNMMR mostram em suas narrativas que mesmo diante de uma situação de infância e adolescência difíceis, todos eles passaram a compreender o meio social de desigualdade e atuar sobre ele, mesmo estando em condição de pobreza, em alguns momentos, pobreza extrema.

A resiliência não se dá apenas diante de aspectos sociais concretizados em atos ou situações. As pessoas resilientes enfrentam adversidades em diversos aspectos buscando principalmente o aumento de sua qualidade de vida. A busca por resiliência se configura pela procura por mudanças, até mesmo, na sua forma de ser em sociedade.

O sentimento resiliente reside na melhora de si, para com o outro, e ao mesmo tempo de volta para si. A saúde mental pode mostrar que o fator de resiliência ajuda a não se

contaminar fisicamente por determinados aspectos negativos, como a exposição à drogas ilícitas, ou às diversas situações problemas. A resiliência é um importante fator de tratamento físico-mental como determina Melillo & Ojeda (2005, p. 19):

A resiliência reduzia a intensidade do estresse e a diminuição dos sinais emocionais negativos, como a ansiedade, depressão ou raiva, ao mesmo tempo que aumentava a curiosidade e a saúde emocional. Portanto, a resiliência é efetiva não apenas para enfrentar adversidades, mas também, para a promoção da saúde mental e emocional.

A mãe de Del e Antônio, assim como os pais de Narcélio e Timbó, podem ser considerados frutos de comportamentos resilientes anteriores e responsáveis diretos pelo comportamento subsequente resiliente de seus filhos. Apenas o fato de gerar uma criança, não é fator determinante para que ela seja forte, resiliente, mesmo que seu conjunto parental responsável seja o pai e a mãe, só o pai, só a mãe, os avós, os irmãos, sejam de fato resilientes. É a maneira de estar no mundo e o reflexo disso no desenvolvimento da criação desde a infância que pode implicar na condição de uma série de comportamentos e atitudes resilientes. É na tutoria do desenvolvimento em sociedade que a tessitura qualitativa vai se desenvolvendo.

Ainda no embrião materno, segundo Cyrulnik (2004, p. 35) a mãe pode ser responsável por nutrir na criança uma série de comportamentos futuros de resiliência. Uma mãe que possui um filho que não foi almejado desejando pode ser capaz de transpor o não desejo de tê-lo durante a decorrer da infância dessa criança. Esse fato acaba por emanar uma série de fatores não resilientes responsáveis pelo período de seu desenvolvimento. A mãe, assim como já supracitado anteriormente, pode possuir papel importante nesse período de construção de vários aspectos sensoriais do sujeito:

Se a mãe estiver carregando o filho de um homem que ela detesta ou se o simples fato de se tornar mãe como sua mãe evocar lembranças insuportáveis, seu mundo íntimo será sombrio [...] Equivale dizer que as representações íntimas da mãe, provocadas por suas relações atuais ou passadas, envolvem a criança num meio sensorial de formas variáveis [...] A história da mãe, suas relações atuais ou passadas, participam assim da constituição dos traços de temperamento da criança que está por nascer ou que acabou de nascer.

Um fator que pode ser afirmado é como essa mãe indisposta à maternidade trata o seu filho com certo desdém, fazendo com que ele tenha comportamentos não resilientes, esse

fator do não querer ter um filho, parece não atingir nenhum dos sujeitos do MNMMR entrevistados. O modo como citavam as mães, a maneira como a voz em dialogo as mencionava, cercada de ternura e de semblantes de felicidade, se contraponham a essa mãe infeliz que não sabe como nutrir o filho de sentimentos de plenitude enquanto genitora.

As mães, como as mães de Narcélio e Timbó, não mencionadas nas histórias de vida, mas vistas por mim, quando em minhas andanças pelo lagamar fomos às suas casas, se configuram da mesma maneira da mãe de Del e Antônio. Ao vê-las, me deparei com a figura de duas mulheres de luta que sabem da importância da luta social do filho. Mesmo vendo eles se doando em prol de algo não concreto financeiramente, nutriam no olhar um sentimento de felicidade ao sair de casa e perceberem que os filhos estão indo às ruas por algo que as mesmas julgam correto naquele meio urbano.

As mães dos sujeitos estabelecem naquela relação um fator de resiliência importante que é o fator de proteção, responsável por fazer essa transformação singular causado por algum sofrimento passado diante de uma adversidade. O ambiente onde os sujeitos se encontram, apesar do olhar real do pesquisador é sempre percebido de outra maneira. No ambiente podem-se encontrar inúmeros fatores de risco vistos por alguém com um olhar externo àquele ambiente, porém, o sujeito que está impregnado com aquele ambiente busca, através de um olhar que supera o que está posto, a visão transformadora daquela realidade.

Menciono o fato acima citado quando andando pelo Lagamar me deparei com um enorme córrego a céu aberto que desembocava numa ponte suja e inóspita. No momento estava na presença de Narcélio e Timbó, eles me mostraram que aquele espaço urbano podia se tornar importante ponto de referência juvenil para a prática esportiva. Isso poderia dar certo se fossem utilizados os espaços embaixo da ponte como centro de interação com a comunidade na ótica da prática do esporte e lazer. O sujeito resiliente valoriza o ambiente e o percebe não apenas em sua forma concreta, mas na gama de possibilidades que aquele espaço é capaz de promover caso seja transformado dentro de uma ótica positiva.

Um quadro importante nessa questão da utilização dos ambientes é a dimensão como a luta social no Lagamar vem perdendo força. No ambiente do Lagamar é comum dialogar sobre o fim das ONG's dentro do bairro. Cada vez mais se fala sobre o fato dos grupos sociais terem se extinguido diante dos novos cenários sociais.

As lutas sociais acabam por ganhar novos rostos, corpos e novas formas de se estabelecerem em confrontos por melhorias de vida. O próprio ambiente do MNMMR se configura como uma instituição resiliente, pois mesmo sem sede física e estruturas econômicas plausíveis, acaba por manter-se vivo na figura de seus membros e moradores do seu entorno. Antunes (2011, p. 29) menciona que “são consideradas organizações resilientes as que asseguram integral confiabilidade após superação de distúrbios – desastres naturais, mudanças econômicas hostis, espionagem, opressão do capital, concorrente, etc – que teriam levado outras à extinção”.

O MNMMR trabalha pela necessidade imbuída de manter a crença em estados de resiliência, mesmo que de maneira implícita. Em minhas andanças com os sujeitos Lagamar, não houve nenhuma situação corriqueira de mazela social trazida até eles, que os mesmos não tenha tido uma reação positiva diante do desafio proposto.

Mesmo no caso de uma mãe que procurava um emprego para o filho que estava vendendo as coisas para comprar drogas, os sujeitos do MNMMR foram até a casa dessa mãe para ouvi-la, conversar também com o filho e dialogar sobre as premissas de um comportamento marginal e as consequências em seu comportamento futuro. O jovem tinha em torno de vinte anos de idade. O MNMMR não se acovardou e conseguiu encaminhá-lo para que voltasse à vida cotidiana de um jovem que busca um futuro melhor. Isso não está descrito em qualquer manual, foi observado durante a pesquisa e registrado pelos olhos do pesquisador com a veemência de quem vê algo dar certo.

O fato das coisas darem certo nas ações do MNMMR pressupõe um dos princípios da organização resiliente que é o respeito pela sua cultura enquanto instituição. É visível que por mais que não haja equipamentos físicos de qualidade para a realização do trabalho, os sujeitos do MNMMR realizam as atividades tendo como princípio das ações a busca pela auto-organização. O senso de liderança parece fazer parte para que se desenvolva o senso de confiança nas pessoas que atendem. O desafio é “fazer a ligação entre os saberes compartimentados e uma vontade de integrá-los, contextualizá-los ou globalizá-los”. (CYRULNIK, 2012, p. 9). A solidariedade faz parte dos atos diários de todos que compõem o MNMMR.

O planejamento faz parte do MNMMR para que não se percam em ações desencontradas, ou mesmo, para que as mesmas atitudes não sejam tomadas de maneira dobrada, sem necessidade. O planejamento faz parte do contexto de uma organização

resiliente, já que as organizações resilientes permitem um nível maior de flexibilidade e atuam com rapidez diante de imprevistos, claro que contando com pessoas que permitam atingir esse espírito resiliente diante das coisas e das pessoas. A dimensão da improvisação quando se lida com as ruas é vital para o sucesso local do MNMMR. Mesmo nessa dimensão do fazer aqui e agora, o rigor deve ser abandonado em certos momentos, porque como pessoas que buscam melhorias para a sua comunidade, o MNMMR precisa construir um pensamento lateral para ir além do óbvio, do redundante:

O pensamento lateral não deixa de reconhecer o imenso valor de assim se agir, mas acredita que, em alguns instantes previamente programados, é necessário fugir do costumeiro, pensar o “impensável”, deixar o pensamento divagar por ideias distantes e não se prender apenas ao “certo” e ao “errado”, buscando alternativas insondáveis, “ideias interessantes”. (ANTUNES, 2011, p. 61).

Para formar uma organização tão forte, muitas vezes os sujeitos num diálogo cotidiano qualquer, se mostram muito saudosistas com cenas comuns que se vê em qualquer rua de periferia urbana. Adolescentes soltando uma pipa, jogando futebol numa rua mal pavimentada, cirandas pintadas no chão, um amontoado de bolas de gude, tudo isso, em alguns diálogos informais, principalmente com o Narcélio em sua narrativa, remetiam a adolescência com o fervor de uma visita a um passado que deixou saudade.

Todos os sujeitos relataram um passado de dificuldades inerentes ao processo formativo enquanto educadores e sujeitos pertencentes ao território, mas a adolescência sempre é lembrada como uma época de sonhos que insistem em permanecer. Na fase da adolescência para qualquer sujeito, os conflitos são ampliados, hiperdimensionados, pois é a fase de maiores descobertas condizentes com as experiências sociais, pelo menos, para parte das pessoas.

É, em parte, na adolescência que o sujeito reexamina sua identidade. No diálogo do Antônio pode se ver isso com clareza de detalhes ao relatar as brincadeiras de infância e o seu período escolar. Todas as experiências nesse período foram narradas com uma riqueza de detalhes com cenários sociais reescritos dentro de uma engenhosidade mental incrível. Del Lagamar também faz essa transição de fatos da adolescência, assim como Narcélio e Timbó, mas numa ótica diferente. Os sujeitos foram mais voltados às experiências significativas dentro das peripécias de garotos da rua em constante movimento.

O ato dessa construção de si é um movimento de diálogo entre as formas de comportamento ao longo da vida, com a interconexão, principalmente de estruturas sociais importantes, como a linguagem, por exemplo. Até porque, o sentido de construção de si, uma construção plena, cercada por tantos detalhes resilientes enaltecidos, é um processo rico e temporal. O ato de falar se constitui, na ótica da resiliência, como processo importante na dimensão da formação de si:

Para a formação de si mesmo no contexto interacional, importam as convicções sobre a importância dos relacionamentos afetivos, as expectativas de recompensa e satisfação, as crenças familiares sobre o grau de segurança e de participação no mundo social, bem como o limite de desapontamento ou sofrimento que se pode suportar. (ASSIS, 2006, p. 25).

O ato de construção de si faz com que se tenha a promoção de fatores de resiliência. No compromisso com o próprio comportamento resiliente se aprende com a experiência e se estima o impacto das ações das pessoas, tendo em vista que, a tendência é que comportamentos resilientes possam trazer impactos positivos para os outros. Dentro da psicologia positiva, essa dimensão perpassa pela adaptação positiva. Essa adaptação positiva pode ser vista quando os sujeitos alcançam as expectativas sociais que lhes são pertinentes a uma etapa do desenvolvimento. Essas expectativas podem denotar o alcance de apenas um determinado aspecto. Mesmo em ambientes diversos, essa adaptação pode ser assim, considerada como resiliente.

Os sujeitos do MNMMR, em suas entrevistas narrativas, estabelecem uma coerência narrativa, pois foram capazes de construir de maneira organizada o sentido dado à sua própria história. Ao final do momento da gravação das narrativas, não houve certo arrependimento pelo dito ou não dito. As falas foram proferidas e dimensionadas na proporção que os sujeitos assim fizeram pertinente.

O pesquisador em questão, apenas observou e fez reforços positivos corporais, como o balançar gestual da cabeça, por exemplo, para que a fala fosse feita sem interrupções ou certos pensamentos negativos do próprio pesquisador, não fossem expostos dentro de uma naturalidade momentânea. As crenças individuais não foram estigmatizadas em gestos que podiam repeli-los sobre uma atitude considerada pelo pesquisador, negativa. O respeito às peculiaridades dos entrevistados foi posto de maneira simplória, tendo em vista que o protagonista da narrativa foi tido em sua importância do início ao fim de sua fala.

O mais interessante dentro dessa interação narrativa, através da construção de um olhar resiliente sobre as mesmas, são os significados que cada sujeito deu à sua própria narrativa. Toda fala é permeada pelo grau de maturidade de quem a profere, e os aspectos resilientes advêm dessa mistura de grau de maturidade com coerência durante o vivido. Observando as falas dos sujeitos do MNMMR, pode-se constatar que há resoluções das ações, todos acabaram por levar seus planos, mesmo em microdimensões, até o fim. Quando se organizam, sentem orgulho das resoluções de tais adversidades, mantendo interesse pelas coisas com independência e determinação, isso denota certa adaptação cotidiana. A adaptação cotidiana pode acontecer em ambientes de diversidades extremas, como o Lagamar, numa espécie de “magia cotidiana”. “A magia cotidiana, expressão que remete à evidencia de que o processo da adaptação positiva pode ocorrer em contextos cotidianos de adversidade extrema e que, mesmo assim, o indivíduo é capaz de encontrar recursos e superar a adversidade”(MELILLO & OJEDA, 2005, p. 35).

Mesmo no contexto de situações difíceis, evidencia-se nas falas o sentimento de autoestima coletiva por parte do lugar onde se mora. A consciência das belezas naturais, mesmo em meio ao amontoado de degradação ambiental, ainda persiste e não desiste de existir. Mais que a beleza do concreto, os sujeitos dessa pesquisa mostram-se entusiasmados com as pessoas. E os demais sujeitos do bairro são entusiasmados com os líderes do MNMMR.

Nota-se o quanto é conflituosa a sensação de que é bom estar no bairro, mas o bairro poderia ser melhor para se viver. Tal afirmação se refere ao fato de que a atual ordenação social está indo de encontro aos ideais cotidianas de melhorias significativas para aquela região. Apesar dos desejos sociais ainda não alcançados, existe implícito nos diálogos cotidianos nas esquinas do Lagamar onde pude transitar como pesquisador, que cada morador forma uma parte do todo, dessa forma, o território torna-se forte, a força está nas pessoas, não nas coisas.

Depois de ter passado por becos e vielas sujos, certa vez como pesquisador, os indaguei: “por que vocês não saem daqui?”. Prontamente, fui correspondido com um “não podemos, porque a nossa identidade está aqui, nós nascemos aqui”. Há um sentimento aflorado de pertencimento com essa multipluralidade de coisas e pessoas que se tornou o Lagamar. Mesmo cientes de suas convicções, os atores sociais do MNMMR podem ter se ferido ao longo do percurso de lutas sociais, ferir-se faz parte da condição de ser (ou ter sido) sujeito resiliente:

Os resilientes são feridos, mas possuem as competências necessárias para curar a ferida e cicatriza-la. No entanto, ao longo de suas vidas, essa cicatriz será testemunha de sua luta e vitória (...) os resilientes poderão usar a experiência para compreender melhor outras pessoas feridas na vida e ter compaixão delas (...) eles viveram suas vidas de maneira independente e frequentemente positiva, manifestaram criatividade, inteligência, perseverança e compaixão. (POLETTI & DOBBS, 2013, p. 17)

A resiliência se cria em torno de um conjunto comportamental, através da aquisição de recursos internos que acabam por se desenvolver ao longo do percurso vivencial em sociedade. A resiliência se desenvolve na derivação dos significados sociais postos por ela subjetivamente, através das interlocuções culturais as quais foi exposta, vindo nesse emaranhado de diálogos, possibilidades de encontros e ações.

A consciência resiliente se desenvolve plenamente em sociedade, mesmo ao constatar fatores internos, eles acabam por se derivar de ações ou representações de um modo de estar em sociedade. Quando os movimentos internos se sobrepõem, o sujeito busca em sociedade um objetivo significativo que a transforma e a faz perceber o quanto os fatores que a destruíam podem ser capazes de lhe fazer emergir.

Nas histórias de vida proferidas no capítulo 3, ficou claro que os sujeitos procuraram aspectos reais de suas vidas para transformarem um âmbito que não os favorecia. Esses aspectos reais podem ser encontrado na figura de pessoas do seu entorno social. No caso de Del Lagamar, foi o líder de seu projeto social e sua mãe, no caso de Antônio, foi seu irmão Bel e sua mãe. Já Narcélio e Timbó, compartilham da figura de seus pais e de Del Lagamar, que além de amigo, foi percussor de suas entradas para o MNMMR. As figuras de apego acabam por enaltecer os fatores resilientes já imersos nos sujeitos, de certa forma, é uma representação real do que se quer de melhor para si e para o outro.

Mais do que encarar a vida, todos os sujeitos que denotam aspectos resilientes aqui entrevistados, tem em sua essência a representação do humor como importante fator de desenvolvimento de sonhos e planos pessoais. Em toda a minha estadia dentro do MNMMR durante a pesquisa, o riso solto fazia parte do cardápio diário de interações e conversas paralelas. Cyrulnik (2004, p. p. 83) dimensiona essa percepção do humor, ao mencionar que “o humor não é feito para brincar, é feito para metamorfosear um sofrimento em episódio social agradável, para transformar uma percepção que machuca em representação que faz sorrir”.

Diante de tantas mazelas sociais vividas em seu contexto mais ferrenho por todos os sujeitos, vejo o humor como força motora dessa resiliência esclarecedora. De maneira libertadora e sublime, sorrir para a vida é não deixá-la impor os limites e superar as suas adversidades, mesmo que as melhorias nunca venham. Como disse certa vez Narcélio, em uma andança qualquer pelas ruas desencontradas do Lagamar: “sorrimos enquanto queremos, sorrimos enquanto pudemos”.

## 5.2 Dinâmica de empoderamento no MNMMR: coletividade forjada na luta

*A superação só existe quando se constitui em um ato proibitivo do ser mais dos homens.  
(Paulo Freire)*

Paulo Freire dimensiona o sentido de empoderamento dentro de uma ótica coletiva. O empoderamento na dimensão freireana surge como um ato político-social, pois não se pode tirar do ser humano as dimensões sociais e políticas que o constituem como sujeito pertencente a um determinado movimento social. Dessa forma, Guareschi (2008, p.166) mostra essa dimensão de empoderamento tendo como base a perspectiva freireana:

Empoderamento, é assim para Freire um processo que emerge das interações sociais em que nós, seres humanos, somos construídos e, à medida que, criticamente, problematizamos a realidade, vamos nos ‘conscientizando’, descobrindo brechas ideologistas; tal conscientização nos dá ‘poder’ para transformar as relações sociais de dominação, poder esse que leva à liberdade e à libertação.

A lógica do empoderamento se adequa à organização do Lagamar. Desde sua constituição, a dinâmica organizativa nos moradores que habitam o bairro do Lagamar foi formada pelo sentimento exacerbado de luta pela terra, principalmente pelos moradores que estão desde a sua fundação em meados da década de 1960. As pessoas passaram a habitar aquele espaço dentro de um processo migratório, onde a busca pela sobrevivência encontrou no Lagamar o local mais adequado para se começar a pensar em planos e sonhos coletivos.

O sentimento de pertencimento sobre o local surgiu em meio a um ambiente considerado inóspito desde o início. Um terreno imenso foi sendo habitado coletivamente por moradores de diversas localidades do interior do estado do Ceará. As famílias, em meados da década de 1960, passavam pela condição de seca que atingia todo o território cearense. Na fuga eminente pela sobrevivência, vieram em grupos para a cidade de Fortaleza e passaram a ocupar um espaço no meio da cidade, que hoje se denomina bairro do Lagamar.

O Lagamar sempre teve em suas entranhas as marcas da desigualdade desde a sua concepção enquanto espaço de vivência de pessoas e de animais. As pessoas passaram a ocupar aquelas terras com uma voracidade imensa, como se a fome não fosse apenas por

comida, mas por terra, pela melhoria de vida oriunda do sentimento de pertencimento a um lugar.

Os moradores em meio à ocupação, através de lideranças que surgiram durante o processo natural de ocupação da terra, passaram a dialogar sobre como seria a ocupação qualitativa daquele espaço. Até hoje, pelas calçadas desniveladas e sempre ocupadas por pessoas que ainda advém da ocupação inicial da terra do Lagamar, ainda persiste a noção de que nada foi conquistado. As pessoas tomaram a posse efetiva da terra, mas aquela terra ainda parece não é daquelas pessoas, ainda há legalmente muito que lutar e que ouvir dos injustiçados. O sentimento de justiça se revitaliza no alvorecer de cada nova liderança que mantém a luta pelas escrituras das casas.

Nas correrias cotidianas, alguns esquecem momentaneamente de que não são pertencentes legais daqueles espaços desordenados, mal localizados. Existe um cenário concreto de injustiças sociais em plena contemporaneidade. Alguns líderes sociais atentam-se a isso, vendo a possibilidade de uma nova luta pelas terras onde constituíram amigos, família, vidas e mais vidas. O processo de conscientização é a bandeira de luta de poucas ONG's que ainda existem no Lagamar. Um bom exemplo é o MNMMR.

Freire (1983, p. 20) dialoga sobre esse processo de tomada de consciência sobre as injustiças sociais:

Melhor que a situação concreta de injustiça não se constitua num 'percebido' claro para a consciência dos que a sofrem [...] a conscientização que lhe possibilita inserir-se no processo histórico, como sujeito, evita os fanatismos e o inscreve na busca de sua afirmação. Se a tomada de consciência abre caminho à expressão das insatisfações sociais, se deve a que estas são componentes reais de uma situação de opressão.

A tomada de consciência adentra no do MNMMR com voracidade. Quando se trabalha com uma juventude que atravessa um estado pleno de desigualdades, pelo menos a juventude das camadas sociais que sofrem negligência de seus direitos básicos, é difícil simplesmente mostrar que existe essa atmosfera social apenas tendo como suporte dados numéricos. As pessoas da periferia procuram revelar e salientar as notícias através de fatos. Uma ida até a padaria, ficar alguns minutos na fila para esperar o pão pela manhã, já pode revelar todo um cenário de caos. As vozes estarecidas, algumas naturalizadas, já mencionam a morte como mais um traço cultural daquele lugar, o lugar de periferia.

Quando se pensa em periferia, vem logo à mente algo ou alguém que está nas partes periféricas de algo, à margem, marginalizado. Na sociedade vigente, a marginalização está presente, em sua grande maioria, nas áreas urbanas onde se concentram as comunidades de periferia. Quem habita tais comunidades costuma referir-se ao lugar onde mora como favela. Isso não pode ser visto como um demérito. Para os que nela habitam, soa mais como uma identidade natural.

O MNMMR assim como todos os moradores do Lagamar, lutam por um sistema social que favoreça os seus ideais de melhorias e faça com que décadas de desigualdade sejam desfeitas, na garantia de um sistema de direitos que dialogue com a comunidade e para a comunidade.

A juventude em meio a todo esse processo passa a viver diante de um caos estabelecido. O MNMMR propõe ferramentas educativas para desenvolvimento da juventude dentro dos espaços de coletividade do Lagamar. O diálogo com as autoridades governamentais para que esse conjunto de ferramentas seja posto em prática, como a urbanização do espaço embaixo de um viaduto, não chega a ser satisfatório.

O MNMMR esbarra em burocratismos alheios ao trabalho do movimento social, o que acaba por inviabilizar uma ação ainda mais abrangente além do que o MNMMR faz hoje naquele espaço comunitário. O sentimento de exclusão social é evidenciado quando na trajetória de vida, os percalços sociais da comunidade do Lagamar, permanecem quase inalterados até a contemporaneidade. A exclusão pode ser fator preponderante para que não haja a orientação de práxis e políticas públicas na comunidade, como afirma Sawaia (2008, p. 9):

A exclusão é processo complexo e multifacetado, uma configuração de dimensões materiais, políticas, relacionais e subjetivas. É processo sutil e dialético, pois só existe em relação à inclusão como parte constitutiva dela. Não é uma coisa ou um estado, é processo que envolve o homem por inteiro e suas relações com os outros. Não tem uma única forma e não é uma falha do sistema, devendo ser combatida como algo que perturba a ordem social, ao contrário, ele é produto do funcionamento do sistema.

A dinâmica da exclusão persiste na dimensão da desigualdade social, evidenciando a extensão da ausência de uma ética social para a qualidade de vida de todos os sujeitos, assim como fortalece a dimensão subjetiva do sofrimento por parte de quem sofre o

ato da exclusão. Os excluídos sociais, como o grupo dos meninos e meninas de rua, são todos aqueles excluídos pelas diversas organizações sociais, e também, pelo conjunto de valores sociais que uma dada parcela da sociedade insiste em colocar como mecanismo poderoso de dominação.

Dentro de um espaço de não negligenciamento, como o MNMMR, as pessoas criam mecanismos coletivos para superar as adversidades. É por isso que os movimentos sociais possuem essa nomenclatura, pois a noção de “movimento” age como uma diversificação de vários caminhos e perspectivas adotadas que dimensiona melhor o caminho que os grupos sociais, em especial os urbanos, traçam para estabelecer uma luta dentro de um sistema de direitos igualitário.

Não há necessidade de se criar um novo conjunto de leis e normas sociais que garanta o direito a todos. Esse conjunto de leis e normativas já existe, mas parece privilegiar um grupo seleto de pessoas que, por ventura, foram as mesmas que criaram e validaram esses direitos tidos como universalizados. Espaços como a favela, como a favela do Lagamar, por exemplo, são espaços onde algumas pessoas não sabem por completo a noção de direitos que possuem. Mas o diálogo sobre a execução das mesmas esbarra até mesmo na não tomada de consciência crítica sobre a sua própria realidade social.

Bobbio (1992, p. 21) é incisivo quando dimensiona a questão dos direitos com a aquisição de dois pilares centrais (liberdade e poderes) que deveriam ser pautados cotidianamente pelos grupos sociais, como o grupo do MNMMR:

Todas as declarações recentes dos direitos do homem compreendem, além dos direitos individuais tradicionais, que consistem em *liberdades*, também os chamados direitos sociais, que consistem em *poderes*. O primeiro exige da parte de outros (incluindo aqui os órgãos públicos) obrigações negativas, que implicam a abstenção de determinados comportamentos; os segundos só podem ser realizados se for imposto a outros (incluindo aqui os órgãos públicos) um certo número de obrigações positivas. São antinômicos no sentido de que o desenvolvimento deles não pode proceder paralelamente: a relação integral de uns impede a realização integral dos outros.

Quanto maior for o conceito de liberdade, de uma liberdade na tomada de consciência crítica sobre o contexto social no qual o sujeito vive, maior será a chance de haver uma tomada de consciência coletiva por parte do conjunto de problemas que perpassa por seu movimento social.

Os meninos de rua que trafegam corriqueiramente no Lagamar e em outros pontos da cidade de Fortaleza. São frutos de um conjunto de direitos plenos que foram negados, ou, mascarados com atitudes governamentais que denotam a noção assistencialista construída ao longo das décadas pelo sistema governamental brasileiro.

No meio da pesquisa, quando fui a uma bodega no Lagamar, ponto de comércio geralmente de denotação familiar que ainda persiste em existir nas grandes periferias da cidade de Fortaleza, um daqueles espaços pequenos onde o cacho de banana divide espaço com a cachaça, o pão mofado da manhã e uma bandeja de ovos de galinha, o dono da bodega reclamou dos altos impostos alegando que aquilo era culpa de alguém. Mas nem ele mesmo salientava quem seria o responsável político, porque não lembrava em quem havia votado para um cargo público.

De repente, chega um menino de rua completamente sujo, de pés descalços, com aquele olhar preparado para pedir algo a quem quer que seja, fica do lado da janela e com uma moeda qualquer pede o salgado mais barato que tiver. Depois que o menino saiu, o senhor voltou a retrucar sobre o aumento de crianças nas ruas, mas dizendo que aquilo era culpa do presidente, não era culpa dele que pagava os seus impostos e sustentava a família com a aposentadoria.

Diante daquela cena, me veio à mente o quanto aquelas palavras eram cercadas de um preconceito velado pelos seus semelhantes, companheiros de luta. Aquele homem envelhecido, talvez resquício simbólico dos primeiros moradores do Lagamar, apesar da luta constante pela sobrevivência, ainda não percebeu o quanto aquela atitude denotava certo desconhecimento sobre o sistema de direitos e deveres. Uma ordem social é capaz de ser alterada se há um pensamento coletivo capaz de buscar transformações sociais que validem a ação de todos. As pessoas sofrem coletivamente, como aquele senhor um dia sofreu, mas podem também se fortalecer em coletivo, encontrar no meio social as perspectivas de mudanças verdadeiras sobre as atribuições do vivido.

Para que essa noção da construção de um pensamento coletivo fortaleça o sujeito, é necessário que não se abdique da dimensão do sonho. O sonho fez parte do semblante daquele homem da bodega em outrora, mas parece ter sido abandonado pelo sentimento de revolta e por ódio velado pelo destino que, talvez, não o fez como ele queria. O sonho é fator fundamental como propulsor de uma mudança interna e para a relação dessa mudança em coletivo.

Lobo (2011, p. 32-33) descreve essa dimensão do sonho que deve ser fator importante para a construção de um empoderamento coletivo, além de salientar a esperança como atitude complementar ao ato de sonhar, como uma continuação do sonho dentro desse aspecto de revelar novos sentidos às coisas:

Sonho é atividade e fluxo. Sonhar é uma práxis ontológica e epistemológica dos seres humanos, compatível com sua vocação para 'ser mais'; algo como uma necessidade primordial de lançar-se para o além do estado atual, ao mesmo tempo em que é uma atividade consciente que, que envolve uma férrea vontade aliada à ação adequada para a consecução do desejado [...] a esperança é uma decisão. O esperar é uma atitude que ninguém pode assumir alguém. E não é uma esperança atribuir essa potência transformadora e realizadora a outrem, a uma força divina, muito menos ao fetichismo das coisas.

O sentimento de esperança como mote importante de um ciclo de empoderamento social pode gerar uma desalienação, uma ação libertadora, uma verdadeira reconquista de si. Por isso, dialoga-se sobre esperança, não em seu reducionismo como uma caricatura, mas no sentido de um otimismo inoperante que move além dos sujeitos, os sentidos de suas ações. Isso forma uma noção social de empoderamento.

Os líderes do MNMMR mostraram como a esperança que o norteava o Movimento é significativa dentro de um contexto desfavorável e alienado diante da retirada de direitos sociais mais básicos. Não se deve levar o sonho ou a noção de esperança como uma utopia irrealizável, mas que o impulsiona como elementos fundamentais para a construção do inédito viável de que nos fala Freire na obra *pedagogia do oprimido*. A esperança gera ações que movem os discursos e fazem nutrir um sentimento de mudança que extrapolam das concepções teóricas, indo de encontro às práticas sociais do MNMMR. Para sair de um estado de passividade, de medo, estado onde o senhor dono da bodega se encontrava, é necessário que haja uma esperança radical, algo que moveu o MNMMR em sua concepção e pode ser trazida a tona, caso o pensamento que constitui o MNMMR seja redimensionado por toda a comunidade do Lagamar.

Sobre essa esperança radical que moveu e que ainda move o MNMMR mesmo com um cenário tão desigual para práticas de rua que promovam o resgate da valorização humana, Lobo (2011, p. 36) discerne sobre essa dimensão dentro de uma utopia fundante:

Eis porque a esperança radical é uma atitude política. Ademais, porque a utopia é o fundamento subjetivo-objetivo por onde se espalha a esperança. É saber se o que penso e exerço faz sentido para a vida, e se a vida que vivo faz sentido. O processo do princípio esperança é o dinamismo entre a consciência do estar-sendo e a possibilidade do que pode ser. E não se realiza uma postura política congruente sem a capacidade imaginativa e criativa de aprendizado com a história e os rascunhos cartográficos dos rumos que se quer seguir. Portanto, a política tem papel preponderante na existência total da pessoa e na moldura sectária onde se quer viver.

A esperança evocada pela ação e permanente da ação é um forte componente no empoderamento coletivo do MNMMR. O grupo se fortalece na ação e pela ação, porque seus líderes veem a ação como uma prática libertadora que dialoga com suas vidas e norteia as ações cotidianas como um farol. O farol das práticas libertadoras do MNMMR ilumina não apenas as atividades, mas fortalece o contexto social e os diversos outros contextos que o MNMMR implicitamente acaba por atingir. O farol do MNMMR está aceso desde que o primeiro menino de rua foi recolocado em um caminho favorável à sua própria vida, em detrimento de outro caminho, cercado por drogas e desigualdades sociais.

O princípio da busca de uma igualdade dos homens perante todos os homens é um ideal a ser perseguido, mas nas ruas, nunca foi uma situação concreta. A igualdade dentro de uma sociedade capitalista é um pensamento equivocado se quisermos comparar os diferentes grupos sociais que compõem esse ordenamento social. Na periferia, às vezes fica bem conciso que a alienação é ferramenta de manutenção do sistema. Uma manutenção que poda as ideias e os ideais, pelo menos da grande massa trabalhadora.

Os meninos de rua, em seus colchões de caixa de papelão, postos quando as lojas comerciais fecham geralmente nos grandes centros urbanos, são peças nesse tabuleiro de alienação sobre a ordem e o senso de humanidade social. Agora, por que simplesmente não há uma revolta? Uma revolta coletiva? Porque a alienação é capaz de podar os sonhos, a esperança radical de mudança social. Os meninos e meninas de rua só podem ser acolhidos por aqueles que verdadeiramente os veem. O MNMMR é um desses poucos pontos de luz sobre uma realidade obscura, alienante em sua concepção.

Há uma exclusão urbana bem degradante. Degradam a imagem dos sujeitos marginalizados, vagabundos, pedintes, que sempre povoam os espaços sociais, principalmente os espaços de periferia. Nesse sentido, as pessoas possuem dois caminhos distintos: morrem a míngua sem cuidados básicos, ou, sobrevivem nutrindo-se de um sentimento de mudança que emerge do subjetivo, mas só ganha força, nas ruas, quando esse subjetivo atinge aspectos

concretos de um coletivo. O homem geralmente projeta sua ação humana constantemente, tendo em vista que “o homem é um animal teleológico, que atua geralmente em função de finalidades projetadas no futuro”. (BOBBIO, 1992, p. 51).

Em meio à manutenção de um sistema social que torna recluso os sentimentos de mudança, o ideal democrático, mesmo que timidamente, ainda é sentimento nas ações do MNMMR. Não deveria haver crianças nas ruas em situação de risco social. A democracia, em sua plenitude, deveria redigir um novo modo de organização social, assegurando uma organização política que contemplasse a existência e aplicação de um conjunto de regras fundamentais para que a tomada de decisões coletivas fosse validada e posta em prática. Mesmo se tratando de um movimento social coletivo, o MNMMR, por exemplo, toma as suas decisões nos microespaços de atuação. Muito disso vem da não participação do coletivo, não por falta de convites do MNMMR, mas por ausência da construção de uma consciência crítica coletiva. A democracia é uma utopia já escrita.

Mesmo com tamanha ambiguidade entre algo que está escrito e não é posto totalmente em prática, Bobbio (1992, p. 54) destaca que na história da humanidade está disposta essa dicotomia que acaba por constituir a sociedade atual:

A história humana é ambígua para quem se põe o problema de atribuir-lhe um “sentido”. Nela, o bem e o mal se misturam, se contrapõem, se confundem. Mas quem ousaria negar que o mal sempre prevaleceu sobre o bem, a dor sobre a alegria, a infelicidade sobre a felicidade, a morte sobre a vida? (...) mesmo hoje, quando o inteiro decurso histórico da humanidade parece ameaçado de morte, há zonas de luz até que o mais convicto dos pessimistas não pode ignorar.

Além de superar o sistema desigual, na realidade coesa do MNMMR, os conflitos urbanos insistem em perseguir os sujeitos, assim como os diversos estigmas que ainda existem e fazem parte do cotidiano do MNMMR. A repressão policial e o combate aos estereótipos que decorrem dessa repressão tornou-se uma das bandeiras de luta do MNMMR. Na periferia a polícia é vista como importante ferramenta de um sistema social desigual. Nos diversos momentos de interlocução durante esse processo investigativo, a figura da polícia esteve presente em absolutamente todos os diálogos referentes às práticas sociais de rua do MNMMR.

Diante desse cenário de tratamento opressivo por parte da abordagem policial, a forma como os policiais tratam os educadores, revela momentos de espancamento contra os

educadores sociais no cotidiano das ruas. A polícia se estabelece nas narrativas como aparelho opressor e nunca de solução para as adversidades da comunidade. A chegada da viatura da polícia é sempre relatada como motivo de medo, de temor forte entre os sujeitos que estão presentes. A abordagem policial mostra o quanto a noção de sujeito, de sujeitos constituintes de valores e crenças específicas, não é levada em consideração na maioria dos momentos. Albuquerque (2012, p. 49-50) conceitua o sujeito e relata o conjunto de peculiaridades que ele traz:

Sujeito é um ser humano aberto ao mundo que possui uma historicidade. É portador de desejos e movido por eles. E está em relação a outros sujeitos humanos. O sujeito é um ser social, com uma determinada origem familiar, que ocupa um determinado lugar social e encontra-se inserido em relações sociais e, ao mesmo tempo, é um ser singular, que possui uma história pessoal, que interpreta o mundo e dá-lhe sentido assim como dá sentido à posição que nele ocupa. O sujeito é um ser ativo que age no mundo e sobre o mundo.

Quando se vive sobre uma base social que está rica de desigualdades sociais e econômicas, esse fato deveria servir de incentivo para que se construísse uma matriz formadora para processos de humanização, tendo como base a consciência humanizadora na qual os policiais, por exemplo, estariam sendo submetidos.

Diante do modo agressivo como os que estão na rua são tratados, o coletivo poderia ter cessado. Apesar disso, o coletivo não cessou. O ciclo de produção de uma exclusão não cessou e sabe-se lá quando cessará. A maioria da sociedade brasileira vê casos como os dos policiais citados nas narrativas, como fragmentos de uma normalidade compreensível, pelo menos quando a sensação de impunidade paira nos olhos e nos corpos das pessoas. O problema maior é que apesar de lidar com conflitos em conflito com a lei, o MNMMR também recebe o mesmo tratamento e isso vai de encontro a qualquer tentativa de humanizar a sociedade, como se tivesse tornando-se tão animalésca em sua forma de organização.

Para ser sujeito, é preciso ter direitos, e para que os sujeitos atinjam aqueles que deles precisam, é preciso que haja uma conscientização completa. Não basta se fortalecer a cada pancada. Chegará um momento em que as pancadas se tornarão tão dolorosas que se levantar vai ser um desafio cada vez maior. A solução é não levar mais pancadas. A lógica é que os sujeitos se empoderem de seus direitos, tenham domínio sobre o que é ser sujeito e sobre o que isso representa em sociedade.

A noção de empoderamento é a de uma força intrínseca no coletivo que move, muda, mobiliza, tira da inércia natural dos corpos e move os sonhos, esperanças radicais, esclarecedoras, que alternam a ordem posta, que possam empoderar ideias e ideais de uma sociedade verdadeiramente igualitária.

O grupo de MNMMR é um movimento social como tantos outros espalhados pelo país, mas possui um traço bem valoroso desde sua criação: a esperança. Nas falas e nas andanças pelo Lagamar, apesar de saber que todos ali foram, serão ou são sujeitos que sofreram algum tipo de opressão, a esperança de dias melhores parece ser algo que vai de dentro para fora dos sujeitos. É um movimento que parte de um conjunto rico de crenças e vivências que a ordem social parece não querer se desvencilhar.

As ruas do Lagamar são como as pessoas que nelas habitam: não possuem percurso definido, suas formas são desiguais, algumas mais organizadas, outras em completa desordem, sujas e limpas, estreitas e largas, com subidas e descidas, as ruas do Lagamar mostram o quanto a comunidade gosta e muda seu percurso cotidianamente. Quem caminha por essas ruas são pessoas com uma série de problemas, afinal, quem não os tem? O problema de ter problema no Lagamar, é que ele nunca cessa. Nunca há de cessar a luta de um movimento como o MNMMR enquanto a ordem posta não valorizar os sujeitos que nela estão.

O movimento mágico dos movimentos sociais é que quando sabemos de sua existência, eles já começaram o seu percurso sobre a sociedade. A sociedade não tem controle sobre a sua criação, eles surgem e ganham vida na movimentação dos corpos, dos discursos, das palavras de ordem e justiça. Os movimentos de rua clamam sempre por uma justiça saudável, que favoreça a quebra de paradigmas que não favorecem o desenvolvimento sadio daqueles que vivem naquele arquetipo de sociedade estabelecida. Freire (1986, p. 52) em sua dimensão crítica, fala um pouco sobre a dimensão dos movimentos sociais de oposição e de sua autonomia ao dizer que:

as autoridades não construíram os movimentos de oposição como fizeram o sistema escolar. Assim, estes possuem uma autonomia que fala à sala de aula formal, e uma distância do controle oficial que lhes dá mais liberdade de atuar pela mudança social e pela educação crítica.

O movimento aqui focado sempre esteve pautado pela educação como mecanismo de luta e transformação social. A tentativa de humanização dos meninos e

meninas de rua através de um diálogo educativo sempre foi a ferramenta central das práticas educativas do MNMMR. A lógica de um sujeito oprimido faz com que o processo dialógico humanizador, mostre aos meninos e meninas de rua que existe a figura de um sistema social opressor que os mantém nas ruas e faz questão que isso seja mantido. A radicalidade em combater o sistema social posto faz parte do dinamismo das lutas travadas pelo MNMMR. O sujeito radical dentro do seio da favela emerge diante de suas problemáticas buscando alternativas para se fortalecer enquanto sujeito de interesse, mas crítico, diante de seu papel em coletivo. É preciso uma radicalidade para transformar a realidade concreta como afirma Freire (1983, p. 22):

A radicalização pelo contrário, é sempre criadora, pela criticidade que a alimenta. Enquanto sectarização é mítica, por isto alienante, a radicalização é crítica, por isto libertadora. Libertadora porque, implicando no enraizamento que os homens fazem na opção que fizeram, os engaja cada vez mais no esforço de transformação da realidade concreta, objetiva.

A sociedade organizada criou mecanismos que vão de encontro á essa segregação na forma de pensar e agir sobre os sujeitos oprimidos dentro de uma ideia que comporta uma sociedade igualitária na sua forma de ser sociedade. O ECA é um retrato de que a sociedade pensou ordenadamente uma ferramenta jurídica para garantir um sistema de direitos plausíveis para o tratamento de crianças e adolescentes, sendo esse mecanismo, o ECA, não cumprido em sua essência. Nas abordagens pelas favelas, abordagens feitas pela segurança pública ou por quaisquer órgãos ou sujeitos pertencentes ao sistema social vigente, é visível como em muitos casos, o fato de ser criança ou adolescente não diminui o castigo perante um sistema social desigual.

A criação do ECA não possibilitou o fim das práticas de extermínio juvenis, muitas delas não capturadas pelos números de violência crescentes, pois os pequenos códigos territoriais das comunidades de periferia não possibilitam que aquelas vidas tornem-se números, na verdade, nunca foram vidas.

Em conversas informais com pessoas informais que convivem com a criminalidade cotidianamente ouvi relatos sobre mortes de muitos jovens jogados em buracos espalhados pelos pontos obscuros das comunidades. Não existem choros para velar o medo das mães que perderam seus filhos, para a criminalidade. Muitas vezes as mães sabem quem matou seus filhos, mas seu choro pode ser o último, pois a descoberta de seu sentimento de

revolta pode ser munição para findar a sua própria morte. Não se trata de uma crônica fictícia sobre a vida real, essa é a vida real de uma periferia como a de tantas outras da cidade de Fortaleza.

Os meninos e meninas de rua, um dia se tornarão homens e mulheres que podem ter destinos selados pela sua condição de sobrevivência urbana. Isso gera, curiosamente, o sentimento de união entre aqueles que vivem as mesmas vivências. Os meninos e meninas de rua, em minhas observações dentro do Lagamar, costumam sempre andar em grupo, em um coletivo unificado, como se o senso de segurança individual estivesse atrelado ao cuidado pessoal, partindo sempre do cuidado oriundo daquela relação de coletivo.

A violência urbana vai encontrando diversos tipos de apresentação enquanto mecanismo opressor. Nessa dualidade em que o oprimido acaba por trazer em si, como hóspede, resquícios do opressor, observamos através dos relatos dos líderes do MNMMR que a figura da polícia com sujeitos, muitas vezes oriundos da periferia, negros, em vez de trazer à tona uma identificação, causa repulsa. Roure (1996, p. 50) dimensiona esse quadro de evolução social da violência dentro do cenário brasileiro:

A deterioração do quadro social brasileiro através das desigualdades distributivas, do desemprego, da queda do poder aquisitivo, da inflação crônica e da inexistência de políticas públicas voltadas para os setores marginalizados constituíram-se e constituem-se como pano de fundo que alimenta o exercício e a multiplicação da violência em suas diferenciadas performances.

A evolução do desequilíbrio social é drástica e gera consequências. Há um movimento social que legitima a violência, a tornando apenas um resultado inerente à dominação entre pessoas de diferentes grupos sociais. O majoritário dentro do sistema social posto não está no quantitativo de vozes, mas em quem comanda o discurso dessas vozes. Dessa forma, qual o significado de alguém que enxerga num semelhante da periferia ao não identifica-lo como um sujeito “semelhante”? Como uma agressão, relatada por todos do MNMMR entrevistados, pode ser feita pelo possível oprimido, agora, na dimensão da representatividade de um estado que se coloca historicamente como opressor? O movimento de oprimido, para agora opressor, pode ter sido feito sem o questionamento de mundo que fizesse refletir sobre as práticas cotidianas que a profissão exerce. E, principalmente, a importância de não reprodução de um comportamento tão danoso pautado por um medo ferrenho, nunca por uma admiração ininterrupta, não por completa.

É preciso uma práxis que mobilize um sentimento completo de libertação na transição de oprimido, para opressor, fazendo desse momento uma etapa qualitativa nesse processo de redimensionamento sobre o olhar social. Por exemplo, quando o sujeito deixa de ser morador de periferia e veste a farda da polícia, um mecanismo social repressor do estado, não deve fazer disso um estado inabalável, uma inversão completa de papéis. Por debaixo da simbologia opressora de uma farda, pode haver, na verdade, deve emergir o sentimento de uma libertação sobre a sua aparente figura. A libertação não chegará advinda de um acaso substancial, mas de sua busca inerente como dimensiona Freire (1983, p. 32):

Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. Luta que, pela finalidade que lhe derem os oprimidos, será um ato de amor, com o qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando esta se revista da falsa generosidade, referida.

Não há um homem novo quando se põe uma farda, há um mecanismo antigo de opressão que aquele sujeito opta, em sua práxis, em pôr em prática ou não. Dentro de uma dimensão onde cada ser humano tem autonomia sobre suas ações, mesmo pelo intermédio de um sistema, cabe aquele sujeito dimensionar seu percurso em sociedade. A lógica de um sistema social igualitário é que não houvesse meninos e meninas de rua, dessa forma, a dimensão sobre o fortalecimento dentro de uma dimensão coletiva, na forma do empoderamento, não seria nem posta, já que não haveria motivos para que isso acontecesse.

O movimento que o MNMMR faz no Lagamar é de desordem que busca encontrar uma ordem que estabeleça um tratamento igualitário, principalmente para aqueles que nunca os tiveram. Ao apoderar-se de seus direitos, os sujeitos empoderam em um movimento interno para o fluxo externo das coisas um sentimento de mudança, de transformação, mesmo que essa metamorfose das ações seja feita de maneira lenta, com o passar desses trinta anos de existência do MNMMR. A transgressão das normas que o MNMMR acaba por fazer gera uma resistência, um empoderamento social construindo-se na dinâmica entre individualidade e coletividade. Na resistência que se pode modificar comportamentos, valores e ações em coletivo:

Em sociedades pautadas em moldes, que visem, essencialmente, a sua harmonia, onde não se aceite a existência de diferentes valores e comportamentos que venham contradizer a ordem estabelecida, a violência pode não surgir simplesmente como

transgressão de normas, mas também como forma de confronto, denúncia e resistência. (ROURE, 1996, p. 51).

A lógica do mecanismo de opressão é que as práticas sociais majoritárias sejam mantidas sob o comando de um grupo social minoritário que detêm o poder do capital, dando dessa forma, o poder de tomada de decisões dentro de uma sociedade capitalista. O modo como o MNMMR trabalha tenta mostrar para os sujeitos de rua que o ambiente da rua não é uma alternativa plausível para o desenvolvimento humano e cidadão, fazendo com que a tomada de consciência sobre o sistema e, conseqüentemente, sobre a sua própria vida, motive os sujeitos a buscarem alternativas concretas para se emancipar da condição de pobreza. Isso se dá pela lógica da humanização. Sobre a humanização através do conhecimento de si, Freire (1983, p. 29) menciona que:

Mais uma vez, homens desafiados pela dramaticidade da hora atual, se propõem, a si mesmos, como problema. Descubrem que pouco sabem de si, de seu “posto no cosmos”, e se inquietam por saber mais. Estará, aliás, no reconhecimento do seu pouco saber de si uma das razões desta procura. Ao instalar-se na quase, senão trágica descoberta do seu pouco saber de si, se fazem problema a eles mesmos. Indagam. Respondem, e suas respostas os levam a novas perguntas.

As pessoas em situação de rua, em várias situações, não se perguntam sobre a condição social que os aprisiona. O fato de estarem naquele espaço, nos diálogos informais no momento dessa pesquisa, segundo os sujeitos em situação de rua, parece ser “culpa de um trágico destino”. O sujeito potencializador para a mudança desse paradigma pode ser o educador. Cabe ao educador, principalmente o de rua, construir mecanismos para que os questionamentos sejam postos em sua essência.

A aquisição de dúvidas pode fazer surgir novas respostas, que desembocam em novos caminhos. A construção de novas pontes é tarefa de uma educação progressista, para que os sujeitos se empoderem dos caminhos tomados. A ciência do reconhecimento da estrada a ser percorrida, dá aos sujeitos a noção do que fazer para alcançar seu fim. Uma inércia sobre um ambiente inóspito como o das ruas, promove a reprodução social de um sistema sócio-político que segrega aqueles que dele tentam se desvencilhar.

O educador progressista é ferramenta fundante nessa busca pelo do novo, sendo esse novo uma gama de perspectivas, dúvidas, desafios e tomadas de consciência que deve ser adotadas:

Uma das tarefas do educador ou educadora progressista, através da análise política, séria e correta, é desvelar as possibilidades, não importam os obstáculos, para a esperança, sem a qual poucos podemos fazer porque dificilmente lutamos e quando lutamos, enquanto desesperançados ou desesperados, a nossa é uma luta suicida, é um corpo-a-corpo puramente vingativo. O que há, porém, de castigo, de pena, de correção, de punição na luta que fazemos movidos pela esperança, pelo fundamento ético-histórico de seu acerto, faz parte da natureza pedagógica do processo político de que a luta é a expressão. (FREIRE, 2006, p. 11).

O fato de tomar ciência de uma realidade posta não dá domínio concreto sobre a sua superação, nem ao menos dá forças para sua superação. A realidade posta para que seja superada precisa ser dimensionada sob uma ótica crítica. O sistema posto antes de ser meramente observado, precisa ser compreendido para que se torne mutável. Por exemplo, para compreender a situação de rua, não basta que me torne um menino ou morador de rua. As vivências vão dar subsídio para dimensionar o cenário. Para a mutabilidade de todo um sistema social, é necessário que se compreenda os papéis sociais de cada ator dentro do sistema, para dessa forma, compreender como alterá-lo alternando os papéis vigentes.

A dimensão de uma educação plenamente libertadora pode fazer florescer uma esperança crítica libertadora sobre aquilo que é considerado desconexo do cenário em questão. A fala dentro desse sentido pode ser tomada como um desafio da maneira de pensar, nunca podendo ser observada apenas como mera transmissão de conhecimento.

Quando há a mera transmissão de conhecimento e essa transmissão se dá de maneira arbitrária, há mais uma relação entre opressor e oprimido, do que uma relação equiparada dentro de um cenário dialógico. Cabe ao oprimido fazer o movimento de transição de um estado de cerceamento, para uma prática que o liberta, uma fala que o conduz e não cessa, uma visão de mundo que faz com que prossiga ajudando outros que buscam também se libertar desse estado de dominação:

E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos, nem de si mesmos. Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar ambos [...] Os opressores, falsamente generosos, tem necessidade, para que a tua ‘generosidade’ continue tendo oportunidade de realizar-se da permanência da injustiça. (FREIRE, 1983, p. 31).

Um aspecto nessa tomada de si sobre o próprio processo que transforma, pode ser enxergado e dialogado na ótica da formação humana, na inserção de elementos que possam dar subsídios para que os indivíduos possam ser capazes de tomar novos rumos. A formação também é um processo formativo sobre diversas problemáticas, muitas delas têm a ver com a dimensão do ser homem em sociedade. O MNMMR movimentava esses aspectos formativos, tendo como base o caminhar pelas ruas como parte significativa na ótica de uma formação que busca mostrar alternativas concretas para a sobrevivência no ambiente das ruas.

A formação na rua dá a dimensão de uma formação mais contextualizada com a dinâmica de vivências que o próprio MNMMR possui. É impensável compreender o universo das ruas apenas com dados em uma planilha qualquer, números construídos por institutos, vidas que enchem folhas de homicídios. A vida está na rua, é nela que a vida pode surgir, é nela que a vida constantemente desaparece. Esse movimento de nascer e renascer nas ruas faz com que as pessoas que nela transitam tenham a ciência que os percursos são determinantes para se buscar espaços de vida e de morte. Se empoderar desses caminhos é necessário para fortalecer o coletivo e fortalecer os caminhos desse coletivo.

A linguagem estabelecida nessa relação formativa é importante, pois “não é puro idealismo, acrescente-se, não esperar que o mundo mude radicalmente para que se vá mudando a linguagem”. (FREIRE, 2006, p. 68). O processo de comunicação dentro da dimensão formativa evidencia a conexão entre educador e educando, vendo que a linguagem, seja ela qual for, deve ser valorizada.

Quando me comunico, represento oralmente uma identidade posta, a linguagem representa traços culturais que apresento na forma de palavras ou expressões alheias à língua culta falada socialmente. As ruas denotam uma nova linguagem, uma identidade cultural específica que deve ser respeitada e o MNMMR tem plena ciência disso. No meio dessa linguagem específica está um conjunto de saberes culturais, sobre essa dimensão, Freire (2006, p. 86) explica que:

Respeitar esses saberes, de que falo tanto, para ir mais além deles, jamais poderia significar – numa leitura séria, radical, por isso crítica, sectária nunca, rigorosa, bem-feita, competente, de meus textos – deve ficar o educador e o educando aderida a eles, os saberes de experiência feitos (...) O respeito, então, ao saber popular implica necessariamente o respeito ao contexto cultural.

Em meio ao processo formativo, visto como uma etapa nova surge a dimensão do medo. O medo é a antemão do sentimento de empoderamento, de sensatez diante dos fatos e dos ajustes que podem surgir quando se muda, se adequa, se soma algo ao que já se possui. Nas ruas, a dimensão do medo é quase ininterrupta. As relações são frias, muitas vezes vazias dependendo de que visão de mundo a pessoa compartilha e os motivos que os levaram à rua. A rua é um mundo dentro do mundo já posto, funciona como uma espécie de válvula de escape social onde acabam indo aqueles que a sociedade não absorve. Ou por aqueles que não se deixam ser absorvidos pelo sistema social posto.

Freire (1986, p. 70) fala sobre o medo mostrando que o medo é inerente à nossa condição humana e mostra exatamente a nossa humanidade na lógica do sentir. O medo que se torna injustificável, um medo que segrega, paralisa e denota fraqueza pode ser combatido, pois “no momento que você começa a racionalizar o seu medo, você começa a negar seus sonhos [...] O medo existe em você, precisamente porque você tem o sonho”.

Para redimensionar o medo, é necessário que o encare em sua forma real. Medo da segregação social, medo da opressão policial, medo das dificuldades de viver em uma comunidade sem a escritura da terra, todo esse conjunto de medos postos na ordem social do Lagamar precisam ser colocados em sua forma concreta levando como ferramenta a lógica dialógica freireana. O diálogo é importante ferramenta de luta consciente sobre uma ordem social diversa. A luta social desde os primórdios do Lagamar resiste diante de uma construção dialógica sobre a comunidade e o seu papel enquanto sujeitos de direitos. Freire (1986, p. 123) dimensiona esse diálogo como prática democrática:

O diálogo é uma espécie de postura necessária, na medida em que os seres humanos se transformam cada vez mais em seres criticamente comunicativos. O diálogo é o momento em que os seres humanos se encontram para refletir sobre sua realidade tal como fazem e refazem. O diálogo é uma comunicação democrática, que invalida a dominação e reduz a obscuridade, ao afirmar a liberdade dos participantes de refazer a sua cultura. O discurso tradicional convalida as relações sociais dominantes e a forma herdada e oficial do conhecimento.

O modo como o MNMMR atua dentro do Lagamar dimensiona uma prática formativa que empodera os sujeitos dentro de uma dimensão dialógica, pois os diálogos são todos permeados pelas problemáticas da própria comunidade. Todo o trabalho realizado pelo MNMMR reafirma cada sujeito do Lagamar como um sujeito dotado de aspectos de luta e constituídos dentro de um ordenamento social que lhe faz questionar a sua condição de

subsistência. A dinâmica do empoderamento no Lagamar, mesmo como um trabalho em uma esfera menor, lento, acaba por nutrir aspectos importantes que resgatam sentimentos de luta pertencentes à formação do bairro. Diálogo como sentimento político também é importante no processo de empoderamento dos sujeitos:

O diálogo existe num vácuo político. Não é um 'espaço livre' onde se possa fazer o que se quiser. O diálogo se dá dentro de algum tipo de programa e contexto. O diálogo significa a tensão permanente entre a autoridade e a liberdade. Mas, nessa tensão, a autoridade continua, sendo, porque ela tem autoridade em permitir que surjam as liberdades dos alunos, as quais crescem e amadurecem, precisamente porque a autoridade e a liberdade aprendem a autodisciplina (FREIRE, 1986, p. 127).

O processo político sempre esteve andando em paralelo com a comunidade e o MNMMR. A lógica política está em quase todos os diálogos, mesmo de maneira implícita, várias tomadas de decisões que visem melhorias no bairro são estabelecidas dentro da ótica política. Existem muitos líderes políticos no bairro, mesmo essas lideranças não se identificando como tal. Há uma liberdade para se discutir melhorias, mas ao mesmo tempo, existe a figura de uma autoridade maior, como o Estado, que acaba por, muitas vezes, podar essas lideranças. O diálogo ainda resiste, mesmo com esse sufocamento de lutas sociais pelo Estado desde a formação do bairro.

Hoje, o MNMMR é um dos poucos grupos sociais que trabalha além da lógica de pequenos projetos fixos, em espaços determinados. As andanças, pelas ruas desreguladas, estreitas e sujas, acabam por fazer parte do ordenamento da própria comunidade, no sentido em que aqueles sujeitos trilham caminhos de empoderamento que perpassa o conceito e tem sua culminância numa prática social de rua, formativa e libertadora.

## **6 RUA SEM SAÍDA: O QUE A EXPERIÊNCIA DO MNMMR NOS ENSINA?**

*A libertação é um ato social.  
(Paulo Freire)*

A pesquisa que resultou na presente investigação teve como objetivo geral compreender o papel formativo do Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua [MNMMR] na Comunidade do Lagamar, a partir das histórias de vida dos participantes, buscando identificar o potencial de resiliência e emponderamento propiciado por esta experiência. Para a busca de sentidos nesse trabalho, utilizei as histórias de vida através de um diálogo franco com os quatro líderes que compunham o MNMMR, sendo eles: Antônio, Del Lagamar, Narcélio e Timbó, todos pertencentes à comunidade do Lagamar, lócus da pesquisa.

Os objetivos específicos elencam-se por: 1) Traçar os principais momentos do MNMMR no Lagamar; 2) Identificar como os sujeitos interpretam seus percursos na construção das histórias de vida; 3) Mapear os referenciais de resiliência e de empoderamento existentes; 4) Reconstruir a história do Lagamar, identificando o cenário do MNMMR.

A pesquisa denota a sua relevância por trazer à tona as lutas do MNMMR na comunidade do Lagamar, dando a dimensão real que um grupo dos movimentos sociais trouxe não apenas para os seus integrantes, mas para toda uma comunidade que convive com esse movimento social há décadas.

A transformação dos sujeitos em cidadãos consiste num processo educativo que permeia a regeneração moral diante de tudo aquilo que se vive no ambiente das ruas. É preciso separar as práticas violentas proferidas pelo estado, a fim de recolher-se, reinventar-se diante dos caminhos não seguro das ruas. Foi exatamente isso que os sujeitos do MNMMR fizeram enquanto sujeitos que carregam dentro de si potenciais de resiliência e de empoderamento. Todos fizeram esse percurso que permeia um movimento em suas experiências de vida, já organizados internamente, foram reorganizando o mundo exterior. Essa organização não foi interrompida, mas reinventada a cada dia, quando pela dimensão dos corpos nascemos e morremos ao nascer e entardecer do sol. É o renascimento que nos faz pensar e repensar nossas ações enquanto sujeitos em coletividade.

O que a sociedade opressora faz quando surge um movimento de resistência como o MNMMR é homogeneizar os seus mecanismos de violência. Quando unifica e equipara as diversas faixas de violência, passa a igualar a violência social à violência dos corpos. Essa

necessidade de homogeneização dos comportamentos e suas respectivas punições não é algo permeado por uma inocência de quem o faz, é premeditado, arquitetado para que haja uma dominação, um movimento de sobreposição em relação ao que se quer sobrepor:

A necessidade de homogeneização dos comportamentos, ao refletir o objetivo de tornar único padrão de comportamento fundamental na ordem instituída, não só permite como respalda a utilização da violência na contenção da moral instituída (...) aquele que responde com confronto e a resistência ao já instituído e determinado encontra-se em situações consideradas 'ilegais', devendo ser coibido e punido (OLIVEIRA, 2015, p. 8).

Por isso que a morte na periferia vem sendo olhada com um olhar quase natural. Estamos matando nossos jovens ao não querer enxergar. Fechamos os olhos para o óbvio. Resistimos. Apoiados em nossa resiliência, insistimos. Velamos os corpos, os sorrisos, os sonhos. O MNMMR hoje acaba por atuar em cima de uma juventude que foi criminalizada pelas suas ações, tendo uma identidade posta dentro de um quadro social construído: pobre, negro e morador de periferia.

Apesar da eminência do medo, os sujeitos do MNMMR nutrem sentimentos plenos de esperança, combatendo o medo com a ousadia de vencer e pensar em dias melhores sobre o futuro do MNMMR. Vejamos algumas opiniões dos sujeitos a cerca do futuro do MNMMR:

*Espero que o MNMMR conscientize a juventude no intuito de fazer um maior resgate de lideranças dentro do Lagamar, fazendo com que o trabalho de base seja mais qualificado. A formação de novos líderes é importante para a continuidade do MNMMR, a juventude precisa de novas alternativas e o MNMMR pode ser um caminho adequado para potencializar as novas lideranças que surgem no espaço do Lagamar. (Antônio)*

*Passados os anos nós ficamos mais no trabalho voluntário, queremos reativar os grupos, as pessoas, acredito que esse trabalho social mais “de ponta” do sistema teve as suas falhas porque privilegiamos determinados espaços de “catequização” que redimensionaram o espaço da rua. Hoje nós somos a rua! Mas estivemos em diversos outros espaços também. Acredito que no momento atual de ódio e desorganização social que a sociedade passa não é benéfico, precisamos voltar a focar com mais força nos trabalhos de base, de mais formação.*

*Não é apenas um curso como ferramenta, mas um curso com formação humana, que aprenda a se comunicar, respeitar as pessoas, tendo a consciência do que a pessoa quer. Essa consciência do que o sujeito quer é o que a gente do MNMMR almeja no futuro. Muita gente tem vontade de ser educador de rua e o foco vai ser mais esse, na maior formação, voltar ao que a gente tinha na década de 1990. Voltaremos com mais força e formando mais gente para trabalhar na ponta, nas ruas, no caminho da comunidade. Espero que fortaleça a rede de rua que a gente precisa. (Del Lagamar).*

*A gente esqueceu um pouco os núcleos e foi trabalhar mais com a juventude, no futuro espero estar voltando o trabalho de nucleação principalmente com as crianças, porque lá na frente a gente vai pegar um jovem que vai estar com latrocínio, roubo, com porte de armas e fica mais difícil. As outras entidades não trabalham com esse público porque consideram esse público perdido. A gente espera trabalhar com as crianças para tentar reverter esse quadro, fazendo com que o jovem possa chegar na fase adulta com menos conflitos, num ponto onde exista o mínimo de jovens dentro da criminalidade. Que fique a semente no coração de cada jovem, para que continue a caminhada dentro do MNMMR. (Narcélio)*

*Espero que tenha aumente a participação da meninada, que a meninada se conscientize, porque a droga já fala por si só, é uma droga! E que o MNMMR tenha mais e mais projetos para trabalhar a qualificação dos jovens, focando mais na formação humana. Tiraremos cada vez mais o jovem do caminho do tráfico. Sem alternativas, o jovem acaba indo para o caminho do tráfico, um caminho mais fácil, mas que cobra com a vida. (Timbó).*

Cria-se um sistema punitivo que não vem dando certo há décadas, como se o enjaulamento, ou a dita ressocialização de um jovem que foi segregado socialmente, fosse redimensionar a sua vida enquanto sujeito segregado de um conjunto de direitos básicos. Estamos aprisionando mentes, corpos, espíritos e a chance de mudança de futuro:

A sociedade vai assim, através das prisões, dos extermínios, das torturas, dos linchamentos, da institucionalização da pena de morte, encontrando formas violentas de eliminar aqueles que resistem e revoltam-se de forma violenta contra um sistema socioeconômico, político e cultural excludente que os tornam [os jovens] ‘menos homens’ pela própria sobrevivência e dos seus. (ROURE, 1996, p. 106).

O MNMMR é esse olhar de fuga inerente de um comportamento social que está apenas observando. A ação sobre o que não está dando certo apenas surge de diálogos, muitas vezes vazios. Os movimentos sociais de base, mesmo em trabalhos em seus microespaços sociais, acabam por mover um sentimento de esperança que está mais ligado à uma esperança questionadora, agente transformadora de uma realidade no qual está inserida. O MNMMR é um instrumento coletivo de luta pela defesa dos direitos das crianças e adolescentes da classe trabalhadora. Após a realização do I e II Encontro Nacional na década de 1980, passou a se consolidar como organização de reivindicação pela efetivação de tais direitos.

As histórias de vida construídas para esse percurso investigativo denotam vários aspectos de resiliência e empoderamento apontados nas narrativas de todos os sujeitos da pesquisa. A narrativa de vida do Antônio e do Del Lagamar mostra a dimensão da família como fator importante para fortalecimento do sujeito no espaço social desigual. Dentro desse mesmo espaço familiar, a figura da mãe e dos irmãos sempre é lembrada com um respeito, por serem encarados como importantes no processo formativo e pontos de apoio para não seguirem naturalmente a lógica das drogas ou da criminalidade.

Narcélio e Timbó abordam questões importantes sobre a infância e o envolvimento direto com as gangues, além de sua efetiva participação nas mesmas. Mesmo diante de lembranças negativas, as narrativas permeiam não um arrependimento, mas visualizam aquele momento passado como uma etapa significativa para seu desenvolvimento humano, como sujeitos que lutam pela sobrevivência cotidianamente. Isso poderia ser diferente, pois as adversidades negativas tendem a causar transtornos mentais como aborda Assis (2006, p. 106):

Frente às adversidades, é comum que uma pessoa vivencie uma sensação de sofrimento mental, que pode ser ocasional ou se manter como um comportamento que comprometa a qualidade de vida e perturbe o potencial de resiliência individual. [...] Conflitos familiares ou escolares habituais podem provocar reações que mobilizam todo o aparato psicológico.

A resiliência adquirida na contramão das adversidades é fator importante para que as experiências negativas sejam transformadas em aspectos positivos. A convivência familiar, os exemplo positivo dos sujeitos no espaço da rua, fazem com que a resiliência, essa força individual, seja potencializada ainda hoje. A busca pela superação das adversidades não para

em um determinado momento da vida, pois estamos suscetíveis a ter que buscar forças internas para a superação de nossas limitações.

Ao mesmo em que me torno sujeito resiliente dentro de um processo formativo que nunca cessa, pois estamos em constante interação social, compreendemos o mundo para atuarmos nele através do empoderamento. As quatro histórias de vida mostram um empoderamento que se nutre da dimensão política. As narrativas são permeadas de acontecimentos, sempre em coletivo, mas não são apenas citadas, possuem um significado qualitativo para a constituição dos sujeitos dentro do MNMMR e do Lagamar.

As histórias de vida, com ênfase nas histórias do Del Lagamar e do Antônio, se constituem como construção própria de uma cultura, um processo político que busca uma liberdade social tendo na educação, o pilar de um processo formativo que não cessa. O empoderamento identifica que nenhuma realidade é estável e o sujeito inserido nela pode atuar nela para melhorá-la dentro de uma dimensão coletiva, foi isso que os quatro sujeitos fizeram, é dessa forma que o MNMMR se configura na atualidade.

O MNMMR age sob a lógica de uma pedagogia pautada na relação dialógica dos sujeitos, mesmo sem perceber, as práticas de seus sujeitos se assemelham às práticas freireanas. A dimensão do sentir e a entrega por ideais de luta, isso é fator vital para que o MNMMR exista até hoje, não com uma sede física adequada, mas na figura de seus líderes, todos sendo meninos da rua outrora, formados e filhos das ruas do Lagamar. As lutas são dimensionadas pelo olhar sobre as vivências das pessoas que compõem o cenário social do Lagamar. É preciso conhecer as pessoas e o ambiente para atuar de maneira significativa sobre ele, como dimensiona Freire (2006, p.97):

Não posso entender os homens e as mulheres, a não sera mais do que simplesmente vivendo, histórica, cultural e socialmente existindo, como seres fazedores de seu 'caminho' que, ao fazê-lo, se expõem ou entregam ao 'caminho' que estão fazendo e que assim os refaz também [...] Nós nos tornamos hábeis para imaginativa e curiosamente 'tomar distância de nós mesmos, da vida que portamos, e para nos dispormos a saber m torno delas.

A busca por uma sociedade que trate os “invisíveis” como “não invisíveis” parece utópica, mas não há utopia que não seja baseada na dimensão daquilo que se almeja, mesmo não da sua forma concreta. Freire (2006, p. 99-100) mais uma vez vem redimensionar a questão do sonho como premissa de movimentos de mudanças sociais. Não se pode

simplesmente lutar sem almejar algo, mesmo que esse algo seja aparentemente intocável, é na busca insólita pelos sonhos que os alcançamos ou redimensionamos os caminhos que a busca por esse algo vem a nos mostrar, como o sonho pela humanização de tratamento entre todas as pessoas:

O sonho pela humanização, cuja concretização é sempre processo, e sempre devir, passa pela ruptura das amarras reais, concretas, de ordem econômica, política, social, ideológica, etc, que nos estão condenando à desumanização. O sonho é assim uma exigência ou uma condição que se vem fazendo permanente na história que fazemos e que nos faz e refaz (...) É por isso que, como indivíduo e como classe, o opressor não liberta nem se liberta. É por isso que libertando-se na, e pela luta necessária e justa, o oprimido, como indivíduo e como classe, liberta o opressor, pelo fato de simplesmente proibi-lo de continuar oprimindo-o.

O processo de empoderamento pode ser visto nas falas que dimensionam o futuro, que revitalizam os sonhos. Não há queixas sobre a sua situação numa lógica egoísta. As falas dimensionam aspectos futuros que buscam alternativas para a melhoria do coletivo. O que ficou mais perceptível é que o trabalho social do MNMMR é um trabalho que prima pela doação de seus membros nos trabalhos realizados.

Em quase trinta anos de existência, as práticas foram conduzidas afastando-se da lógica social capitalista, fazendo da rua um berço educativo e de constante formação humana por aqueles que fizeram desse espaço um importante território de construção social dentro do bairro do Lagamar. A formação humana insiste, persiste e tende a ser ininterrupta por mais trinta anos, pois a pedagogia da esperança, combatendo o opressor, a favor do oprimido, com pouco medo e muita ousadia, vai salvando vidas nos trilhos e caminhos das ruas do Lagamar.

**Foto 24:** Cartaz do 1º Encontro Nacional do MNMMR



**Fonte:** Arquivo do MNMMR (2015)

Na contemporaneidade, o MNMMR tem cinco premissas chaves:

- 1) Alterar o quadro de marginalização da juventude da periferia de Fortaleza, no que discerne à violação de direitos em busca da construção de uma sociedade justa;
- 2) Construir socialmente a noção social de que crianças e adolescentes em situação de rua são seres humanos dotados de direitos;
- 3) Fomentar espaços de formação, organização e participação de crianças e adolescentes para que haja uma práxis para a elaboração de propostas para a melhoria dessa condição;
- 4) Interferir nas políticas sociais básicas, para que as mesmas possam atingir também esse público invisibilizado;
- 5) Refletir sobre as experiências diversas sobre atendimento à criança, em interlocução com outros possíveis grupos espalhados pelo país.

Como pesquisador e morador de periferia, creio que trazer a tona um movimento social que possui um olhar invisibilizado sobre as suas ações, é fazer renascer as lutas sociais de um grupo de pessoas que não apenas trabalha, mas vive o MNMMR em toda a sua

plenitude. Tirando o MNMMR do espaço do Lagamar e trazendo todo o diálogo formativo que dele faz parte para o berço da academia.

A partir das histórias de vida ficou evidenciado o esforço diário que é comandar um movimento social que não possui qualquer apoio governamental para se manter ativo. Todo o trabalho é feito na rua, sem horário definido, sem caminho pré-definido. Os educadores do MNMMR saem nas ruas do Lagamar, fazendo um trabalho de base que ajuda a amenizar a situação da juventude do Lagamar, criando alternativas para a retirada de jovens dos caminhos das drogas e de todo o contexto da criminalidade daquele local.

Há um grande sistema de segregação social que assola toda a comunidade. Inviabilizando ações simples, como a limpeza do canal do bairro, mas o MNMMR trabalha na contramão da lógica posta, encontrando caminhos que podem criar mecanismos importantes de diálogos com o poder público.

Um dos quadros positivos após a dimensão dessa pesquisa em campo, é que um dos integrantes, o Del Lagamar iniciou o curso de direito em uma universidade privada, conquistando através de subsídio social do Governo Federal. Agora no nível superior de ensino, Del Lagamar, em diálogos informais espera que a sua ação possa trazer frutos importantes para a comunidade. Apesar da nova responsabilidade, Del Lagamar ainda faz o trabalho de base na rua, dia após dia, o sentimento de esperança não apenas dele, mas dos demais sujeitos, não cessou.

**Foto 25:** Timbó [ao fundo], Narcélio [esquerda] e Del lagamar [direita]



**Fonte:** Arquivo do MNMMR (2015)

Em suas histórias de vida repletas de aspectos subjetivos e por uma visão realista sobre as reais mazelas do Lagamar e do MNMMR, os sujeitos refletiram sobre os seus sonhos, seus medos, suas vivências, sua infância, adolescência, os momentos de formação na rua e para a rua. As histórias de vida se assemelham, mas ao mesmo tempo divergem, pois os olhares dimensionados sobre as experiências, por mais que sejam descritos, só podem ser dimensionados sobre aqueles que o viveram.

A liderança dentro do MNMMR é construída cotidianamente através das ações do próprio Movimento dentro do Lagamar. O processo de formação se dá a partir da prática social dos sujeitos, o que acaba por gerar o empoderamento. Esse empoderamento forjado no contexto das atividades de luta por melhorias na comunidade atua no combate às adversidades como a violência, em específico a relação com a polícia, contribuindo para que haja uma força psicológica e física para lidar com o quadro social desigual.

Nesse empoderamento destaca-se o comprometimento e a resiliência nesse processo formativo que parte de ações dentro do Movimento, para agir demais sujeitos que habitam a comunidade. A formação traz elementos de comprometimento com as premissas do MNMMR e faz com que se delimite várias ações futuras enquanto coletivo de transformação. Dentro desse “se importar com o outro”, compreende-se uma reação igualitária entre os sujeitos, uma nova forma de organização igualitária onde possibilita a construção de uma força eminentemente coletiva. Existe uma união sobre as pessoas e sobre os pensamentos de mudanças positivas que a cercam.

Como ponto de resistência individual, a resiliência permite que os desafios pessoais de cada sujeito, sejam colocados como um ponto de partida para se redimensionar o coletivo. O fato de se construir um sentimento de importância para e com o coletivo, faz com que as relações sejam firmadas sem a dimensão da hierarquização. Há um sentido de liderança de forma horizontal, como se cada ator do cenário social tivesse na prática a mesma importância diante dos fatos vividos.

A escolha para a construção das (auto)biografias de vida deu um novo olhar sobre a pesquisa em campo. Particularmente, foi o meu primeiro contato como pesquisador com tal forma de fazer pesquisa. Uma forma onde a dimensão do sentir não foi desatrelada, pelo contrário, o sentir dimensionou novas formas, ainda éticas, para fazer pesquisa.

A relevância desse trabalho se dá na medida em que as descrições, sentimentos e sensações postas, dispostas nessas linhas, possam servir de significados para aqueles que algum dia pensam em fazer algum tipo de trabalho social. E o mais interessante é perceber que a rua, aquela, de tantas andanças e inconstâncias, pulsa, vive e revive, sob os olhares e os sorrisos escondidos de meninos e meninas de rua.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ALBERTI, Verena. **História oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989. 202 p.
- ALBUQUERQUE, Alexandre Aragão de. **Juventude, educação e participação política**. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.
- ANTUNES, Celso. **Resiliência**: a construção de uma nova pedagogia para uma escola pública de qualidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- ARPINI, Dorian Monica. **Violência e exclusão**: adolescência em grupos populares. Bauru, SP: EDUSC, 2003.
- ASSIS, Simone Gonçalves de. **Resiliência**: enfatizando a proteção de adolescentes. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BARBIER, René. **A Pesquisa-ação**. Brasília: Liber Livro Editora, 2007. 159p.
- BOBBIO, Norberto. **A era dos direitos**. Rio de Janeiro: Campus, 1992.
- BOGDAN, Robert C; Biklen, **Investigação qualitativa em educação**. Portugal: Portugal Editora LDA., 1994.
- BORELLI, Silvia H. S. et al. **Jovens na cena metropolitana**: percepções narrativas modos de comunicação. São Paulo: Paulinas, 2009.
- BRANDÃO, Thaís Oliveira e GERMANDO, Idilva Maria Pires. Experiência, Memória e Sofrimento em Narrativas (auto)biográficas de Mulheres. **Psicologia & Sociedade**. v. 21 n. 1, 5-15, 2009.
- CAVALCANTE, Juraci Maia. Identidade narrativa e (auto)biografia: elementos teóricos e metodológicos para uma pedagogia da escrita histórica. In: BEZERRA, J. A. B.; ROCHA, A. M. **História da educação**: arquivos, documentos, historiografia, narrativas orais e outros rastros. Fortaleza: Edições UFC, 2008.
- CENSO DO LAGAMAR. Fundação Marcos de Brüin, Banco do Nordeste do Brasil, 2006.
- CYRULNIK, Boris. **Patinhos feios**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- \_\_\_\_\_, **Diálogo sobre a natureza humana**: Boris Cyrulnik, Edgar Morin. São Paulo: Palas Athena, 2012.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. São Paulo: Paulus, 2008. 147 p.

DANZIATO, Octávia de Carvalho Martin. **ONG's e a prática social com adolescentes**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1998.

DENZIN, Norman K. e LINCOLN, Yvonna. A Disciplina e a Prática da Pesquisa Qualitativa. In: **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DIEHL, A. A., TATIM, D. C. Metodologia método e técnicas de pesquisa In: \_\_\_\_ **Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas**. São Paulo: Prentice Hall, 2004. p. 47-88

DIÓGENES, Glória Maria. Lagamar: diferenciação das lutas e redirecionamento do espaço planejado. In: BRAGA, Elza Franco; BARREIRA, Irllys Alencar Firmo (Orgs). **A política da escassez: lutas urbanas e programas sociais governamentais**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1991.

EDDGERT, Edla. FISCHER, Beatriz Dauld. **Gênero, Geração, Infância, Juventude e Família**. Natal: EDUFRN; Porto Alegre; EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2012. 263p.

FELIX, Loiva Otero. **História e Memória: a problemática da pesquisa**. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

FENTRESS, James. WICKHAM, Chris. **Memória social: novas perspectivas sobre o passado**. Lisboa: Teorema. 1992.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a Autonomia do Método (Auto) Biográfico. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. 304 p.

FERREIRA, A.B.H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3ª.ed. São Paulo, Positivo, 2004.

FERREIRA, Amauri Carlos e GROSSI, Yanne de Souza. A narrativa na trama da subjetividade: perspectivas e desafios. **Revista da Associação Brasileira de História Oral**, São Paulo, v. 7, n. 7, Junho-2004.

FLICK, Uwe. **Introdução a pesquisa qualitativa**. 3ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. 405p.

FONTES, Eduardo. **O Lagamar que eu conheci**. Ceará: [s.n]. 1974.

IBGE. **Censo demográfico 2010**. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br>>. Acessado em 15/01/2015 às 14h13min.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

\_\_\_\_\_. **Medo e ousadia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

GATTAZ, André Castanheira. Lapidando a fala bruta: a textualização em história oral. In: MEIHY, José Carlos Sebe. **(Re)introduzindo história oral no Brasil**. São Paulo: USP, 1996.

GATTI, Bernadete; ANDRÉ, Marli. A Relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em educação no Brasil. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle. **Metodologia da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

GROULX, Lionel-Henri. Contribuição da Pesquisa Qualitativa à Pesquisa Social. In: GROULX, Lionel-Henri et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

GUARESCHI, Pedrinho. Empoderamento (verbetes). In: FREIRE, Paulo. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2008. P. 166.

JCHELOVITCH, Sandra e BAUER, Martin W. Entrevista Narrativa. In: BAUER, Martin W. e GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

LEITE, Ligia Costa. **Meninos de Rua: a infância excluída no Brasil**. São Paulo: Atual, 2001.

LOBO, Tancredo. **Sonhos como projeto de vida**. Fortaleza: Boa Ventura, 2011.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Compreender/mediar a formação: o fundante da educação**. Brasília, DF: Liber Livro, 2010.

MELILLO, Aldo. OJEDA, Elbio Néstor Suárez. **Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

MELUCCI, Alberto. **O jogo do eu: a mudança de si em uma sociedade global**. RS: Editora Unisinos, 2004.

MINAYO, Maria C. S.; SANCHES, Odécio. Quantitativo-Qualitativo: oposição ou complementaridade? **Cadernos de Saúde Pública**, v. 9, n. 3, pp. 239-262, 1993.

MOURA, Ricardo. **Mapa da criminalidade e da violência em Fortaleza: perfil da regional I**. 2011. Disponível em: [http://www.uece.br/covio/dmdocuments/regional\\_I.pdf](http://www.uece.br/covio/dmdocuments/regional_I.pdf). Acessado em 15/01/2015 às 16h01min.

NOBREGA, A. N.; MAGALHÃES, C. E. A. narrativa e identidade: contribuições da avaliação no processo de (re) construção identitária em sala de aula universitária. **Revista Veredas Matemática**. v.16. n. 2. 2012.

NÓVOA, Antonio e FINGER, Mathias. **O método (auto) biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. 226p.

OLINDA, Ercília Maria Braga de. As contribuições de Paulo Freire para uma abordagem biográfica de pesquisa e de formação. In: VASCONCELOS, Gerardo e SANTANA, José Rogério (orgs.). **O Pensamento pedagógico hoje**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

OLIVEIRA, Marcel Gomes de. **A história do delito de homicídio**. Disponível em: [http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura&artigo\\_id=9832](http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=9832) Acessado em: 21/03/2015 às 16h10min.

PAIS, Machado. **Vida Cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez, 2003.

PASSEGI, Maria da Conceição e BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre. **Memórias, memoriais: Pesquisa e formação Docente**. Natal: RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008. 286p.

PIMENTEL, José. **Estatuto da juventude: mais direitos para a juventude que transforma o Brasil**. Brasília: Senado Federal. 2013. 28p.

PINEAU, Gaston. As Histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. In: **Educação e Pesquisa**. v. 32, n. 02, maio/agosto, 2006, pp. 329-343.

\_\_\_\_\_. **As histórias de vida**. Natal, RN: EDUFRN, 2012.

POLETTI, Rosette. DOBBS, Barbara. **A resiliência: a arte de dar a volta por cima**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

RIBEIRO, Luís Távora Furtado. **Alcance e limites do trabalho educativo da igreja nos MSU's a partir da experiência da Favela do Lagamar em Fortaleza**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, 1990.

ROURE. Glacy Q. de. **Vidas silenciadas: a violência com crianças e adolescentes**. SP: editora UNICAMP, 1996.

SAWAIA, Bader. **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SIMSON, Olga de Moraes Von. **Experimentos com histórias de vida**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988.

VERENA, Alberti. **História oral**: a experiência do CPDOC. RJ: Fundação Getúlio Vargas. 1990.

YUNES, Maria Angela Mattar. Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. **Revista Psicologia em Estudo**, Maringá, v.8, n. 8, p. 75-84, 2003.